

Janaina Minelli de Oliveira

# **AS VOZES DA CIÊNCIA:**

*A REPRESENTAÇÃO DO DISCURSO NOS GÊNEROS*

*ARTIGO ACADÊMICO E DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística Aplicada.

Área de Concentração: Lingüística Aplicada  
Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem, Identidade e Representação  
Orientador: Profa. Dra. Adriana Silvina Pagano

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2005

**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Faculdade de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos**

Belo Horizonte, 16 de setembro de 2005.

*Para mamãe e Marcus,  
o ponto de referência que me permite voar.*

# AGRADECIMENTOS

Graças a DEUS, que me fez suficientemente saudável, inteligente e dotada do poder de renovação necessário para terminar este projeto;

Obrigada mãe, obrigada mano-brother, por sendo quem vocês são, terem feito de mim quem eu sou;

Obrigada à CAPES e ao POSLIN, pela concessão do apoio financeiro e logístico que permitiu meu amadurecimento como pesquisadora;

Obrigada à Profa. Dra. Adriana Silvina Pagano, a melhor escultora que conheço, por ter buscado contornos na pedra bruta que eu era;

Obrigada a todos os integrantes do Projeto CORDIAL e do Núcleo de Estudos da Tradução, que participaram de forma direta e indireta, pessoal e profissionalmente, em minha trajetória acadêmica e na melhoria deste trabalho;

Obrigada aos alunos e professores do programa de doutorado da Universidade Autònoma de Barcelona, em especial à profa. Dra. Amparo Hurtado, à profa. Dra. Allison Beeby e aos integrantes do grupo de pesquisa PACTE, pelas inúmeras oportunidades de crescimento pessoal e intelectual que nosso convívio me trouxe e pelo apoio durante minha estadia em Barcelona, Espanha, para a realização das atividades relacionadas a minha bolsa sanduíche;

Obrigada à minha banca de qualificação, composta pela profa. Dra. Leila Bárbara, da PUC-SP, e pela profa. Dra. Célia Magalhães, da UFMG, pelos comentários que redirecionaram meu trabalho, que culmina neste texto;

Obrigada a todos os meus amigos e amigas, que fizeram esta caminhada mais amena quando escutaram minhas lamentações e idéias, quando me divertiram ou quando, simplesmente, esperaram que eu pudesse estar de volta;

Obrigada ao Santi, à Claudieta, à Jujuba, à Vânia e à Helena, por seu carinho, apoio, amizade, etc, etc, etc...

Obrigada à mestre, doutoranda e santa Silvana Maria de Jesus, por ter encontrado meus 34 milhões de palavras ; )

Gracias, cariño, por estimularme siempre, por saltar el charco por mi y por tu amor;

Obrigada tia Valéria, pela revisão da tese e por me acompanhar por todos estes anos.

*Paréceme que vuestra merced ha cursado las  
escuelas: ¿Qué ciencias ha oído?  
\_ La de la caballería andante -respondió don  
Quijote-, que es tan buena como la de la poesía,  
y aun dos deditos más.*

*Miguel de Cervantes - Don Quijote de la Mancha*

## RESUMO

Esta tese apresenta uma investigação sobre a representação do discurso em um corpus de aproximadamente 35 milhões de palavras, constituído por textos em português do Brasil, vinculados a dois gêneros do discurso: o gênero artigo acadêmico e o gênero artigo de divulgação científica. Partindo de uma perspectiva sistêmico-funcional da língua, a presente tese se concentra na realização de sistemas léxico-gramaticais relacionados à representação do discurso direto, que encenam relações interpessoais e sociais. A revisão da literatura e a análise empírica, ora apresentadas, sugerem que o comportamento citacional dos Escritores dos textos, vinculados aos gêneros pesquisados, negocia distância discursiva e é influenciado pelo *status* cultural e historicamente atribuído ao conhecimento científico. Tanto no gênero artigo acadêmico como no gênero artigo de divulgação científica, os Escritores posicionam-se hierarquicamente inferiores aos Autores citados, mas nota-se, no gênero artigo acadêmico, a manipulação de aspectos léxico-gramaticais, para a redução da distância discursiva. Há indícios de que o sistema da interdependência oracional, na projeção, passa por um processo semogênico, que realiza significado interpessoal no âmago da comunidade acadêmica.

# ABSTRACT

This dissertation examines discourse representation in a corpus of approximately 35 million words, constituted by texts in Brazilian Portuguese, affiliated to two different genres: the research article and the science popularization article. Drawing on a systemic functional grammar perspective of language and pursuing a probabilistic approach, it focuses on the realization of *lexicogrammatical* systems of direct speech representation as enacting interpersonal and social relationships. It is argued that the citation practices employed by writers in the genres studied negotiate discursive distance and are influenced by the *status* culturally and historically ascribed to scientific knowledge. Compared to the quoted Authors, Writers in both genres examined place themselves in a hierarchically inferior position, but it is noticeable the manipulation of *lexicogrammatical* aspects so as to reduce discursive distance in the research article. Data shows there are reasons to believe the interdependency system of projection is undergoing a semogenic process, which realizes interpersonal meaning in the academic community.

# LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Recursos funcionais da negociação discursiva.....	71
Figura 2 - Esquema do sistema de classificação dos verbos de elocução de Thompson e Yiyun (1991).....	96
Gráfico 1 - Frequência de ocorrência de verbos de elocução em discurso direto nos subcorpora acadêmico em 10 mil palavras.....	168
Gráfico 2 - Frequência de ocorrência de verbos de elocução em discurso direto nos subcorpora midiáticos em 10 mil palavras.....	169
Gráfico 3 - Frequência de ocorrência de verbos no “presente”, “passado” e “futuro” nos corpora acadêmico e midiático.....	170
Gráfico 4 - Frequência de ocorrência de orações projetantes em posição de “tema”, “rema” e “intermediária” nos corpora acadêmico e midiático.....	173
Gráfico 5 - Frequência de ocorrência de projeção em parataxe e hipotaxe nos corpora acadêmico e midiático.....	176
Gráfico 6 - Frequência de ocorrência das categorias denotativas de verbos de elocução em discurso direto no corpus acadêmico.....	197
Gráfico 7 - Frequência de ocorrência das categorias denotativas de verbos de elocução em discurso direto no corpus midiático.....	198
Gráfico 8 - Frequência de ocorrência das categorias avaliativas de verbos de elocução em discurso direto no corpus acadêmico.....	200
Gráfico 9- Frequência de ocorrência das categorias avaliativas de verbos de elocução em discurso direto no corpus midiático.....	201
Gráfico 10 - Frequência de ocorrência de projeção em parataxe e hipotaxe nos corpora de pesquisa.....	208



## LISTA DE TABELAS

1 - Descrição do corpus acadêmico.....	148
2 - Descrição do corpus midiático.....	149
3 - Verbos de elocução em discurso direto selecionados no corpus acadêmico.....	159
4- Verbos de elocução em discurso direto selecionados no corpus midiático.....	160
5 - Comparação da frequência de ocorrência dos verbos de elocução em discurso direto nos corpora acadêmico e midiático.....	167
6 - Comparação da frequência de ocorrência do sistema do tempo verbal primário nos verbos de elocução em discurso direto dos corpora acadêmico e midiático.....	171
7 - Comparação da frequência de ocorrência do sistema temático nas orações projetantes de discurso direto dos corpora acadêmico e midiático.....	174
8 - Comparação da frequência de ocorrência do sistema de interdependência do discurso direto dos corpora acadêmico e midiático.....	177

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 OS DISCURSOS DA CIÊNCIA</b> .....	18
2.1 Ciência e sociedade contemporânea.....	18
2.2 A linguagem da ciência .....	20
2.3 Ciência e divulgação: os limites do saber.....	25
2.4 O espaço dos discursos da ciência: conflito, negociação e construção.....	32
2.5 Arremate .....	49
<b>3 SEMIÓTICA SOCIAL</b> .....	52
3.1 Gramática Sistêmico-funcional.....	53
3.1.1 Gramática Sistêmico-funcional e o discurso meta-representado.....	64
3.1.1.1 Uma leitura sistêmico-funcional das vozes da divulgação científica.....	69
3.2 Intertextualidade.....	72
3.3 Estudos da representação do discurso.....	79
3.3.1 Trabalhos Fundamentais na representação do discurso.....	80
3.3.2 Estudos embasados na Gramática Sistêmico-funcional.....	90
3.3.3 A representação do discurso em outras perspectivas gramaticais.....	106
3.3.4 O grupo CORDIAL e a representação do discurso.....	109
3.3.5 O contínuo da representação do discurso: uma abordagem empírica para a língua portuguesa.....	115
3.4 Arremate.....	134
<b>4 O ESTUDO PROBABILÍSTICO DA GRAMÁTICA</b> .....	136
4.1 Marco teórico de referência para a análise quantitativa .....	137
4.2 Interrogando o corpus.....	146
4.2.1 O corpus usado.....	146
4.2.2 As hipóteses de investigação .....	149
4.2.3 Escolhendo os sistemas .....	151
4.3 Métodos de investigação.....	155
<b>5 AS VOZES DA CIÊNCIA</b> .....	163
5.1 Resultados .....	163
5.1.1 Apresentação dos resultados: respostas gramaticais .....	167
5.1.1.1 O sistema do tempo verbal primário .....	170
5.1.1.2 O sistema temático.....	171
5.1.1.3 O sistema da interdependência oracional.....	175
5.1.2 Apresentação dos resultados: respostas lexicais .....	177
5.1.2.1 Categorização dos verbos de elocução identificados no corpus .....	178
5.1.2.2 Análise da frequência de ocorrências das categorias .....	196
5.1.3 Probabilidades condicionais .....	203
5.2 Discussão dos resultados .....	206
5.2.1 Discussão dos resultados relacionados às hipóteses desta pesquisa .....	206
5.2.2 Discussão dos resultados nas perspectivas dos contextos de situação e cultura .....	212
5.3 Arremate .....	220
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	223
REFERÊNCIAS .....	238
ANEXO I.....	244
ANEXO II.....	246

# 1 INTRODUÇÃO

O percurso acadêmico que traz a autora deste texto a sua elaboração é marcado pela busca da compreensão das estratégias e práticas discursivas, propósitos e ações sociais envolvidos no processo de popularização do conhecimento científico. Tal busca tem início ainda na graduação, quando orientada pela profa. Dra. Adriana Pagano e com subsídios do CNPQ, desenvolve projeto de iniciação científica através do qual pesquisa aspectos relacionados à reescrita da informação científica para o público infantil. Já em sua dissertação de mestrado, a divulgação da ciência é abordada a partir do gênero *informação científica transmitida através do jornal televisivo brasileiro*, caracterizado como um conjunto de eventos comunicativos televisivos que tem como propósito social a reescrita de informação de natureza científica para uma comunidade de prática não especializada em ciência, no contexto semi-interativo da comunicação de massa (OLIVEIRA, 2001a). Entre os traços opcionais do gênero estudado podem ser listados a informalidade, o otimismo, a celebração de descobertas e a repetição de idéias centrais ao longo da notícia. Tal trabalho é fundamentado pela Análise do Discurso e dialoga com a teoria de Gêneros do Discurso e com o campo da Comunicação Social.

Revisões desse trabalho demonstraram a necessidade de observar, além da estrutura do gênero do discurso, seu propósito social e comunidades de prática produtoras e receptoras, também a inserção social deste gênero (OLIVEIRA, 2001b). A Análise Crítica do Discurso é então fundamental para a compreensão das ações sociais realizadas pelo gênero *informação científica transmitida através do jornal televisivo brasileiro*. Ele faz parte da estratégia de sobrevivência discursiva do jornal televisivo. Enquanto elabora o *status* do cientista e da ciência, o jornal elabora seu próprio *status*, ou seja, age, simultaneamente, preservando seu *status* de fonte confiável de informação e aproximando-se do discurso do entretenimento, na medida em que expõe notícias curtas, que simulam situações dialógicas e anunciam descobertas, apresentadas

como úteis. A notícia sobre ciência torna o jornal televisivo competitivo entre as várias janelas de engajamento disponíveis na atualidade e subverte a impessoalidade da semi-interação.

Uma outra importante ação social do gênero então estudado (OLIVEIRA, 2003; 2004) é a construção sócio-discursiva da identidade do cientista, da ciência e da descoberta. O gênero associa a identidade do cientista aos pesquisadores das áreas Biomédicas e, conseqüentemente, o gênero associa o *status* de cientificidade a estas áreas de conhecimento. Áreas não selecionadas para divulgação pelos jornais televisivos não têm seus pesquisadores anunciados como cientistas nem seu trabalho celebrado como descoberta. Uma das conclusões desenvolvidas nos referidos trabalhos é que a não seleção de informações produzidas nas áreas de Ciências Humanas ou de Letras, por exemplo, parece revelar que o conhecimento produzido nessas áreas não serve a pelo menos dois dos propósitos da mídia televisiva, a saber, reafirmação de seu próprio *status* e sobrevivência e competitividade discursiva de seus gêneros.

Além da dissertação de mestrado e posteriores publicações referidas acima (OLIVEIRA, 2003; 2004), faz parte do processo de amadurecimento da autora desta tese o ano acadêmico vivido na Universidade Autònoma de Barcelona, Espanha, graças à bolsa sanduíche a ela concedida pela CAPES, de outubro de 2003 a outubro de 2004. A participação no Congresso Internacional de Análise Crítica do Discurso promovido pela Universitat Mendes Pelayo, em maio de 2004, Valência, a publicação nos anais do seminário da Associação de Estudantes Brasileiros na Catalunha, a oportunidade de conhecer o sistema de pós-graduação europeu, e, sobretudo, a disponibilidade de bibliografia são fatores intimamente relacionados à estrutura final deste texto.

O percurso acima exposto conduziu a autora deste trabalho à presente proposta de análise empírica: uma interface entre gêneros e registros de discursos da ciência. As investigações antes mencionadas fornecem fundamentação sobre os gêneros ora investigados. Esta tese volta seu olhar para modos de comunicação escrita e propõe a análise de textos acadêmicos e de divulgação científica provenientes de revistas e jornais em língua portuguesa. A textualização do conhecimento científico, tanto no contexto acadêmico como no midiático, é aqui entendida como

um conjunto de práticas discursivas vinculadas a processos de negociação de identidades, distância discursiva e autoridade social. Identificar e contrastar padrões de textualização característicos de cada um desses conjuntos de práticas, ou seja, dos registros que realizam no contexto de situação os propósitos sociais e de cultura de cada gênero do discurso, implica em sistematizar percepções sobre a forma como o significado é socialmente negociado e discursivamente instanciado em realizações léxico-gramaticais.

A presente tese propõe uma aproximação probabilística da gramática de dois gêneros discursivos: o gênero artigo acadêmico, obtido em periódicos especializados, e o gênero artigo de divulgação científica, proveniente de jornais e revistas dedicados à divulgação do conhecimento científico ao público não especializado em ciência. A perspectiva aqui adotada é a da Gramática Sistêmico-funcional. Como foco de análise lingüística, observam-se os verbos de elocução utilizados em discurso direto nos gêneros investigados, ou seja, verbos que introduzem citações. É importante destacar que, apesar de que o título desta tese possa sugerir uma análise mais detalhada dos atores sociais responsáveis pela textualização da linguagem da ciência e seus discursos, esta investigação dedica-se particularmente à observação de padrões léxico-gramaticais da realização de verbos de elocução em discurso direto, em textos vinculados aos gêneros do discurso artigo acadêmico e artigo de divulgação científica. Os atores cujas vozes são analisadas são agrupados em dois coletivos bastante heterogêneos em termos de suas identidades sociais e discursivas: os Escritores, que elaboram as citações, e os Autores, cujo discurso é representado em citações.

É conveniente traçar uma justificativa sobre o foco de análise ora selecionado. Em primeiro lugar, a escolha dos verbos de elocução como foco de análise se deve ao fato de que permitem a observação da complexa relação entre diversos sistemas gramaticais, tais como: as relações lógico-semânticas escolhidas pelo Escritor do texto para textualizar as vozes de diferentes Autores em seu discurso, a perspectiva através da qual esta voz é localizada no tempo, a posição temática da oração na qual ocorre o verbo de elocução em relação ao discurso citado e o tipo de verbo utilizado para a construção da orientação interpretativa da voz textualizada no

discurso do Escritor<sup>1</sup>. Em segundo lugar, a escolha do discurso direto é motivada pela existência de indícios de que este esteja passando por um processo semogênico, no qual se dissocia do discurso indireto. A hipótese é que o discurso direto passa a associar as variáveis de seus sistemas gramaticais de forma específica e independente do discurso indireto (HALLIDAY, 2005; NESBITT & PLUM, 1988). Faz-se necessário refletir sobre o tratamento dado ao discurso direto na Gramática Sistêmico-funcional, buscando contribuir para a compreensão da representação do discurso com reflexões traçadas à luz da observação empírica da linguagem em uso e em língua portuguesa.

Disciplinas como a Filosofia, a Sociologia e a História da Ciência vêm debatendo a construção do conhecimento científico e de seu *status* como um processo histórico, socialmente localizado. A presente tese pretende, a partir de uma aproximação empírica da linguagem, sob a perspectiva da Lingüística Aplicada, fundamentada na Gramática Sistêmico-funcional, contribuir para o já mencionado debate, bem como colaborar para a compreensão do complexo processo através do qual diferentes vozes são chamadas a interagir discursivamente em textos acadêmicos e em textos sobre ciência. Esta investigação apresenta, portanto, como objetivos gerais:

- a) Contribuir, sob a perspectiva da Lingüística Aplicada e da Gramática Sistêmico-funcional, para a compreensão da construção discursiva da autoridade do conhecimento científico, através da observação dos contextos de produção e de divulgação deste conhecimento;
- b) Analisar os processos de escrita e reescrita do conhecimento científico como práticas discursivas que encenam processos de negociação de significados e autoridade, buscando identificar idiosincrasias características de cada um desses processos e semelhanças compartilhadas por ambos;

---

<sup>1</sup> Seguindo proposta de Thompson & Yiyun (1991), que será discutida adiante, a palavra “Escritor” (*writer*), será utilizada para fazer referência àquele que elabora um texto e, ao fazê-lo, cita trabalhos já desenvolvidos por outros autores. A palavra “Autor” (*author*) será utilizada para fazer referência àquele que tem seu trabalho citado no texto de um dado escritor. Assim, Escritor é aqui considerado como “aquele que cita” e Autor “aquele que é citado”. Quando utilizados como termos técnicos no sentido ora exposto, ambos os vocábulos serão iniciados com letras maiúsculas. Note-se que a figura do Autor representa aqui não apenas uma voz masculina, mas toda e qualquer fonte de discurso representado no texto de um dado Escritor, tais como vozes do sexo feminino e fontes escritas ou orais de qualquer natureza.

- c) Contribuir para o campo da Lingüística Aplicada, fornecendo reflexões sobre o comportamento citacional e as relações autoridade e distância discursiva entre os Escritores e os Autores citados.

Como objetivos específicos, a presente tese se dedica a:

- a) Analisar o papel dos verbos de elocução em discurso direto, identificando e contrastando padrões de textualização característicos do discurso acadêmico e midiático;
- b) Identificar, classificar e contrastar os verbos de elocução utilizados em situação de discurso direto no contexto acadêmico e midiático;
- c) Tratar o sistema da projeção do discurso direto de forma probabilística nos gêneros investigados, buscando compreender seus perfis gramaticais e identificar a existência de probabilidades condicionais entre seus sistemas constituintes.

A aproximação probabilística aqui proposta tem sua metodologia fundamentada nos princípios da Gramática Sistêmico-funcional e parte da análise de um corpus constituído por textos em língua portuguesa espontaneamente produzidos. Os corpora acadêmico e midiático investigados, compostos, respectivamente, por artigos acadêmicos e artigos de divulgação científica provenientes de meios de comunicação escrita, contam em conjunto com um total de mais de 35 milhões de palavras (*tokens*) e foram analisados com o auxílio do programa *Wordsmith Tools*, versão 4 Halliday (2005) e Thompson e Yiyun (1991), em diálogo constante com trabalhos fundamentais da Gramática Sistêmico-funcional<sup>2</sup> (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), fundamentaram o trabalho de identificação, seleção e classificação dos sistemas gramaticais e verbos de elocução observados nesta investigação. Finalmente, em termos de sua apresentação formal, o presente texto segue as recomendações do *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*<sup>3</sup>, publicado pela editora da UFMG.

---

<sup>2</sup> Este trabalho adota os termos de Lingüística Sistêmico-funcional, em português, aprovados para utilização pelos participantes do grupo de discussão [gsemporugues@egroups](mailto:gsemporugues@egroups).

<sup>3</sup> FRANÇA, Junia Lessa; VASCONCELOS, Ana Cristina de. *Manual para normalizações técnico-científicas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

Em termos institucionais, a presente tese encontra-se vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e, neste contexto, está associada ao Projeto CORDIALL, no subprojeto dirigido pela orientadora desta tese, Profa. Dra. Adriana Pagano, intitulado “Práticas identitárias em gêneros do discurso acadêmico”. A linha de pesquisa na qual insere-se esta pesquisa, no Programa de Pós-Graduação, intitula-se “Estudos da Linguagem, Identidade e Representação”. O CORDIALL é desenvolvido por um grupo de pesquisa coordenado por investigadores experientes e estudantes da graduação que se iniciam à investigação científica, alunos de mestrado e doutorado da Faculdade de Letras. CORDIALL - Corpus Discursivo para Análises Lingüísticas e Literárias – é o nome de batismo do corpus que começa a ser compilado em 1999 pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos da Tradução e do laboratório instalado na Faculdade de Letras. Os textos que compõem a base de dados do CORDIALL encontram-se em formato eletrônico e são selecionados a partir de critérios relacionados às pesquisas desenvolvidas nos subprojetos do NET (cf. ALVES *et al*, 2004) e na linha “Estudos da Linguagem, Identidade e Representação”.

Até o presente momento, o CORDIALL possui quatro subcorpora: 1) Corpus multilíngüe de textos traduzidos; 2) Corpus de Português Comparável, contendo originais e textos traduzidos em língua portuguesa; 3) Corpus Processual CORPRAT, composto por traduções de tradutores expertos e iniciantes, além de arquivos gravados durante o processo de tradução; e, finalmente, 4) Corpus especializado de textos acadêmicos e jornalísticos, no qual o corpus da presente tese se insere. O CORDIALL contempla duas categorias principais, ficção e não ficção, é continuamente alimentado por novos arquivos que servem de base empírica para as pesquisas realizadas no âmbito do projeto e tem como um de seus objetivos amparar pesquisas em tradução e análise do discurso baseadas em corpora de pequenas dimensões (ALVES *et al*, 2004).

A presente tese se divide em cinco capítulos, além desta Introdução. O capítulo 2 discute aspectos relativos à especificidade da linguagem da ciência e a sua popularização, aspectos relativos à comunidade científica e ainda ao processo de negociação implicado no



delicado contato discursivo entre membros da comunidade acadêmica, jornalistas dedicados à popularização científica e o público leigo interessado em ciência. O capítulo 3 situa os interesses desta pesquisa no âmbito da Lingüística Aplicada e, neste grande campo disciplinário, mapeia os estudos da linguagem como semiótica social como o lugar específico a partir do qual elabora-se a presente discussão. Neste capítulo é apresentada a revisão da literatura sobre a representação do discurso. No quarto capítulo, são apresentados os princípios teóricos que orientam a abordagem probabilística da gramática, o corpus desta pesquisa e os procedimentos metodológicos utilizados na aproximação empírica do fenômeno da linguagem aqui proposta. O capítulo 5 apresenta e discute os resultados obtidos quando da aplicação dos procedimentos metodológicos descritos no capítulo 4. O sexto e último capítulo conclui este texto e convida outros investigadores a dedicar-se ao tema aqui desenvolvido.

Para escritores de textos no contexto acadêmico, como em muitos outros, a escolha sobre que vozes devem participar de seu discurso, bem como a maneira como estas são incorporadas, implica em decisões tão delicadas e complexas como o desenvolvimento da própria voz do escritor. Espera-se que o conjunto de vozes chamadas a dialogar no espaço discursivo instaurado pela presente tese e a voz que ela mesma representa possam contribuir para a Lingüística Aplicada de forma geral e para a busca acadêmica de leitores interessados nos discursos da ciência e sua linguagem em particular. A estes leitores, uma boa leitura.

## 2 OS DISCURSOS DA CIÊNCIA

### 2.1 Ciência e sociedade contemporânea

A linguagem da ciência e seus discursos têm motivado investigações em diferentes campos - Sociologia, Retórica, Psicologia, História, Epistemologia ou Filosofia da Ciência, Linguística Aplicada, etc. Entre as motivações de pesquisas nestes campos é possível citar a necessidade de compreender o impacto das rápidas mudanças tecnológicas e científicas na sociedade, a reflexão sobre a relação entre o conhecimento científico e sua socialização para o grande público, a necessidade de diálogo entre os que produzem o conhecimento científico e aqueles que, supostamente, dele se beneficiarão, o estabelecimento de bases disciplinares, correntes teóricas e áreas de investigação, objetivos educacionais, entre outros (BAZERMAN, 1998).

Hess (1995) afirma que o estudo interdisciplinar da ciência e da tecnologia tem se intensificado desde a década de 1970, sendo geralmente chamado STS, *Science and Technology Studies*- Estudos da Ciência e Tecnologia. Segundo o autor, este campo de investigação parte do princípio de que os aspectos relacionados ao mundo técnico-científico, tais como teorias, observações, métodos, máquinas, relações sociais, instituições, redes de trabalho, entre outros, “são em algum sentido socialmente modelados, negociados, ou, posto de outra maneira, ‘construídos’” (HESS, 1995: 2). Seria possível dizer que, ainda que com formas de aproximação diferentes, todas as abordagens acima citadas compartilham a percepção de que a autoridade normalmente atribuída à linguagem da ciência e a seus discursos tem historicamente ofuscado a consciência geral do caráter retórico, comunicativo e simbólico do conhecimento científico.

Muitos pesquisadores têm demonstrado a relevância do conhecimento científico para a estruturação da vida econômica, política e cultural na sociedade contemporânea. Harvey (1995) discute transformações da forma de organização do trabalho, da indústria e da regulação dos mercados. Para o autor, tais transformações são necessárias e responsáveis pela manutenção das regras básicas do capitalismo como forças modeladoras do desenvolvimento histórico e geográfico. Harvey (1995) afirma que o acesso à informação e seu controle são fatores-chaves para a adaptação do capitalismo à dispersão e mobilidade geográfica e à crescente flexibilidade dos mercados e processos de trabalho e consumo. O autor ressalta que o acesso ao *know-how* científico e tecnológico foi sempre importante nas lutas competitivas empreendidas pelo capital, mas que, atualmente, pode-se perceber um interesse e ênfase renovados na questão do conhecimento. Como expõe o autor, no atual contexto social, caracterizado por necessidades e preferências em constante processo de transformação, e por sistemas de produção flexíveis, que contrastam com o mundo relativamente estável da padronização Fordista, “o acesso à última técnica, ao último produto, à última descoberta científica implica na possibilidade de capturar uma vantagem competitiva importante” (HARVEY, 1995:159). Para Harvey, o controle sobre os fluxos e veículos de informação se torna uma poderosa arma nessa competição. Segundo o autor, na era da “Acumulação Flexível”, como em geral se denomina a atual fase do capitalismo, o “produto” compartilha com a “imagem corporativa” as funções de gerar condições de liderança na produção do conhecimento, políticas governamentais e produção de valores culturais.

Lyotard (1998) reflete sobre transformações que afetaram os processos de produção e consumo da ciência, da literatura e das artes a partir do século XIX, denominando tal período como “pós modernidade”. Em relação a como a produção do conhecimento científico interfere na organização econômica da sociedade contemporânea, o autor afirma que “na idade pós industrial e pós moderna, a ciência conservará e, sem dúvida, reforçará ainda mais sua importância na bateria das capacidades produtivas dos Estados Nação” (LYOTARD, 1998: 17). Influenciado por tal reflexão, o autor acredita que a desigualdade entre países em fase de desenvolvimento e países

desenvolvidos aumentará no futuro, uma vez que o saber de forma geral e o científico em particular se convertem progressivamente em “mercadoria informacional” indispensável para a capacidade produtiva no âmbito da competição mundial pelo poder.

No campo da Lingüística, Martin (1998) assegura não haver dúvida de que o discurso da ciência goza de uma posição privilegiada, apesar do estigma que ainda enfrentam algumas investigações como as desenvolvidas nos estudos de gênero (social), por exemplo, e da crescente incerteza sobre o financiamento da pesquisa básica. Não surpreende que a investigação básica ou pesquisas sobre as relações de gênero sejam estigmatizadas, uma vez que seria difícil atribuir-lhes as três características mencionadas acima ao conhecimento científico legitimado pelo capitalismo após a Segunda Guerra. Para Martin, o poder do discurso da ciência advém do controle que ele oferece sobre os recursos materiais através da tecnologia, tornando-se, portanto, central para a distribuição de poder na sociedade ocidental. Fairclough (2003a: 207) contribui com essa discussão ao afirmar que “o conhecimento (ciência e tecnologia) tem há muito tempo sido fator significativo na mudança econômica e social, mas o que se está presenciando é um aumento dramático de sua relevância”. Para o autor, discursos apresentam representações da realidade, do que foi e do que será; e incluem também o âmbito imaginário, o que poderia haver sido, o que pode ser que seja. Fairclough afirma que “os conhecimentos da economia do conhecimento e da sociedade do conhecimento constituem imaginários nesse sentido – projeções de um estado de coisas possível, de ‘mundos possíveis’” (FAIRCLOUGH, 2003a: 207).

## **2.2 A linguagem da ciência**

Para Halliday e Martin (1993), não é surpreendente que a linguagem empregada pela ciência seja ingenuamente entendida como “uma ferramenta, como um instrumento de expressão de idéias sobre a natureza de processos físicos e naturais” (1993: 4). Tal percepção da linguagem da ciência provém, segundo os autores, da concepção ocidental sobre o próprio fenômeno da

linguagem, que o dissocia das relações de poder e o considera uma forma de apresentar a realidade, um reflexo em um espelho. Para os autores, é necessário abandonar a noção de língua como “correspondência” e adotar uma abordagem mais construtivista. Nesta abordagem, a linguagem não corresponderia, refletiria ou descreveria a experiência humana. A linguagem é uma atividade semiótica, através da qual interpretamos e construímos a realidade material e a realidade psicológica, e conciliamos ambas realidades.

Para Halliday e Martin, a linguagem é “ao mesmo tempo uma parte da história humana e uma realização dela, o meio através do qual o processo histórico é construído” (HALLIDAY & MARTIN, 1993: 18). Nesse sentido, a linguagem da ciência não deve ser entendida como um mecanismo para expressão de fatos sobre a natureza ou sobre o homem, mas como uma realização de um sistema semiótico. Para Halliday e Martin, a linguagem da ciência se posiciona de forma ortogonal em relação ao sistema semiótico mais amplo que realiza. Esta realização serve de maneira funcional a práticas sociais histórica, econômica e culturalmente localizadas, influenciadas por e geradoras de relações assimétricas de poder (HALLIDAY & MARTIN, 1993).

Halliday e Martin (1993) demonstram que a linguagem da ciência desenvolveu historicamente características que a distinguem do sistema semiótico mais geral que reflete e materializa, características estas que são léxico-gramaticais, e se manifestariam no nível da sentença, e semânticas, manifestas no discurso total. Os autores destacam que as pessoas são mais conscientes do vocabulário que da gramática que usam, razão pela qual a linguagem da ciência é freqüentemente associada a complexos sistemas de taxonomia e apenas secundariamente a uma gramática técnica própria. Ambos são, no entanto, igualmente importantes e interdependentes na construção da realidade na perspectiva científica. Em outras palavras, o vocabulário técnico empregado na linguagem da ciência e sua gramática característica são aspectos de um mesmo processo semiótico, o processo através do qual se cria uma forma técnica e funcional de discurso, localizada no tempo e com uma certa historicidade.

A gestação das características léxico-gramaticais que diferenciam a linguagem da ciência do sistema semiótico mais amplo que esta materializa remonta, segundo Halliday e Martin (1993), à Grécia Antiga, ainda com Thales e Pitágoras. São, contudo, os escritos de Newton e Galileu que, de certa forma, inauguram o estilo de redação científica considerado padrão na atualidade. Os recursos lexicais empregados por Newton e Galileu incrementam a linguagem através de sistemas de taxonomia hierarquizados dotados de um potencial de ampliação que se estende ao infinito. Além disso, a gramática da linguagem da ciência desenvolve uma forma particular de argumentação na qual verbos e adjetivos são rerepresentados como substantivos na forma de informação dada, ou seja, são nominalizados. Halliday e Martin denominam a nominalização “metáforas gramaticais”, já que “processos”, normalmente expressos através de verbos, são codificados como “coisas”, através de substantivos. Os autores ressaltam que se a linguagem do senso comum equilibra a tensão entre “coisas” e “processos” em sua construção cotidiana da realidade, a linguagem da ciência, por outro lado, constrói a realidade como um “edifício de coisas” (HALLIDAY & MARTIN, 1993: 15).

A construção da realidade tal qual acima descrita a caracteriza como se estivesse congelada: um objeto a ser observado e estudado. Dessa forma, a linguagem da ciência que, pode-se dizer, inauguram os escritos de Newton e Galileu, opta por representar a experiência humana, não através da dinâmica cambiante dos processos (expressos pelos verbos), mas através da solidez persistente das coisas (expressas nos substantivos) (HALLIDAY & MARTIN, 1993). Tal gramática, textualização de uma nova forma de lidar com o conhecimento, sua produção e seus objetos, está intrinsecamente relacionada à mudança paradigmática necessária de forma ampla para o contexto científico dos séculos XVI e XVII e, no caso específico da física, para a transição da física Aristotélica para a física Newtoniana. De fato, como demonstra Kuhn (2000), se, para Aristóteles, o movimento está relacionado com a mudança de estado, para seus sucessores, o movimento constitui um estado propriamente dito. Pode-se entender, portanto, que durante a

textualização de suas investigações, nominalizações, mais freqüentemente que processos, fossem escolhidas pelos sucessores de Aristóteles.

Halliday e Martin afirmam que esta constituição discursiva, tanto em seu aspecto léxico como gramatical, se tornou um padrão para a ciência experimental, mas alertam para o fato de que estas características, que se desenvolvem de maneira funcional em relação à linguagem da ciência, fornecendo-lhe uma terminologia técnica e uma forma de argumentação específica, gradualmente se convertem em uma forma dominante de interpretação da experiência humana. No discurso da ciência, esta forma de interpretação da realidade é funcional em sua origem, enquanto que em outros discursos, possivelmente inclusive nos discursos da ciência, torna-se potencialmente ritualizada, sendo empregada por questões de prestígio e poder burocrático. Segundo Halliday e Martin (1993: 15), “esta se torna a linguagem da hierarquia, que privilegia o perito e limita acesso a âmbitos especializados da experiência cultural”. Os autores afirmam que esta forma de dar sentido à experiência humana tem atualmente ampla disseminação em textos de variados tipos, fazendo-se presentes, por exemplo, nos gêneros utilizados em contextos marcados pela burocracia, na televisão e até mesmo em caixas de produtos como cereais.

A realidade apresentada pela linguagem da ciência é, segundo Halliday e Martin, uma realidade “fixa e determinada, na qual os objetos predominam e os processos servem meramente para defini-los e classificá-los” (HALLIDAY & MARTIN, 1993: 20). Tal forma de linguagem, como afirmam os autores, é antidemocrática e elitista, apesar de progressista em sua origem, pois exclui aqueles que não compreendem sua estrutura léxico-gramatical. Os autores prevêem, no entanto, que uma busca incipiente de formas de discurso mais democráticas, que construam a realidade de uma maneira compreensível para todos que dela participam, provocará mudanças na linguagem da ciência. A comprovação de sua previsão, contudo, depende da observação dos rumos que tomam os discursos da ciência na modernidade.

Myers (1990) expressa preocupações sobre a necessidade de uma melhor compreensão dos usos sociais da linguagem da ciência. O autor afirma que "raramente críticos

literários usam suas habilidades para nos ajudar a compreender a ciência" (MYERS, 1990: 10). Para Myers, os sociólogos da ciência estariam interessados na comunicação científica e em aspectos institucionais relacionados à publicação, mas não contemplariam a análise de textos individuais. O pesquisador reconhece que tais escolhas de investigação não seriam fruto do acaso ou da falta de percepção dos pesquisadores, mas teriam ajudado a constituir a Crítica Literária e a Sociologia da Ciência como disciplinas.

Myers avalia abordagens tradicionais do texto científico, na literatura, história e sociologia, como trabalhos nos quais uma questão central para o autor, a relação entre conhecimento e sua representação social, não chega a ser abordada. Seu objetivo é compreender o modo como textos contribuem para a autoridade social da ciência. Myers vê a elaboração de textos científicos ou sobre ciência como um processo de representação, ou seja, mais que transmitir conteúdo, tais textos informam sobre a identidade do saber científico, sobre o papel da ciência em um dado contexto social e sobre as relações de autoridade estabelecidas no âmbito do discurso entre atores sociais como, por exemplo, o escritor do texto, seus leitores e autores por ele citados.

Myers (1990) atesta que “mesmo popularizações muito sofisticadas tendem a promover uma visão da ciência que centra-se mais nos objetos de estudo que nos procedimentos disciplinares através dos quais eles são estudados” (MYERS, 1990: 141). O autor defende a idéia de que há uma narrativa da ciência e uma narrativa da natureza, sendo que cada uma delas apresenta visões diferentes das ações do cientista, mas que ambas operam no sentido de criar uma autoridade cultural para a ciência. Nas palavras de Myers:

Diferenças textuais na estrutura narrativa, na sintaxe e no vocabulário podem ajudar a definir duas visões contraditórias da ciência. Os artigos profissionais criam o que eu chamo de uma *narrativa da ciência*; eles seguem o argumento do cientista, organizam o tempo em uma série paralela de eventos simultâneos, todos validando suas asserções, e enfatizam em sua estrutura sintática e vocabulário a estrutura conceitual da disciplina. As popularizações, por outro lado, apresentam uma narrativa da natureza seqüencial, na qual o animal ou planta, não a atividade científica, é o sujeito; a narrativa é cronológica, e a



sintaxe e o vocabulário enfatizam a exterioridade da natureza às práticas científicas. (MYERS, 1990: 142)<sup>4</sup>

As duas narrativas descritas por Myers evidenciam diferentes usos sociais dos discursos da ciência, diferentes apropriações do conhecimento científico. Faz-se relevante refletir sobre como estas duas narrativas se articulam no contexto mais amplo da convivência social

## 2.3 Ciência e divulgação: os limites do saber

Nesta tese, por comunidade acadêmica ou científica entende-se o conjunto de atores sociais denominados no cotidiano como investigadores, pesquisadores ou cientistas que participam em instituições de pesquisa, tais como universidades públicas ou privadas, centros de investigação públicos ou privados, laboratórios com finalidades e motivações de variada ordem, buscando, produzindo ou modificando conhecimento (ZAMBONI, 2001). Pode-se dizer que as alternativas dos papéis sociais desempenhados por escritores e leitores na comunidade acadêmica são bastante mais restritas que no âmbito da divulgação científica, ficando reservadas as diferenças entre os emissores e receptores do contexto acadêmico, basicamente, a seu grau de experiência como investigadores.

O sucesso da divulgação científica depende de que os atores sociais consigam vestir-se e despir-se de papéis, adequando seu comportamento discursivo à situação comunicativa que vivem em um dado momento. Um cientista, por exemplo, pode ser convidado a escrever um artigo de divulgação sobre sua investigação, para o que teria que utilizar uma série de procedimentos retórico-discursivos não recorrentes no tipo de redação em que é especialista, o artigo acadêmico. Supondo que este especialista tenha êxito, os membros da comunidade

---

<sup>4</sup> Minha tradução de: “textual differences in narrative structure, in syntax, and in vocabulary can help define two contrasting views of science. The professional articles create what I call a narrative of science; they follow the argument of the scientist, arrange time into a parallel series of simultaneous events all supporting their claim, and emphasize in their syntax and vocabulary the conceptual structure of the discipline. The popularization articles, on the other hand, present a sequential narrative of nature in which the plant or animal, not the scientific activity, is the subject, the narrative is chronological, and the syntax and vocabulary emphasize the externality of nature to scientific practices.” (MYERS, 1990: 142)

acadêmica que leiam seu artigo no jornal podem considerá-lo uma caricatura reducionista do que realmente representa a pesquisa. Por outro lado, se este especialista falha em adequar sua linguagem ao novo público que deseja alcançar, corre o risco de não ser compreendido e ser acusado de utilizar uma linguagem hermética e excludente. Um jornalista também pode ser acusado, por sua fonte acadêmica, de reducionismo ou, pelo grande público, de fracassar na tentativa de socializar o saber científico entre aqueles a quem historicamente foi negada a participação nos processos de produção e socialização do saber.

Não surpreende que a literatura sobre a divulgação científica freqüentemente faça referência à conflituosa relação entre cientistas e divulgadores de informação científica. Partindo do referencial para análise de textos jornalísticos proposto por van Dijk, um grupo de investigação criado em 1997 na Universidade Pompeu Fabra, Barcelona, onde o próprio investigador encontra-se como professor visitante no ano de 2004, desenvolve o projeto "Análise Discursiva da Divulgação Científica: aspectos pragmáticos, textuais e retóricos"<sup>5</sup>. O grupo discute três diferentes formas de caracterização da divulgação científica presentes na literatura, cada uma delas indicando um certo posicionamento em relação à prática discursiva da divulgação.

A primeira seria aquela em que a divulgação é entendida como *vulgarização* ou *popularização* de conhecimento normalmente incompreensível para o público leigo. O processo de divulgação científica corresponderia a uma operação de transferência, na qual as dificuldades se centrariam em como reapresentar um alto padrão lingüístico, técnico e científico em um padrão mais "baixo" (CALSAMIGLIA *et al*, 2001: 2640). Nesta perspectiva, a perda ou a distorção de informação e a existência de um discurso original e legítimo constituiriam pontos relevantes de discussão. A segunda perspectiva, com uma concepção mais lingüística da divulgação científica, vê nesse fenômeno um processo de *tradução* ou *interpretação* entre registros em uma mesma língua. Segundo Calsamiglia *et al* (2001), pesquisas nessa linha evitam juízos de valor, mas desvinculam o conteúdo científico de sua apresentação verbal. Desse modo, as formas lingüísticas

---

<sup>5</sup> Embora o referencial teórico utilizado por Calsamiglia *et al* (2001) não seja o mesmo empregado nesta tese, o trabalho destes autores representa uma fonte bibliográfica relevante sobre a popularização científica.

escolhidas para a elaboração do discurso da ciência funcionariam como um veículo de um saber que existe independentemente de sua representação discursiva. A divulgação desempenharia a função de ponte entre a comunidade acadêmica e o público em geral (CALSAMIGLIA *et al*, 2001: 2641).

Uma terceira alternativa de caracterização da divulgação científica, com a qual se identifica o grupo de investigadores da Universidade Pompeu Fabra, apresenta uma percepção mais discursiva e pragmática. Nesta perspectiva, a tarefa divulgativa consiste em mais que elaborar uma forma discursiva apropriada a um novo contexto comunicativo: implica em recriar a informação para uma nova audiência. O conhecimento científico não pode ser dissociado de sua representação discursiva e está necessariamente vinculado a um contexto comunicativo específico.

A hipótese inicial do grupo é a de que "o conhecimento circula por diversos setores sociais e que em cada situação comunicativa se constrói um discurso adequado à identidade dos interlocutores, a sua posição em relação ao conhecimento e às diferentes demandas (perguntas, necessidades, exigências, críticas, etc) oriundas de cada posição" (CALSAMIGLIA *et al*, 2001: 2641). Posicionando-se contra perspectivas que vêem na divulgação científica a transferência unidirecional de informação "de cima para baixo", o grupo defende a existência do que chamam de "circuitos do saber", nos quais "a ciência e a divulgação não apenas se adaptam a cada destinatário e a cada contexto, mas também interagem entre si" (CALSAMIGLIA *et al*, 2001: 2641).

Calsamiglia (2001) resume três linhas de investigação sobre a divulgação científica. A primeira, compreenderia investigações sobre tipos de texto ou gêneros. Tais investigações buscam compreender o processo de retextualização dos gêneros do discurso da ciência (artigos acadêmicos, seminários, artigos de revistas especializadas, teses) em contextos comunicativos diferentes, tais como jornais impressos e televisivos, e revistas de interesse geral. Uma outra área de interesse seria o estudo dos processos através dos quais "tecnoletos" característicos do discurso

da ciência, ou seja, variantes lingüísticas com um alto nível de abstração conceitual, sintaxe complexa e léxico próprio de um grupo profissional, são representados para audiências leigas. Interessam a estas investigações não apenas como são apresentados conceitos científicos complexos a comunidades não especializadas em ciência, mas aspectos léxicos, gramaticais e semânticos implicados na retextualização da informação científica.

A terceira área de interesse identificada por Calsamiglia *et al* (2001), com a qual se identifica a presente investigação, entende a divulgação científica como "espaço discursivo de interação entre diferentes componentes do processo de produção e divulgação do saber" e o caracteriza, portanto, como "uma encruzilhada de vozes científicas, jornalísticas e leigas" (CALSAMIGLIA *et al*, 2001: 2642). Nessa linha investigativa, importa compreender convenções relativas à representação explícita de diferentes vozes nos textos de divulgação científica, além daquela de seu próprio escritor.

Em sintonia com a discussão elaborada por Mey *et al* (2001), nesta tese, ao empregar-se o termo “voz”, pressupõe-se um papel sendo desempenhado por um ator social. Para Mey *et al* (2001), as vozes que vão indexando “os laços e relações sociais através dos quais os indivíduos estão ligados” nunca estão totalmente reguladas, fixadas ou determinadas. Para os autores, e na presente investigação, o termo “voz” e seu plural “vozes” podem ser empregados para representar “instrumentos constitutivos sobre os quais se funda, em última instância, a orquestração da sociedade” (MEY *et al*, 2001; 27). Entende-se aqui que, ao buscar compreender como textos científicos e textos sobre ciência sinalizam a presença de diferentes vozes em sua tessitura discursiva, observando-se aspectos de diferentes registros da linguagem da ciência, pode-se estudar a diversidade de formas de citação encontradas nos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica e, dessa forma, colaborar para a compreensão da pluralidade de funções sociais e discursivas da citação.

Calsamiglia e Ferrero (2001; 2003) apresentam uma análise das vozes que protagonizam os três primeiros dias de divulgação em jornais impressos espanhóis da possível

transmissão da doença EEB (característica da espécie bovina) à espécie humana, caso popularmente conhecido como "doença da vaca louca". Sobre o episódio, as autoras percebem que tensões e conflitos no âmbito discursivo têm origem no fato de que "o modo como a comunidade científica enfoca os temas que analisa, o ritmo do progresso e a resolução de problemas não correspondem à necessidade de resultados e respostas imediatas dos cidadãos diante de situações de alarme e incerteza" (CALSAMIGLIA & FERRERO, 2001: 2648). As autoras afirmam que, nos primeiros dias de divulgação sobre a doença, as vozes pertencentes a fontes não científicas são a maioria, sendo as de representantes da classe política aquelas mais freqüentemente citadas. Quando representados, os cientistas são apresentados como grupo, "como um coletivo homogêneo, familiar, com um papel relevante na sociedade", fazendo-se exceção aos investigadores designados pelo governo britânico para estudar a possível transmissão da doença (CALSAMIGLIA & FERRERO, 2001: 2657). Calsamiglia e Ferrero afirmam que, para estes últimos investigadores, as formas de designação são nominativas e individualizadoras (nomes próprios, categoria e informações detalhadas) para justificar sua escolha como fonte de informação com autoridade e para autenticar a informação científica divulgada.

As autoras observam que a seleção de verbos de citação está diretamente relacionada com a autoridade dos agentes sociais citados e acrescentam que, no corpus por elas estudado, o uso dos verbos de elocução "está fortemente marcado pela posição tomada por instâncias governamentais diante de um problema de alarme civil" (CALSAMIGLIA & FERRERO, 2001: 2659). Calsamiglia e Ferrero concluem que temas científicos, quando abordados pelos meios de comunicação, convocam múltiplas vozes da vida social. As autoras ressaltam que a adaptação da investigação científica e de suas características mais elementares, como a dúvida, a geração de hipóteses de trabalho e a cautela para a divulgação de resultados, podem gerar situações de alarme entre a sociedade pela forma como são tratados pelos meios de comunicação, que podem ressaltar a incerteza e incapacidade de fornecer respostas rápidas e definitivas às dúvidas da sociedade.

Também membro do grupo de investigação acima citado, Pérez (2001) analisa o discurso da ciência na imprensa diária e afirma que raramente o jornalista que se dedica à divulgação científica tem uma percepção direta sobre os temas a respeito dos quais escreve. Em geral, tais temas chegam ao jornalista como discursos previamente decodificados e interpretados por outros: agências de notícias internacionais, autores de revistas e trabalhos científicos, e declarações diretas ou indiretas de investigadores. O fato de escrever sobre assuntos previamente interpretados poderia criar a expectativa de que o papel do jornalista que divulga ciência fosse passivo, de mera reprodução ou (re)apresentação da informação de discursos prévios. Pérez lembra, contudo, que ao jornalista cabe "compreender, interpretar, selecionar e processar a informação previamente. Além disso, deve avaliar a qualidade do texto fonte e deve calcular que tipo de notícia 'desejam' ou inclusive 'esperam' os possíveis destinatários" (PÉREZ, 2001: 2708). Baseando-se em seu corpus, a autora afirma que, na imprensa cotidiana, a informação científica mais frequente está relacionada com a medicina e a saúde, enquanto que em cadernos especializados em ciência, a variedade de áreas de investigação científica tende a ser maior, apresentando informação sobre investigações da biologia, da física e tecnologia.

Pérez identifica como uma das dificuldades básicas para a adaptação do discurso da ciência à notícia jornalística a adequada combinação entre o discurso direto e o discurso indireto. A autora afirma que o discurso indireto é muito mais frequente no estilo de redação jornalístico, mas ressalta a função pragmática do discurso direto: que proporciona uma sensação de rigor e credibilidade à notícia. Pérez lembra que tal recurso não garante objetividade absoluta à informação divulgada, pois, uma vez retirada do contexto lingüístico e extralingüístico em que foi produzida, uma declaração passa a ser manipulada pelo jornalista que a reposiciona em um novo contexto discursivo.

Uma outra dificuldade decorrente do processo de adaptação do discurso da ciência ao contexto dos meios de comunicação, abordada por Cassany e Martí (2001), também integrantes do grupo de investigação da Universidade de Pompeu Fabra, diz respeito à transmissão de

conhecimentos formulados em um “tecnoleto especializado”, como anteriormente definido, uma variante lingüística com um alto nível de abstração conceitual, sintaxe complexa e léxico próprio de um grupo profissional, em notícias divulgativas. Os autores identificam estratégias utilizadas em notícias, colunas, editoriais e manchetes, por exemplo, para explicar novos conceitos. Entre as estratégias identificadas pelos autores, está justamente a que consiste em que se evite o conceito científico, elaborando-se, alternativamente, uma formulação de caráter geral. Uma outra estratégia seria a inserção de um alto nível de contextualização do conceito introduzido, que oferece ao leitor um "marco cognitivo de referência" para a compreensão do conceito (CASSANY & MARTÍ, 2001: 2670). Os escritores de textos de divulgação científica recorrem à narrativa e à modalização, sendo esta uma forma sutil de expressão de seu ponto de vista, marcada através de escolhas lexicais, sintáticas, de advérbios e modalizadores gerais. Cassany e Martí entendem que estas são características da divulgação científica, pois não são típicas da linguagem acadêmica e científica. Os autores concluem que a modalização, a narrativização e a contextualização de novos conceitos que não podem ser evitados são recursos expressivos utilizados para aproximar o conteúdo científico dos usos verbais comuns.

As investigações acima descritas demonstram como o espaço discursivo da ciência é atravessado pelas vozes de diferentes atores sociais, leigos, cientistas e jornalistas, cujas identidades discursivas vão sendo tecidas à medida mesmo que tecem os fios, por um lado, da produção do conhecimento científico e, por outro lado, da divulgação científica. O espaço discursivo instaurado pela ciência, longe de constituir o espaço predileto da verdade, imune à interferência humana, é, tanto quanto o espaço discursivo político ou o econômico, um espaço de conflito de interesses, negociação de identidades e construção de “mundos possíveis”. A seção seguinte amplia estas reflexões.

## 2.4 O espaço dos discursos da ciência: conflito, negociação e construção

Charles Percy Snow, cientista, escritor e professor na universidade de Cambridge, autor do livro *The two cultures: a second look*<sup>6</sup>, propõe a metáfora das “duas culturas”, localizando em grupos opostos cientistas das ciências naturais e intelectuais literários. O autor acredita não existir comunicação possível entre estes dois grupos, apesar de cientistas e intelectuais serem comparáveis em aspectos tais como inteligência, origem social, raça e remuneração. Tal falta de comunicação implicaria, segundo Snow, em graves problemas para a sociedade de forma geral.

Recuperando o trabalho de Snow, Fuller (1998) acusa a divulgação científica de, em grande parte, ocupar-se de estabelecer o diálogo entre as duas elites discursivas descritas pelo autor, promovendo-se com noções de democracia no acesso ao conhecimento e empoderamento, mas dedicando-se, na realidade, a atender interesses burgueses. O autor analisa o trabalho do escritor Stephen Jay Gould, professor de Geologia da Universidade de Harvard que, segundo Fuller, desfruta de grande reconhecimento, sucesso e visibilidade no contexto da divulgação científica. Para Fuller, a divulgação científica em geral, inclusive, o trabalho de Gould, se apropriam de fatos científicos, adaptando-os à narrativa das culturas das burguesias liberais. Tal forma de apropriação não promove o acesso à ciência do problemático, como reconhece o autor, conceito de “povo”.

Fuller (1998) demonstra como Gould desenha seu leitor ideal, atribuindo-lhe características de refinada percepção e inteligência, e implicitamente relacionando-as àqueles com poder sócio-econômico. Mais que desenhar seu leitor, Gould “cultivaria” sua audiência através de “bajulação retórica que à induz a uma conspiração textual insinuando posições discursivas de

---

<sup>6</sup> SNOW, C. Percy. *The two cultures*. Cambridge : University Press, 1993.



prestígio como valores intersubjetivos compartilhados” (FULLER, 1998: 40). Em um aspecto, no entanto, Fuller identifica o trabalho de Gould como distinto da popularização científica em geral. Segundo Fuller, os textos de Gould abordam o conhecimento científico como parcial e influenciado por condições sociais, históricas e ideológicas, abordagem que se contrapõe a grande parte da tradição de divulgação científica. Fuller faz referência à já comentada distinção elaborada por Myers (1990) entre a “narrativa da ciência” e a “narrativa da natureza”. Segundo Fuller, Gould constrói uma “narrativa da ciência” através de múltiplas vozes, em vez de oferecer uma “narrativa da natureza” monológica. As vozes trazidas à arena da divulgação científica por Gould criticam, comentam ou apóiam o assunto tratado, elaborando textos que produzem uma dinâmica dialógica. Fuller analisa a dialogicidade dos textos de Gould, sob a ótica da Gramática Sistêmico-funcional, análise que será revisada no capítulo seguinte, em que se dedicará uma seção à teoria desta gramática e à sua aplicação.

A aparente democratização do discurso, promovida pela popularização científica, encontra críticas também no já mencionado trabalho de Oliveira (2003). Partindo, como Fuller (1998), do referencial teórico oferecido pela Gramática Sistêmico-funcional e pela Análise Crítica do Discurso, Oliveira analisa as ações sociais realizadas pelo gênero *informação científica transmitida através do jornal televisivo brasileiro*. A autora defende que o gênero faz parte da estratégia de sobrevivência discursiva do jornal televisivo, preserva o *status* do jornal de fonte confiável de informação e o aproxima do discurso do entretenimento. Assim a notícia sobre ciência torna o jornal televisivo competitivo entre as várias janelas de engajamento disponíveis na atualidade e subverte a impessoalidade da semi-interação.

Oliveira (2003) também faz referência à construção sócio-discursiva da identidade do cientista, da ciência e da descoberta. Como antes observado, o gênero vincula a identidade do cientista aos pesquisadores da Biomédica. Áreas do conhecimento não selecionadas pelos jornais televisivos não têm seus pesquisadores representados como cientistas nem seus resultados celebrados como descobertas. A não seleção de informações produzidas na área de Ciências

Humanas ou de Letras, por exemplo, parece revelar que o conhecimento produzido nessas áreas não serve a pelo menos dois dos propósitos da mídia televisiva, a saber, reafirmação de seu próprio *status* e sobrevivência e competitividade discursiva de seus gêneros. Estes resultados corroboram a descrição de Allan Luke do conhecimento científico, já que, dito de outra maneira, o conhecimento produzido nas áreas de Ciências Humanas ou Letras não “contaria” como “ciência” por não poder ser, em geral, facilmente caracterizado como corporativo, lucrativo ou aplicado.

A ampliação das observações traçadas por Fuller (1998) e Oliveira (2003) dependem da investigação de apropriações dos discursos da ciência por outros gêneros e mídias. De fato, enquanto seus resultados apresentam a divulgação científica basicamente aliada a interesses institucionais de elites dominantes ou difusora de uma imagem parcial do trabalho científico, que celebra a descoberta de maneira isolada do processo de pesquisa e o cientista como um herói moderno, Cranny-Francis (1998), ao investigar a ficção científica, se depara com resultados diferentes. A autora caracteriza a ficção científica como uma voz da mudança social, que expressa os medos, desejos e ansiedades de uma sociedade em um dado momento histórico em relação à produção científica de seu tempo. A autora lembra que a ficção científica apenas deve *parecer* plausível em termos científicos, o que é bastante diferente de realmente *ser* plausível. O que interessa a Cranny-Francis não é refletir sobre a validade ou não validade da ciência que se apresenta na ficção científica, mas considerá-la “um referente textual relacionado, mas não idêntico, ao discurso científico moderno” (CRANNY-FRANCIS, 1998: 75).

Cranny-Francis ressalta que a ficção científica é prioritariamente “ficção” e apenas secundariamente “ciência”. Talvez isso parcialmente explique os papéis marcadamente diferenciados da divulgação científica, tal como descritos por Fuller (1998) e Oliveira (2003), e da ficção. Para desenvolver sua análise, Cranny-Francis traça um histórico da ficção científica. Ela destaca que a ciência em si mesma não é o que motiva a ficção científica. A preocupação central seria a inserção social desta ciência.

Como explica Cranny-Francis, a ficção científica:

(..) articula preocupações geradas pela natureza da ciência e tecnologia usada pelo ocidente; sobre o tipo de estado que ela gera, sobre problemas de acesso à tecnologia, sobre as formas através das quais a ideologia da ciência e tecnologia determinam nossas definições do 'humano', sobre o modo de pensar – racionalismo – que ela requer dos sujeitos sociais, sobre a realidade que ela cria. (CRANNY-FRANCIS, 1998: 74)<sup>7</sup>

É interessante observar como diferentes apropriações do conhecimento científico, alternativas de representações simbólicas, desempenham diferentes funções sociais. Enquanto Oliveira (2004) alerta para o fato de que “a seleção de pesquisas e as formas de elaboração discursiva da informação científica nos jornais televisivos brasileiros não contribuem para a elaboração de perspectivas críticas e questionadoras da realidade social” (OLIVEIRA, 2004: 78), Cranny-Francis destaca como a ficção científica assume um caráter de denúncia das formas como a ciência e a tecnologia determinam e refletem as retóricas e ideologias dominantes de uma sociedade. A presente tese salienta a relevância da reflexão sobre o caráter institucional, socialmente comprometido com objetivos econômicos e políticos das mídias que realizam divulgação científica ou das próprias instituições que produzem ciência - universidades e centros de pesquisa. Cabe também, acredita-se, a reflexão sobre os romances de ficção que, ainda que inseridos em um complexo contexto de políticas editoriais de publicação, estariam relativamente mais livres para atuar como formas de expressão individual de contestação do papel do conhecimento científico, de sua aplicação e do cientista. Cranny-Francis observa que a ficção científica retrata como “a natureza de uma sociedade – seus valores, crenças e atitudes – é uma função da indústria, da forma como ela organiza o trabalho e as pessoas que o realizam” (CRANNY-FRANCIS, 1998: 77). Tal como a descreve Cranny-Francis, seria possível dizer que a ficção científica denuncia, questiona e adverte contra a servidão da ciência à indústria e, em última instância, ao caráter corporativo, lucrativo e aplicado do conhecimento científico legitimado pelo capital.

---

<sup>7</sup> Minha tradução de: “(...) (the genre of science fiction ) articulates concerns raised by the nature of the science and technology used by the West; about the kind of state it generates, about problems of access to technology, about the ways in which the ideologies of science and technology determine our definitions of the 'human', about the model of thought – rationalism- it demands from social subjects, about the reality it creates.” (CRANNY-FRANCIS, 1998: 74)

O que se expôs até aqui parece indicar que o conhecimento científico, bem como suas representações em diferentes âmbitos da vida social estão, inevitavelmente, associados a interesses políticos e econômicos, contextos sociais e culturais, e a circunstâncias institucionais. A ciência, o conhecimento científico e suas formas de apropriação e partilha social estão longe de ser socialmente neutros, acima das paixões humanas. Há muitos pontos de conflito e tensão entre os vários grupos de atores sociais envolvidos de diferentes maneiras da constituição da sociedade urbana que emerge do processo de socialização do conhecimento.

Peters (1999) identifica algumas das fontes de tensão entre jornalistas e especialistas, relacionando-as a dificuldades de comunicação intercultural que sinalizam diferenças de valores, convenções, perspectivas e normas distintas entre os dois grupos. Para o autor, jornalistas e especialistas constituem duas culturas, sendo que, a análise das dificuldades de comunicação intercultural entre elas deve levar em consideração ainda uma terceira. Esta seria a cultura da audiência, diretamente relevante, na opinião de Peters, apenas para o jornalista. Peters acredita que entre jornalistas e especialistas predominam dificuldades de interação cultural relacionadas a estereótipos e a aspectos pragmáticos sobre como estruturar a interação em termos de papéis sociais dos atores e dos objetivos da interação (PETERS, 1999: 255).

Entendidos como atores sociais, jornalistas e cientistas atribuiriam diferentes níveis de poder e autoridade a seu interlocutor. A tensão se eleva quando o papel hierárquico atribuído por um interlocutor ao outro não coincide com aquele que este outro interlocutor havia atribuído a si próprio. Peters lembra que, quando interpelados por jornalistas, os cientistas são também confrontados com a cultura do cotidiano, que possui demandas de informação com as quais o jornalista se preocupa todo o tempo. Desse modo, também entre a cultura científica e a cultura do cotidiano, manifestam-se problemas nos campos da relevância e da compreensão da mensagem. Peters utiliza os termos “especialista em ciência” e “especialista” para fazer referência aos cientistas quando desempenham o papel de fonte, ou seja, quando opinam ou fornecem informações baseando-se em seu conhecimento científico, mas não exercem a função de cientista.

Na opinião de Peters (1999: 252), a aceitação não crítica dos progressos científicos tem sido gradualmente substituída por uma abordagem que leva em consideração a relação entre custos e benefícios de uma tecnologia. Na perspectiva do autor, a comunidade científica mostrou-se sensível a essa nova postura, respondendo ao aumento de cobertura jornalística sobre problemas ambientais, novas ameaças à saúde, ética, autodeterminação e movimentos anti-nucleares, por exemplo, com a ampliação de campos de investigação, como programas de monitoramento ambiental, atenção ao impacto negativo da tecnologia e avaliação de risco. É importante salientar que, ao contrário de Dornan (1999), que estudou a produção acadêmica sobre a popularização científica, Peters refere-se aqui a textos de divulgação da ciência. Peters, portanto, dedica-se à análise de textos jornalísticos, divulgativos. A Análise de Dornan, que se expõe em seguida, faz referência a textos acadêmicos.

A tensão entre as culturas científica e jornalística se evidencia na relação de complementaridade dos resultados apresentados pelos dois pesquisadores. Dornan (1999) identifica um consenso geral na literatura acadêmica sobre popularização científica que atribui um papel hierarquicamente superior ao cientista e interpreta a abordagem da mídia sobre assuntos científicos como sensacionalista e mal traduzida. Ao observar a produção jornalística sobre ciência, por sua vez, Peters (1999) percebe uma mudança de uma atitude passiva para uma atitude gradualmente mais ativa. Mais ainda, o autor demonstra que os cientistas atribuem a si mesmos o papel de "professor" ou "tradutor do conhecimento científico" e desejam manter o controle sobre o processo comunicativo. Ambos são pontos de conflito entre cientistas e jornalistas. Além de uma tensão entre as culturas jornalística e científica, evidencia-se aqui o conflito entre a cultura acadêmica, e por assim dizer, científica, sobre o jornalismo científico e o próprio fazer jornalístico dedicado à divulgação da ciência.

Para Peters, a comunicação de massa estaria refletindo, à medida que aumenta a cobertura sobre assuntos científicos e a diversifica com temas como ambiente e saúde, mudanças na relação entre ciência e sociedade. A cultura da audiência tem novas demandas para o

especialista e para suas pesquisas, demandas para a resolução de conflitos sociais, com os quais a ciência e a tecnologia podem estar relacionados, como afirma Peters (1999), basicamente de três modos:

(...) a ciência e a tecnologia podem ser o sujeito do conflito ou problema; elas podem ser usadas por um ou ambos os lados para amparar uma posição política; ou pode ser que se espere que a ciência ou a tecnologia encontre uma solução para um problema ou resolva o conflito fornecendo uma resposta definitiva para o assunto. (PETERS, 1999: 253)<sup>8</sup>

As três formas, acima citadas, através das quais a ciência e a tecnologia podem relacionar-se às demandas da audiência em relação à cultura científica alicerçam a popularização científica nos meios de comunicação de massa. Segundo Peters, especialistas de uma forma geral se mostram dispostos a compartilhar seu conhecimento científico não apenas com seus companheiros de trabalho, mas com o público em geral. O autor afirma que, além do desejo de compartilhar, ainda que o admitam de forma reticente, cientistas e organizações científicas têm progressivamente descoberto a importância da publicidade e do reconhecimento público. Um primeiro foco de tensão entre a cultura jornalística e a científica emergiria do fato de que, acostumado ao papel do professor no contexto acadêmico, com o *status* e poder hierárquico tradicionalmente associados a tal posição, o comportamento do especialista pode ser interpretado como arrogante pelo jornalista, que desempenharia o papel do estudante.

Peters expõe resultados obtidos através de pesquisa empírica em que busca identificar focos de tensão que emergem no contato entre a cultura jornalística e a científica. Sua metodologia consistiu em enviar questionários sobre opiniões e atitudes frente às funções do jornalismo, preferências quanto ao modo como a informação científica é divulgada, os objetivos da divulgação, e, por fim, expectativas em relação à interação entre fontes especializadas em ciência e jornalistas. Entre 27 de outubro e 21 de dezembro de 1993, especialistas citados por jornais impressos e revistas na Alemanha, bem como os jornalistas que os haviam citado,

---

<sup>8</sup> Minha tradução de: "(...) science and technology may be the subject of the problem or conflict; they may be used by one or both sides to support a political stand; or it may be expected that science or technology will find a solution to a problem or resolve the conflict by providing an ultimate answer to the issue." (PETERS, 1999: 253)

receberam por e-mail o questionário. 50% dos cientistas e 58% dos jornalistas o devolveram respondido. O estudo empreendido por Peters focaliza a divulgação científica sobre a avaliação ou gestão de risco, em inglês, *risk assessment* ou *risk management*, que aborda estratégias de redução de acidentes de trabalho ou de danos à saúde em uma vasta gama de contextos. O autor explica que 50% dos cientistas que responderam os questionários eram das ciências médicas, 40% das ciências naturais e 10% das ciências sociais.

As diferenças mais relevantes entre cientistas e jornalistas, como as resume Peters (1999: 265), são as seguintes:

- a) jornalistas dão mais importância à função crítica da comunicação de massa que os especialistas. A função de criticar coletivos tais como as elites, causadores de riscos em geral ou os próprios cientistas é mais frequentemente atribuída aos jornalistas por sua própria cultura que pela cultura dos cientistas; os jornalistas mostram-se mais dispostos que os especialistas a aceitar a função de entretenimento da comunicação de massa;
- b) de forma menos atenuada, especialistas e jornalistas divergem em relação a sua visão da audiência, sendo que cientistas a vêem como menos madura que os jornalistas. A atitude dos cientistas em relação aos leitores de popularização científica é mais paternalista;
- c) as duas culturas têm preferências distintas em relação ao estilo de redação da informação sobre ciência. Os especialistas não aceitam com facilidade a necessidade dos jornalistas de atrair e fascinar a audiência através de certos elementos estilísticos; os cientistas preferem que a informação seja redigida de forma séria, não politizada e racional;
- d) os especialistas esperam que os jornalistas apoiem seus objetivos, entre eles, de obtenção de subsídios para a pesquisa. A cultura jornalística, contudo, mostra-se indiferente em relação aos objetivos da cultura científica;
- e) os especialistas esperam que os jornalistas influenciem o público a apoiar os objetivos da cultura científica: os jornalistas nem sempre se mostram dispostos ou preparados para tais tarefas;

f) especialistas e jornalistas discordam sobre: (1) os papéis que cada grupo atribui ao outro e (2) o nível de controle que ambos devem exercer sobre o processo comunicativo. Os especialistas, influenciados pelas normas de sua própria cultura, gostariam de revisar os textos antes da publicação. Os jornalistas freqüentemente julgam tal revisão desnecessária. Além disso, apesar de sua preocupação com a precisão e fidelidade, mais especialistas que jornalistas acreditam não ser necessário que, em uma entrevista, o jornalista tenha conhecimento técnico-científico. Tal quadro demonstra o desejo da cultura científica em controlar o processo comunicativo e de atribuir-se o papel hierarquicamente superior do professor ou do “tradutor” do conhecimento científico. A cultura jornalística posiciona-se de forma contrária tanto a estes papéis sociais como ao controle sobre o processo comunicativo por parte do especialista;

g) mais que os especialistas, os jornalistas “toleram”, e até mesmo esperam, que fontes especializadas em ciência rompam com normas científicas estritas quando interagem com a comunicação de massa. A preocupação com as demandas e expectativas da cultura da audiência é mais forte na cultura jornalística que na científica.

Apesar de que deva-se criticar o fato de que Peters não problematiza a crença dos pesquisadores da cultura científica de que a informação que redigem é “séria, não politizada e racional”, um dos méritos desta pesquisa é o de demonstrar de forma empírica suposições que leitores de textos de popularização científica familiarizados com as normas da comunidade acadêmica freqüentemente formulam. Ainda que o autor advirta seus leitores para que tenham cautela ao fazer generalizações sobre suas conclusões, é interessante observar como, no contexto estudado, as culturas profissionais do jornalista e do especialista constroem-se mutuamente, atribuem-se papéis sociais e identidades, e posicionam-se hierarquicamente em relação ao outro. Ressalte-se que os cientistas são chamados a refletir sobre suas próprias funções em um horizonte que pressupõe a presença dos jornalistas. Também os jornalistas, ao delinear seu próprio papel, o



fazem em relação ao cientista. A cultura da audiência, com seus valores e demandas de informação, estaria permeando esta relação.

A literatura acadêmica sobre divulgação científica tem, de forma geral, ocupado-se da formulação de estratégias e táticas que facilitem a comunicação dos progressos científicos ao público leigo (DORNAN, 1999: 182). Para Dornan (1999), apesar da freqüente referência à distorção, a noção de preconceito não é abordada, sendo que as “distorções” são interpretadas como fruto das dificuldades em traduzir-se o saber científico em um formato jornalístico, e não o resultado de lutas de poder ou interesses de grupos sociais (DORNAN, 1999: 192). O autor apresenta, em uma extensa revisão da literatura sobre jornalismo científico produzida entre 1967 e 1987, uma crítica à abordagem amplamente aceita sobre a relação entre ciência e mídia e ressalta que o relativo consenso presente na área no período estudado reitera proposições presentes no primeiro livro dedicado ao tema, *Science and the mass media*<sup>9</sup>, de Krieghbaum. Segundo Dornan, na perspectiva defendida por Krieghbaum, quando não deturpava a ciência, a mídia era “sensacionalista”. O autor de *Science and the Mass Media* acreditava que a ciência e a educação científica contribuiriam para a democracia, fornecendo uma base racional para a tomada de decisões. Nesse contexto, o papel outorgado à mídia pelo autor seria de zelar pela divulgação precisa das descobertas científicas mais recentes, inculcar a confiança do público em geral na ciência e cultivar a euforia popular pelos avanços que ela tornava possíveis.

Dornan identifica, em sua exaustiva pesquisa bibliográfica, uma certa uniformidade no pensamento sobre jornalismo científico. As idéias de Krieghbaum constituiriam pressupostos básicos deste pensamento raramente questionados pelos trabalhos produzidos na área do jornalismo científico. Nas palavras de Dornan:

Enquanto outras áreas nos estudos da mídia se desenvolveram através de resposta e comentário, o discurso acadêmico sobre a popularização científica tem sido marcado

---

<sup>9</sup> HILLIER, Krieghbaum. *Science and the mass media*. New York: New York University Press.

por um duradouro consenso, no qual contribuições individuais trabalham para defender as posições articuladas por Kriegbaum (DORNAN, 1999: 180).<sup>10</sup>

Dornan ressalta que não foi demonstrado *como* o conhecimento científico poderia contribuir para um melhor funcionamento da democracia, já que não há exemplos de que a falta de tal conhecimento tenha afetado a performance de governos democráticos. O autor também relata brevemente pesquisas cujos dados demonstram que entre 1966 e 1971, momento em que a crença da opinião pública americana em suas instituições caía drasticamente, a ciência era uma daquelas que gozava de mais prestígio. Com tais resultados, desafia-se "a freqüente afirmação de uma crescente descrença pública na ciência", ao mesmo tempo em que se questiona a necessidade de incentivar a confiança nessa instituição (DORNAN, 1999: 182).

Além de defender a posição de que a literatura sobre a popularização científica parte de pressupostos básicos questionáveis, atendo-se excessivamente ao problema de "como melhorar" a comunicação científica, Dornan afirma que, nessa literatura, a cobertura jornalística tem sido o maior foco de preocupação: os estudos têm abordado prioritariamente a mídia impressa, e, menos freqüentemente, documentários na televisão. O autor acredita que a ficção científica não tenha-se constituído em objeto de estudo da literatura por dois motivos. Em primeiro lugar, o principal objetivo da produção ficcional não é prioritariamente informar a audiência sobre descobertas científicas e, em segundo lugar, a ficção não é guiada ou restringida por questões de objetividade, o que afasta tais eventos comunicativos dos propósitos que aproximam a mídia da ciência. Trabalhos como o de Cranny-Francis (1998), sobre a função de expressão de reflexões, medos e ansiedades sobre a ciência desempenhada pela ficção científica, são iniciativas acadêmicas mais recentes que ainda não constituem uma voz acadêmica uniforme. Dornan considera problemática a combinação acima descrita: uma base teórica frágil e um objeto de estudo restrito. O autor afirma que:

---

<sup>10</sup> Minha tradução de: "While other areas in media studies have developed via contest and comment, academic discourse on science popularisation has been marked by an enduring consensus, in which individual contributions work to entrench the positions first articulated by Kriegbaum" (DORNAN, 1999: 180)

Ao focalizar quase exclusivamente relatos não ficcionais da ciência, a pesquisa tem sido dominada por um modelo mecânico de comunicação emissor-receptor um tanto cauteloso (veja Friedman *et al.*, 1986, part I). A ciência é vista como uma avenida de acesso a fatos comprovados, e os cientistas - na divulgação desses fatos - como as fontes primeiras. Os membros do público leigo são entendidos exclusivamente como recipientes dessa informação. Jornalistas e relações públicas são vistos como intermediários encarregados de filtrar as descobertas científicas. A tarefa da comunicação científica é transmitir o máximo de informação possível, com a máxima fidelidade. (DORNAN, 1999: 182) <sup>11</sup>

O autor aponta como conseqüência de tal formulação, o estabelecimento do cientista como ocupando uma posição de poder superior aos demais atores envolvidos no processo, ou seja, o público leigo e o próprio jornalista. Dornan ressalta que a comunidade científica é aquela que avaliará o sucesso de uma popularização, já que o produto final será avaliado em termos de sua correspondência com as intenções do cientista/fonte. O posicionamento hierarquicamente superior da comunidade científica em relação à jornalística levou a literatura sobre popularização científica a identificar as duas maiores fontes de distorção - o problema da tradução e o problema do sensacionalismo- sem que, contudo, tais distorções fossem interpretadas como servindo aos interesses de grupos em particular (DORNAN, 1999:186).

Dornan explica que o problema da tradução, assim como identificado na literatura por ele investigada, relaciona-se às dificuldades de transmitir teorias científicas, produzidas em um contexto de conhecimento altamente especializado, numa linguagem acessível ao público leigo, sem que tal conhecimento seja “corrompido”. Outra fonte de distorção identificada por Dornan na literatura acadêmica sobre popularização científica, é o sensacionalismo. O autor pondera que há muitas dificuldades associadas ao tema. Ele questiona, por exemplo, a possibilidade de precisar em que ponto um texto jornalístico deixa de cultivar o interesse do público leigo, desempenhando até aí um papel positivo para a popularização científica, e passa a ser sensacionalista. Também para a questão exposta acima, relacionada ao problema da tradução, Doran afirma não haver

---

<sup>11</sup> Minha tradução de: “In focusing near-exclusively on nonfictional accounts of science, research has been dominated by a discreet, mechanical sender-receiver model of communication (see Friedman *et al.*, 1986, part I). Science is seen as an avenue of access to assured findings, and scientists – in the dissemination of these findings – as the initial sources. The members of the laity are understood purely as recipients of this information. Journalists and public relations personnel are viewed as intermediaries through which scientific findings filter. The task of science communication is to transmit as much information as possible with maximum fidelity.” (DORNAN, 1999: 182)

respostas fáceis, já que lidamos aqui, segundo o autor, com o campo da pedagogia. O pesquisador indaga, por exemplo, como os indivíduos guardam novos conceitos, em que consistiria a compreensão e qual seria a natureza da explicação (DORNAN, 1999: 186).

Respostas diferentes às questões de reflexão propostas por Dornan obviamente representarão construções discursivas diferentes da realidade, estabelecerão papéis sociais distintos, bem como relações de autoridade e identidades discursivas também diferentes. Uma proposta de construção, relativamente subversiva entre os teóricos sobre a popularização científica seria, segundo Dornan, a adotada no livro *Selling science: how the press covers science and technology*<sup>12</sup>. O autor afirma que também neste livro, como em muitos de seus antecessores, acredita-se que a ciência não tem sido bem representada pela mídia americana e que esta desempenha um papel submisso frente à comunidade científica, mas Dornan acrescenta que a autora de *Selling Science* atribui um novo matiz à função desempenhada pela popularização científica nos Estados Unidos: o de propaganda institucional. Dornan comenta a atitude da autora:

Ela denuncia que os interesses de ambos os cientistas e jornalistas conspiram para manipular a cobertura jornalística de modo que a ciência é tipicamente representada como progressiva, produtora de soluções e benéfica. O resultado, ela defende, é um retrato superficial e errôneo que ignora tanto a natureza experimental da investigação científica como seu contexto político. (DORNAN, 1999: 192)<sup>13</sup>

Dornan ressalta que o projeto de popularização científica nos Estados Unidos é resultado do esforço de organizações científicas em construir uma divulgação midiática que criasse um público disposto a aceitar proposições científicas como uma autoridade racional e politicamente desinteressada (DORNAN, 1999: 197). O autor acrescenta que:

Como a visão dominante se manteve isolada dos progressos alcançados em outras disciplinas (particularmente aquelas que indicam o papel da ciência e da racionalidade científica na preservação e manutenção da ordem social), tal visão tem promulgado uma concepção da ciência que a vê como um empreendimento puramente em seu aspecto de

---

<sup>12</sup> NELKIN, Dorothy. *Selling Science: how the press covers science and technology*. New York: WH Freeman and Company, 1987; 1995 (rev. ed.)

<sup>13</sup> Minha tradução de: “She charges that interests of both scientists and journalists conspire to skew coverage so that science is typically represented as progressive, problem-solving and beneficial. The result, she argues, is a superficial and ultimately erroneous portrayal that neglects both the tentative nature of scientific inquiry and its political context.” (DORNAN, 1999: 192)

investigação objetiva - e, certamente, o esforço geral tem sido o de defender essa visão na cobertura jornalística e na imaginação popular. (DORNAN, 1999: 198)<sup>14</sup>

A literatura acadêmica sobre a popularização científica, produzida entre 1967 e 1987, teve, segundo Dornan, bastante êxito em estabelecer as bases sobre as quais o conhecimento científico deve ser traduzido e em expandir o campo da divulgação. Segundo o autor, no entanto, os pressupostos básicos que fundamentam esse sucesso não foram demonstrados. Tais pressupostos, a saber, a necessidade de informar cada vez mais a população leiga sobre assuntos científicos e a cobertura jornalística deficiente, alimentariam o poderoso discurso consensual preponderante na literatura, e estariam tanto arraigados em universidades e organizações científicas, como apoiado por jornalistas e informantes sobre assuntos científicos em geral (DORNAN, 1999: 198).

O que torna o trabalho de Dornan particularmente interessante não são somente as limitações que identifica na literatura acadêmica sobre popularização científica, mas a perspectiva ideológica que o autor apresenta. Dornan acredita que, tal como descrito anteriormente, o discurso consensual sobre a divulgação científica desempenha um trabalho ideológico. O autor afirma que tão importante quanto identificar a preocupação dominante na literatura como limitada e repetitiva, é perceber que esse discurso:

(...) trabalha continuamente para sedimentar a percepção positivista, heróica e tradicional da ciência como uma avenida comprovada de acesso ao real - uma percepção que não somente tem sido seriamente questionada na filosofia da ciência, mas que também tem sido identificada na teoria social como uma ideologia crucial para a manutenção da sociedade capitalista tardia. Assim a preocupação dominante, ao amplamente ignorar aspectos ideológicos da ciência, firmemente afasta o tipo de perspectiva crítica oferecida por escritores como Feyerabend (1978), Foucault (1970; 1972), Habermas (1970), Lewontin, Rose e Kamin (1984), Marcuse (1964) e Reiss (1982) (DORNAN, 1999: 198).<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Minha tradução de: "Because the dominant view has remained isolated from developments in other academic disciplines (in particular those that point to the role of science and scientific rationality in the preservation and management of social order), it has promulgated a view of science that sees the enterprise purely in its guise as objective inquiry – and, indeed, the overall effort has been to entrench this view in press coverage and in popular imagination." (DORNAN, 1999: 198)

<sup>15</sup> Minha tradução de: "It works continuously to shore up the traditional, heroic, positivist understanding of science as an assured avenue of access to the real – an understanding that has not only been seriously questioned in the philosophy of science but has also been identified within social theory as an ideology crucial to the working of late capitalist society. Thus the dominant concern, in largely ignoring the ideological aspects of science, actively closes off the type of critical perspective offered by writers such as Feyerabend (1978), Foucault (1970; 1972), Habermas (1970), Lewontin, Rose and Kamin (1984), Marcuse (1964) and Reiss (1982)." (DORNAN, 1999: 198)

Para Dornan, enquanto outras áreas dos estudos midiáticos têm sido marcadas por uma perspectiva amplamente crítica, a representação científica produzida entre 1967 e 1987 foi marcada por um consenso imperturbável. O autor finaliza admitindo que, mais recentemente, têm surgido abordagens da cobertura jornalística sobre ciência que divergem do discurso consensual, mas que não constituem ainda uma voz uniforme. Na mesma linha de Dornan, Myers (2003) afirma que os pressupostos do que poderia ser chamado de visão “canônica” ou “dominante” da popularização científica fundamentam-se em que há uma nítida separação entre os discursos produzidos pelas instituições científicas e os discursos produzidos fora delas.

Myers (2003) cita alguns dos pilares que têm sustentado esta visão da divulgação científica, alguns dos quais mencionados por Dornan (1999) acima: os cientistas e as instituições científicas são a autoridade no que constitui a ciência; o conhecimento científico move-se em uma única direção, da comunidade científica para a comunidade leiga, considerada uma “página em branco”; etc. Myers (2003) afirma que estudos mais recentes, Calsamiglia (2003), Fuller (1998) e Wynne (1998), são propensos ao questionamento destes pilares e, portanto, da visão dominante da divulgação científica. Para o autor, uma atitude passiva diante destes pilares ou pressupostos invalida o trabalho do analista do discurso, que não deve considerar a questão da autoridade um aspecto essencial da ciência e, sim, um aspecto construído.

Enquanto Dornan (1999) ocupa-se da perspectiva acadêmica sobre a divulgação científica, e Peters (1999) da relação entre jornalistas e especialistas em ciência, Wynne (1998), cujo trabalho é apresentado em seguida, problematiza a relação entre cientistas e leigos. O trabalho deste autor questiona, como confirma Myers (2003), alguns dos pilares da visão dominante da divulgação científica, a saber, que o conhecimento científico produz-se unidirecionalmente e que a comunidade leiga não possui nenhum conhecimento relevante para a produção científica. Wynne (1998) realiza um estudo de caso no qual analisa a relação conflituosa entre identidades sociais e culturais de fazendeiros criadores de ovelhas e cientistas. O contexto do estudo de caso é o das colinas do Lake District, norte da Inglaterra. Em 1986, criadores de

ovelhas da região tiveram suas terras e pastagens contaminadas por um vazamento de radioatividade decorrente do acidente na usina nuclear em Chernobyl. Trazida pela água da chuva, a radioatividade contaminou os rebanhos de ovelhas de toda a região. Representantes do governo e cientistas controlaram o pânico, diminuindo a importância do acidente, mas em 20 de junho de 1986, emitiu-se a proibição de venda dos rebanhos.

Wynne relata como os cientistas asseguraram que a proibição duraria apenas três semanas e que o nível de contaminação das ovelhas diminuiria. A mesma promessa foi ouvida repetidas vezes por cerca de 4.000 fazendeiros, legalmente impedidos de comercializar seus rebanhos. Toda a economia local, dependente, direta ou indiretamente, da venda de ovelhas em tempo hábil para o reinício do ciclo produtivo, corria risco de entrar em colapso. Pouco a pouco, as propriedades foram liberadas, restando 500 e finalmente 150 fazendas cuja liberação não foi emitida. Estas 150 propriedades localizavam-se próximas à área onde estava outra usina, Sellafield, que em 1957 havia tido o mais grave acidente com material nuclear antes de Chernobyl. Sellafield já havia sido acusada de causar leucemia às crianças da região, de eliminar material radioativo no meio ambiente e de contaminar praias locais acima dos níveis permitidos pela lei. Diante deste quadro, Sellafield gozava de uma imagem pública frágil, principalmente porque mais tarde descobriu-se que o incêndio de 1957 havia sido provocado para que problemas de contaminação em torno da usina fossem relacionados ao incêndio, e não a uma longa história de negligência e liberação de tóxicos no ambiente. Repetidamente, como afirma Wynne (1998: 30), cientistas e representantes do governo tranquilizaram os fazendeiros da região, assegurando-lhes que a contaminação de suas ovelhas não era proveniente de Sellafield, mas de Chernobyl. O autor explica que admitir a possibilidade de que a contaminação dos rebanhos fosse proveniente de Sellafield, implicaria em, uma vez mais, admitir a falta de controle público sobre as atividades da usina.

Wynne afirma que os cientistas inicialmente tranquilizaram os fazendeiros sobre o período da proibição da venda dos rebanhos, garantindo que seria curto. Prolongaram a proibição

pouco a pouco, até finalmente admitir que haviam cometido um erro de previsão. Ao contrário do que haviam assegurado os cientistas, o tipo de radiação nas cerca de 150 fazendas restantes não era proveniente apenas de Chernobyl, mas também de Sellafield. Entrevistas com fazendeiros da região demonstraram que estes identificavam os cientistas como envolvidos em uma conspiração com o governo. Para Wynne (1998: 39), a causa de tais percepções estaria na necessidade dos cientistas de demonstrar, quando em pronunciamentos públicos, níveis de certeza, confiança e autoridade que não deixassem dúvida sobre a fiabilidade de suas afirmações. Segundo o autor, um modo produtivo de analisar as interações entre os fazendeiros e os cientistas nesse caso seria ver como cada grupo social expressa e defende sua identidade social. O autor expõe o quadro da seguinte maneira:

Os fazendeiros percebem os cientistas como negando, e desta forma ameaçando, sua identidade social quando ignoram seu conhecimento especializado e suas práticas nas fazendas, incluindo seu estilo de tomada de decisão flexível. (...) Os cientistas, por outro lado, expressavam e reproduziam seu enquadramento intelectual e administrativo de predição, padronização e controle, no qual incertezas são ‘naturalmente’ eliminadas e objetos contextuais, tais como os fazendeiros e suas fazendas, são padronizados e lacrados em uma ‘caixa-preta’ de forma coerente com a prática cultural dos cientistas.” (WYNNE, 1998: 39) <sup>16</sup>

Wynne chama a atenção para a complexa interdependência existente entre os atores sociais envolvidos em seu estudo de caso. Muitos dos fazendeiros se identificavam socialmente com familiares, amigos e vizinhos que trabalhavam em Sellafield, e por isso não a criticam ostensivamente. A orientação teórica do autor pode ser associada a perspectivas que “tratam as identidades como intrinsecamente incompletas e abertas, que buscam uma coerência provisória através dos múltiplos papéis sociais e referências de grupo” (WYNNE, 1998: 43). Wynne lembra que “crenças e valores são funções de relações sociais e padrões de identificação moral e social” (WYNNE, 1998: 43). Ao não atacar Sellafield, os fazendeiros situavam-se socialmente em relação de interdependência com a usina, apesar de compreenderem o impacto dos problemas por

---

<sup>16</sup> Minha tradução de: “The farmers experience the scientists as denying, and thus, threatening, their social identity by ignoring the farmers’ specialist knowledge and farming practices, including their adaptive decision-making idiom. (...) The scientists on the other hand were expressing and reproducing their intellectual-administrative framework of prediction, standardisation and control, in which uncertainties were ‘naturally’ deleted, and contextual objects, such as the farmers and their farms, were standardised and ‘black-boxed’ in ways consistent with this cultural idiom.” (WYNNE, 1998: 39)



ela causados. Um importante aspecto da investigação empreendida por Wynne (1998) é sua percepção de como a dimensão cultural determina a interação entre especialistas em ciência e o público leigo, nesse caso em particular, fazendeiros criadores de ovelhas.

Pode-se dizer que o conjunto de trabalhos discutidos nesta seção sinaliza que tanto o conhecimento científico como as formas sociais de sua partilha incorporam prescrições sociais e culturais em sua estrutura. Em outras palavras, o conhecimento não apenas é negociado e (re)elaborado no âmbito social, mas é também produzido a partir de valores e normas de conduta, tais como, para citar o exemplo discutido logo acima, a necessidade dos cientistas de demonstrar segurança e invulnerabilidade. Assim é que as diferentes vozes chamadas a participar dos processos discursivos, através dos quais o conhecimento científico é produzido e socializado, pertencentes a membros da comunidade acadêmica ou jornalística e do grande público, engendram múltiplas representações uns dos outros, de si mesmos, da ciência e da realidade social.

## **2.5 Arremate**

O conhecimento científico e suas formas de socialização têm desempenhado um papel cada vez mais importante na estruturação da vida na sociedade contemporânea. O acesso à informação e seu controle são fatores que têm alimentado o vínculo entre o capitalismo, os Estados modernos e a ciência. O conhecimento científico e suas representações em diferentes âmbitos da vida social estão, portanto, inevitavelmente associados a interesses políticos e econômicos, contextos sociais e culturais e a circunstâncias institucionais. A ciência e suas formas de apropriação e partilha social estão longe de ser socialmente neutras, influenciando e sendo influenciadas pelas relações estabelecidas entre os vários grupos de atores sociais envolvidos de diferentes maneiras da constituição da sociedade.

A comunidade acadêmica, através de artigos acadêmicos, e os responsáveis pela popularização da ciência na mídia, através dos artigos de divulgação científica, instituem diferentes circuitos para o saber. Como todas as realizações semióticas, artigos acadêmicos e de divulgação científica integram práticas sociais histórica, econômica e culturalmente localizadas, influenciadas por e geradoras de relações assimétricas de poder. A linguagem empregada em ambos os gêneros possui características lexicais e gramaticais que realizam características do sistema semiótico mais geral que compartilham e em relação ao qual se posicionam de forma ortogonal.

Conhecida em francês como *vulgarization scientifique*, em inglês como *popularizations* ou *science journalism* e em espanhol como *periodismo científico*, a divulgação científica, termo frequentemente utilizado em português, é entendida nesta tese como uma prática discursiva, que articula significados constituídos no âmbito de uma cadeia intertextual mais ampla, dos discursos da ciência, de forma funcional, em relação ao objetivo de ampliação dos limites de convivência social com o conhecimento científico, para além dos círculos institucionais acadêmicos. Ao ampliar estes limites de convivência, a divulgação científica configura-se como um espaço de interação em que são negociadas, de forma recíproca, identidades tais como a do cientista, a do leigo e a do próprio conhecimento científico. Este espaço está regulado, prioritariamente, por padrões de interação característicos do discurso midiático. (DORNAN, 1999; FULLER, 1998; PETERS, 1999; WYNNE, 1999; CALSAMIGLIA, 2001 e 2003; MYERS, 2003; OLIVEIRA, 2003)

Existe uma relação de interdependência no processo de construção de identidades e representações sociais e discursivas elaboradas pelos atores sociais envolvidos nos diferentes processos de produção e socialização do saber. Em outras palavras, o conhecimento científico produzido no âmbito da comunidade acadêmica necessita de gêneros como o artigo de divulgação científica para circular na sociedade. O artigo acadêmico e o de divulgação científica, contudo, não estão diretamente relacionados, o segundo não é uma simplificação ou uma tradução do

primeiro (DORNAN, 1999; CALSAMIGLIA & FERRERO, 2001 e 2003; MYERS, 2003): cada um deles constitui uma forma de circulação do saber, articulando de forma específica representações dos atores sociais envolvidos no processo de produção e divulgação do conhecimento.

### 3 SEMIÓTICA SOCIAL

O capítulo anterior refletiu sobre usos cultural e socialmente informados da linguagem da ciência e de seus discursos. O objetivo deste capítulo é conduzir esta reflexão para o âmbito da Lingüística Aplicada, mais especificamente, para o “lugar” a partir do qual elabora-se a presente discussão: os estudos da linguagem como semiótica social, numa perspectiva sistêmica, funcional e probabilística. Neste capítulo, faz-se uma apresentação da literatura que constitui o marco teórico sobre o qual se edifica esta forma particular de reflexão sobre a linguagem e destaca-se a perspectiva a partir da qual a linguagem da ciência e seus discursos constituem objeto de análise nesta tese. Interessa refletir sobre aspectos dos processos através dos quais Escritores empregam a linguagem da ciência, negociando a presença de diferentes vozes na tessitura discursiva de textos vinculados aos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica. Em outras palavras, a negociação da presença de diferentes vozes em textos científicos e sobre ciência representa, nesta investigação, um ponto que participa em dois diferentes planos: o primeiro, o do registro, vinculado ao contexto de situação; o segundo, o do gênero, vinculado ao contexto de cultura. Propõe-se, portanto, uma análise empírica que situa-se na interface entre os gêneros artigo acadêmico e de divulgação científica, e os registros que encenam os textos, vinculados aos referidos gêneros.

Para efeitos de estabelecimento de uma terminologia consistente, relevante para a discussão que será elaborada em seguida, como já anunciado na Introdução, os termos Escritor e Autor, quando empregados em seu sentido técnico, serão grafados com letra inicial maiúscula, sem aspas. Com base em Thompson e Yiyun (1991), nesta tese, convencionaliza-se o termo Escritor, designando um indivíduo ou coletivo que, ao elaborar um texto, figura como responsável por sua forma particular de estruturação. O termo Autor designa uma voz chamada pelo Escritor, através de processos intertextuais, a integrar a tessitura discursiva de um dado texto. Note-se que o Escritor pode ser um escritor, escritora ou associação de escritores, pode ser desconhecido ou

não identificado/ identificável. De forma análoga, a figura do Autor representa aqui não apenas uma voz masculina, mas toda e qualquer fonte de discurso representado no texto do Escritor, tais como vozes do sexo feminino e fontes escritas ou orais de qualquer natureza.

Também para efeitos de padronização, no que diz respeito à tradução de termos da Gramática Sistêmico-funcional para o português, a presente tese adota, sempre que disponíveis, termos aprovados para utilização pelos participantes do grupo de discussão [gsfemporugues@egroups](mailto:gsfemporugues@egroups). Em relação à exemplificação, é conveniente esclarecer que todos os exemplos, exceto que se explicita o contrário, são provenientes do corpus desta pesquisa e que encontram-se numerados, sendo que a numeração é reiniciada a cada nova seção.

## 3.1 Gramática Sistêmico-funcional

Nesta seção, amplia-se a discussão iniciada no capítulo anterior sobre a especificidade da linguagem da ciência em relação ao sistema semiótico do qual deriva na perspectiva da Gramática Sistêmico-funcional. Para tanto, apresenta-se em seguida o principal referencial teórico da presente investigação: a proposta de aproximação da linguagem verbal, adulta e não artificial desenvolvida no trabalho de M. A. K. Halliday. O autor publicou *An introduction to functional grammar*<sup>17</sup> em 1985, realizou uma revisão desse trabalho, reeditando-o em 1994. Dez anos mais tarde, o autor publica a terceira edição da gramática, agora com revisão de Christian Matthiessen. Halliday reconhece que a terceira edição situa-se em uma fronteira limite entre um novo livro e uma revisão. Particularmente importante na terceira edição, deve-se ressaltar, é o recurso à exemplificação da teoria com corpus de textos autênticos e a explícita defesa da utilidade de grandes quantidades de dados para a validação e desenvolvimento de teorias lingüísticas. Um importante ponto que as três edições compartilham é a convicção de que, apesar de constituir uma proposta complexa e fruto de mais 20 anos de reflexão, continua sendo uma introdução à

---

<sup>17</sup> HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

gramática funcional. Halliday, assim, admite que o fenômeno da linguagem é muito mais complexo do que a teoria sistêmica, ou qualquer outra teoria, possa atualmente explicar e que sua proposta segue aberta a reformulações, caso sejam necessárias.

A teoria sistêmica recebe seu nome por representar a língua através de redes de sistemas inter-relacionados e não um inventário de estruturas. Nesta teoria, “a língua é um recurso para a produção de significado, e o significado reside em padrões de escolha sistemáticos” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 23). Este significado, contudo, é social, daí a abordagem da linguagem como semiótica social: “uma realidade social (ou uma cultura) é em si mesma um edifício de significados – um construto semiótico” (HALLIDAY, 1978: 2). Uma língua é um dos sistemas semióticos que constitui uma cultura, esta tomada como um sistema de informação. Neste sentido, o fenômeno da linguagem é abordado sob uma perspectiva funcional, pois a língua é um instrumento através do qual as relações sociais são estabelecidas, desenvolvidas e mantidas.

Explorar o fenômeno lingüístico, a partir de uma perspectiva funcional, permite perceber suas diferentes formas de manifestação: texto e sistema; som, escrita e gramática; estrutura, que organiza partes; recurso, realização de escolhas entre alternativas. Deve-se entender que a língua é um sistema semiótico complexo, constituído por outros sistemas, diferentes *strata*: o sistema do som ou fonológico (produção de ondas sonoras, perturbações materiais não acidentais que se propagam no ar), o sistema da escrita ou ortográfico (conjunto finito de caracteres reproduzidos materialmente para representar significados, letras e sistemas de pontuação) e a gramática (sistema abstrato que engloba tanto o léxico quanto a sintaxe de uma língua e estabelece as possibilidades de combinação dos outros dois sistemas para a criação e realização de significado) (HALLIDAY, 1978; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004).

Halliday (2005), adotando uma perspectiva que compara a evolução, o desenvolvimento e o funcionamento do sistema lingüístico a sistemas não semióticos, sistemas biológicos, matemáticos e astrológicos, adota uma visão da língua como um sistema aberto, dinâmico e meta-estável. Sistemas deste tipo “persistem através da interação constante com seu

meio ambiente” (HALLIDAY, 2005: 44), e o meio ambiente do sistema lingüístico é seu contexto de cultura. O texto torna-se assim o modo através do qual o sistema lingüístico se instancia: nos processos de interação (textual) entre as pessoas e, simultaneamente, no evento, ou conjunto infinito de eventos, que constituem o sistema da língua e lhe concedem forma meta-estável.

É necessário distinguir entre o sistema lingüístico, conjunto de diferentes sistemas, e a estrutura de uma língua. A Gramática Sistêmico-funcional os posiciona em eixos de representação lingüística inter-relacionados: o eixo paradigmático e o sintagmático. Representada como sistema, uma língua oferece um potencial de processos de significação e se localiza no eixo paradigmático. Nele, são definidos que elementos de uma língua *poderiam* relacionar-se a que outros elementos. Representada como estrutura, uma língua constitui um conjunto ordenado de padrões e regularidades e se localiza no eixo sintagmático. Neste eixo, são definidos que elementos *efetivamente* se combinam com que elementos de uma língua em um dado processo de comunicação verbal. (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY E MATTHIESSEN, 2004)

Halliday e Matthiessen consideram a gramática de uma língua sua “unidade central de processamento”, onde o significado é gerado, sendo “natural que os sistemas de som e escrita, através dos quais os significados são expressos devam refletir a organização estrutural da gramática” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 21). Para os autores, a gramática guarda interfaces com o que acontece fora do mundo da linguagem, ou seja, os acontecimentos e condições do mundo material, com os processos sociais através dos quais os atores sociais se relacionam. Tal interface advém da perspectiva funcional adotada para a abordagem do fenômeno lingüístico: a língua tem as funções básicas de dar sentido à experiência e permitir a inter-relação entre as pessoas em um dado contexto, que é histórico, social e cultural. Para que seja funcional, nesse sentido, a unidade central para a geração de significado de uma língua, sua gramática, deve interagir com o mundo da experiência material, extra psicológico. Uma gramática é muito mais que um conjunto prescritivo ou descritivo de regras de combinação de elementos sonoros e

gráficos: a gramática de uma língua representa uma teoria da experiência humana. (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004)

Os diferentes sistemas de uma língua se combinam, oferecendo ao falante ou escritor, no eixo parasintagmático, uma ampla rede de opções para a materialização do significado. Um texto, seja ele escrito ou oral, constitui um conjunto de escolhas nessa rede de sistemas. Numa perspectiva analítica, o texto pode ser um artefato ou um espécie. Como artefato, ele desempenha funções comunicativas socialmente contextualizadas, porta significados e pode ser lido de diferentes maneiras. Como espécie, o texto está relacionado ao sistema lingüístico do qual deriva, sendo limitado por uma rede potencial de processos de significação e materializando alguns em particular. Halliday e Matthissen afirmam que não se pode explicar o que quer dizer um texto, com todas as leituras e valores que lhe podem ser atribuídos, sem que ele seja relacionado ao sistema lingüístico mais geral; de forma análoga, o texto não pode ser utilizado como “uma janela para o sistema a não ser que compreendamos o que ele significa e por quê” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 3).

É relevante ressaltar que é justamente esta visão paradigmática do sistema lingüístico (não somente sintagmática), que permite o tratamento probabilístico da frequência de escolhas realizadas durante o processo de instanciação textual. Halliday afirma de maneira categórica: “um sistema lingüístico é intrinsecamente probabilístico” (HALLIDAY, 2005: 45). O autor explica que a interpretação de um sistema lingüístico, em termos probabilísticos, pressupõe uma gramática paradigmática, ou seja, uma gramática “capaz de representar a língua como escolha, já que probabilidade é a probabilidade de ‘seleção’ (não de forma consciente, é claro) de uma coisa ao invés de outra” (HALLIDAY, 2005: 45). Assim, o modelo sistêmico, adotado na Gramática Sistêmico-funcional, é aquele desenvolvido originalmente por Firth. Como coloca Halliday:

O sistema, na teoria do sistema-estrutura de Firth, é a categoria que modela as relações paradigmáticas: assim como uma **estrutura**, no uso especializado firthiano do termo, é um sintagma profundo, por assim dizer, o sistema é um paradigma profundo. O sistema



(...) especifica as oposições ou conjuntos de alternativas, para as quais um lugar definido na estrutura fornece a condição de entrada (HALLIDAY, 2005: 133)<sup>18</sup>

Textos são resultado da inter-relação entre: i) o processo através do qual o falante age sobre o sistema lingüístico, realizando escolhas, ou seja, selecionando processos de significação na rede potencial que lhe oferece um dada língua e ii) o processo através do qual o usuário de uma língua age sobre os diferentes sistemas que a constituem (som, escrita, gramática), combinando-os, para que seu texto possa ser apreciado pelos demais falantes. Halliday e Matthiessen chamam o primeiro processo, em inglês, *instantiation*, e o segundo *realization* (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 33). Nesta tese, como antes anunciado, são adotados os termos de Gramática Sistêmico-funcional, em português, aprovados para utilização pelos participantes do grupo de discussão [gsemporugues@egroups](mailto:gsemporugues@egroups). Os termos *instanciation* e *realization*, contudo, não fazem parte da lista divulgada pelo grupo. Na presente tese, dir-se-á que um texto *instancia* e *realiza* um dado sistema lingüístico.

Um texto em particular e o sistema lingüístico ao qual aquele pertence podem ser situados em dois pólos de um contínuo. É possível observar padrões intermediários de semelhança entre diferentes textos que instanciam e realizam um mesmo sistema lingüístico. Tais padrões intermediários de semelhança são o que Halliday e Matthiessen chamam tipos de texto, ou seja, grupos de textos que instanciam e realizam a língua, compartilhando um dado conjunto de características relacionadas ao registro e/ ou ao gênero ao qual vinculam-se. Estas características são determinadas a partir de critérios que poderiam, como afirmam os autores, ser provenientes de qualquer sistema do sistema lingüístico geral.

Para Halliday e Matthiessen, quando um tipo de texto ou vários têm seu conjunto de características compartilhadas determinado por um tipo de contexto em particular, lidamos com um registro. Visto como um padrão que instancia um dado sistema lingüístico, “um registro pode

---

<sup>18</sup> Minha tradução de: “The system, in Firth’s system-structure theory, is the category which models paradigmatic relations: just as a **structure**, in Firth’s specialized use of the term, is a deep syntagm, so to speak, so a system is a deep paradigm. The system (...) specifies the oppositions, or sets of alternatives, to which a defined place in structure provides the condition of entry” (HALLIDAY, 2005: 133)

ser entendido como um conjunto particular de probabilidades sistêmicas” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 27). Isto equivale a dizer que, uma vez que sejam identificados traços lingüísticos de um registro característico de um dado contexto, seria possível prever que textos, elaborados para satisfazer este mesmo contexto, apresentariam traços semelhantes. Também seria possível identificar quais seriam as características de um dado registro através da observação de um grupo de textos funcionais em relação a um tipo de contexto específico. Eggins e Martin (1997) explicam que, em termos técnicos, o impacto do contexto sobre a língua é o de tornar alguns significados mais prováveis que outros, mas lembram que a relação entre o contexto e o registro é probabilística, e não determinística.

Na Gramática Sistêmico-funcional, além da variação de registro, textos também variam em relação ao gênero que realizam. A noção de gênero adotada nesta gramática está influenciada pela teoria bakhtiniana que a define como “‘tipos relativamente estáveis’ de enunciados interativos” (EGGINS & MARTIN, 1997: 236). Martin (1997) afirma que gêneros estão relacionados a sistemas de processos sociais e acrescenta que os princípios que relacionam diferentes processos sociais estão vinculados à textura, ou seja, à forma como as variáveis do registro se apresentam em textos. Isto significa, como explica o autor, que as noções de gênero e registro são complementárias para o estabelecimento de relações entre diferentes textos. Martin e Rose (2003) referem-se ao termo gênero como a encenação de um processo social centrada na realização de objetivos. Tal forma de conceber gêneros parte de uma perspectiva funcional que relaciona gêneros e propósitos sociais. Eggins e Martin afirmam que “gêneros diferentes são modos diferentes de usar a linguagem para realizar atividades culturalmente estabelecidas, e textos de gêneros diferentes são textos que realizam diferentes objetivos na cultura” (EGGINS & MARTIN, 1997: 236). Os autores explicam que a noção de registro, mais diretamente relacionada ao contexto de situação, e a noção de gênero, mais diretamente relacionada ao contexto de cultura, constituem “as duas principais dimensões de variação entre textos” (EGGINS & MARTIN, 1997: 251).

A partir da perspectiva elaborada pela Gramática Sistêmico-funcional, que situa gêneros e registros em dimensões de complementaridade, a presente tese elabora seu objeto de estudo: aspectos léxico-gramaticais, implicados na negociação da presença de diferentes vozes em textos científicos, vinculados ao gênero artigo acadêmico, e textos sobre ciência, vinculados ao gênero artigo de divulgação científica. Propõe-se a seguinte metáfora, que utiliza a linguagem matemática, para elucidar a relação do objeto desta investigação com as dimensões de variação textual, gênero e registro: um dado ponto, no espaço, participa, simultaneamente, em diferentes planos; os aspectos léxico-gramaticais, responsáveis pela sinalização da presença de diferentes vozes, no discurso, e pela negociação da distância discursiva entre elas, pode ser entendido como este ponto. Um dos planos nos quais participa é a dimensão de variação do registro, relacionada ao contexto de situação. Nesta dimensão de variação, são satisfeitas as condições relacionadas à tessitura discursiva, para que um dado texto tenha sucesso em um contexto específico. Outro plano no qual o ponto, objeto desta pesquisa, participa, é a dimensão de variação do gênero do discurso. Nela, a linguagem organiza-se segundo propósitos sociais, relacionados à realização de práticas específicas, situadas no contexto de cultura. A abordagem probabilística do comportamento citacional, como ora proposta, localiza-se na interface entre as duas principais dimensões de variação textual, e, portanto, fornece dados relevantes para a compreensão de ambas.

Pode-se dizer que, na Gramática Sistêmico-funcional, trabalha-se com a idéia de um contínuo que, no âmbito da representação lingüística, posiciona em seus dois pólos opostos o sistema de uma língua (potencial de representação) e um texto (instância e realização deste sistema). Entre estes pólos, encontram-se associados repertórios de registros e gêneros, que estabelecem um subpotencial de representação do significado. Paralelamente a este contínuo, mas no âmbito da experiência ecossocial, posicionam-se os pólos do contexto da cultura (relacionado ao sistema lingüístico) e o contexto da situação (relacionado ao texto). No campo intermediário, relacionando-se aos tipos de texto e registros apropriados a um contexto comunicativo, localizam-

se as instituições, que determinam tipos de situação. Entende-se, portanto, que existe uma intrínseca relação entre o sistema lingüístico e a organização da experiência ecossocial. Halliday e Matthiessen explicam que “a experiência é recordada, imaginada, abstraída, metaforizada e mitologizada – o texto tem o poder de criar seu próprio contexto; mas ele tem este poder porque o sistema evoluiu através da produção de significado a partir do contexto que lhe era oferecido” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 29).

Na Gramática Sistêmico-funcional, cada elemento da língua é explicado com referência a sua função no sistema lingüístico como um todo. As funções básicas da linguagem são i) representar a experiência humana e ii) estabelecer, no âmbito da representação, relações sociais e pessoais com os demais indivíduos: a primeira é denominada na Gramática Sistêmico-funcional como metafunção ideacional, que se desdobra em dois componentes, o experiencial e o lógico; a segunda é denominada metafunção interpessoal. Enquanto a metafunção ideacional instancia um sistema lingüístico como uma “representação”, a metafunção interpessoal o instancia como “interação”. Uma terceira metafunção torna-se então necessária para a representação da língua como “discurso”, ou seja, para sua realização textual. Na Gramática Sistêmico-funcional, denomina-se a terceira metafunção básica da linguagem metafunção textual. Ela organiza e concilia as duas primeiras através da construção de seqüências discursivas –orações- e estruturação do fluxo textual de forma coerente e coesa. Inter-relacionadas, as três metafunções oferecem uma teoria da experiência humana, já que evoluem de maneira funcional em relação a esta experiência.

Na esfera ideacional, a realidade é representada em orações<sup>19</sup> através de processos, participantes e circunstâncias de tempo, espaço, modo ou causa, relativas ao desenvolvimento da ação. Este é o sistema da transitividade, que, através de diferentes processos, configura diferentes

---

<sup>19</sup> Na gramática funcional e neste trabalho, o termo ‘oração’ constitui uma unidade gramatical, enquanto os termos ‘sentença’ ou ‘período’ correspondem a unidades do sistema ortográfico, delimitadas por uma letra inicial maiúscula e um ponto final, de exclamação ou interrogação. Uma sentença pode conter uma ou mais orações. Orações gramaticalmente relacionadas em uma mesma sentença são denominadas ‘complexo oracional’. Cada conexão entre orações dentro de um complexo oracional é chamado ‘nexo oracional’ (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 8, 369, 371).

tipos de participantes. Na Gramática Sistêmico-funcional, os processos estão classificados em três tipos principais: materiais, mentais e relacionais. Processos materiais representam a realidade externa ao falante, processos mentais a realidade psicológica e processos relacionais servem para a atribuição de características identitárias. Além destes três tipos principais de processos, formando um contínuo entre a realidade material e a psicológica, se situam os processos comportamentais, que representam estados fisiológicos e ações corporais. Entre os processos mentais e relacionais, estão os processos verbais, através dos quais se expressam as relações discursivas. Por último, entre os processos relacionais e materiais, classificam-se os processos existenciais, que representam o que existe ou acontece.

Na esfera interpessoal, a realidade é representada por orações num intercâmbio de informação entre um falante ou escritor e sua audiência. O principal sistema gramatical envolvido nessa metafunção é o sistema do modo. Nele os participantes no discurso adotam papéis comunicativos na interação, oferecendo ou requisitando informação, basicamente através de orações declarativas ou interrogativas. Através da metafunção interpessoal, realizam-se diferentes níveis de certeza sobre a informação oferecida e uma certa atitude sobre o que se comunica. Destaca-se, nesse metafunção, a esfera interativa da linguagem.

Na esfera textual, a realidade é estruturada em orações como mensagem. Os sistemas de estruturação textual da mensagem são o sistema temático ou Tema/Rema e o sistema da informação nova/dada. Na Gramática Sistêmico-funcional, o sistema tema/remas organiza a oração, demonstrando seu contexto local de interpretação em relação ao contexto geral do texto. Em inglês, português e várias outras línguas, o tema tem posição inicial na frase, e tudo que o segue é chamado de rema (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 64).

Inter-relacionadas, as três metafunções, acima explicitadas, representam a realidade, estabelecem relações sociais entre interactantes, no nível do discurso, e estruturam a realidade e as relações sociais em mensagens que refletem e materializam o sistema lingüístico. Esta interrelação delimita uma gramática, ou seja, uma forma particular de estruturar ideacional,

interpessoal e textualmente a experiência humana. No capítulo 2 desta tese, seção **2.2 A linguagem da Ciência**, discutiu-se a peculiaridade da linguagem da ciência em relação ao sistema semiótico geral. Recupera-se brevemente essa discussão para exemplificar o que, na perspectiva da Gramática Sistêmico-funcional, se entende por reconstrução da experiência humana através de uma gramática.

Se se aceita o fato de que a linguagem é funcional em relação à organização e percepção da experiência ecossocial, também se deve esperar que uma dada forma de conceber a realidade gere uma maneira particular de estruturá-la através das três metafunções da linguagem. Investigando a linguagem da ciência, Halliday chega à conclusão de que as teorias científicas constituem releituras da experiência ecossocial mais ampla. O autor identifica uma gramática particular, característica de uma forma específica de conceber a realidade. Segundo Halliday, “uma teoria científica (...) é um subsistema semiótico delicado e parcialmente configurado que reconstrói certos aspectos ou componentes da experiência humana de forma diferente no processo de sua abertura à observação, investigação e explicação” (HALLIDAY, 1998: 194).

Halliday analisa escritos de Chaucer, Newton, Galileu, Priestley e autores contemporâneos, adotando uma perspectiva histórica<sup>20</sup>. Em seus estudos, o autor demonstra como, histórica e progressivamente, os cientistas manipulam o sistema semiótico geral, ampliando seu poder referencial e expandindo seu potencial lógico-semântico. O poder referencial da língua é ampliado na criação de taxonomia técnica. Elementos de taxonomia são “objetos virtuais” que se acrescentam à linguagem cotidiana, enriquecendo-a como fruto da experimentação. Quanto ao potencial lógico-semântico da língua, sua expansão advém do fato de que os cientistas passam a explorar relações oracionais não típicas da linguagem cotidiana para construir “uma corrente lógica”, ou, em outras palavras, para relacionar suas observações a suas conclusões como em uma corrente fortemente conectada (HALLIDAY, 1998: 195). Sobre a expansão do poder referencial

---

<sup>20</sup> Halliday focaliza sua análise nas ciências físicas e entre suas principais fontes históricas estão: o que ficou conhecido como *Treatise on the Astrolabe*, escrito em 1391 por Chaucer para seu filho de dez anos de idade; *Optics*, de Isaac Newton, publicado em 1704; e *History and Present State of Electricity*, de Joseph Priestley, publicado em 1767. (HALLIDAY, 1993; 1998)

da língua e da elaboração de formas criativas de explorar seu potencial lógico-semântico, Halliday explica:

Sob uma perspectiva gramatical, estes dois processos discursivos, que partem da linguagem cotidiana em direção a uma linguagem elaborada de conhecimento sistemático e teoricamente modulado, dependem ambos, sobretudo, do mesmo recurso: a transformação metafórica de uma forma oracional em uma forma nominal de construção. (HALLIDAY, 1998: 195)<sup>21</sup>

Ao analisar o tratado de Chaucer, Halliday o caracteriza como um discurso “proto-científico”, herdado da tradição grega e do latim medieval. Já podem ser identificados no texto de Chaucer: denominações técnicas, extensos grupos nominais, orações complexas que conectam a argumentação, do tipo “a, para/ então x”, orações que descrevem o evento estudado, com processos relacionais, para atribuições e definições, e o processo de estudo em si, com processos materiais e mentais. Para Halliday, estes seriam os principais motes através dos quais se concebeu o inglês científico, mas seu “registro de nascimento” deve atribuir-se a Newton, com seu tratado de Ótica, que substituiu aspectos que se assemelham a “manuais de instruções” presentes nos escritos de Chaucer por “um discurso da experimentação”, no qual nominalizações e projeções tornam-se recursos frequentes (HALLIDAY, 1993: 57).

As nominalizações são objeto de escrutínio de Halliday. Sobre o recurso à retextualização metafórica de processos e orações em formas nominais (como, por exemplo, quando em vez de dizer “os raios propagam” ou “divergem”, Newton se refere a sua “propagação” e “divergência”), Halliday explica que tal recurso proporciona, por um lado, a compactação de um fenômeno complexo em uma única entidade semiótica e, por outro, disponibiliza tal entidade para desempenhar funções retóricas explícitas no desenrolar da argumentação (HALLIDAY, 1993: 60). Tais funções retóricas, o sistema tema/rema e o sistema informação nova/informação dada, como explicado anteriormente, situam-se na metafunção textual da linguagem e se relacionam de variadas maneiras, provocando efeitos retóricos diversos.

---

<sup>21</sup> Minha tradução de: “Grammatically, these two discursive processes, which lead out of the daily language into an elaborated language of systematic theory-modulated knowledge, both depend first and foremost on the same basic resource: the metaphoric transformation of a clausal into a nominal mode of construal.” (HALLIDAY, 1998: 195)

Halliday sustenta a posição de que o estilo discursivo inaugurado por Newton, que influenciou toda a linguagem da ciência contemporânea, elaborava referências metafóricas e anafóricas, textualizando processos (verbos) e orações em entidades semióticas nominais (substantivos). Tais entidades constituem temas combinados à informação dada, atribuindo ao texto fluidez e poder argumentativo. A linguagem da ciência torna-se, assim, especificamente direcionada ao especialista capaz de compreender tais operações semântico-gramaticais. Halliday ressalta que o recurso da nominalização, “longe de ser um traço ritualístico ou arbitrário, é um recurso essencial para construir o discurso científico” (HALLIDAY, 1993: 61). Tais traços, no entanto, podem ser utilizados como sinais de prestígio e poder em outros contextos, como por exemplo, no burocrático, em que não seriam funcionais, mas meramente ritualizados.

A Gramática Sistêmico-funcional dedicou-se amplamente à investigação do fenômeno da metáfora gramatical como operação semântico-gramatical que constitui a linguagem da ciência e seus discursos. A proposta desta tese é, baseando-se nesta mesma abordagem, contribuir para a compreensão da linguagem da ciência e seus discursos, a partir da observação do comportamento citacional de Escritores de textos vinculados ao gênero artigo acadêmico e artigo de divulgação científica. O presente texto apresenta uma reflexão sobre a representação do discurso como operação semântico-gramatical que constitui relações de poder, autoridade e distância discursiva entre os Escritores e os Autores citados.

### 3.1.1 Gramática Sistêmico-funcional e o discurso meta-representado

Na Gramática Sistêmico-funcional, o processo através do qual um Escritor sinaliza a presença de diferentes vozes em seu texto constitui uma meta-representação lingüística e denomina-se “projeção”. Uma “projeção” estabelece “uma relação lógico semântica na qual uma oração passa a funcionar não como uma representação direta da experiência (não lingüística), mas



como uma representação de uma representação (lingüística)” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 441). Projeções são, portanto, um instrumento teórico estratégico para a presente investigação. Através delas é possível observar como diferentes vozes (representações lingüísticas) são representadas, também verbalmente, em outro contexto discursivo (a representação lingüística de uma representação também lingüística). É necessário retroceder um pouco para que seja possível entender que relação gramatical se estabelece entre uma oração projetada e sua oração projetante na perspectiva da Gramática Sistêmico-funcional.

Halliday e Matthiessen identificam duas dimensões de interpretação das relações entre orações. Na primeira dimensão, situa-se o sistema de interdependência oracional através do qual é possível observar o *status* dos elementos constituintes de um dado complexo, ou seja, se orações guardam uma relação de dependência entre si (hipotaxe) ou de independência (parataxe). Na parataxe, os elementos constituintes do complexo têm *status* análogo, um elemento ocupa posição inicial e o outro se posiciona em seguida. Já que são independentes, a ordem em que se apresentam não altera seu significado. Ressalte-se, no entanto, que a “independência” entre os elementos é entendida como uma “relação”, uma relação paratática. Na hipotaxe, estabelece-se uma relação de dependência entre um elemento dominante que modifica outro dependente. Halliday e Matthiessen referem-se a um par de orações em um complexo oracional como “primária” e “secundária”. Em uma relação paratática, a oração primária inicia o complexo e a secundária a sucede. Já em uma relação hipotática, a oração primária seria o elemento dominante, que modifica a oração secundária e, portanto, dependente. (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 374)

Na segunda dimensão de interpretação das relações entre os elementos de um complexo oracional, situa-se o sistema lógico-semântico, que estabelece relações entre processos. Halliday e Matthiessen afirmam que as relações lógico semânticas inter-oracionais podem ser, fundamentalmente, de dois tipos: expansão ou projeção. Enquanto na expansão, uma oração se

relaciona com outra expandindo-a, na projeção uma oração é projetada a partir de outra para a expressão de uma locução ou de uma idéia. (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 376)

O fenômeno da projeção deve ser entendido em sua bidimensionalidade: estabelece-se uma relação lógico semântica inter-oracional entre uma oração que se projeta sobre outra, sendo a oração projetada representada discursivamente como uma locução ou como uma idéia através de processos verbais ou mentais presentes na oração projetante; além da relação lógico semântica que estabelecem entre si, as orações do complexo oracional também se definem em relações de interdependência hipotáticas ou paratáticas. Halliday e Matthiessen (2004) também identificam dois outros casos nos quais existe uma oração projetada: os ‘encaixes de locuções e idéias’ -*embedded locutions and ideas*- e os fatos. No primeiro caso, não existe uma oração projetante, mas um substantivo de um processo mental ou verbal que serve de contexto gramatical para a projeção de uma oração –como em:

1) “A partir da **constatação** de que a sabedoria popular de fato tem fundamento, muitos pesquisadores deixaram o preconceito de lado e partiram para estudos mais profundos...” [Subcorpus Galileu]

em que “constatação”, forma nominal do processo constatar, projeta a oração sublinhada.

No segundo caso, não existe nem uma oração projetante nem uma forma nominal de um processo verbal ou mental, sendo a oração projetada apresentada como um fato, uma possibilidade ou uma prova em si mesma –como a oração sublinhada no exemplo seguinte:

2) “Mesmo assim, a possibilidade de existir vida marciana nunca foi descartada”. [Subcorpus IstoÉ]

Halliday e Matthiessen referem-se à relação lógico-semântica da expansão como um “macrofenômeno” e à projeção como um “meta-fenômeno”. Alguns dos usos discursivos da projeção, identificados pelos autores, são a atribuição de fontes de informação, no discurso jornalístico, a representação de perspectivas, no discurso da ciência, e a construção do diálogo nas narrativas. Halliday e Matthiessen (2004: 443) identificam três sistemas de diferenciação de projeções:

**a) O sistema do nível da projeção** – Uma projeção pode ser representada como i) uma idéia, um processo mental, e nesse caso constitui um fenômeno da experiência processado como significado – indicado pelo sinal ‘ ’; ou ii) uma locução, um processo verbal, e nesse caso constitui um fenômeno da experiência duplamente processado, primeiro como significado, depois como locução verbal – indicado pelo sinal “ ”;

**b) O sistema do modo de projeção** – Uma projeção pode ser representada através de uma i) citação ou “discurso direto”: uma oração projeta uma oração secundária que representa uma locução. A relação de interdependência entre as orações é paratática; ii) de um relato ou “discurso indireto”: uma oração projeta uma oração secundária, sendo a relação estabelecida entre as orações constituintes do complexo oracional hipotática. O terceiro modo de projeção é o iii) “discurso indireto livre”, que possui características tanto do “discurso direto”, pois possui estrutura paratática, como do “discurso indireto”, pois elabora um relato que não reproduz entre aspas a elocução representada;

**c) O sistema da função comunicativa da projeção** – Uma projeção pode ser representada como i) uma proposição declarativa ii) uma proposição interrogativa ou como iii) uma proposta<sup>22</sup>.

Numa perspectiva da Gramática Sistêmico-funcional, a construção do modo como vivemos a experiência cotidiana está baseada em modelos fornecidos pelas diferentes formas de associação de três componentes: os participantes envolvidos em uma ação ou processo, um processo que se desenvolve em um dado tempo e as circunstâncias associadas a este processo (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 175). Os participantes estão diretamente relacionados

---

<sup>22</sup> Seguindo a indicação da lista de discussão [gsfempportuguese@egroups](mailto:gsfempportuguese@egroups), o termo “proposta” é aqui utilizado para a tradução do termo em inglês de Halliday e Matthiessen *proposal*, que, engloba orações que realizam funções tais como ordens, pedidos, sugestões e ofertas. Os termos “proposição declarativa” e “proposição interrogativa” são aqui utilizados para a tradução do termo *proposition*, que se desdobra na gramática funcional em *statement*’ e *questions*. (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 457)

aos processos, sendo responsáveis por sua execução ou por ela afetados e variando segundo o tipo de processo empregado. Participantes e processos formam o que, na Gramática Sistêmico-funcional, denominou-se o “centro experiencial da oração” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 176).

Halliday e Matthiessen afirmam que meta-fenômenos, projeções, “podem somente ser associados a certos tipos de processos, essencialmente do dizer e do sentir, além de algumas circunstâncias do ser” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 441). Os autores também declaram que orações “verbais” e “mentais” são caracterizadas por sua habilidade para introduzir o que é dito ou pensado na forma de relatos, “propriedade que as distingue de todos os outros tipos de processos” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 175). Pode-se entender, portanto, que, para os autores, uma representação lingüística de outra representação lingüística não pode ser projetada por processos materiais ou comportamentais, por exemplo, já que a capacidade de realizar projeções é teorizada como uma característica que qualificaria, especificamente, processos mentais e verbais.

Por outro lado, Halliday e Matthiessen afirmam que o fenômeno do “dizer”, em inglês *saying*, “deve ser interpretado de forma bastante ampla”, servindo para designar “qualquer tipo de troca simbólica de significado” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 253). Os autores lembram que, ainda que haja processos tipicamente característicos de cada uma das categorias – verbal, mental, material, etc-, um princípio fundamental do sistema é, justamente, o da indeterminação, o que os autores chamam de “indeterminação sistêmica”. Refletindo sobre a natureza do dizente, a entidade que realiza a ação representada pelo processo verbal, Halliday e Matthiessen chegam a sugerir que processos verbais seriam melhor denominados como “processos simbólicos” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 254). Tal afirmativa dá a entender que existe, na Gramática Sistêmico-funcional, o reconhecimento da possibilidade da ocorrência de processos não tipicamente classificados como verbais, atuando como tais. Ocorrências deste tipo de processos não estão registradas em Halliday (1994) ou Halliday e

Matthiessen (2004). O fato de que os autores notem a necessidade de ampliar o fenômeno do dizer para um processo de troca simbólica percebido de forma mais ampla, no entanto, parece indicar que, ao menos em princípio, projeções poderiam estar associadas a processos não tipicamente classificados como verbais.

O objetivo desta seção foi apresentar os aspectos mais relevantes da Gramática Sistêmico-funcional para a proposta de reflexão a que esta tese se dedica, a compreensão da linguagem da ciência e seus discursos, a partir da observação do comportamento citacional de Escritores de textos vinculados ao gênero artigo acadêmico e artigo de divulgação científica. A seção seguinte apresenta um exemplo de investigação que, na mesma linha da presente tese, parte da Gramática Sistêmico-funcional para analisar textos de divulgação científica.

### 3.1.1.1 Uma leitura Sistêmico-funcional das vozes da divulgação científica

Na seção **2.4 O espaço dos discursos da ciência: conflito, negociação e construção** do capítulo anterior, discutiu-se o trabalho de Fuller (1998), no qual o autor analisa livros de divulgação científica elaborados por Stephen Jay Gould, para chegar, basicamente, a duas conclusões. Em primeiro lugar, que o trabalho de Gould não objetiva alcançar o que se poderia chamar “povo”, mas contribui para que se estabeleça o diálogo entre as elites intelectuais da sociedade. Em segundo lugar, ao contrário do que geralmente ocorre na divulgação científica e recorrendo a termos propostos por Myers (1990), Fuller demonstra como a forma de textualização empregada por Gould não cria uma narrativa monológica da natureza, mas, ao contrário, elabora uma “narrativa da ciência” dialógica, através da qual, segundo Fuller, Gould estabelece uma negociação discursiva entre seu próprio texto, seu público leitor, os textos que discute e/ou divulga e a tradição científica de forma mais ampla.

Nesta seção, será apresentada a discussão fundamentada na Gramática Sistêmico-funcional, desenvolvida por Fuller, que o leva a descrever o trabalho de Gould como contexto interdiscursivo de diferentes vozes sociais. Como explicitado anteriormente, na Gramática Sistêmico-funcional, a metafunção textual concilia as metafunções ideacional (representação do significado, da lógica e da experiência) e a interpessoal (representação das relações sociais e atitudes entre os interactantes). O argumento básico de Fuller (1998: 46) é o de que, no texto de Gould, “através de recursos interpessoais que teatralizam níveis de certeza (“talvez”, “certamente”, “de forma equivocada”, “sagazmente”) e recursos ideacionais de projeção (recursos de relato e citação), o leitor é posicionado em torno de elocuições de cientistas construídos no debate das elocuições uns dos outros”. Em outras palavras, Fuller demonstra como a negociação discursiva, no texto do divulgador, depende da manipulação da metafunção interpessoal, para criar uma hierarquia de probabilidade, correção e plausibilidade entre os textos debatidos, e da metafunção ideacional, parafraseando e citando tais textos para localizar vozes que confirmam, questionam ou contradizem o assunto em debate.

Fuller (1998: 46) utiliza o seguinte complexo oracional para exemplificar o acima exposto:

1) “*Huxeley disse: ‘Os cavalos surgiram na Europa’, **mas Marsh acertadamente afirmou que os cavalos surgiram na América**”<sup>23</sup>*

Neste exemplo, Huxeley e Marsh são representados como participantes responsáveis por elocuições: uma citação, destacada em itálico no exemplo, e um relato, que encontra-se sublinhado. Fuller destaca que ambas as elocuições têm diferente *status*. O advérbio “acertadamente”, destacado em negrito acima, avalia a primeira voz do debate sobre a origem dos cavalos como equivocada e a segunda como correta. Assim, Fuller demonstra que, diferentemente do que afirma Halliday (1993)<sup>24</sup> sobre os escritos de Newton, a negociação, e não o recurso a metáforas gramaticais, torna-se a característica mais marcante do texto de Gould. Como explica

<sup>23</sup> Minha tradução de: “Huxeley said: ‘Horses evolved in Europe’, but Marsh rightly stated that horses evolved in America” (FULLER, 1998: 46).

<sup>24</sup> Ver seções 2.2 A linguagem da ciência, no capítulo anterior, e 3.1 Linguística Sistêmico-funcional, neste capítulo.

Fuller, “a reconstrução do mundo do senso comum como um mundo da ciência - que transforma processos em coisas ou um conceito geral em um termo técnico – não ocorre somente através do princípio monológico da reformulação; ocorre através da negociação” (FULLER, 1998: 47).

Fuller reconhece uma forma de complementaridade entre as metafunções ideacional e interpessoal para a organização do que ele chama uma “semântica da fonte” (*semantic of 'source'*). O autor identifica diferentes estratégias desenvolvidas para o debate proposto pela negociação dos discursos da ciência. Indivíduos e instituições têm suas vozes textualizadas através do recurso à projeção (predominância da metafunção ideacional); quando a fonte de uma locução é atribuída de forma menos específica a um registro, recorre-se a meta-comentários (um estágio intermediário entre as metafunções ideacional e interpessoal); quando o nível de especificidade da fonte torna-se ainda mais baixo, recorre-se à modalização (predominância da metafunção interpessoal). Fuller ressalta a questão da complementaridade, destacando que a escolha por uma forma ou outra se localiza em um contínuo. O autor organiza os recursos da negociação discursiva, ou da “semântica da fonte”, de forma esquemática, como reproduzo em minha tradução da seguinte maneira:

Projeção	Meta-comentário	Modalidade
‘outro texto’	‘outro registro’	‘outra responsabilidade’
X diz ‘Y’	Y como se fosse tecnicamente Tecnicamente, Y	Provavelmente Y Possivelmente Y
Calder diz que o kiwi é uma ave anã.	Tecnicamente, o kiwi é uma ave anã.	Talvez o kiwi seja uma ave anã.
Ideacional		Interpessoal

FIGURA 1 - Recursos funcionais da negociação discursiva  
Fonte: FULLER, 1998, p.48.

Note-se como, na figura acima, cada uma das colunas exemplifica diferentes alternativas para a atribuição de sentido a uma fonte, referida de maneira menos específica quando

nos aproximamos do pólo interpessoal do contínuo e, de forma mais precisa, quando nos aproximamos do pólo ideacional. Assim, na coluna denominada “projeção”, é possível claramente identificar a fonte responsável pela oração “o kiwi é uma ave anã”, o que é evidenciado pela estrutura lógico semântica do complexo: Calder é identificado como o dizente. Neste caso, um outro texto, representado através do discurso indireto, é incorporado à tessitura discursiva do texto que se elabora. Na coluna intermediária, denominada “meta-comentário”, o adjunto adverbial “tecnicamente” transfere ao registro técnico a responsabilidade pela afirmação de que o kiwi seja uma ave anã. Já na terceira coluna, denominada “modalidade”, não é possível identificar uma fonte à qual se possa atribuir o enunciado; o adjunto modal de probabilidade “talvez” reduz a responsabilidade do próprio texto em que se elabora o evento discursivo, diminuindo-se, assim, o nível de certeza sobre se o kiwi é ou não uma ave anã.

A discussão apresentada nas seções anteriores, sobre a projeção, encontra-se estreitamente relacionada à noção de intertextualidade, descrevendo sua gramática específica. Para a presente discussão, a incorporação de diferentes vozes em um texto está limitada, no âmbito do discurso, por restrições e motivações relacionadas a questões do gênero discursivo que estrutura tal incorporação. A seção seguinte discute como os gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica encontram-se interrelacionados por um potencial intertextual que operacionaliza a circulação do conhecimento por diferentes lugares sociais.

## 3.2 Intertextualidade

Deve-se o termo “Intertextualidade” à reflexão desenvolvida por Kristeva no final da década de 60, quando a autora traz ao conhecimento de audiências ocidentais o influente trabalho de Bakhtin. A “intertextualidade”, portanto, não é um termo baktiniano, mas constituiu um tema central na carreira do autor que refletiu amplamente sobre como textos encontram-se interconectados, “respondendo” ou “antecipando-se” uns aos outros (FAIRCLOUGH, 1992). A



investigação em torno da intertextualidade tem motivado a reflexão sobre, entre outros aspectos, como diferentes textos se posicionam em uma historicidade dialógica, atualizando e sendo por outros textos atualizados.

Nesta tese, adota-se a discussão desenvolvida por Fairclough (1992) sobre a intertextualidade. O autor a define como a propriedade que permite que textos sejam constituídos por porções de outros textos, de forma mais ou menos explícita, denotando processos de assimilação, ironia, contradição, etc. Fairclough (1992: 85) distingue “intertextualidade manifesta” de “intertextualidade constitutiva”. A primeira é aquela na qual a presença de outros textos específicos é explicitada na superfície do texto por sinais de aspas e verbos de elocução, por exemplo. Já a intertextualidade constitutiva pode ser entendida como a incorporação de convenções relacionadas a elementos das ordens do discurso, tais como gêneros, discurso e estilo.

Fairclough adota o termo “intertextualidade” quando não é necessário distinguir entre a “manifesta” e a “constitutiva”. Para análises, em que tal distinção é relevante, o autor cunha o termo “interdiscursividade”. Esta diz respeito especificamente à intertextualidade constitutiva e ressalta o foco teórico nas convenções do discurso. De todo modo, seja através da observação de traços lingüísticos presentes na superfície do discurso, explicitando a presença de outros textos, seja através da análise de como traços e convenções típicas de determinados gêneros constituem a tessitura discursiva, o estudo da intertextualidade enfatiza a questão da heterogeneidade do discurso. Sobre a questão da heterogeneidade, Fairclough explica:

“(…) textos variam bastante em seu grau de heterogeneidade, dependendo se suas relações intertextuais são complexas ou simples. Textos também se diferenciam no nível em que seus elementos intertextuais estão integrados, e também no nível em que sua heterogeneidade é evidente na superfície do texto.” (FAIRCLOUGH, 1992: 104)<sup>25</sup>

A reflexão traçada por Fairclough, no extrato acima, indica que, ao investigar o fenômeno da intertextualidade, constitutiva ou manifesta, pode-se observar, não apenas as

---

<sup>25</sup> Minha tradução de: “(...) texts vary a great deal in their degrees of heterogeneity, depending upon whether their intertextual relations are complex or simple. Texts also differ in the extent to which their heterogeneous elements are integrated, and so in the extent to which their heterogeneity is evident on the surface of the text. (FAIRCLOUGH, 1992: 104)

nuances intertextuais presentes em um único texto, mas também o perfil intertextual de diferentes textos ou conjuntos de textos. É preciso ter em mente que, para Fairclough, textos são intrinsecamente intertextuais. Textos são, neste sentido, resultado de um conjunto de escolhas simultaneamente limitadas e motivadas pelo “potencial intertextual” de um gênero (FAIRCLOUGH, 1995: 210). Nesta tese, o uso do termo “gênero”, assim como proposto por Fairclough (1992), refere-se a um conjunto de convenções relativamente estável que encena uma prática discursiva. As práticas discursivas daqueles que produzem textos e daqueles que os interpretam podem gerar textos relativamente homogêneos ou heterogêneos. Atuar sobre o potencial intertextual de um gênero ou de um conjunto de gêneros implica em agir no nível do discurso, não simplesmente representando o mundo, mas atribuindo-lhe significado. Neste processo de construção simbólica, encontram-se irremediavelmente associadas as esferas lingüística, social e cultural.

A intertextualidade, como prática discursiva, realiza-se em traços lingüísticos, mas se associa a práticas sociais mais amplas. A prática discursiva é uma forma particular de prática social. Fairclough (1992: 71) explica que “em alguns casos, a prática social pode ser completamente constituída por uma prática discursiva, enquanto que, em outros, ela pode envolver uma mistura de práticas discursivas e não-discursivas”. Para o autor, a análise intertextual estabelece uma relação entre “a língua e o contexto social e facilita de forma mais satisfatória a conexão entre o texto e o contexto” (FAIRCLOUGH, 1995: 189).

Fairclough (2003) destaca, como de especial interesse na atualidade, “o relacionamento entre o que uma análise social de redes de práticas, instituições, etc. pode sugerir sobre hierarquia social e distância, e como hierarquia social e distância são construídas em gêneros” (FAIRCLOUGH, 2003a: 75). Segundo o autor, para todo texto existe um grupo potencial de outros textos e vozes a serem incorporados. A presente tese dedica-se à investigação empírica de como os gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica textualizam a incorporação de vozes na tessitura discursiva de seus textos. É relevante destacar que os gêneros

ora investigados, afiliados, o primeiro, do discurso acadêmico, e o segundo, de relações interdiscursivas entre, por exemplo, o discurso acadêmico, o jornalístico e o discurso do entretenimento, apresentam diferentes níveis de estabilidade, homogeneidade e rigidez estrutural.

Os diferentes padrões de textualização, entre os gêneros investigados, devem-se a diferenças no que diz respeito às comunidades daqueles que produzem e daqueles que interpretam os textos. No capítulo anterior, seção **2.3 Ciência e divulgação: os limites do saber**, discutiu-se como, na comunidade acadêmica, as alternativas dos papéis sociais desempenhados por escritores e leitores são bastante mais restritas que no âmbito da comunidade jornalística, ficando reservadas as diferenças entre os emissores e receptores do contexto acadêmico, basicamente, a seu grau de experiência como investigadores. No âmbito da divulgação científica, desempenhando o papel de Escritores, encontram-se jornalistas de formação, trabalhadores do jornalismo de forma ampla e colaboradores, que podem incluir, inclusive, especialistas em ciência; ainda no âmbito da divulgação científica, desempenhando o papel de leitores, encontram-se, desde leitores especialistas até leitores leigos, todos os sujeitos que, participando da constituição da sociedade urbana, entram no processo de socialização do conhecimento.

Entende-se aqui que a textualização do conhecimento científico, seja ela direcionada ao público não especializado em ciência, seja à comunidade acadêmica, constitui uma rede de práticas sociais que situam diferentes gêneros em relações de interconexão, estabelecendo um potencial intertextual. Deve-se ter em mente, contudo, que, este potencial engloba não apenas fontes escritas, mas também fontes orais, que, posteriormente, são textualizadas no modo escrito, tais como entrevistas entre jornalistas e especialistas ou entre pesquisadores e os sujeitos que lhes fornecem dados, por exemplo. A adoção desta perspectiva deseja ressaltar que os gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica não estão diretamente relacionados, já que são produzidos para a satisfação das demandas de contextos de situação bastante diversas, mas que se encontram imbricados em processos intertextuais potenciais bastante complexos. Em outras palavras, um artigo de divulgação científica, longe de ser uma versão simplificada de um artigo

acadêmico, encontra-se vinculado a este por uma complexa rede de relações intertextuais, tanto da intertextualidade manifesta como da interdiscursiva.

Gêneros discursivos participam de práticas discursivas e, portanto, sociais. Através dos gêneros artigo acadêmico e de divulgação científica o conhecimento circula por diversos setores sociais construindo, para cada situação comunicativa, “um discurso adequado à identidade dos interlocutores, a sua posição em relação ao conhecimento e às diferentes demandas (perguntas, necessidades, exigências, críticas, etc oriundas de cada posição” (CALSAMIGLIA *et al*, 2001: 2641).

Deve-se destacar que se a divulgação é normalmente reconhecida como situada em relação de interconexão com a produção científica, o contrário, ainda que plausível, não parece tão óbvio. No entanto, entende-se que, mesmo sendo textualizado para satisfazer as demandas informacionais específicas da comunidade acadêmica, é desejável que o conhecimento científico alcance a comunidade não acadêmica mais ampla, já que teoriza o mundo social e material compartilhado por ambas as comunidades. Gêneros acadêmicos, ao constituírem formas de agir e interagir discursivamente no contexto acadêmico, necessitam de outros gêneros, do discurso jornalístico, por exemplo, para alcançar a sociedade. O potencial intertextual que relaciona os gêneros - artigo acadêmico e artigo de divulgação científica- pode ser considerado o mecanismo de circulação social do saber. (CALSAMIGLIA & FERRERO, 2001, 2003; MYERS, 2003)

Artigos acadêmicos, antes de proceder à exposição de descobertas, diplomática e estrategicamente, filiam-se a campos e linhas de pesquisa, situam-se nelas, para, somente então, ocupar seu próprio espaço e apresentar seus resultados (SWALES, 1993). Cada um destes estágios, descritos por Swales (1993), constitui um movimento retórico que negocia, no âmbito discursivo, a inserção acadêmica, não apenas das vozes chamadas a dialogar com o discurso do Escritor, mas também sua própria inserção e filiação acadêmicas. Ao chamar essas vozes, o Escritor emprega múltiplas estratégias de relato, entre elas, a citação, usa verbos de elocução e, ao

fazê-lo, seleciona um dado nível de comprometimento com os significados que estas vozes lhe trazem, dependendo de seus próprios propósitos sociais.

Artigos de divulgação científica, também através do recurso ao relato e à citação, orquestram diferentes vozes, que podem ser fontes de informação, tais como investigadores, representantes de grupos afetados/ beneficiados pelo conhecimento divulgado, políticos e, em alguns casos, vozes provenientes do setor empresarial. Ao fazer o conhecimento científico circular em setores sociais que não o acadêmico, o artigo de divulgação científica constrói um discurso adequado à identidade dos interlocutores que representa.

Interessa à presente tese refletir sobre o modo particular de realização do potencial intertextual que inter-relaciona artigos acadêmicos e artigos de divulgação científica em textos disponíveis para os leitores do mundo real. O aspecto ora focalizado é a intertextualidade manifesta. Segundo Fairclough (1992: 128), “gêneros em particular são associados a ‘modos específicos de intertextualidade (manifesta)’”. Sem apresentar dados empíricos, o autor afirma que a frequência, modo e função da representação do discurso são bastante diferentes em artigos acadêmicos e artigos jornalísticos. Por “representação do discurso” o autor se refere a uma “forma de intertextualidade na qual partes de outros textos são incorporados em um texto e normalmente marcados de forma explícita como incorporações, com recursos como aspas e orações de relato” (FAIRCLOUGH, 1992: 107). Fairclough prefere o termo “representação do discurso” a termos como relato ou relato da fala, *speech reportage* ou *reported speech*, em inglês. O autor acredita que, assim, enfatiza a dimensão da representação do discurso, resultado de escolhas de ordem lingüística e de organização discursiva, e o fato de que podem ser representados, bem como representar, textos orais e escritos.

Fairclough também cunha o termo “cadeias intertextuais”, *intertextual chains*, para referir-se a “tipos de texto que são transformacionalmente relacionados uns aos outros de forma que cada membro da série é transformado em outro(s) membro(s) de forma previsível e regular” (FAIRCLOUGH, 1992: 130). O autor afirma que práticas institucionais específicas estão

associadas a cadeias intertextuais específicas e que estas últimas marcam formas particulares de “distribuição” dos textos na sociedade. Como já indicava Swales (1993), o gênero artigo acadêmico pode ser descrito como participando em uma cadeia intertextual juntamente com gêneros como *abstracts* e apresentações em congressos, por exemplo. O gênero artigo de divulgação científica poderia relacionar-se em uma cadeia intertextual que incluiria, além do artigo acadêmico, outras fontes de informação, como textos na Internet e mesmo outras notícias publicadas na mídia, além de entrevistas com diversos atores sociais, tais como cientistas, políticos, cidadãos em geral, etc. Os gêneros artigo acadêmico e de divulgação científica, portanto, não pertencem necessariamente à mesma cadeia intertextual, ou seja, não estão diretamente relacionados, mas participam de um mesmo potencial intertextual mais geral.

Retornando à questão da representação do discurso, termo que será aqui adotado para fazer referência ao que na Gramática Sistêmico-funcional denomina-se o fenômeno da projeção, ver seção **3.1.1 Gramática Sistêmico-funcional e o discurso meta-representado**, Fairclough afirma haver diferenças não apenas no modo como diferentes gêneros representam o discurso, mas também nos tipos de discurso representados e nas funções a eles atribuídas. Segundo o autor, entre diferentes gêneros, há diferenças relacionadas a “o quê” é citado, “quando”, “como” e “por quê” ocorre uma citação. Além disso o autor destaca que, ainda que abordagens mais tradicionais da representação do discurso identifiquem, de forma pouco problemática, o discurso direto como aquele em que se diz serem empregadas as precisas palavras da pessoa sendo citada e o discurso indireto como aquele em que as palavras utilizadas para relatar são as daquele que elabora o relato, é preciso atentar para a complexidade no que se refere à representação do discurso em textos.

Fairclough explica que manchetes jornalísticas redigidas na forma imperativa, como por exemplo *Call up Forces in Drug Battle*, são demandas, ordenam ao leitor que realize uma ação no mundo real. O que Fairclough questiona é que, na ausência de marcadores da representação do discurso – aspas, orações de relato, etc- seria difícil relacionar a fonte da

demanda à voz do próprio jornal, ou da sociedade como um todo, ou de um jornalista, etc. Mesmo quando as manchetes não se apresentam na forma imperativa pode ser complicado identificar a voz que as apresenta. A manchete do jornal *Folha de São Paulo* do dia 05 de maio de 2005 dizia “Governo esvazia programa 1º emprego”, para, já no texto que a seguia, o mesmo conteúdo da manchete ser apresentado como um relato: “O governo de Luiz Inácio Lula da Silva decidiu esvaziar o programa Primeiro Emprego, promessa de campanha eleitoral, um ano e sete meses após seu lançamento, relata **Marta Salomon**”.

O que se deseja sugerir com esta reflexão é que a complexidade do fenômeno da representação do discurso vai muito além da tradicional distinção entre o discurso direto, indireto e indireto livre. Apesar de constituir um referencial principal aqui adotado para a compreensão da língua como um sistema potencial de escolhas social e culturalmente motivadas, é preciso reconhecer que a Gramática Sistêmico-funcional não problematiza a pluralidade de formas de representação do discurso. A seção seguinte dedica-se a apresentar uma coletânea de investigações dedicadas ao escrutínio deste tema.

### 3.3 Estudos da representação do discurso

A variedade terminológica desenvolvida em torno do processo de representação discursiva de uma representação lingüística ou mental anterior é bastante ampla e potencialmente confusa. Halliday e Matthiessen (2004) referem-se ao fenômeno da projeção. Na Gramática Sistêmico-funcional, o termo geral “relato” (*report*) constitui uma forma de projeção que pode ser textualizada como discurso direto ou citação, (*quoting*), discurso indireto ou relato (*reporting*), ou discurso indireto livre – que mescla características de ambas as categorias anteriores<sup>26</sup>. Faz-se referência aos verbos de citação e de relato (*quoting/reporting verbs*). Fairclough (1992) prefere o termo “representação do discurso” ao termo “relato” e o localiza no âmbito da “intertextualidade

---

<sup>26</sup> Ver seção 3.1.1 **Lingüística Sistêmico-funcional e o discurso metarepresentado**.

manifesta”<sup>27</sup>. Como ver-se-á adiante, Swales (1985) fala de “comportamento citacional”, enquanto Thompson e Yiyun (1991), e Thompson (1996 a; 1996b) investigam o “relato de linguagem” (*language report*), que pode consistir em uma estrutura de relato completa (uma oração de relato ou uma citação) ou uma palavra, substantivo, adjetivo ou verbo, que indique que alguém usa a linguagem. Os autores identificam uma gama de “sinais de relato”, entre eles, os verbos de elocução, em inglês, *reporting verbs*. Para os autores, será o uso que se faz de um verbo que determinará sua natureza elocucionária, e não uma “identidade” pré-estabelecida. Já Hyland (1999) define o relato, de forma bastante ampla, como a atribuição de um conteúdo proposicional a outra fonte. Longe de esgotar o tema, esta seção representa uma tentativa de organização de uma ampla bibliografia sobre a representação do discurso, através da seleção de alguns autores e apresentação de suas perspectivas.

### 3.3.1 Trabalhos fundamentais na representação do discurso

Volosinov (1978), investigando a língua russa, afirma que a representação do discurso está intimamente relacionada a tendências sociais que se cristalizaram em formas lingüísticas. Tais formas são geradas pela recepção ativa que os falantes realizam durante suas interações discursivas e sociais. O autor ressalta que o mecanismo através do qual uma dada língua desenvolve formas que representam percepções do discurso no próprio discurso não é de forma alguma individual. Para Volosinov (1978), é função da sociedade selecionar e adaptar a estrutura gramatical de sua língua para gerar formas socialmente relevantes e constantes de avaliar mensagens e recebê-las de forma ativa. Na perspectiva defendida pelo autor, os estudos da representação do discurso devem levar em consideração tanto o discurso representado como o

---

<sup>27</sup> Ver seção 3.2 **Intertextualidade**.



discurso que realiza a representação. O autor afirma que o objeto de pesquisa deve ser a inter-relação dinâmica entre estes dois discursos, já que ambos somente existem um em função do outro. O autor explica que a dinâmica da inter-relação entre o discurso representado e o contexto que o representa se move basicamente em duas direções: a primeira, seria a que tende a preservar a integridade do discurso representado, demarcando lingüisticamente os limites entre o discurso representado e o que o representa; a segunda direção seria aquela em que a língua encontra formas para infiltrar o discurso representado de tal maneira que os limites entre este último e o discurso que o representa tornam-se progressivamente mais tênues.

Em suas investigações sobre as possíveis tendências expostas acima, Volosinov (1978) salienta uma seqüência cronológica. Tal seqüência, composta por quatro períodos, inicia-se na idade média e é chamada pelo autor “dogmatismo autoritário”. Esta fase caracteriza-se por um estilo linear e impessoal de transmissão do discurso representado. A segunda fase cobre os séculos XVII e XVIII, possui um estilo ainda mais linear que a anterior e é chamada “dogmatismo racionalista”. A terceira fase é chamada “individualismo crítico e realista”, cobre o final do século XVIII e início do século XIX e se caracteriza pela tendência à inclusão de comentários do Escritor infiltrados no discurso do Autor. A quarta fase, segundo Volosinov, a que estamos presenciando na época presente, é chamada pelo autor “individualismo relativista” e se caracteriza pela decomposição do contexto do discurso representado. Nota-se, na seqüência cronológica sugerida pelo autor, uma progressiva flexibilização das formas lingüísticas responsáveis por sinalizar a presença do discurso representado como *um outro discurso*, diferente daquele que realiza a representação.

Volosinov (1978) reconhece ser difícil demarcar os limites através dos quais uma língua evidencia como diferentes ou imbricados o discurso representado e o contexto que o representa. O autor afirma, contudo, que uma postura rígida a este respeito seria pouco produtiva e coloca: “São precisamente essas formas ambíguas, limítrofes, que são de maior interesse para o lingüista: é precisamente nesta área que as tendências de desenvolvimento da língua podem ser

discernidas” (VOLOSINOV, 1978: 158). E estas tendências são, como defende o autor, “ditadas pelos pré-requisitos sociais e econômicos de um dado período” (VOLOSINOV, 1978: 157). O autor argumenta que mudanças no sistema de representação do discurso estão intimamente relacionadas a mudanças nas condições sociais de produção do discurso e afirma que, dessa forma, um língua registra a história da mudança dos tipos de comunicação sócio ideológica.

Sem intenção, segundo o próprio autor, de cobrir todas as possíveis variações de representação do discurso, Volosinov (1978) realiza uma breve caracterização de usos do discurso direto e indireto para a língua padrão russa, aplicada a textos literários. Sua perspectiva social do fenômeno da representação do discurso, acredita-se, confere um valor destacado a sua reflexão e estabelece bases para futuras investigações. Além disso, deve ser ressaltada como inovadora, inclusive se comparada à produção acadêmica sobre o fenômeno da representação do discurso do final da década de noventa e de 2000 a 2005, sua percepção histórica e cronológica da flexibilização do sistema lingüístico na inter-relação entre o discurso representado e o que o representa.

Leech e Short (1981) figuram entre os primeiros pesquisadores a dedicar-se à distinção da representação da fala e do pensamento em romances. Para os autores, as nuances causadas pela interação entre a representação da fala e do pensamento, e o ponto de vista constituem uma das áreas mais prósperas para a investigação do estilo na ficção. Em seu trabalho, Leech e Short enfatizam a imensa variedade de formas da representação do pensamento e da fala, sendo a função das formas empregadas em um romance relacionada à manipulação realizada pelo Escritor de aspectos relacionados ao ponto de vista, tom, ironia e distância entre os personagens que habitam o mundo ficcional e entre o próprio Escritor e seu público leitor. Na prática, afirmam Leech e Short (1981: 348), “isto significa que um autor [Escritor na nomenclatura desta tese] dispõe de todos os recursos necessários para chamar uma multiplicidade de pontos de vista sobre um mesmo assunto”.

Para Leech e Short (1981), a diferença semântica básica entre o discurso direto e o indireto é que no discurso direto são reproduzidas as mesmas palavras da fonte citada, enquanto que, no discurso indireto, as palavras são aquelas de quem elabora o relato. Leech e Short afirmam:

Se ele (o autor) relata em discurso direto ele está declarando relatar fielmente (a) o que foi dito e (b) a exata forma das palavras que foram usadas para enunciar o que foi dito. Se usa discurso indireto, ele apenas se compromete com (a). (LEECH & SHORT, 1981: 320)<sup>28</sup>

O sistema de categorização de Leech e Short para a representação da fala inclui, além do discurso direto e indireto, o discurso direto livre, o relato narrativo de um ato de fala e o discurso indireto livre. Sobre a representação do pensamento, os autores chamam a atenção de que é, em última instância, um artefato, uma estratégia discursiva manipulada pelo Escritor do romance. As categorias são as mesmas apresentadas acima, mas destacam o fato de que o que está sendo representado é a realidade psicológica do personagem. Em trabalho posterior, Short (1984) refere-se a estas categorias como sendo pontos em uma seqüência, já que muitas vezes é difícil distinguir entre uma categoria e a outra, defendendo a existência de uma espécie de contínuo. Os trabalhos de Leech e Short (1981) e Short (1984), contudo, não estavam fundamentados em corpus, mas em uma ampla experiência investigativa que selecionava exemplos para testar o modelo de categorização da representação do discurso.

Semino e Short (2004) voltam ao modelo de categorização, proposto por Leech e Short (1981), e o ampliam, desta vez baseando sua investigação em um corpus de 250 mil palavras, fornecendo freqüências e distribuição da representação do discurso em gêneros que os autores classificam como “ficcionais”, “midiáticos”, “biográficos” e “autobiográficos”. Nesta nova abordagem, os autores incluem duas novas categorias, uma para a representação da fala, outra para a do pensamento, e ressaltam a ocorrência, em seu corpus, da representação da escrita, efetivamente mais semelhante, em termos funcionais e formais, à representação da fala que a

---

<sup>28</sup> Minha tradução de: “If he reports in direct speech he is claiming to report faithfully (a) what was stated and (b) the exact form of words which were used to utter that statement. If he uses indirect speech he only commits himself to (a). (LEECH & SHORT, 1981: 320).

representação do pensamento. Em termos de frequência de ocorrência, Semino e Short (2004) afirmam que a representação da fala é mais freqüente que a do pensamento, e que esta é mais freqüente que a da escrita.

A respeito da relação de fidelidade geralmente atribuída ao emprego de estruturas de discurso direto e um original cujo discurso é representado, Semino e Short (2004) mantêm uma posição semelhante àquela presente em Leech e Short (1981), apesar de encontrarem em seu corpus estruturas de discurso direto hipotéticas, ou seja, a representação do discurso que, efetivamente, não foi textualizado em nenhum original. Para os autores, apesar de constituir um fenômeno interessante, a frequência de ocorrência destas estruturas é muito baixa para que se deixe de considerar a fidelidade a um original uma característica do discurso direto. Seu trabalho de etiquetamento do corpus, segundo categorias do contínuo da representação do discurso e os dados de sua investigação quantitativa, demonstram um trabalho exaustivo. Os autores, contudo, não chegam a fazer análises qualitativas de seus dados, e consideram que a investigação futura deveria centrar-se na elaboração de novas categorias para a distinção entre fenômenos da representação do pensamento de difícil classificação.

Swales (1985) afirma que grande parte das tentativas de categorização das funções textuais da citação têm sido realizadas por pesquisadores da Ciência da Informação e da Sociologia da Ciência. Segundo o autor, as motivações para os estudos da citação têm sido diversas, variando desde a tentativa de historiadores em identificar a origem de idéias e descobertas, até o exame de diferenças e semelhanças de padrões de citação em diferentes períodos e disciplinas. Para o autor, no entanto, as conclusões alcançadas por tais trabalhos não teriam nenhuma relevância direta para os interesses da Lingüística Aplicada. Buscando contribuir para o ensino da escrita acadêmica, Swales adota uma abordagem do fenômeno da citação como parte do comportamento de pesquisadores em sua construção do texto acadêmico (SWALES, 1985: 40) e advoga pela aliança entre as técnicas de análise da Sociologia da Ciência, da Ciência da Informação e da Lingüística Textual.

Os estudos da citação, como um comportamento de pesquisadores e acadêmicos quando da elaboração de seus textos, são geralmente conhecidos como Análise de Conteúdo de Citação, em inglês, *Content Citation Analysis* - CCA (SWALES, 1985: 40) - e constituem uma vertente de investigação relativamente recente. Segundo Swales, foi apenas em 1975 que o trabalho pioneiro de Moravesik e Murugesan iniciou o questionamento em torno da utilização da análise meramente quantitativa de citações como uma forma de avaliar a qualidade de um texto acadêmico ou o desenvolvimento científico de uma área. Swales explica que, após a análise de 30 artigos sobre energia física publicados entre 1968 e 1972, Moravesik e Murugesan propuseram quatro parâmetros, que serviriam para classificar as citações.

O primeiro parâmetro proposto por Moravesik e Murugesan distinguia citações conceituais, em inglês, *conceptual*, de citações operacionais, *operational*, ou seja, se o artigo se referia a outro trabalho em função de um conceito ou teoria em comum, ou por causa de uma técnica ou método. O segundo parâmetro distinguia citações evolucionárias (*evolutionary*) de citações justapositionais (*juxtapositiona*), ou seja, aquelas que serviam para fornecer os fundamentos do artigo ou aquelas para as quais o artigo fornecia uma alternativa. O terceiro parâmetro diferenciava citações orgânicas (*organic*), e suplementares (*perfunctory*). As orgânicas seriam as necessárias para a compreensão do artigo, já as superficiais apenas serviriam para reconhecer a existência de um trabalho ou outros trabalhos na mesma área de investigação. O quarto e último parâmetro proposto por Moravesik e Murugesan distingue citações confirmativas (*confirmative*) e de negação (*negational*) sendo a citação caracterizada como expressando ou não dúvidas acerca da correção das descobertas colocadas no artigo citado.

Segundo Swales, a conclusão de maior interesse a que chegaram os pesquisadores, depois de analisar seus dados, é a de que pode-se duvidar da utilização do número de vezes que um texto é citado como critério avaliativo da qualidade de um trabalho acadêmico, já que os pesquisadores descobriram que 40 por cento das citações nos artigos por eles estudados eram superficiais, e não orgânicas. Desse modo, explicam Moravesik e Murugesan, seria possível que

um trabalho fosse citado, não por sua relevância para a compreensão da pesquisa, mas simplesmente por ser sobre um tema em voga. Swales explica que com esse trabalho começou-se a pensar na citação como um comportamento, o comportamento citacional, mas observa que os estudos desenvolvidos a partir de então muitas vezes levaram pesquisadores da chamada Análise de Conteúdo de Citação à frustração e ao desespero pela ausência de uma categorização adequada para o trabalho analítico.

Ao abordar a produção acadêmica na área de Análise do Discurso sobre citações, Swales afirma haver um número relativamente pequeno de artigos na área de Lingüística e Lingüística Aplicada sobre trabalhos acadêmicos e que, em grande parte, sua orientação tem sido para a elaboração de livros-texto instrucionais. Tais trabalhos são agrupados pelo autor da seguinte forma:

Primeiro, há um grande número de artigos (Hutchins 1977: Hill *et al.* 1982) que se preocupa principalmente com a macro-estrutura dos trabalhos acadêmicos (...). O segundo grupo de artigos tem em grande parte tratado sobre traços sintáticos e lexicais específicos dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos principalmente nos campos da ciência e da medicina (SWALES, 1985: 44)<sup>29</sup>.

Swales argumenta que comportamentos citacionais podem ser reveladores. As citações criadas pelo próprio autor, para a exemplificação de seu ponto de vista, expostas abaixo, correspondem, segundo Swales, a diferentes possíveis soluções dadas pelo Escritor de um texto que precisa resolver a tensão entre relatar uma descoberta e tornar explícito seu Autor:

4 Stilton (1982) **demonstrou** que a lua é feita de queijo.  
 4a Foi demonstrado que a lua é feita de queijo (Stilton, 1982).  
 4b É provável que a Lua seja feita de queijo (Stilton, 1982)  
 (SWALES, 1985: 47)<sup>30</sup>

Tais soluções evidenciam, através dos elementos textuais utilizados pelo Escritor do texto acadêmico, diferente *status* atribuído ao Autor do texto citado. Na primeira sentença, o

<sup>29</sup> Minha tradução de: "First, there are a number of articles (Hutchins 1977: Hill *et al.* 1982) that are primarily concerned with the macro-structure of research papers. (...) The second group of papers has largely been concerned with specific syntactic and lexical features of research papers drawn principally from the science and medicine fields." (SWALES, 1985: 44)

<sup>30</sup> Minha tradução de: "4 Silton (1982) showed that the moon is made of cheese. 4a It has been shown that the moon is made of cheese (Silton, 1982) 4b It is probable that the moon is made of cheese (Silton, 1982)." (SWALES, 1985: 47)

Autor é colocado como agente, e sua posição, como autor da descoberta é, explica Swales, destacada pela inserção do verbo de elocução, em negrito no exemplo. Na segunda, ainda que seja mantido o que Swales chama de "elemento de relato", a passiva, o Autor já não faz parte da estrutura sintática da sentença. Na última, somente a indicação entre parênteses reconhece a existência de um texto acadêmico ao qual se faz referência. Através deste exemplo, Swales demonstra a existência de um contínuo que parte de um explícito reconhecimento, por parte do Escritor do texto, da existência de um outro texto ao qual ele se refere e, talvez, do próprio *status* do Autor deste texto em seu trabalho, para, na outra ponta do contínuo, encontrar uma atitude que parece diminuir a relevância do texto citado.

Swales demonstra como a análise do comportamento citacional pode revelar diferentes posicionamentos sobre um texto ao longo do tempo e, além disso, como grupos de pesquisa com enfoques diferentes podem reagir de forma diversa a esse texto. O pesquisador adapta os parâmetros propostos por Moravcsik e Murugesan, explorando a combinação entre os seguintes traços para analisar citações feitas por diversas publicações sobre o livro *Communicative Syllabus Design*<sup>31</sup>, de John Munby, publicado pela primeira vez em 1978:

- A curtas/ longas
- B evolucionárias/ justapositionais/ zero
- C afirmativas/ de negação/ zero (SWALES, 1985: 50)<sup>32</sup>

As conclusões às quais chega Swales, após a análise dos padrões citacionais do trabalho estudado, contradizem, segundo ele próprio afirma, aqueles já descritos na literatura. Swales observa que nos três anos logo após a publicação do livro de Munby, referências curtas eram mais frequentes e nos três anos subsequentes o número de citações de negação curtas aumentou: “apenas três das 13 citações contendo um elemento de negação foram publicadas antes de 1982, apesar de serem, todas as três, discussões substanciais (...)” (SWALES, 1985: 53). Tais resultados indicam que a crítica ao trabalho de Munby não foi imediata, mas avolumou-se nos

---

<sup>31</sup> MUNBY, John. *Communicative syllabus design: sociolinguistic model for defining the content of purpose-specific language programmes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

<sup>32</sup> Minha tradução de: “A short / extensive; B evolutionary / juxtapositional / zero; C confirmative/ negational/ zero (SWALES, 1985: 50)

anos subseqüentes, de certa forma, dando prosseguimento a discussões levantadas pelo livro. Nas palavras de Swales:

(...) com evidências bastante restritas, o padrão aqui apresentado certamente contrasta com o fenômeno extensivamente comprovado na ciência (cf. Chubin e Moitra 1975) de que citações de negação têm uma meia-vida muito mais curta que as citações evolucionárias ou confirmativas. Em outras palavras, de que o trabalho científico considerado ‘errado’ atrai uma grande quantidade de críticas e depois desapareça.” (SWALES, 1985: 53)<sup>33</sup>

Outra consideração interessante, desenvolvida por Swales, é a de que o livro *Communicative Syllabus Design* foi recebido de forma diferente entre grupos de pesquisadores, sendo aceito por aqueles envolvidos na área de avaliação da proficiência lingüística e criticado por sua área imediata de aplicação, ou seja, por estudiosos da elaboração e ensino de cursos e currículos para fins específicos –em inglês, *design and teaching of specialized courses and syllabuses*. As evidências para tal conclusão são, em primeiro lugar, o fato de que “apenas uma das cinco utilizações de Munby amplamente favoráveis vieram da área de elaboração de cursos (*course desing area*)- e, em segundo lugar, nenhuma das citações de negação veio do contexto de avaliação” (SWALES, 1985: 53). O comportamento citacional descrito por Swales revela atitudes diversas dos pesquisadores frente ao conteúdo citado e evidencia relações de autoridade entre o Autor, nesse caso Munby, seus leitores e os leitores dos trabalhos que o citam.

Uma última questão abordada por Swales diz respeito à contribuição específica da abordagem citacional. O autor afirma que, em nenhum dos 44 textos que citam o trabalho de Munby, pode-se notar o reconhecimento de que a diferenciação entre “necessidades” e “expectativas” feita no campo da Lingüística Aplicada, por exemplo, é resultado da insistência do autor na especificação das “necessidades alvo”, em inglês, *target needs*. Dessa forma, como coloca Swales (1985):

---

<sup>33</sup> Minha tradução de: “(...) on very limited evidence, the pattern reported here is certainly at odds with the widely attested phenomenon in science (cf. Chubin and Moitra 1975) that negacional citations have a much shorter half-life than evolutionary or confirmative ones. In other words, that a piece of scientific research judged to be ‘wrong’ attracts an immediate flurry of criticism and than sinks with little trace.” (SWALES, 1985: 53)



Um estudo acadêmico da literatura certamente suscitará uma ampla crítica do *CSD* (*Communicative Syllabus Design*), mas um estudo citacional da padronização de elementos justaposicionais e de negação possibilita a percepção de um senso cumulativo de criatividade das reações críticas, apesar de que esta inspiração criativa nunca seja reconhecida por nenhum dos escritores que fazem citações individualmente.”(SWALES, 1985: 53-54)<sup>34</sup>

Com essa colocação, Swales evidencia, através do estudo do comportamento citacional, a dinâmica cumulativa da produção acadêmica, mesmo, ou principalmente, quando deriva de pontos polêmicos, explicações equivocadas ou limitadas de uma dada pesquisa. Além disso, Swales abre espaço para a discussão da autoridade e das relações de poder. Ao que parece, os Escritores que citam o trabalho de Munby tinham pelo menos duas opções: a primeira seria reconhecer a influência criativa que o trabalho do autor, ainda que limitado, teve nas discussões elaboradas por tais Escritores em seus textos; a segunda opção seria negar o conteúdo da obra de Munby, nela ressaltando seus pontos fracos, para abrir espaço de investigação inovador. Os estudos de Swales indicam que a segunda alternativa foi escolhida nos trabalhos pesquisados. Ao minar a autoridade de Munby e posicionar seu ponto de vista na literatura, os pesquisadores fazem escolhas discursivas ideologicamente motivadas, simultaneamente limitadas e impelidas pela forma do gênero que utilizam para alcançar sua comunidade e seus objetivos comunicativos: limitadas em função da forma do gênero e das expectativas dessa comunidade; impelidas porque parece ser dessa forma que seu *status* e representatividade perante tal comunidade aumentarão.

Fairclough (1988), já então utilizando o termo “representação do discurso”, *discourse representation*, em vez de *speech reporting*, identifica duas tendências na representação do discurso oral e escrito em jornais impressos ingleses. Como primeira tendência, o autor aponta a alta incidência de ambivalência entre o discurso primário e o discurso citado. Para Fairclough, tal tendência pode ser entendida como parte de um padrão midiático mais geral identificado por Hall

---

<sup>34</sup> Minha tradução de: “An academic study of the literature certainly elicits considerable criticism of *CSD*, but citational study of the patterning of juxtapositional and negational elements develops a cumulative sense of the creativeness of the critical reactions, although this creative inspiration is never acknowledged by any of the individual citing authors.” (SWALES, 1985: 53-54)

*et al*<sup>35</sup> (*apud* FAIRCLOUGH, 1988), no qual as vozes oficiais e as posições por elas defendidas são “traduzidas” para o público leigo. Tal processo confere às posições oficiais força e repercussão popular na medida em que as naturaliza no âmbito da opinião pública.

Como segunda tendência nos artigos jornalísticos por ele analisados, Fairclough (1988) identifica uma preponderância de representação do significado ideacional do discurso primário no secundário, sendo que aspectos interpessoais do significado são menos freqüentemente representados. O autor explica que há dois mitos inter-relacionados, fundamentando esta tendência: o primeiro seria o mito de que a linguagem é ideacionalmente transparente e objetiva, e o segundo seria o de que a própria mídia informativa, fazendo uso da linguagem transparente e objetiva, é, também ela, um conjunto de atividades mais relacionadas a afirmações e posições que a sentimentos ou circunstâncias. Como analisa Fairclough (1988: 134), representações ideológicas dominantes da realidade são naturalizadas “como a única maneira possível de se ver a realidade, que é conseqüentemente construída como transparente”.

Fairclough conclui que a representação do discurso constitui um processo ideológico e ressalta que as propriedades gramaticais e semânticas envolvidas em sua textualização “podem ser sintonizadas para determinantes sociais e efeitos sociais” (FAIRCLOUGH, 1988: 135). Para o autor, é importante que os lingüistas sejam sensíveis a como o discurso estrutura e é estruturado pela estrutura social mais ampla, e que os sociólogos observem como tais estruturas sociais mais amplas se instanciam em aspectos da prática social cotidiana, entre elas, o discurso. Tais posturas contribuiriam para a construção de percepções mais plurais e menos deterministas do que se entende por realidade.

### 3.3.2 Estudos embasados pela Gramática Sistêmico-funcional

---

<sup>35</sup> HALL, S. *et al. Policing the crisis*. Macmillan: London, 1978.

Enfrentando o problema da classificação dos verbos de elocução, Thompson e Yiyun (1991) apresentam resultados da análise dos tipos de verbos de elocução, utilizados em citações, em cerca de cem introduções de artigos acadêmicos. Como Swales, o principal objetivo dos pesquisadores é contribuir para a elaboração de material pedagógico para estudantes que aprendem a língua inglesa como língua estrangeira e que precisam ler e escrever artigos acadêmicos. Segundo os autores, aprender como e o que citar, quais interpretações são possíveis e como devem ser elaboradas não é, de modo algum, fácil, e tampouco o é ensiná-lo. Eles afirmam que o próprio processo de relato, *reporting*, constitui-se como complexo, oferecendo ainda mais dificuldades para escritores e leitores não falantes nativos de uma dada língua. Thompson & Yiyun explicam que, no processo de relato, há dois personagens envolvidos: o Escritor que cita e o Autor citado. Seus objetivos podem, por vezes, ser diferentes e até mesmo conflitantes. Deste enlace de objetivos, nem sempre congruentes, nasce a complexidade que, os autores acreditam, pode começar a ser desvelada a partir da análise dos verbos utilizados nas citações.

Os artigos selecionados para a pesquisa desenvolvida por Thompson e Yiyun são provenientes de diferentes áreas, como a Linguística Aplicada, a Engenharia, a Veterinária e a Administração Pública. Os pesquisadores iniciaram seu trabalho procurando por qualquer sentença que fizesse referência a outro Autor, que pode ser entendida como a forma de citação “canônica” na qual um nome próprio, seguido por um número entre parênteses ou colchetes, funcionaria como o Sujeito ou como o Agente da passiva na sentença (THOMPSON & YIYUN, 1991: 366). Também foram incluídos verbos de sentenças que, sendo utilizados logo após a citação, tinham como sujeito o mesmo Autor citado anteriormente, ainda que a informação só fosse recuperada através dos pronomes pessoais, além de formas possessivas relacionadas a um nome próprio. Depois de encontrar um verbo envolvido em uma citação, Thompson e Yiyun selecionaram todas as demais ocorrências do mesmo verbo em situações de introdução do discurso. Mais de quatrocentos verbos foram identificados pelos pesquisadores. É importante ressaltar que, em seu trabalho, o *status* de um verbo de elocução não é algo inerente à

“identidade” do verbo, mas proveniente de seu contexto de uso. Segundo os autores, é relevante considerar o “potencial do *status* de elocução de um verbo”.

Thompson e Yiyun (1991) defendem que citação e avaliação mantêm íntima relação na elaboração de um texto acadêmico. Os autores explicam que:

(...) o Escritor de um artigo acadêmico (como de qualquer outro texto) tem um objetivo em construir seu texto, um objetivo que é transmitido tanto pela escolha de informações que ele apresenta tanto pela escolha do modo como ele as apresenta. Concentrar-se apenas na informação dada (...) significaria, em muitos casos, deixar de observar ou não interpretar corretamente o objetivo. A avaliação no texto é a sinalização de tal objetivo (THOMPSON & YIYUN, 1991:367)<sup>36</sup>.

Ainda segundo os pesquisadores, o Escritor de um texto acadêmico, pressionado pela força da convenção do gênero do discurso, tem a obrigação de justificar a menção a um Autor em um dado contexto. Ao fazê-lo, sua visão, sobre o *status* da informação apresentada, é transmitida. Thompson e Yiyun afirmam que os verbos de elocução são um dos mais claros sinais da presença de avaliação em um texto e que, por isso, devem ser explorados.

Para uma melhor apreciação das considerações traçadas pelos autores, acerca dos verbos que introduzem citações e da classificação que propõem, faz-se necessário examinar com detalhes o trabalho de Thompson & Yiyun. Por se tratar de uma investigação baseada em artigos acadêmicos, este trabalho é relevante para a presente tese. O sistema de categorização proposto por Thompson e Yiyun (1991) faz parte do conjunto de variáveis utilizadas na análise probabilística dos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica que se apresentará no capítulo 5.

Em primeiro lugar, os autores classificam os verbos de elocução segundo seu potencial denotativo e avaliativo. Ambos os potenciais devem ser entendidos como duas dimensões, duas formas complementares, através das quais um mesmo verbo de elocução pode

---

<sup>36</sup> Minha tradução de: “(...) the writer of an academic paper (as of any other text) has a purpose in constructing her text, a purpose which is conveyed both by the choice of information she presents and by the choice of the manner in which she presents it. To concentrate only on the information given (...) would in many cases be to miss or misinterpret the purpose. Evaluation in text is the signalling of this purpose.” (THOMPSON & YIYUN, 1991: 367). Destaque-se que os autores optam por fazer referência genérica a Escritores no gênero feminino. Para manter um padrão coerente com o estilo de referência empregado nesta tese, optou-se por traduzir “*the writer*” e “*she*” como “o Escritor” e “ele”.

ser classificado. Em relação ao potencial denotativo, Thompson & Yiyun identificaram três subgrupos de processos: **processos textuais**, nos quais a referência a uma expressão verbal é obrigatória, como “escreve”, *write*, “nomeia”, *name*, e “nega”, *deny*; **processos mentais**, como “pensa”, *think*, “concentra”, *focus on*, e “considera”, *consider*; e **processos de pesquisa**, relacionados mental ou fisicamente ao processo de investigação, como “calcula”, *calculate*, “mede”, *measure*, e “descobre”, *find*. Os autores ressaltam que a classificação, por eles adotada, não deve ser tomada de forma extremamente rígida, sendo possível que alguns processos sejam classificados em categorias diferentes ou mesmo em mais de uma categoria simultaneamente, dependendo do contexto em que ocorrerem.

Thompson e Yiyun classificam os processos descritos no parágrafo anterior como “atos do Autor”, já que a responsabilidade pela informação citada é transferida, através da forma como o Escritor do texto o escreve, ao Autor citado. Processos classificados como “atos do autor” compartilham a característica de, em variados níveis, admitir explicitamente a existência do texto do Autor, imputando-lhe responsabilidade pela informação apresentada pelo Escritor. Os verbos de elocução, destacados em negrito, nos exemplos abaixo, podem ser classificados como atos do Autor<sup>37</sup>:

1) A Dra. Ana Maria Costa, uma das elaboradoras do programa, **ESCREVEU**: "O Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher surge em 1983...[Subcorpus Ciências Biológicas] (Ato do Autor, textual)

2) ... caberão dados equivalentes ao comportado por 70 dos que existem hoje no mercado", **CALCULA** Amber Abare, um dos estudantes. [Subcorpus IstoÉ] (Ato do Autor, de pesquisa)

Ainda em relação ao potencial denotativo, mas com um marcado posicionamento do Escritor do texto acadêmico frente à informação transmitida, Thompson & Yiyun identificam os

---

<sup>37</sup> Opta-se aqui por exemplificar a teoria de Thompson e Yiyun (1991) com extratos desta pesquisa, e não da dos autores, porque, apesar de apresentar uma ampla lista de verbos de elocução, os Thompson e Ye apenas fornecem 4 exemplos contextualizados em seu artigo, três dos quais são atos do Escritor, e um último é um exemplo pouco típico, utilizado para demonstrar como as categorias por eles propostas devem ser tomadas de forma mais flexível. Outro ponto a ressaltar é o de que, apesar de afirmar que os verbos de elocução podem ser analisados simultaneamente em relação a seus potenciais denotativo e avaliativo, em nenhum dos 4 exemplos fornecidos pelos autores, são discutidos ambos potenciais. Na presente seção são apresentados apenas 6 exemplos de apoio para a discussão teórica. A seção de apresentação de resultados **5.1.2.1 Categorização dos verbos de elocução identificados no corpus**, no capítulo 5, fornece 209 exemplos de verbos de elocução contextualizados e classificados segundo a proposta de Thompson e Yiyun (1991).

“atos do Escritor”. Neste grupo são relacionados pelos pesquisadores **processos comparativos**, “nos quais o escritor posiciona o Autor em uma certa perspectiva, geralmente através de comparação ou contraste”, como “concorda”, *accord with*, “antecipa”, *antecipate*, e “corresponde”, *correspond to*, e **processos de teorização**, “que indicam o uso feito pelo Escritor, no desenvolvimento de seu próprio argumento, do trabalho do autor” (THOMPSON & YIYUN, 1991: 370), como “explica” *explain*, e “endossa”, *support*. São exemplos de verbos de elocução, classificados como atos do Escritor, os destacados em negrito nos exemplos que se seguem:

3) E nesse ponto, a maioria dos astrólogos modernos **CONCORDA**: "astrologia é uma coisa, adivinhação é outra completamente diferente". [Subcorpus Ciências Humanas] (Ato do Escritor, comparativo)

4) "A única diferença é que agora a experiência terá fins comerciais" - **EXPLICA** o engenheiro, que colocou seu invento à venda por US\$ 4 milhões. [Subcorpus IstoÉ] (Ato do Escritor, teorização)

Em relação ao potencial avaliativo, Thompson & Yiyun consideram importante distinguir não apenas as partes envolvidas no processo de elocução, o Autor e o Escritor, mas também os dois modos de avaliação disponíveis ao Escritor quando elabora seu texto, a saber, posicionamento ou interpretação. O grupo dos processos que expressam posicionamento divide-se em :

- 1) processos que expressam posicionamento do Autor em relação à informação relatada, que pode ser positivo, como “aceita”, *accept*, e “ênfatisa”, *emphasize*, negativo, como “questiona”, *question*, e “rejeita”, *reject*, ou neutro, como “examina”, *examine*, ou “coloca”, *pose*;

e

- 2) processos que expressam posicionamento do Escritor do texto sobre a informação relatada, que pode ser fatural, como “demonstra”, *demonstrate*, e “identifica”, *identify*, contra-fatural, nos quais o Autor é colocado como expressando informações incorretas ou imprecisas, como “ignora”, *ignore*, e “confunde”, *confuse*, e não fatural, quando o Escritor

não expressa seu posicionamento em relação à informação relatada, como “acredita”, *believe*, e “utiliza”, *utilize*.

Thompson e Yiyun explicitam que os processos classificados no grupo acima, que expressam posicionamento, refletem a preocupação em relação à verdade ou à correção das proposições apresentadas. Já o grupo dos processos que expressam interpretação do Escritor em relação ao *status* da informação apresentada reflete aspectos outros que a preocupação com a verdade da informação. Nesse sub-grupo, distinguem-se:

- 1) processos que expressam interpretação do discurso do Autor, como “acrescenta”, *add*, e “continua”, *continue*;
  - 2) processos que expressam a interpretação do comportamento do Autor, como “admite”, *admit*, e “critica”, *criticize*;
  - 3) processos que expressam a interpretação do *status* da informação relatada no trabalho do Escritor, como “confirma”, *confirm*, e “prova”, *prove*;
- e
- 4) processos que não expressam uma interpretação do Autor, apresentando a informação relatada como objetiva, como “adota”, *adopt*, e “observa”, *observe*.

O esquema proposto a seguir, **FIG. 2**, é uma proposta de apresentação esquemática elaborada nesta tese para facilitar a visualização do sistema de classificação dos verbos de elocução de Thompson & Yiyun descrito acima:

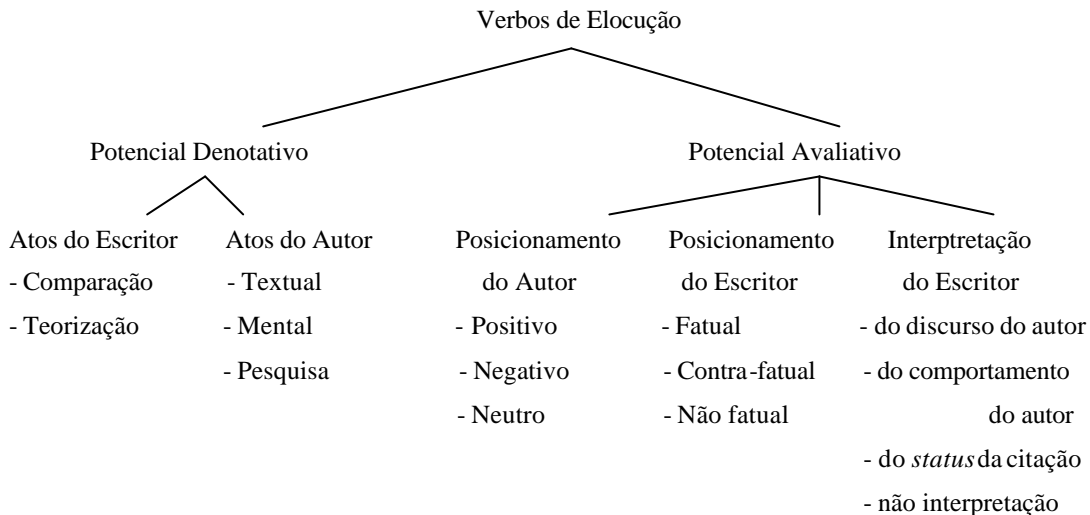


FIGURA 2: Esquema do sistema de classificação dos verbos de elocução de Thompson e Yiyun (1991)

Como anteriormente destacado, os potenciais denotativo e avaliativo propostos por Thompson e Yiyun (1991) constituem dimensões complementárias: os verbos de elocução podem ser classificados simultaneamente em ambos os potenciais. Tomemos o verbo de elocução destacado em negrito no exemplo 5 abaixo: no plano do potencial denotativo de representação, este verbo classifica-se um ato do Escritor de teorização, ou seja, esta representação evidencia o uso feito pelo Escritor, no desenvolvimento de seu próprio argumento, do trabalho do Autor, recaindo, portanto, sobre o Escritor, a principal responsabilidade sobre o discurso representado. Em relação ao seu potencial avaliativo, através da seleção do verbo “**ênfatiza**”, o Escritor posiciona-se sobre a atitude do Autor citado, representando-o com um alto nível de segurança sobre seu próprio discurso:

5) Como **ÊNFIATIZA** Bicudo-Zeferino (1992:2), "o crescimento é a expressão da interação extremamente complexa entre... [Subcorpus Ciências Biológicas] (potencial denotativo: ato do Escritor, teorização; potencial avaliativo: posicionamento, autor positivo)

Um outro exemplo, extraído do corpus midiático desta pesquisa, é o extrato 6, abaixo:

6) "Agora a data é precisa", **CONFIRMA** Walter Friedrich, vulcanologista da Universidade de Aarhus, na Dinamarca. [Subcorpus Galileu] (potencial denotativo: ato do Autor, textual; potencial avaliativo: posicionamento do Escritor, fatural)



Neste exemplo, o verbo de elocução destacado em negrito introduz a voz citada, no plano do potencial denotativo de representação, como uma atividade verbal cuja responsabilidade é transferida pelo Escritor do texto para o Autor cujo discurso é citado. No plano do potencial avaliativo deste verbo, o Escritor se posiciona em relação à veracidade da informação citada, representando-a como um fato e comprometendo-se com sua veracidade. Note-se que, no exemplo 5, o Escritor avalia a atitude do Autor: apesar de que no plano denotativo o Escritor assuma a responsabilidade principal pela citação, adequando-a ao desenvolvimento de seu próprio argumento, no plano avaliativo é o Autor quem garante sua veracidade. No exemplo 6, existe um compromisso, por parte do Escritor, sobre a veracidade da informação citada, ainda que, no plano denotativo, seja o Autor quem é prioritariamente responsável pela informação.

Além do modelo de Thompson e Yiyun (1991), considerações elaboradas por outros autores são também relevantes para a análise que será feita nesta tese. Entre elas, a investigação desenvolvida por Shaw (1992) que, baseando-se principalmente no já discutido estudo do comportamento citacional elaborado por Swales e na Gramática Sistêmico-funcional, analisa um corpus composto por introduções de teses de doutorado. O autor busca compreender como os tempos verbais dos verbos de elocução são usados nos textos acadêmicos por ele investigados. Shaw (1992) adota a diferenciação entre citações integrais e não integrais, proposta por Swales (1993): são integrais aquelas nas quais o nome do Autor citado aparece na sentença de citação. Não integrais são aquelas citações nas quais o nome do Autor aparece entre parênteses. Os dados de Shaw indicam que, como indicado pela bibliografia, citações integrais são mais frequentemente introduzidas por verbos de elocução no passado e na voz ativa e que citações não integrais são geralmente introduzidas por orações de relato na voz passiva com um verbo de elocução no presente perfeito.

No que diz respeito à relação entre o grau de generalização das sentenças e sua voz e tempo verbal, no entanto, Shaw (1992) chega a conclusões não previstas pela bibliografia. Enquanto a literatura indica que o tempo verbal está relacionado ao nível de generalização

expresso na sentença, os dados em língua inglesa, investigados por Shaw (1992), o levam a afirmar que não existe evidência de que verbos de elocução no presente introduzam afirmativas funcionalmente mais gerais que aquelas introduzidas por verbos no passado ou no presente perfeito. Segundo Shaw (1992), os Escritores buscam satisfazer cadeias coesivas e convenções discursivas, localizando em posição temática os nomes dos Autores citados. Shaw (1992) afirma que o passado foi o tempo verbal mais freqüente entre os verbos de elocução, em todos os textos por ele investigados, mas ressalta que tal escolha não está relacionada à generalização de cada sentença, mas à necessidade de tematizar sujeitos facilmente recuperáveis no texto para elaboração de cadeias coesivas no discurso.

Também investigando a representação do discurso, Caldas-Coulthard (1992) examina textos ficcionais e não-ficcionais e admite a existência de uma ampla possibilidade de variação na representação do que as pessoas dizem. Para a autora, cada forma particular de representação produz efeitos de significado diferentes, o que influencia o trabalho de recepção e interpretação dos leitores. O pressuposto básico de Caldas-Coulthard é o de que “a interação escrita em textos narrativos é baseada na interação real, apesar de apresentada de maneira reduzida e ordenada” (CALDAS-COUTHARD, 1992: 69). A representação do discurso, neste sentido, é a redução de um evento comunicativo inicial e adequação de sua apresentação aos padrões da linguagem escrita. Assim, a autora contribui para a compreensão do fato de que, mesmo quando o discurso direto é utilizado, é possível que não sejam reproduzidas as exatas palavras da voz citada. Caldas-Coulthard explica que o que o discurso direto fornece não é a garantia da fidelidade a um original, mas a possibilidade de verificação desta, o que não pode ser feito no caso do discurso indireto, dada sua flexibilidade de reformulação discursiva característica.

Para Caldas-Coulthard (1992: 80), a escolha entre os diferentes modos de representação do discurso e a seleção de elementos tais como verbos de elocução em particular, “não são apenas um ponto de entrada para a diferença estilística, mas também uma chave para como os eventos podem ser interpretados segundo o ponto de vista de quem os relata”. Em

trabalho posterior, a autora se refere à citação como “a camada final em uma hierarquia de níveis narrativos, pois é a introdução de um texto dentro de outro” (CALDAS-COULTHARD, 1994: 296). A autora afirma que nenhuma representação do discurso pode ser neutra ou objetiva, já que o Escritor que cita, agente de uma prática discursiva, ao agir discursivamente, seleciona, segundo seus próprios critérios, o que considera importante citar, quem considera importante citar e, além disso, fornece sua perspectiva sobre o que cita, distanciando-se da voz citada e abrindo espaço avaliativo. Caldas-Couthard destaca que o que é considerado *importante* pela mídia impressa está diretamente relacionado ao poder e à estrutura social. A investigação da autora demonstra que a mídia impressa silencia as mulheres, escolhendo representar o discurso do gênero masculino de maneira muito mais freqüente. Para Caldas-Coulthard, a especificação de traços textuais específicos, como a representação do discurso, por exemplo, está vinculada a relações extra-textuais de caráter social, cultural e ideológico.

Em um extenso trabalho, baseado em dados do *Bank of English* e desenvolvido para a série Collins Cobuild, Thompson (1996a) oferece uma detalhada revisão das técnicas de relato utilizadas em formas de comunicação oral e escrita, destinada a aprendizes da língua inglesa. Nesse texto, o autor aponta o jornalismo, conversações, romances e a escrita acadêmica como contextos nos quais o relato desempenha uma importante função. Para o autor, cada um destes contextos representa um enquadre que, simultaneamente, ajuda seus leitores a reconhecer e interpretar as formas de relato utilizadas pelo Escritor e a avaliar se o relato é usual ou pouco usual. Thompson também afirma que é possível prever que quanto maior o nível de especialização da audiência leitora no assunto, mais explicitamente se espera que o Escritor demonstre as fontes de sua argumentação.

No caso de textos jornalísticos, Thompson acredita que as opiniões do jornalista raramente são expressas de forma explícita no texto, mas ressalta que, até certo ponto, o jornalista pode escolher que opiniões relatar e como textualizá-las, o que “geralmente sugere uma certa atitude em relação ao evento” (THOMPSON, 1996a: 151). Em textos acadêmicos, por sua vez, o

relato demonstra como o texto do Escritor se encaixa em relação à literatura mais ampla e apóia sua linha argumentativa. Thompson afirma que “em um ‘bom’ texto acadêmico, os leitores normalmente esperam encontrar um equilíbrio entre idéias novas interessantes e relato de idéias antigas. Eles esperam que o relato de idéias se encaixe perfeitamente na linha argumentativa do Escritor, preparando a argumentação e ajudando seu desenvolvimento” (THOMPSON, 1996a: 179).

Thompson (1996b) afirma que é relativamente consensual, em livros didáticos e gramáticas, que o que se costuma chamar “discurso direto” e “discurso indireto” são duas categorias lingüísticas não problemáticas, sobre as quais não haveria muito o que investigar. Thompson reconhece que muitas formas de relato poderiam ser facilmente classificadas nestas categorias, mas, para demonstrar a complexidade de categorização do processo de relato, sugere os exemplos que reproduzo a seguir. Uma tradução aproximada pode ser encontrada na nota de rodapé. Neste caso específico, apresenta-se o texto citado em inglês para que fique mais evidente o aspecto salientado por Thompson em sua exemplificação:

- (1) It's a case of 'reform or die', according to Jasper Becker.
- (2) The king congratulated him again on his patriotism and loyalty.
- (3) In Paris you must, apparently, have a lover or a dog.
- (4) Jackie Mann, his wife says, has not been awfully well lately.
- (5) He was eighteen this year so *he* was able to vote. *He* was going to vote Labour, he didn't like Mrs. Thatcher (THOMPSON, 1996b: 501)<sup>38</sup>.

Thompson explica que, na primeira parte do exemplo 1, ocorre uma oração de relato com uma citação parcial. Já, na segunda parte do mesmo exemplo, encontra-se o que o autor chama “sinal de relato”, sinalizado pelo adjunto “segundo”, que não constitui oração de relato. O exemplo 2, parece reproduzir o discurso original em discurso indireto, tão aproximadamente como possível, mas não há uma oração de relato claramente separada e o verbo de elocução “parabenizou”, não apenas sinaliza um evento de fala, como seria o caso de “disse” ou “afirmou”,

---

<sup>38</sup> Minha tradução aproximada dos exemplos seria: (1) É um caso de “reforme ou morra”, segundo Jasper Becker. (2) O rei o parabenizou novamente por seu patriotismo e lealdade. (3) Em Paris, aparentemente, você tem que ter um amante ou um cachorro. (4) Jackie Mann, diz sua esposa, não tem estado muito bem ultimamente. (5) Ele completou dezoito anos este ano, então *ele* podia votar. *Ele* ia votar no partido trabalhista, ele não gostava da senhora Thatcher. (THOMPSON, 1996b: 501)

mas expressa o conteúdo do que foi dito. Em 3, Thompson destaca a palavra “aparentemente”, que indica o relato da voz de uma fonte não identificável e, em 4, lembra que a oração de relato é geralmente classificada como subordinada no discurso indireto, o que não parece ser o caso do exemplo. Em 5, Thompson ressalta que, apesar de não haver nenhum sinal de relato, o falante está reproduzindo o que disse o jovem, o que fica evidenciado na forma como se muda a entonação, duas vezes, ao pronunciar a palavra *he* na língua inglesa.

Com estes exemplos, o autor pretende demonstrar que abordagens gramaticais tradicionais, que definem citações e orações de relato como unidades lingüísticas estanques e claramente identificáveis, não são suficientes para a investigação das variadas maneiras através das quais a linguagem de outros pode ser reproduzida. Na terminologia utilizada pelo autor, no exemplo: “Ela disse, ‘espero que tenha sorte’”, a primeira oração seria uma oração de relato e a segunda uma citação. Também poderíamos encontrar a oração “Ela desejou que tivesse sorte”, na qual o pronome “que” indica o início da oração de relato. Mas se, no entanto, nos deparamos com a oração “Ela me desejou sorte”, será necessária uma abordagem funcional, não apenas estrutural, para seu estudo como “relato de linguagem”<sup>39</sup>.

Adotar um ponto de vista funcional para a abordagem do relato da linguagem implica, como expõe Thompson, o pressuposto básico de que:

(...) escritores e falantes têm a seu dispor múltiplas alternativas entre as quais podem escolher para introduzir relatos da linguagem em seu texto, e uma forma útil para a abordagem dessa área – como de qualquer área da linguagem- levará em consideração todas as opções da forma mais completa possível, para permitir que o analista, professor de língua, etc., investiguem os fatores que influenciam a escolha de uma determinada opção em um contexto particular (THOMPSON, 1996b: 502)<sup>40</sup>

Na citação acima, pode-se perceber a relevância dada ao ato de escolha realizado pelo falante ou Escritor de um texto no momento em que decide incluir em seu discurso a voz de um

<sup>39</sup>Thompson opta pelo termo genérico *language report*, aqui traduzido de forma pouco criativa como “relato de linguagem”. O autor afirma que deseja evitar o termo “discurso indireto”, freqüentemente utilizado, segundo Thompson, em abordagens estruturais da linguagem,.

<sup>40</sup>Minha tradução de: “(...) speakers and writers have available a range of ways in which they can choose to introduce language reports into their text, and a useful account of this area –as of any other area of language- will set out all options as fully as possible, in a way which allows the analyst, language teacher, etc., to investigate the factors which influence the choice of any particular option in any particular context. (THOMPSON, 1996b: 502)

outro ator. O falante age sobre o sistema lingüístico motivado por uma série de fatores que são retórico-discursivos, sociais e culturais. Tal perspectiva encontra-se em sintonia com a proposta da Gramática Sistêmico-funcional, que baseia toda sua abordagem na noção de escolha ou seleção, ou seja, numa gramática eminentemente paradigmática (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004). No entanto, apesar de valorizar suas explicações de orientação semântica do relato da linguagem e seu tratamento de formas não canônicas de citação, Thompson vê como problemático o fato de que Halliday se restrinja a abordar projeções nas quais existe uma oração projetada claramente separada. Para Thompson, a abordagem da Gramática Sistêmico-funcional deve ser enriquecida por perspectivas discursivas, tais como aquelas realizadas nos estudos do comportamento citacional no discurso acadêmico, por Swales (1990) e Thompson e Yiyun (1991), por exemplo, na área da literatura, como o trabalho de Leech e Short (1981) e, finalmente, no estudo do discurso jornalístico, como, por exemplo, Fairclough (1992).

Thompson recupera o já discutido trabalho de Fairclough (1992) e define relatos de linguagem como intertextualidade manifesta, caracterizando-os como “vozes sinalizadas no texto”. Como sinais de vozes no texto, o autor inclui “toda seqüência de linguagem na qual o falante ou Escritor sinaliza, de alguma maneira, que outra voz está entrando no texto, ainda que de forma dissimulada ou ambígua” (THOMPSON, 1996b: 506). O autor oferece um marco de referência para o estudo dos relatos de linguagem, constituído pelas dimensões sobre as quais o falante ou Escritor deve atuar para incluir uma outra voz em seu discurso. São elas:

- **A voz**, ou seja, quem ou o que é apresentado como fonte do relato.

O escritor ou falante pode citar a si próprio, a uma fonte identificada, a uma fonte não identificada ou não identificável, ou a uma voz comunitária (como no caso dos provérbios).

- **A mensagem**, ou a forma como a função ou o conteúdo do discurso “original” é apresentado. Entre as alternativas, Thompson lista a citação, o eco (uso freqüente na literatura, em que a voz do narrador se sobrepõe à de um

personagem, não sendo possível identificar a autoria do comentário), a paráfrase, o resumo e a omissão (como na oração “Ela se levantou e partiu, ainda recla mando”, na qual à forma nominal “reclamando” omitiu-se o conteúdo da reclamação).

- **O sinal** é a forma através da qual aquele que elabora seu discurso indica a seu ouvinte ou leitor que o que diz ou escreve é um relato de linguagem. O escritor do relato de linguagem deve escolher uma relação lógica entre o sinal e a mensagem que se manifesta na estrutura do discurso. Tal relação de dependência lógica pode expressar o sinal como separado ou fundido à mensagem. Se separado, o sinal pode ser dominante em relação à mensagem – projeção em hipotaxe (ex. “A British Coal *disse* que isto só poderia prejudicar a indústria”), o sinal pode estar em relação de igualdade com a mensagem – projeção em parataxe (ex. “*Então ele disse*, ‘Como tem estado, Hannah?’”) ou em relação de subordinação – projeção em hipotaxe com intensificação (*enhancement*) (ex. “*Como Voisin ressalta*, sem minhocas não haveria civilização”). Quando o sinal encontra-se fundido à mensagem, não há um sinal que denuncie o relato: o sinal é sua própria mensagem (ex. “Mas ela não podia ver a si mesma com o que quer que fosse: vaso, tapete ou colar, tentando vendê-lo. *Não, aquilo não.*”). O escritor ou falante também deve escolher a posição do relato em relação à mensagem, incorporando-o ao ambiente discursivo local. Thompson afirma que este aspecto é bastante claro no caso das nominalizações de verbos de elocução, que podem ser usados, como qualquer tipo de nominalização “para indicar que o relato é um fato estabelecido, e não aberto à discussão, e em alguns casos nos quais o sinal de relato é deslocado de sua posição não marcada por razões temáticas” (THOMPSON, 1996b: 518).

e a

- **A atitude** corresponde à avaliação daquele que elabora o relato, seja este falado ou escrito. As escolhas básicas nessa categoria seriam uma atitude

neutra, positiva ou negativa. Também seria possível falar sobre o posicionamento do Escritor ou falante em relação ao *status* de verdade ou validade da mensagem que relata.

Sobre a apresentação da mensagem como uma citação, Thompson identifica três funções para a escolha desta forma de relato da linguagem: a primeira seria a de transmitir uma sensação de verossimilhança, ou seja, o ato de citar transmitiria a imagem de um nível mais alto de “lealdade” ao discurso original; a segunda função para a citação seria a de tornar o relato mais vívido através da simulação do evento original; a terceira função seria o efeito de distanciamento do Escritor do relato em relação à mensagem reproduzida por razões múltiplas, tais como descomprometimento, humildade ou superioridade. O autor afirma que em gêneros do discurso para os quais o original escrito existe, como em textos acadêmicos, por exemplo, a primeira função predomina.

Na mesma linha de investigação exposta acima, Hyland (1999) explora a citação como prática que contribui com a construção do conhecimento acadêmico, contrastando as estratégias empregadas em 80 artigos de oito disciplinas diferentes. Em seu estudo, define relato de forma ampla como “a atribuição de um conteúdo proposicional a uma outra fonte” (HYLAND, 1999: 341) e considera a citação uma forma de relato central para o processo de persuasão e obtenção de aceitação do trabalho do investigador na comunidade acadêmica. Para o autor, a citação representa escolhas que têm significado retórico. Ele afirma que “deve-se esperar, desse modo, que tanto a incidência como o uso da citação variem de acordo com o contexto retórico, influenciados por formas diferentes de ver o mundo e de lidar com a pesquisa e sua apresentação” (HYLAND, 1999: 344). Hyland (1999), baseando-se na classificação de Thompson e Yiyun, exposta acima, propõe uma redução do número de categorias, ainda assim, preservando um dos pontos mais interessantes da classificação de Thompson e Yiyun (1991), que é o fato de que, mesmo que todos os verbos de elocução sejam selecionados pelo Escritor, em algumas de suas



escolhas, este pode transferir para o Autor a responsabilidade sobre a veracidade da informação citada.

Também na classificação de Hyland (1999), verbos de elocução podem ser classificados simultaneamente, segundo a atividade que denotam, ou seja, seu potencial denotativo, e em relação ao posicionamento que evidenciam, seu potencial avaliativo. O potencial denotativo se relaciona a atividades, ao tipo de ação realizada no mundo real pelo conteúdo da elocução, ou, antes, ao tipo de representação desta elocução formulada pelo Escritor. O potencial avaliativo, por sua vez, evidencia atitude e um certo posicionamento do Escritor diante dos Autores e/ ou dos discursos representados no texto.

Em sua investigação, Hyland (1999) encontrou diferenças substanciais entre as práticas de citação características das Ciências Humanas e Sociais, e das Ciências Naturais e Engenharia. Como Shaw (1992), Hyland (1999) também adota a diferenciação entre citações integrais e não integrais, proposta por Swales (1990). Segundo Hyland, a referência explícita a pesquisas anteriores tem um papel mais significativo nas Ciências Sociais e Humanas. Nestas áreas, o recurso à prática da citação é mais freqüente, recorre-se um maior número de vezes à citação integral e o Autor é situado com maior freqüência na posição de sujeito da oração. Com exceção da Biologia Molecular, os Escritores das ciências “duras” –Hyland por vezes faz referência às *Hard e soft sciences*- tendem a fazer citações mais curtas e a minimizar o papel do Autor em seus textos.

Para Hyland (1999), a prática de citação contribui para o estabelecimento de espaços disciplinares. O autor sugere que os resultados expostos acima explicam-se por um maior cuidado das Ciências Sociais e Humanas em situar firmemente um campo de investigação: o recurso à citação fornece “garantias intertextuais” (HYLAND, 1999: 353). As diferenças substanciais na quantidade de citações entre as áreas acadêmicas, segundo Hyland, “refletem, até certo ponto, em que medida um contexto pode ser tomado com segurança como compartilhado pelos leitores” (HYLAND, 1999: 354). O autor afirma que, nas Ciências Sociais e Humanas, os

marcos teóricos são revisitados e reinterpretados e que o fato de que apresentam mais citações, mais variadas e com verbos de elocução mais argumentativos indica maior necessidade de elaborar um contexto compartilhado. Segundo o autor, a estrutura epistemológica das “ciências duras” possibilita a seus Escritores pressupor um território conhecido por seus leitores, o que lhes permite empregar menos esforços na demonstração de questões de relevância e confiabilidade de seus estudos através de citações e verbos de elocução. Hyland conclui que “nossas práticas de redação rotineiras e não refletidas estão profundamente encapsuladas nas convicções epistemológicas e sociais de nossos campos disciplinares” (HYLAND, 1999: 363).

Já em Hyland e Tse (2004), as práticas de citação, tal como discutidas por Hyland (1999), são denominadas “evidências” (*evidentials*) e fazem parte de uma proposta mais ampla de categorização do meta-discurso. Hyland e Tse (2004) reconhecem que não existem critérios simples para a identificação de meta-discurso e o caracterizam como “um importante recurso para facilitar a comunicação, apoiar a posição do escritor e construir uma relação com a audiência” (HYLAND & TSE, 2004: 159). Os autores defendem amplamente que todo meta-discurso é interpessoal e afirmam que o texto deve ser visto como um processo em que, à medida que escrevem, os Escritores criam, simultaneamente, “conteúdo proposicional, engajamento interpessoal e a seqüência do texto” (HYLAND & TSE, 2004: 162). Hyland e Tse (2004) concluem que o meta-discurso cruza normas e expectativas culturais e profissionais com a necessidade dos Escritores em assegurar a compreensão e aceitação do conteúdo proposicional que apresentam.

### 3.3.3 A representação do discurso em outras perspectivas gramaticais

A *Collins Cobuild English Grammar* (COLLINS COBUILD..., 1990) dedica um capítulo à prescrição das diferentes alternativas utilizadas na língua inglesa para elaborar relatos.

Segundo a gramática, entre os diversos usos do relato, pode-se citar que são utilizadas para reproduzir o que as pessoas dizem e pensam, fazer perguntas, expor dúvidas, dar ordens, sugestões e conselhos, expressar polidez, evitar a menção do responsável pela opinião expressa e expressar distanciamento de uma declaração. A gramática recorre à clássica divisão entre as estruturas de citação ou discurso direto e estruturas de relato ou discurso indireto. Uma oração de relato, que possui um verbo de elocução, introduz uma citação ou uma estrutura de relato. Alguns verbos de elocução podem indicar o propósito da enunciação e outros, ainda, seu modo de realização, criando efeitos especiais. A oração de relato, que contém o verbo de elocução, pode aparecer antes da citação, no meio ou após esta. Verbos de elocução podem ainda ocorrer, não associados a outras orações, mas possuindo complementos gramaticais que expressem o que as pessoas dizem ou pensam. O recurso à citação implica em que aquele que elabora o relato o faz como se estivesse empregando as mesmas palavras ditas pela pessoa que cita, enquanto que, ao empregar uma estrutura de relato, aquele que a elabora emprega suas próprias palavras.

Biber *et al.* (1999) elaboram a primeira gramática baseada em corpus eletrônico e investigam dados orais e escritos da língua inglesa. Neste trabalho, utiliza-se o termo “oração de relato”, *reporting clause*, para designar orações que acompanham relatos diretos do que as pessoas pensam ou dizem. Orações de relato podem localizar-se em posição inicial, final ou no meio do relato. Elas possuem verbos de elocução que podem variar desde os mais diretos, tais como “diz”, até verbos em que se expressam a forma ou a função do ato de fala. Os dados provenientes de fontes escritas investigados por Biber *et al.* (1999) demonstram que as orações de relato são encontradas principalmente na ficção e em textos jornalísticos: “Orações de relato ocorrem mais de 5.000 vezes por milhão de palavras na ficção. Orações de relato ocorrem mais de 2.000 vezes por milhão de palavras em textos jornalísticos.” (BIBER *et al.*, 1999: 923). Além disso, os autores afirmam que, em ambos os registros, a posição final da oração de relato é mais freqüente, mas salientam que entre a ficção e os textos jornalísticos, estes últimos são os que recorrem mais freqüentemente à posição inicial. A posição intermediária é raramente empregada.

Um dado interessante da investigação de Biber *et al* (1999) diz respeito ao emprego do discurso direto na linguagem oral. Segundo os autores, a impossibilidade de recorrer a sinais de aspas não parece representar um problema, pois “os falantes empregam um conjunto de recursos para mostrar que estão passando ao modo do discurso direto” (BIBER *et al*, 1999: 1118). Os falantes podem, por exemplo, durante seu turno de fala, empregar marcadores de início de turno, como “oh”, “bem”, “OK”, que sinalizam a introdução do discurso direto.

Dutra (2004) traça uma interessante discussão sobre o emprego do discurso direto em narrativas orais na língua portuguesa. A autora demonstra como os falantes desenvolvem estratégias retóricas através das quais manipulam mecanismos lingüísticos, tais como entonação e a estrutura sintática, para salientar eventos que constituem pontos importantes da narrativa, como o “clímax” e o “desfecho”. Dutra destaca que o discurso direto desempenha um papel estratégico nas narrativas orais, sendo a habilidade de manipulá-lo uma característica importante do contador de histórias. Nas palavras da autora:

Um bom contador de histórias sabe que uma pergunta em discurso direto requer uma resposta em discurso direto, pois se a pergunta é importante o suficiente para ser realçada por esse mecanismo lingüístico, também a resposta deve ser de igual importância e, portanto, será codificada pelo mesmo tipo de mecanismo realçador. (DUTRA, 2004: 66)

No Brasil, perspectivas gramaticais não afiliadas à Gramática Sistêmico-funcional também se ocuparam da questão da representação do discurso. Cegalla (1994: 568) diz que “o discurso é direto quando são as personagens que falam”, sendo a narrativa interrompida e a palavra “cedida” às personagens pelo narrador. No discurso indireto, afirma Cegalla, o narrador transmite, ele próprio, ao leitor o que foi dito ou pensado. Cunha (2001: 635) fala de “estruturas de reprodução de enunciações” que ofereceriam ao narrador “três moldes lingüísticos diversos”: o discurso direto, o indireto e o discurso indireto livre. O gramático define o discurso direto como aquele em que o personagem é chamado a apresentar suas próprias palavras. O discurso indireto, segundo Cunha, realizado por uma oração subordinada freqüentemente desenvolvida, é aquele em que “o diálogo é incorporado à narração mediante uma forte subordinação semântico-sintática

estabelecida por meio de nexos e correspondências verbais entre a frase reproduzida e a frase reprodutora” (CUNHA, 2001: 638). Para Cunha, através do discurso indireto o narrador subordina a si mesmo a personagem, retirando-lhe a forma própria da expressão. Conciliação do discurso direto e do indireto, o indireto livre “aproxima narrador e personagem, dando a impressão de que falam em um uníssono” (CUNHA, 2001: 641). Esta última forma, destaca o autor, atribui maior “liberdade sintática” do narrador e sua completa adesão à vida do personagem.

Neves (1999) emprega o termo “falante” como aquele que elabora o relato e “sujeito” como a voz citada. Ela afirma que, no discurso direto, o falante tem uma responsabilidade muito menor sobre a oração citada. Já o discurso indireto elabora uma paráfrase do que é referido, sendo a responsabilidade, sobre o que é dito, assumida pelo falante. Neves expõe que, além de maior responsabilidade sobre a citação, no discurso indireto, o falante possui o controle sobre os elementos dêiticos, tais como pronomes e advérbios<sup>41</sup>. Neves (1999: 48-49) classifica os verbos de elocução, introdutores de discurso, em “verbos de dizer, ou verbos *dicendi* – que são os verbos de elocução propriamente ditos” e “verbos que introduzem discurso, mas não necessariamente indicam atos de fala”, estando este subdivididos entre “verbos que instrumentalizam o que se diz” e verbos que “circunstanciam o que se diz”.

### 3.3.4 O grupo de investigação CORDIALL e a representação do discurso

A produção acadêmica desenvolvida pelo grupo de pesquisa reunido em torno do projeto CORDIALL - Corpus Discursivo para Análises Lingüísticas e Literárias – tem contribuído para a compreensão do fenômeno da representação do discurso com investigações que serão aqui brevemente apresentadas. As autoras compartilham um marco teórico situado nos Estudos da

---

<sup>41</sup> A dêixis pode ser definida como o conjunto de referências ou coordenadas espaço-temporais que atualizam um dado enunciado, definindo o momento de sua enunciação, os participantes na comunicação e o lugar em que o enunciado se produz (DUBOIS et al, 1973).

Tradução, elaboram suas análises lingüístico-discursivas, sob a perspectiva da Gramática Sistemico-funcional, e investigam fenômenos relacionados aos verbos de elocução, utilizando uma metodologia orientada pela Lingüística de Corpus.

Mauri (2003) realiza uma análise comparativa da coletânea de contos *Laços de família*<sup>42</sup>, de Clarice Lispector, e sua tradução ao italiano. Em seu trabalho, Mauri focaliza o emprego de verbos de elocução para introduzir o pensamento de personagens femininas, buscando compreender de que forma a utilização de tais verbos colabora para a representação da condição feminina no cotidiano. Esta representação, marcada pela introspecção, gera, segundo Mauri, uma narrativa representativa do “paradigma da condição existencial do universo feminino” (MAURI, 2003: 32).

Recorrendo a trabalhos de categorização de verbos de elocução realizados por Caldas-Coulthard (1996) e Neves (1999), entre outros, Mauri afirma, que na obra original, por ela investigada, e na traduzida, 45% dos verbos de elocução identificados são verbos tais como “dizer” e “perguntar”, classificados neutros na nomenclatura adotada pela autora, enquanto que aproximadamente 20% são verbos que indicam processos mentais. Mauri acredita que o número relativamente baixo de verbos classificados nesta última categoria contrasta com a maneira como Lispector engendra suas personagens femininas, revelando seus sentimentos, sensações e pensamentos através da introspecção. Mauri volta-se, então, à observação do contexto de ocorrência dos verbos neutros, chegando à conclusão de que muitos verbos de elocução que não indicam processos mentais acabam funcionando como tais por entrar em uma rede coesiva com outros processos mentais, por exemplo, quando a narradora simula uma interação dialógica da personagem consigo mesma. O corpus investigado por Mauri apresenta ainda casos em que os verbos “dizer”, “retrucar” e “indagar”, entre outros, são empregados de forma reflexiva, o que indica que a ação do dizer está direcionada à própria personagem que diz.

Contrastando as escolhas realizadas pela tradutora de *Laços de Família* para o italiano, Mauri nota uma certa tendência a uma menor introspecção das personagens femininas,

---

<sup>42</sup> LISPECTOR, Clarice. *Laços de família: contos*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1974.

evidenciada pelo uso menos freqüente de processos mentais e conclui que a retextualização dos processos mentais no italiano é responsável pela criação de um estilo próprio na tradução. Os dados apresentados pela autora indicam que, no que diz respeito aos verbos de elocução, a introspecção na obra de Lispector não se dá exclusivamente pelo recurso a processos mentais, mas também através do emprego de verbos como “diz” e “pergunta” que, integrados em uma dada rede coesiva marcada pela introspecção, atuam como processos mentais. Deve-se entender, portanto, que a função desempenhada por um verbo de elocução pode variar segundo o contexto em que ocorra e que a classificação de um processo como mental não depende de que este conste em uma lista pré-existente de exemplos, mas que atue de maneira funcional como tal em um dado contexto discursivo.

Mendes (2003) investiga a representação do discurso em reportagens policiais, sendo os dados de seu corpus provenientes dos jornais *Folha de São Paulo* e *O dia*. A autora observa e contrasta as fontes de sua pesquisa em termos da percentagem do discurso direto em relação ao discurso indireto, realiza o levantamento quantitativo da ocorrência da representação do discurso através do recurso a verbos de elocução, adjuntos de reportagem (relato) e a sinais de pontuação como sinalizadores do discurso representado e reflete sobre os tipos de verbos de elocução empregados para a textualização de diferentes fontes jornalísticas. Estas foram classificadas por Mendes entre fontes não institucionais e institucionais, estando estas últimas divididas entre fontes relacionadas aos discursos policial, político, jurídico, econômico, técnico/ especialista e militar.

Mendes (2003: 177) afirma que, nos dados de sua pesquisa, a representação do discurso, através do discurso indireto, é mais freqüente que o direto, “o que poderia ser considerado uma tendência geral nas notícias e reportagens jornalísticas”. A autora observa ainda que as duas fontes de sua pesquisa representam mais freqüentemente o discurso de instituições que de fontes não institucionais, apesar de que, ao contrário do que ocorre no jornal *O Dia*, o

jornal *Folha de São Paulo* “deu às instituições um acesso expressivamente maior que às pessoas cujos discursos não são institucionais” (MENDES, 2003: 177).

Um aspecto interessante deste trabalho é o estudo realizado das linhas de concordância ampliadas de alguns verbos, tais como “admitir”, “confessar” e “informar”. Mendes observa que a análise do co-texto dos verbos de elocução pode revelar interessantes nuances de representação dos atores sociais. No corpus investigado pela autora, o verbo “admitir”, por exemplo, está associado a itens lexicais cuja conotação é negativa, tais como “errou”, “álcool”, “violência” e “constrangido” e que os discursos indicados pelos verbos de elocução fazem, em sua maioria, referência a policiais admitindo erros da própria polícia. Os itens lexicais que co-ocorrem com o verbo “admitir” relacionam o que se está admitindo a situações em que se cometeu um erro e atitudes não ajustadas ao comportamento socialmente esperado. Mendes destaca que o sentido do verbo “admitir”, que consta em dicionários, não reflete aspectos negativos, mas seria sinônimo das ações de contratar, aceitar e considerar possível. Baseando-se em seus dados, Mendes sugere que, no corpus por ela investigado, o sentido mais apropriado para o verbo “admitir” seria o de “declarar um fato negativo pressuposto anteriormente por outrem” (MENDES, 2003: 138). A autora salienta ainda que “aos representantes não institucionais não e é dado o direito de ‘suspeitar’ nem de ‘declarar’ algo mas, freqüentemente, estes são chamados a ‘contar’ ” (MENDES, 2003: 188). Para a autora, estas seriam opções de representação que causariam efeitos distintos no âmbito ideológico do uso da linguagem.

Recorrendo à categorização proposta por Caldas-Coulthard (1994), Mendes classifica os verbos de elocução, identificados em seu corpus, como “performativos ilocucionários”, “neutros”, “transcritivos” e “descritivos”. A autora chega à conclusão de que a categoria “performativos ilocucionários”, que, segundo Mendes (2003: 182), indica “um caminho para a interpretação do discurso representado”, engloba 34,6% das representações do discurso na *Folha de São Paulo* e 50,2% no jornal *O Dia*. Já os verbos classificados como neutros representam 28% das representações de discurso no jornal *Folha de São Paulo* e 20% no jornal *O Dia*.



É relevante destacar, contudo, que a autora classifica os verbos “afirmar” e “contar” como “performativos ilocucionários”, enquanto classifica o verbo “dizer” como neutro. Se os verbos “afirmar” e “contar” também fossem classificados como “neutros”, esta categoria passaria a abrigar 42,4% dos verbos de elocução identificados no jornal a *Folha de São Paulo*, contra 21,1% da categoria “performativos ilocucionários”. De forma análoga, classificando-se os verbos “afirmar” e “contar” como neutros, obtém-se no jornal *O Dia* 37,3% dos verbos de elocução na categoria “neutros” contra 33,3% na categoria “performativos ilocucionários”. Estes dados indicam que, ao agrupar os verbos “afirmar”, “dizer” e “contar” em uma mesma categoria, a dos verbos “neutros”, nota-se que esta seria a categoria mais freqüente de representação do discurso no corpus investigado por Mendes.

Uma importante conclusão do trabalho de Mendes é a de que faz-se necessário observar, não apenas “o conteúdo do discurso reportado, mas também como IstoÉ feito” (MENDES, 2003: 189). O trabalho de Mendes demonstra que a representação de atores sociais no âmbito da intertextualidade não se limita ao que efetivamente diz o texto citado, mas se relaciona, prioritariamente, às alternativas de representação deste texto no discurso que o incorpora. Em outras palavras, o estudo da representação do discurso deve observar elementos tais como os sinais utilizados para indicar a representação do discurso ou sua omissão, o tipo de verbo utilizado, seu tempo e o modo, a relação sintática estabelecida entre as orações envolvidas no processo e a posição temática dos elementos introdutórios do texto citado.

Cruz (2003) trabalha com um corpus bilíngüe paralelo, composto pelo romance *Harry Potter and the chamber of secrets*<sup>43</sup> e sua tradução ao português do Brasil. A autora busca padrões de textualização dos verbos de elocução no texto fonte e no texto traduzido, observando os processos de transitividade. Cruz (2003) afirma que pode-se verificar como diferentes escolhas realizadas pela autora e pela tradutora geram diferenças significativas para o processo de configuração de personagens nos romances investigados. O personagem Hagrid, por exemplo, apresentado com características físicas grotescas no original, é representado de maneira menos

---

<sup>43</sup> ROWLING, J. K. *Harry Potter and the chamber of secrets*. New York: Scholastic, 2002.

animalesca no texto traduzido. Cruz (2003: 91) explica que, ao contrário do que ocorre no texto fonte, as elocuições do personagem “são amenizadas através de verbos que sinalizam o modo da fala ou o propósito da fala, enquanto no texto fonte, (...) são utilizados mais verbos de elocução que sinalizam o som particular de animal”.

Em seu corpus, Cruz se depara com verbos desempenhando função ilocucionária como “acenar”, “invadir”, “tentar” e “tossir”, por exemplo, e cria a categoria “verbos não intrinsecamente elocutórios” (CRUZ, 2003: 121), afirmando que, na bibliografia por ela consultada, tais verbos não são previstos como de elocução. Apesar de a escolha do nome da categoria não ser a mais apropriada, uma vez que a própria autora afirma que estes verbos “estão presentes no corpus da pesquisa, utilizados como verbos de elocução” (CRUZ, 2003: 78), deve-se destacar a abordagem empírica da discussão sobre o tema da tradução realizada pela autora. Sem tal abordagem, detectar verbos como “acenar” e “tossir”, desempenhando função ilocucionária seria quase impossível, razão pela qual não estavam classificados na bibliografia consultada pela investigadora como verbos de elocução. Na tese que o leitor ora tem em mãos, adota-se a postura de que não existem verbos “intrinsecamente” ilocucionários, mas que sim, pode-se dizer, que existem verbos que, mais freqüentemente que outros, desempenham a função ilocucionária. Verbos de elocução como os identificados por Cruz (2003), são pouco freqüentes e, justamente por isso, causam efeitos especiais quando empregados desempenhando esta função.

Jesus (2004) analisa, por um lado, um corpus paralelo bilíngüe, composto pelos romances *Point Counter Point*<sup>44</sup>, de Aldous Huxley, e *Contraponto*<sup>45</sup>, sua tradução para o português do Brasil por Érico Veríssimo. Por outro lado, Jesus (2004) analisa um corpus comparável, formado pela tradução *Contraponto* e pelo romance *Caminhos Cruzados*<sup>46</sup>, de Érico Veríssimo. Jesus (2004) centra a análise de seu corpus nos processos mentais, especificamente através do verbo prototípico THINK, em seu corpus de língua inglesa, e PENSAR, no corpus em português. Sua pesquisa mostrou que diferentes formas de representação do pensamento

<sup>44</sup> HUXLEY, Aldous. *Point counter point*: a novel. London: pequin Books, 1928.

<sup>45</sup> HUXLEY, Aldous. *Contraponto*. São Paulo, 1971. trad. Érico Veríssimo.

<sup>46</sup> VERÍSSIMO, Érico. *Caminhos cruzados*. São Paulo: Globo, 1989.

produzem diferentes significações no texto, já que percebe que o autor da obra em inglês e o autor da tradução e do romance em português privilegiam diferentes aspectos: Huxley, segundo a autora, privilegia a representação do conteúdo dos pensamentos das personagens através do uso de citações e paráfrase. Veríssimo, autor das obras em português, fragmenta o pensamento dos personagens, empregando o sintagma preposicionado e o relato descontínuo, com frequência.

Um dos pontos que merece destaque na investigação de Jesus (2004) é que a autora já percebe, através da análise de seu corpus, a presença de um contínuo entre as múltiplas formas de representação do pensamento, que iriam desde o discurso direto, em que existe a preocupação em encenar a fidelidade a um discurso original, e o discurso indireto, em que não há a exigência da recuperação precisa do que foi dito. Jesus não desenvolve o tema, tratando-o brevemente, mas demonstra-se, através da menção ao contínuo, sensível à pluralidade de formas de representação do discurso, recuperadas em sua investigação empírica. A seção seguinte elabora a questão do contínuo da representação do discurso e discute alguns pontos identificados entre a impressionante variedade de formas de representação da fala e do pensamento em textos na língua portuguesa vinculados aos gêneros do corpus desta pesquisa: artigo acadêmico e artigo de divulgação científica.

### 3.3.5 O contínuo da representação do discurso: uma abordagem empírica para a língua portuguesa

A análise dos dados utilizados nesta investigação revelou uma variedade de estratégias retóricas bastante ampla para a representação do discurso. Mesmo observando-se especificamente ocorrências de discurso direto com verbos de elocução, foi identificado um amplo espectro de possibilidades estruturais para a representação direta da fala. Apesar de que a discussão apresentada a seguir seja melhor caracterizada como análise, optou-se por localizá-la neste capítulo, e não no capítulo 5, em função dos objetivos específicos desta tese. A reflexão que

elabora-se a seguir vai além destes objetivos, já que discorre sobre várias outras formas de estruturação da representação do discurso, além de ocorrências do discurso direto com verbos de elocução. Não obstante, dada a escassês de pesquisas empíricas da representação do discurso em língua portuguesa elaboradas na perspectiva da gramática Sistêmico-funcional, decidiu-se incluir neste capítulo a breve reflexão que se segue.

Os dados demonstram que entre o que tipicamente se chama discurso direto e discurso indireto há um amplo espectro, formando o que se poderia chamar o contínuo da representação do discurso. A revisão da literatura aqui realizada indica que a percepção deste contínuo já era latente nos trabalhos de Volosinov (1978), ao identificar duas direções básicas de inter-relação entre o discurso representado e o que o representa, de Leech e Short (1984), quando afirmam que as categorias que salientam são melhor entendidas como pontos em uma seqüência de representação, como as cores no disco de Newton, e de Swales (1985, 1993), quando exemplifica as múltiplas soluções retóricas que um investigador pode empregar para resolver a tensão entre relatar uma descoberta e tornar explícito seu Autor: “Stilton (1982) **demonstrou** que a lua é feita de queijo.”, “Foi demonstrado que a lua é feita de queijo (Stilton, 1982)”, “É provável que a Lua seja feita de queijo (Stilton, 1982)”<sup>47</sup>. Também autores como Fairclough (1988, 1992) e Thompson (1996b) problematizam a questão da categorização do fenômeno da representação do discurso, ressaltando sua complexidade.

Grande parte da literatura, aqui revisada, sobre a representação do discurso dedicou-se a identificar mais categorias intermediárias entre o discurso direto e o indireto, dividindo-se entre os autores que deixam a descrição do fenômeno da representação restrita a estes dois pólos e aqueles que salientam mais pontos do contínuo, sensíveis à complexidade lingüística intermediária. Em ambos os casos, no entanto, as investigações apresentam-se como descrições satisfatórias do fenômeno da representação. Parece haver a despreocupação com a complexidade do fenômeno da representação do discurso e o apagamento da percepção de que o ato de “pinçar” mais categorias entre os pólos da representação (discurso direto e indireto) produzirá sempre uma

---

<sup>47</sup> Ver seção 3.3.1 Estudos fundamentais da representação do discurso

descrição parcial e limitada do contínuo. Os dados analisados nesta investigação e aqueles fornecidos pela literatura ora consultada sugerem que para cada língua, para cada gênero discursivo, para o modo ficcional e para o modo não ficcional, haverá uma infinidade de camadas de fusão diferentes entre a voz do Escritor do texto e as vozes dos Autores por ele citados. Diante deste quadro, cabe refletir qual seria o significado interpessoal realizado pelas diferentes alternativas de representação do discurso.

Nesta seção, serão apresentados alguns níveis do contínuo da representação do discurso, identificados durante a análise do corpus desta pesquisa, composto por textos em língua portuguesa vinculados aos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica. Ressalte-se, contudo, que, diante da impossibilidade de descrição completa dos níveis intermediários entre os pólos da representação, a apresentação que se segue se reconhece como versão parcial e limitada do contínuo. Os extratos utilizados para exemplificar a discussão encontram-se numerados.

Um primeiro caso observado é o dos exemplos 1 e 2 abaixo, que apresentam representações diretas da experiência não lingüística. Isto significa dizer que as orações que os compõem são representações lingüísticas de uma certa realidade material, não de outra representação desta realidade. É preciso observar, no entanto, que as referências entre parênteses colocam estas representações, através de convenções típicas do gênero artigo acadêmico, em relação com outros textos, discursos estes não explicitamente representados no discurso dos Escritores dos fragmentos abaixo. O leitor, familiarizado com as convenções retóricas do gênero artigo acadêmico, perceberá que, através das referências fornecidas pelos Escritores, estabelece-se uma relação entre as representações lingüísticas que estes Escritores elaboram da realidade material que investigam e as representações elaboradas pelos Autores cujos trabalhos são identificados entre parênteses e destacados em negrito nos exemplos abaixo. Já o leitor que, além de familiarizado com tais convenções, seja especialista nos assuntos tratados e possua conhecimento destas áreas específicas de investigação, não apenas identificará a relação sinalizada pelos Escritores entre seus textos e os dos Autores referidos entre parênteses, mas

também compreenderá em que sentido estes textos se relacionam. Swales (1985) analisou exemplos semelhantes aos que se seguem destacando que representam soluções retóricas para a sinalização da autoria.

1) Os estágios ninfais apresentaram quatro ou cinco instares. A razão sexual (fêmeas/total de indivíduos) foi de 0,52 e a longevidade média das fêmeas e machos foi de  $9,23 \pm 0,98$  e  $11,03 \pm 1,23$  dias, respectivamente (**SABEDOT *et al.*, 1999**). No levantamento populacional deste psílideo no campo, a razão sexual foi de 0,43 (**ZIDKO, 1998**). [Subcorpus Ciências Agrárias]

2) No nordeste semi-árido brasileiro domina uma vegetação caducifólia espinhosa conhecida regionalmente por caatinga (**Andrade-Lima 1981**). Esta vegetação está submetida a temperaturas médias anuais constantes e altas,  $26^\circ\text{C}$  em média, e precipitação pluviométrica anual baixa (até 750mm em 50% do território) e irregular, concentrada em três a quatro meses consecutivos (**Nimer 1989**). [Subcorpus Ciências Biológicas]

Pode-se dizer que existe um grupo de leitores cujo conhecimento prévio permite um acesso privilegiado a discursos elaborados como exemplificado acima. Este grupo de leitores reconhece as soluções retóricas empregadas pelos Escritores dos textos e partilha da cadeia intertextual neles recuperada. Note-se que, como representações lingüísticas de uma realidade material, e não de uma representação lingüística, os exemplos 1 e 2 não seriam normalmente considerados discurso indireto. Se aceitamos a idéia do contínuo da representação do discurso, no entanto, e tomamos as referências entre parênteses como sinalizando uma relação intertextual, poder-se-ia, sim, dizer que os extratos 1 e 2 participam do contínuo da representação do discurso, configurando um nível anterior ao do discurso indireto.

Nos exemplos que se seguem, os adjuntos de relato (THOMPSON, 1996: 20), destacados em negrito, informam mais explicitamente a relação estabelecida entre a realidade investigada pelo Escritor do texto e aquela sobre a qual originalmente investigaram os Autores por eles referidos. No extrato 3, a identificação da voz que se alia à do Escritor, para acrescentar dados ao discurso, é bastante genérica. Já no extrato 4, a identificação se dá através da atribuição de nomes e datas entre parênteses, o que remete o leitor diretamente a uma bibliografia ao final do texto e indiretamente a um discurso original, que, encontra-se livremente representado pelo Escritor.

3) A abordagem cirúrgica do timo foi realizada através de esternotomia mediana, a qual, **segundo alguns autores**, é a mais indicada por possibilitar amplo acesso ao mediastino, facilitando a retirada de possíveis focos de tecido ectópico do timo, uma das causas de insucesso cirúrgico na terapêutica da miastenia gravis. [Ciências da Saúde]

4) A ausência de estruturas sexuais e o ângulo de inserção dos zoosporângios com relação às hifas caracterizam os isolados dentro dessa espécie, **segundo Sparrow (1960) e Jee et al. (2000)**. [Subcorpus Biologia]

São adjuntos de relato freqüentes no corpus desta investigação, além dos acima destacados, “de acordo com o autor” e “para o autor”. Note-se que a função do adjunto de relato é a de sinalizar uma meta-representação. Enquanto os extratos 1 e 2 eram representações lingüísticas de uma realidade material, os extratos 3 e 4 já evidenciam representações lingüísticas de outras anteriores a eles. A ausência de sinais de aspas indica que houve um processo de reformulação do discurso dos Autores, sendo este apresentado nas palavras do Escritor do texto. Este nível de representação do discurso encontra-se, portanto, mais próximo do discurso indireto.

Nos extratos seguintes, semelhantemente ao que ocorre nos exemplo 3 e 4 acima, as representações elaboradas pelos Escritores não buscam representar lingüisticamente uma realidade física e material, mas uma realidade lingüística. Ao invés de adjunto de relato, contudo, são empregados verbos que servem à representação lingüística de relações simbólicas entre significados elaborados na “consciência humana” e um sistema para a expressão de tais significados (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 171). Tomando a oração como forma de representação, isto é, focalizando o sistema da transitividade, verbos que realizam esta função são denominados processos verbais. Diferentes tipos de processos constituem diferentes formas de configurar lingüisticamente a realidade. Processos verbais, como os destacados em negrito e maiúsculas, nos extratos 5 e 6 abaixo, servem “à representação lingüística da troca simbólica de significado” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 253).

5) Muitas pessoas **ENFATIZARAM** a natureza objetiva dos dados sobre citação, mas também **OBSERVARAM** a sua unilateralidade: ser um membro da universidade exige muito mais do que pesquisa científica como a que é publicada em revistas do JCR. [Subcorpus Ciências Sociais]

6) Enquanto Duarte (1995, *apud* Novaes, 1996) **DEFENDE** a proposta de o sujeito nulo ter natureza pronominal independentemente de pessoa, Figueiredo Silva (1994, *apud* Novaes, 1996) apresenta argumentos a favor da possibilidade de o sujeito nulo em português ter, também independentemente de pessoa, status de variável. [Subcorpus Lingüística]

Note-se que nos exemplos 5 e 6, acima, as orações combinam-se estruturalmente e formam complexos oracionais. Enquanto no exemplo 5 o elemento estrutural “mas também” permite a conexão do complexo oracional, no exemplo 6, a mesma função é desempenhada pela conjunção “enquanto”. Ambos os elementos estruturais estabelecem, além de uma relação coesiva, também uma relação lógico-semântica entre as orações que integram os complexos oracionais. No caso dos exemplos acima, ainda que haja processos verbais representando a troca simbólica de significado no nível oracional, no nível do complexo, não ocorre projeção, ou seja, não existe uma oração que projete a outra como uma locução ou uma idéia. O exemplo acima, proveniente do corpus das Ciências Sociais, poderia ter sido textualizado da seguinte maneira:

7) Muitas pessoas **ENFATIZARAM**, “os dados sobre citação são objetivos”. [Exemplo Fictício]

Nesse caso, a primeira oração projetaria a segunda como um meta-fenômeno. A primeira oração pertenceria a uma ordem de existência, a da representação lingüística da troca simbólica de significado, enquanto que a segunda oração pertenceria a uma ordem superior de existência, a da *meta-representação*. Voltando aos exemplos 5 e 6, mencionados acima, deve-se notar que não ocorre meta-representação, mas representação simbólica. O tipo de relação lógico-semântica estabelecida entre as orações destes exemplos é o da expansão, em que os fenômenos representados são da mesma “ordem de experiência” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 377).

Já nos exemplos 8 e 9, expostos a seguir, as orações secundárias destacadas em negrito, funcionam como representações de uma outra representação lingüística, esta expressa na oração primária. A relação lógico-semântica estabelecida entre os elementos dos complexos oracionais é a da projeção, já que as orações secundárias são meta-representações. A relação de interdependência entre as orações constituintes dos complexos oracionais é hipotática. Em outras palavras, as orações secundárias são representadas como fenômenos de uma ordem superior de experiência, a da meta-representação semiótica, e funcionam como “relatos”, sendo, portanto,



dependentes das orações projetantes (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 443). Os extratos 8 e 9 são exemplos típicos do discurso indireto.

8) Um grupo de pesquisa afirmou **que uma publicação deve ser o resultado natural da pesquisa e não vice-versa**. [Subcorpus Ciências Sociais]

9) Os autores concluem **que o marcador é útil no diagnóstico diferencial de massas da adrenal, mas não tem relação com a agressividade biológica da neoplasia maligna**. [Subcorpus Ciências da Saúde]

É interessante notar que, nos exemplos, até aqui discutidos, pode-se perceber um aumento progressivo da presença da intertextualidade manifesta<sup>48</sup>. Enquanto nos exemplos 1 e 2, apresentados anteriormente, a relação do discurso dos Escritores com outros textos só pode ser percebida através do conhecimento de convenções retóricas específicas do gênero artigo acadêmico, nos exemplos 3 e 4, é possível relacionar o discurso do Escritor ao de outros Autores, através de adjuntos de relato. Nos exemplos 5 e 6, aparecem vozes identificadas como atores de processos verbais, explicitamente identificadas pelos Escritores. Já nos exemplos 8 e 9 logo acima, as vozes identificadas como Autores, não apenas são apresentadas explicitamente como fontes de elocuições, mas também têm seu discurso representado na forma de relato, sendo da ordem da meta-representação semiótica. Neste caso, a sintaxe assumida pelo complexo oracional indica que o discurso incorporado é dependente do discurso que o incorpora. Tradicionalmente chamada de discurso indireto, pode-se esperar, nesta forma de representação, um alto nível de reformulação por parte do Escritor dos discursos representados.

Os exemplos apresentados a seguir, não podem, como os anteriores, ser associados ao discurso indireto. A presença das aspas indica que existe um discurso original, sendo representado pelos Escritores dos extratos abaixo, através de fragmentos que “reproduzem” parcialmente este discurso original. O recurso às aspas denuncia a presença de mais de uma voz no discurso, ocorrendo, no caso dos exemplos, ora discutidos, o que se poderia chamar de uma fusão de vozes: uma que é a voz do Escritor, representada no discurso este que incorpora; outra que é uma voz

---

<sup>48</sup> Para a discussão da intertextualidade manifesta, ver seção **3.2 Intertextualidade**.

não explicitamente identificada, representada entre aspas. Propõe-se aqui o termo “fusão de vozes” para denominar o recurso retórico através da qual o Escritor manipula simultaneamente, a sintaxe de seu próprio discurso para a recepção do trecho a ser incorporado e a porção do discurso representado que interessa identificar como idêntico ao texto original<sup>49</sup>. O recurso retórico da fusão de vozes possibilita a simultânea representação entre aspas de uma porção de discurso e a não identificação textual da voz citada. Fundem-se, assim, as vozes do Escritor à do Autor cujo discurso é representado. Os extratos 10 e 11 exemplificam o acima exposto:

10) Anti-social e antinacional, o capital financeiro internacional impôs uma política macroeconômica cujo "interesse racional é equilibrar, por um lado, a capacidade de o país continuar pagando e, por outro, maximizar os juros que cobra". Criou-se, assim, "um grau de dependência como não sonharam os textos mais pessimistas sobre dependência escritos há algumas décadas". A própria política perde substância e as alianças não mais projetam estratégias políticas, mas "contratos de compra e venda de pouca duração e baixa densidade". [Subcorpus Ciências Sociais]

11) Sua marca de batismo coincide com a própria institucionalização da ciência que, segundo Morel<sup>2</sup>, tem como marco teórico o Projeto Manhattan, "que reuniu nos Estados Unidos as pesquisas sobre a bomba atômica durante a Segunda Guerra", fato que estabelece a supremacia da ciência norte-americana e a decadência da ciência européia. [Subcorpus Ciências Sociais]

O recurso retórico, acima descrito, propicia ao discurso do Escritor verossimilhança, já que a utilização das aspas indica a incorporação literal de trechos de um outro texto, e legitimidade, pois alia à voz do Escritor o que outras têm a dizer. Tal efeito é obtido sem que a estrutura textual do discurso do Escritor seja afetada. Ao Escritor cabe selecionar a “quantidade” do discurso original que deseja incorporar em seu próprio texto, o que pode variar, desde uma única palavra, como destacado em negrito no exemplo 12 abaixo, passando por complementos dos elementos constituintes da oração, como o complemento verbal do processo “admitem” no exemplo 13, até a integração de uma oração proveniente do discurso incorporado a uma oração do discurso do Escritor, formando um complexo oracional, como pode ser apreciado no exemplo 14:

12) Por que, estando desde o início exposta a evidências relevantes `a fixação de um dado parâmetro, a criança parece "**selecionar**" informação (Borer & Wexler, 1987)? [Subcorpus Lingüística]

---

<sup>49</sup> Aproximando-se do pensamento de estudiosos da retórica que tratavam a noção de gênero como ação social, Swales (1990) faz uso dos termos tais como objetivo retórico, solução retórica, ferramenta retórica e recurso retórico para ressaltar o aspecto sócio retórico, não apenas lingüístico, das estratégias discursivas recorrentes em um gênero. O termo “fusão de vozes” é um recurso retórico neste sentido.

13) Mesmo quando admitem "**componentes subjetivos e informais em algum entorno da questão estratégica**", que fazem parte do "caráter" das pessoas que pensam a estratégia (Testa, 1986:195) ou, entre os determinantes da ação de um ator, o seu "código de personalidade" (Matus, 1996), estes são identificados com padrões de comportamento e preferências de ordem volitiva. [Subcorpus Ciências da saúde]

14) Assim, foi somente compreendendo a realidade econômica que "**o problema de governo pôde enfim ser pensado, refletido e calculado fora do quadro jurídico da soberania**"XV. [Subcorpus Ciências Sociais]

Destaque-se que, nos exemplos acima, o recurso retórico da fusão de vozes é alcançado, simultaneamente, através da não identificação explícita da voz à qual pertence o discurso incorporado e da atribuição da responsabilidade pelo discurso incorporado ao Escritor do texto. Nos exemplos que seguem, ao contrário, pode-se notar a separação entre as vozes do Escritor e do Autor – o Autor é identificado pelo Escritor como responsável pelo discurso representado entre aspas. Neste caso, assim como acontece no recurso retórico da fusão de vozes acima exposto, o discurso representado pode ser constituído desde uma única palavra até orações completas. Thompson (1996: 17) chama este tipo de representação do discurso de “citações parciais”. Note-se que a diferença entre o que o autor denomina “citações parciais” e o que aqui se descreve como “recurso retórico da fusão de vozes” é a possibilidade de identificação explícita da voz que gera o discurso incorporado. Nas citações parciais, tais como descritas por Thompson (1996), é possível identificar a voz citada explicitamente, realizada no discurso do Escritor. O exemplo 15 é uma manipulação do extrato anterior e pode ser classificado como uma citação parcial, nos termos de Thompson (1996a).

15) Mata (1997) pensa o problema de governo "**fora do quadro jurídico da soberania**" [Exemplo Fictício]

Na fusão de vozes, a identificação da voz, representada no texto, só é possível através do conhecimento de convenções retóricas do gênero, como ocorre no exemplo 14 acima. Onde ocorre o recurso da fusão de vozes, pode-se dizer que recai, principalmente sobre o Escritor do texto, a responsabilidade sobre o discurso representado. Já nas citações parciais, é possível atribuir a autoria do discurso representado a uma voz explicitamente realizada na oração projetante, ainda que a porção de discurso representada entre aspas não constitua uma oração. Observe-se como, no

exemplo seguinte, a oração destacada em negrito é representada como a reprodução de um evento discursivo anterior, a fala da dizente Maristela. Não existe, no entanto, uma oração projetante para esta citação, o que leva à apresentação da voz de Maristela no plano da voz do Escritor do texto:

16) Maristela conta que para afastarem a solidão, muitas mulheres de oficiais do CLA estão adotando crianças da região. **"Há pouco, uma garota de 16 anos deu à luz e já entregou o bebê para os pais adotivos."** A gravidez precoce é a norma por aqui. Muitas adolescentes têm filhos aos 12 anos. [Subcorpus IstoÉ]

Obviamente, a fusão de vozes não promove o apagamento do Autor, já que as aspas seguem denunciando a presença de diferentes vozes na tessitura discursiva. Pode-se falar, contudo, da opacidade deste Autor, já que, ao não ser explicitamente identificada, sua voz é realizada no plano da voz do Escritor. Quando não ocorre a fusão de vozes, ainda que o Autor não esteja expresso no discurso, a voz deste Autor não é trazida para o plano da voz do Escritor. O extrato 17, abaixo, exemplifica este ponto. O Escritor não esclarece quem precisamente é o Autor do discurso representado entre aspas, atribuindo sua autoria, no trecho sublinhado no exemplo, a um dizente indeterminado que utiliza “gírias”. Percebe-se a separação entre as vozes deste Escritor e a do dizente indeterminado, recaindo sobre este último a responsabilidade sobre a porção do discurso, representada entre aspas: Em outras palavras, embora exista o benefício da informalidade com que a gíria resume o assunto tratado, o Escritor não deseja ser identificado por seu leitor como o Autor do trecho representado entre aspas, e por isto demarca a distância discursiva existente entre as vozes presentes no discurso.

17) Porém, cabe reconhecer que a abordagem da cultura como objeto de política e administração pública é, como se diz na gíria, um "outro departamento" [Subcorpus Ciências Sociais]

O dizente do processo verbal “queixa”, que aparece no exemplo 18, a seguir, pode ser anaforicamente identificado, através da coesão textual, como “a paciente” e, portanto, também não ocorre a fusão de vozes. Note-se que, o discurso representado não constitui uma oração completa, mas um adjunto adverbial que reproduz parcialmente o que efetivamente disse a paciente:

18) Queixa-se ainda de dores no pescoço "e na coluna inteira", dificuldade para andar, precisando de apoio para... [Subcorpus Ciências da Saúde]

Nos exemplos seguintes, ocorre a meta-representação lingüística de orações completas, sem que, contudo, o discurso representado forme complexos oracionais com uma oração projetante. No lugar desta, encontramos adjuntos de relato, destacados em negrito nos exemplos:

19) **Segundo ele**, "na criança de um ano é, às vezes, possível já reconhecer o futuro criminoso..." (Corrêa, in: Eulalio *et al.*, 1982). [Subcorpus Ciências Humanas]

20) **Para o autor**, "a noção de língua minoritária tomou forma através da análise de situações onde a distinção entre maioria e minoria era precisa." [Subcorpus Lingüística]

O exemplo 21 traz uma oração primária projetante que, através do processo não-finito "assegurar", projeta uma oração secundária entre aspas. No exemplo 22, o processo responsável pela projeção hipotática da oração secundária encontra-se na forma não finita:

21) Daí ECHAVE (1941) **ASSEGURAR** que "hoje podemos afirmar de maneira concludente que este metal tão amplamente... [Ciências Sociais]

22) Ribeiro(9) reforça a importância da orientação dada ao doente, **AFIRMANDO** que "indivíduos de baixa escolaridade, na ausência de informação, apresentam uma interação aditiva, se constituindo em uma categoria de maior risco para o abandono". [Ciências da saúde]

Ressalta-se aqui que a relação de interdependência entre as orações primárias e secundárias, nos complexos acima, é hipotática. Segundo Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004: 443), a relação de interdependência hipotática serviria apenas à projeção de relatos ou discurso indireto, sendo as citações projetadas parataticamente. Os autores reconhecem que o emprego das aspas não garante que o Escritor ou falante esteja reproduzindo as precisas palavras do discurso que representa, mas afirmam que "a função idealizada de uma estrutura paratática é a representação de um fraseado [*wording*]; enquanto que na hipotaxe, a função idealizada é representar o sentido, ou a essência" (HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004: 454). Há dois importantes pontos de discussão referentes a esta afirmativa. Um diz respeito à "função idealizada da citação" e outro diz respeito à taxa estabelecida entre as orações de um complexo

que elabora uma citação. A exposição seguinte elabora o segundo ponto, sendo que a “função idealizada da citação” será discutida mais adiante.

No corpus desta investigação, verificou-se que a projeção hipotática de citações é uma prática recorrente no gênero artigo acadêmico. Estes dados corroboram a afirmação de Thompson (1996: 17) de que “é bastante comum, particularmente na redação acadêmica e outras formas de redação formal, que se encontre um tipo de citação parcial no qual ‘que’ é usado depois de uma oração introdutória de relato”. Os exemplos fornecidos a seguir ilustram citações projetadas hipotaticamente, que, seriam denominadas, segundo Thompson (1996), estruturas de citação parcial. Nos exemplos 23, 24, 25 e 26 existe um verbo de elocução finito, destacado em negrito, realizando a projeção em hipotaxe. As orações projetadas são citações, já que os sinais de aspas as indicam como reproduzindo parcialmente um discurso anterior:

23) Simões (1989:40) **REFERIU** que "as verdadeiras e reais estimativas das taxas de mortalidade infantil só serão possíveis quando houver neste país interesse no aperfeiçoamento de sistemas estatísticos contínuos". [Subcorpus Ciências Biológicas]

24) Ele **AFIRMA** que "a espacialidade do corpo é o desdobramento de seu ser de corpo " (MP, 1) [Subcorpus Engenharia]

25) Levy (*apud* Cunha, 1997, p. 197) **ARGUMENTA** que a "atual definição de biblioteca digital é muito restrita e não irá satisfazer as necessidades futuras dos usuários. Assim, ele propõe que haja uma integração das mídias (documentos híbridos)" (grifo do autor). [Subcorpus Ciências Sociais]

26) Porém, **ADMITE** que "o fato é que a idéia se espalhou de uma maneira surpreendente por todo o mundo" [Subcorpus Lingüística]

Vale destacar que os verbos de elocução destacados acima, “referiu”, “afirma”, “argumenta” e “admite” realizam diferentes perspectivas avaliativas por parte dos Escritores do discurso representado e, conseqüentemente, dos Autores citados. Este aspecto será discutido no capítulo 5, quando esta investigação classifica os verbos de elocução identificados no corpus. Neste momento da análise, ressalta-se que projeções hipotáticas de citações, como as tratadas nos exemplos 23 a 26, não estão previstas pela Gramática Sistêmico-funcional, mas foram identificadas no corpus desta pesquisa e compõem o contínuo da representação do discurso. Note-se que entre os pólos da representação do discurso, o discurso direto, em que o modo de projeção

é o paratático, e o discurso indireto, com modo de projeção hipotático, existe uma infinidade de camadas ou níveis de fusão entre as vozes dos Escritores e dos Autores. A observação dos dados desta pesquisa demonstrou que o discurso direto ocorre também no modo de projeção hipotático, em que as orações do complexo oracional não são independentes uma da outra. Nos exemplos 23 a 26 nota-se claramente a separação entre as vozes do Escritor do texto e do Autor cujo discurso é representado, já que este é explicitamente identificado nas orações projetantes. A estrutura hipotática de dependência entre a oração projetante e a oração projetada indica que, ao menos em termos sintáticos, persiste algum nível de fusão entre estas vozes.

Já nos exemplos fornecidos abaixo, a dependência sintática do discurso incorporado em relação ao discurso do Escritor é distinta. A sintaxe assumida pela estrutura do complexo oracional indica separação dos discursos: a voz do Autor é projetada parataticamente, ou seja, o discurso representado assume um *status* sintático igual ao do discurso do Escritor. Neste caso, a impossibilidade de fusão entre as vozes do Escritor do texto e do Autor por ele citado reduz o leque de possibilidades combinatórias entre a oração projetante e o discurso projetado. A oração primária, projetante, pode aparecer em posição temática, como destacado em negrito nos exemplos seguintes:

27) **No início da década de 40, Thornthwaite e HOLSMAN (1941), atestaram:** "Não existe ainda técnica satisfatória para medir a ...[Subcorpus Engenharia]

28) **Ele EXEMPLIFICA:** "no dia-a-dia, o especialista em direito comercial analisa contratos de compras online, enquanto o tributarista estuda quais tipos de impostos incidem sobre essas compras... [Subcorpus Galileo]

Ocupando posição intermediária, como se vê destacado nos seguintes exemplos:

29) "Não querendo dar ênfase ao pleonasmo", **CONTINUA Olívia**, "pode-se omitir a vírgula".[Subcorpus Lingüística]

30) "É claro", **DISSE para si mesmo**, "tudo tem a ver com a luz, a velocidade da luz." [Subcorpus IstoÉ]

Ou em posição de rema, logo após a oração projetada, como mostram os seguintes extratos:

31) "O filho do rico já cresce vendo computador. O filho do pobre, não. É muito mais difícil para ele porque falta oportunidade", **DISCURSA**. [Subcorpus Ciências Sociais]

32) "Hoje em dia, os pacientes dessa síndrome são tratados com luz. Alguns respondem bem e se recuperam, outros não. Os cientistas especulam que pode ter algo a ver com mutação na melanopsina", **DIZ a brasileira**. [Subcorpus Folha de São Paulo]

No corpus desta investigação, detectou-se ainda um tipo de citação na qual, ainda que haja duas orações, e que a pontuação e a presença das aspas indiquem que ocorre representação do discurso, não existe projeção. Thompson (1996a: 27) refere-se a esta forma de representação como “relatos descontínuos”, *discontinuous report*. Os extratos 33 e 34, seguintes, são exemplos de relato descontínuo extraídos do corpus desta pesquisa. Note-se que a relação estabelecida entre as orações destacadas em negrito e aquelas que imediatamente as seguem é semântica, sendo os vínculos que as unem, relações coesivas. A meta-representação do discurso, apesar de não haver projeção, viça evidenciada no uso das aspas. O que ocorre nos casos dos exemplos abaixo é que o discurso representado, “locuções” nos termos da Gramática Sistêmico-funcional, é realizado não pela relação lógico-semântica da projeção, mas a da expansão. O exemplo 33 pode ser tomado como uma elaboração: o discurso representado expande a oração destacada em negrito, especificando o termo “este fato”. Também o exemplo 34 pode ser classificado como uma elaboração se considerarmos que o discurso representado exemplifica de que forma instituições como “os hospitais” têm remodelado seus “papéis”:

33) **Cunha (1993:13) alerta para este fato**: "Parece-nos que pronomes de primeira e de segunda pessoa tornam-se indeterminados na medida em que assumem a capacidade de englobar a "não-pessoa", o que pode acontecer inclusive com eu." [Subcorpus Ciências Humanas]

34) **Se a empresa substitui a fábrica, o processo que está em curso redefine as instituições em seus novos papéis**: "os hospitais abertos, o atendimento em domicílio e outros serviços já surgiram há muito tempo,"<sup>6</sup> com suas máquinas cibernéticas, os computadores e as redes de informação.

Alguns parágrafos atrás ficou pendente a discussão da chamada “função idealizada da citação”. Antes de seguir, demonstrando as formas de associação entre as diferentes formas de representação do discurso identificadas no corpus, é conveniente que se realize esta reflexão à luz dos dados ora investigados. Como exposto anteriormente, a função idealizada da estrutura



paratática (citação), na Gramática Sistêmico-funcional é a “apresentação” das palavras, tal como empregadas no discurso citado. A estrutura hipotática seria responsável pela “representação” da idéia central, admitindo-se algum nível de reformulação (HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004: 454). Halliday e Matthiessen (2004), Leech e Short (1981), Semino e Short (2004) e abordagens gramaticais não funcionais, elaboradas em língua portuguesa, como Cegala (1994) e Cunha (2001), parecem coincidir em pelo menos um ponto: pode-se esperar da citação que esta reproduza com fidelidade o discurso que representa.

Uma posição teórica distinta seria aquela tomada por Caldas-Coulthard (1992, 1994) e Calsamiglia e López (2001). Calsamiglia e López (2001) destacam que, apesar da literalidade imposta pelos gêneros discursivos, nos quais a citação ocorre, como são os casos do artigo acadêmico e da notícia sobre divulgação científica, nos meios de comunicação, o ato de citar implica em uma dupla intervenção por parte do Escritor. Ao extrair um trecho de seu contexto de origem, o Escritor realiza sua primeira intervenção. A segunda, realiza ao adequar o extrato a um novo contexto discursivo, no qual a citação servirá aos propósitos do Escritor, não mais aos do Autor. Ainda que a mensagem da citação seja a mesma, “por literal que se mantenha, sofre uma intervenção dupla” (CALSAMIGLIA & LÓPEZ, 2001: 2650). Além disso, Caldas Coulthard (1994) ressalta que a representação do discurso neste sentido é vista como uma redução de um evento comunicativo inicial e adequação de sua apresentação aos padrões da linguagem escrita. A autora destaca que o discurso direto não fornece a garantia da fidelidade a um original, mas a possibilidade de verificação.

Os dados coletados nesta pesquisa fazem com que aqui se assumam esta última posição teórica. Os extratos 35 a 40, abaixo, são apenas alguns exemplos em que a estrutura de citação é utilizada como recurso retórico, aliado à estrutura argumentativa geral do texto, mas que não implica em fidelidade a um discurso original.

35) Geralmente o adulto pergunta "O que é isso?", o que talvez provoque respostas fragmentadas. [Subcorpus Ciências Humanas]

36) Nenhum liberal diria "minha pátria, certa ou errada" porque o liberalismo envolve um conjunto... [Subcorpus Ciências Humanas]

37) Antes que os freudianos de plantão gritem "eu sabia!", registre-se que os biólogos conhecem bem esse mecanismo há... [Subcorpus Folha de São Paulo]

38) Algumas pessoas acham que o tempo de Einstein já acabou, é como quem diz, "Ah, o Garrincha hoje em dia não jogaria mais o que ele jogou... [Subcorpus Folha de São Paulo]

39) Havia até mesmo uma certa perplexidade, como se dissessem: "Será que preciso saber tudo isto para ser sanitarista?". [Subcorpus Ciências Biológicas]

40) ... ou, como diria Abreu (1986) , as "novas vias por meio das quais a Zona Sul carioca se expande" [Subcorpus Ciências Humanas]

No exemplo 35, o advérbio “geralmente” denuncia que a pergunta entre aspas não está relacionada a um evento discursivo específica, mas a um tipo recorrente de interação. No exemplo 36, a função da representação do discurso parece ser, justamente, demonstrar sua própria impossibilidade enunciativa, já que destaca a contradição inerente ao fato de que um liberal a realizasse. Já o exemplo 37 pretende adiantar-se ao evento discursivo no qual os “freudianos” realizariam o discurso, representado entre aspas, qualificando-o como um anacronismo, antes mesmo que seja realizado. O exemplo 38 atribui a autoria do discurso, entre aspas, à uma espécie de coletividade, como se expressasse nas palavras do Escritor, mas na forma de discurso direto, o que muitas pessoas afirmam. O exemplo 39 apresenta uma oração projetante condicional que explicita que a oração projetada representa uma situação hipotética. Finalmente, o exemplo 40 é o único em que pode-se esperar que o Autor realmente tenha realizado estas mesmas palavras representadas entre aspas. O verbo de elocução da oração projetante, contudo, “diria”, no futuro do pretérito, parece criar uma situação de conflito: afinal, o Autor disse ou não disse estas palavras? Parece ser que o Autor do exemplo 40 realmente fez a afirmativa apresentada acima, mas não neste contexto. O uso do verbo indica intimidade entre o Escritor e o Autor, já que o primeiro, como se o conhecesse pessoalmente, sabe o que ele diria nesta circunstância em particular.

Uma vez realizada a discussão relativa à função idealizada da citação e a anterior apresentação de algumas camadas de fusão entre as vozes dos Escritores e dos Autores, por eles citados, camadas estas identificadas no corpus desta pesquisa como parte do contínuo da

representação do discurso, é conveniente destacar o caráter intrinsecamente associativo das ditas camadas. Em outras palavras, as diferentes formas de representação do discurso, apresentadas nesta seção, podem ocorrer, e geralmente ocorrem, em associação, encadeando várias camadas de fusão. O extrato 41 proveniente do corpus acadêmico desta investigação, ilustra este caso. As diferentes formas de representação do discurso identificadas no exemplo, abaixo, estão destacadas em negrito e recebem letras para facilitar sua discussão.

41) Na França, a escola que surgiu sob inspiração de Ducrot, chega a pleitear uma "**pragmática integrada**"(A), ou seja integrada à semântica (cf. Ducrot, 1977; Vogt, 1977). Do outro lado do Canal da Mancha, Kempson (1977) defende uma semântica bem mais "**magra**"(B), fiel às condições de verdade, implicações e acarretamentos lógicos etc. e, quase no desfecho do seu livro, **CONFESSA** que "**Não há dúvida de que a Cinderela deste livro tem sido a área de pragmática**"(C) (Kempson, 1977: 192). [Subcorpus Lingüística]

A representação "A" constitui uma fusão da voz do Escritor do texto às vozes dos Autores cujos trabalhos são referidos entre parênteses. A representação "B" é o que se pode chamar de citação parcial, já que existe um Autor, cujo nome encontra-se sublinhado no extrato, identificado como responsável pelo discurso representado, parcialmente reproduzindo um discurso original. A representação "C" apresenta uma projeção hipotática de uma citação, realizada pelo verbo de elocução "confessa", destacado em letras maiúsculas e negrito.

O extrato 42, apresentado a seguir, é proveniente do corpus midiático desta investigação e, como o anterior, encadeia formas de representação do discurso direto. Neste caso, a diferença básica é a posição da oração projetante, sublinhada no exemplo, que, na representação do discurso "A", apresenta-se na posição do rema, enquanto que, na representação "B", assume posição temática. Em ambos os casos, a relação de interdependência entre as orações, constituintes dos complexos, é paratática: a primeira projeção é realizada pelo verbo de elocução, destacado em negrito e letras maiúsculas, "explica", e, a segunda, pelo verbo "discorda".

42) "Não considerei os resultados [da terapia gênica] na área clínica muito satisfatórios", **EXPLICA** a cientista (A). Já Travassos **DISCORDA**: "Na minha opinião, a terapia gênica é a medicina do futuro (B). [Subcorpus Folha de São Paulo]

A presente tese focaliza sua investigação empírica nos verbos de elocução em discurso direto. A seleção do verbo de elocução, um sinal de relato, e do discurso direto, um das inúmeras camadas do contínuo da representação do discurso, se justifica pelo interesse antes anunciado de investigar-se a negociação da distância discursiva entre as vozes presentes em textos científicos e em textos sobre ciência. Entende-se que a presença de um verbo de elocução projetando uma oração, ou parte dela, como discurso direto, sinaliza uma certa relação discursiva entre o Escritor que cita e o Autor citado que acentua a distância entre estas vozes. Além disso, a possibilidade de que a citação seja realizada através de parataxe ou hipotaxe abre uma interessante via de reflexão sobre a negociação da distância discursiva nos gêneros aqui investigados.

Verbos de elocução em discurso direto podem ocorrer num contexto sintático marcado pela relação hipotática ou paratática entre as orações projetante e a oração projetadas, ou ainda em contextos em que tais orações não se encontram claramente separadas, evidenciando diferentes níveis de fusão entre as vozes dos Escritores dos textos e dos Autores por eles citados. É necessário destacar ainda que, nesta tese, foram considerados verbos de elocução todos aqueles que, através da análise contextual de sua ocorrência, são identificados atuando como processos verbais ou mentais – tais processos possuem a capacidade de meta-representação lingüística. Assim, são identificados classificados processos verbais, no corpus desta investigação, “alfineta”, “martela”, “comemora”, “castiga”, “detona”, “dispara”, entre outros. Tais verbos causam efeitos especiais já que, em outros contextos discursivos, tipicamente seriam considerados processos materiais e comportamentais. Quando desempenhando a função de um verbo de elocução, verbos como “alfineta” e “detona” atuam de forma semelhante a verbos como “diz” e “afirma”, pois representam como meta-linguagem uma oração, ou parte dela, devendo, nestas condições, ser considerados processos verbais.

Sobre o discutido no parágrafo acima, Halliday e Matthiessen (2004: 171) definem processos verbais da seguinte maneira: uma categoria que estabelece “relações simbólicas construídas na consciência humana e representadas de maneira lingüística”. Além disso, como

discutido anteriormente, os autores lembram que, ainda que haja verbos tipicamente característicos de cada uma das categorias de processos – verbal, mental, material, etc-, um princípio fundamental do sistema é, justamente, o da indeterminação, o que os autores chamam de indeterminação sistêmica. Para Halliday e Matthiessen, o que basicamente distingue processos verbais e mentais de outros tipos de processos é sua capacidade para projetar orações. Apesar de apenas dar como exemplos verbos tipicamente reconhecidos como processos verbais, o autor afirma que *'saying'*, ou seja, a ação realizada por um processo verbal, deve ser interpretada de forma bastante ampla, pois “abrange qualquer tipo de troca simbólica de significado” (2004: 253). Refletindo sobre a natureza do dizente, a entidade que realiza a ação representada pelo processo verbal, Halliday chega a sugerir que processos verbais poderiam receber uma denominação mais apropriada se chamados “processos simbólicos”. A este respeito, é possível refletir sobre exemplos extraídos do corpus desta pesquisa. Verbos de elocução, como os destacados em negrito, nos exemplos 43 e 44, não representam ações materiais:

43) (...) existe uma blindagem para apurar seu destino", **ALFINETA** o deputado Antonio Mentor (PT-SP). [Subcorpus IstoÉ]

44) "Ele não fornece absolutamente nenhuma proteção aos crescentes danos ambientais e econômicos causados pela queima de carvão e petróleo", **MARTELOU** o porta-voz Bill Hare. [Subcorpus IstoÉ]

O deputado Antônio Mentor não usou um alfinete e o porta-voz Bill Hare não usou um martelo: ambos dizentes usaram a linguagem, o que pode ser comprovado na gramática que textualiza o complexo oracional: os verbos de elocução “alfineta” e “martelou” projetam as orações entre aspas. Em outras palavras, trata-se de processos verbais. Contudo, o emprego de verbos como os acima exemplificados, já que tipicamente atuam como processos materiais ou comportamentais -diferentemente de processos verbais prototípicos, “diz”, “afirma”, etc- produz efeitos especiais orquestrados pelo Escritor do texto. Na dimensão interpessoal da interação estabelecida entre o Escritor do texto e seu leitor, pretende-se que as afirmações nos exemplos acima sejam lidas como algo tão incômodo como uma alfinetada ou drástico como uma

martelada. Através dos verbos “alfineta” e “martela”, o Escritor consegue teatralizar seu discurso e sinalizar a orientação interpretativa que deseja a seus leitores.

Para concluir este capítulo, é interessante expor que a autora desta tese reconhece, em primeiro lugar, que a escolha de que verbo de elocução utilizar na redação de um texto qualquer representa uma ação ínfima se levamos em consideração o número total de decisões que o Escritor faz para completar seu discurso. Em segundo lugar, qualquer descrição individual do contínuo da representação do discurso ou de aspectos deste fenômeno será sempre limitada e parcial. Dito isto, ressalta-se que um pressuposto básico desta investigação é o de que cada uma das escolhas realizadas durante o processo de elaboração textual, consciente ou inconscientemente tomadas, constitui formas de prática discursiva, parte de práticas sociais mais amplas, que de maneira paradoxal influenciam e são influenciadas pelo contexto cultural e social no qual os atores sociais se inserem. A investigação lingüística, tal como aqui se propõe, pretende colaborar para a compreensão das formas de ser, estar e relacionar-se no mundo, partindo da observação do modo como a linguagem é utilizada.

### **3.4 Arremate**

A negociação da presença de diferentes vozes na tessitura discursiva de textos vinculados aos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica é realizada através de mecanismos de representação do discurso. A representação do discurso é recurso discursivo, localizado na esfera da intertextualidade manifesta, que se textualiza através de processos de projeção. Uma projeção é uma representação discursiva de outra representação mental ou lingüística, ou seja, uma meta-representação.

A observação dos dados utilizados nesta investigação revelou uma variedade de estratégias retóricas bastante ampla para a representação do discurso direto no artigo acadêmico.

Os dados demonstram que entre o que tipicamente se chama discurso direto e discurso indireto há um amplo espectro, formando o que se poderia chamar o contínuo da representação do discurso. Entre as diversas possibilidades de representação do discurso direto está o que aqui se denominou “fusão de vozes”, ou seja, o recurso retórico através da qual o Escritor manipula simultaneamente, a sintaxe de seu próprio discurso para a recepção do trecho que deseja incorporar como discurso direto e a porção do discurso representado que lhe interessa identificar como idêntico ao texto original. As diferentes formas de representação do discurso que constituem o contínuo da representação do discurso podem ocorrer, e geralmente ocorrem, em associação, encadeando várias camadas de fusão.

O termo relato é empregado de forma ampla para denominar formas de representação do pensamento e da fala e o termo citação indica uma forma particular de relato, em que uma fonte, específica ou não, é identificada como responsável pela locução. Quando em complexos oracionais, uma citação pode estabelecer relações de interdependência paratática ou hipotática entre as orações representadas. O termo verbo de elocução é utilizado para destacar, entre os vários sinais de relato que oferece uma língua, verbos que atribuem o conteúdo proposicional de uma meta-representação (projeção) a uma fonte, podendo ser esta mais ou menos específica. Verbos de elocução não estão limitados a processos tipicamente classificados como verbais ou mentais, sendo seu uso o que determina sua identidade ilocucionária.

## 4 O ESTUDO PROBABILÍSTICO DA GRAMÁTICA

O objetivo deste capítulo é apresentar os procedimentos metodológicos empregados na presente tese para analisar sistemas da projeção do discurso direto, ou seja, os procedimentos utilizados para analisar a gramática que negocia a presença de diferentes vozes na tessitura discursiva de textos vinculados aos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica. Apesar de não ser típico que capítulos metodológicos contenham informação teórica, considera-se importante, antes de passar à descrição procedimental, a apresentação do marco de referência utilizado para a análise quantitativa do corpus ora investigado. Este referencial não é apenas coerente com a teoria exposta nos capítulos anteriores: a exposição da abordagem probabilística da gramática, que se apresentará a seguir, relaciona-se com o referencial, antes apresentado, de forma paradoxal, partindo dele para propor a compreensão das propriedades especiais de um sistema semiótico em termos probabilísticos e reformulando seu próprio arcabouço teórico à luz dos dados encontrados. Note-se que tanto a elaboração deste capítulo metodológico, como a padronização dos dados quantitativos em termos probabilísticos desta pesquisa, utilizou como modelo a coletânea *Computational and Quantitative Studies* (HALLIDAY, 2005), mais especificamente, os capítulos 3 a 7, que apresentam trabalhos publicados por Halliday entre 1991 e 1993.

As seções seguintes, portanto, tratam de esclarecer, em primeiro lugar, *por que se acredita que a análise quantitativa é relevante numa perspectiva sistêmica, para só então apresentar como os objetivos anunciados na Introdução desta tese, abordados em termos teóricos nos capítulos 2 e 3, são tratados empiricamente no capítulo 5.*



## 4.1 Marco teórico de referência para a análise quantitativa

Como exposto no capítulo anterior, para Halliday “um sistema lingüístico é intrinsecamente probabilístico” (HALLIDAY, 2005: 45)<sup>50</sup>. O autor observa, com certa surpresa, que enquanto o estudo probabilístico do léxico é tomado com certa naturalidade, o estudo probabilístico da gramática causa mais reações contrárias. Para Halliday, no entanto, não existe nenhuma razão para aceitar o tratamento probabilístico do léxico e negar o da gramática. Há pelo menos dois pressupostos básicos sobre esta questão. O primeiro é que Halliday também considera que a “frequência” de ocorrência de um termo em um texto é a instanciação da probabilidade na gramática, esta entendida como sistema semiótico amplo (HALLIDAY, 2005: 64). Na presente tese, o termo “frequência”, em seu sentido técnico, é definido neste sentido. O segundo ponto é que a dicotomia entre o “léxico” e a “gramática” não se aplica à perspectiva sistêmica, cuja gramática é eminentemente paradigmática. Halliday prefere utilizar o termo *lexicogrammar*, e explica que, em uma interpretação paradigmática, a gramática e o léxico fazem parte de um mesmo contínuo:

“(…) em uma ponta estão as escolhas muito gerais, de múltipla interseção, que podem prontamente ser fechadas para formar um paradigma, tais como **polaridade: positiva/negativa, modo: indicativo (declarativo/ interrogativo)/ imperativo, transitividade: material, mental, relacional**, e estas são melhor entendidas se tratadas como escolhas gramaticais; enquanto na outra ponta [do contínuo] há escolhas que são muito específicas, mais abertas, com cada termo potencialmente entrando em vários conjuntos de termos, por exemplo, *correr* contrastando com (i) *caminhar*, (ii) com *saltar, esquivar*, (iii) com *mover-se*, e estas escolhas são melhor elucidadas se tratadas como lexicais. (HALLIDAY, 2005: 65)<sup>51</sup>.

<sup>50</sup> Ver seção 3.1 **Lingüística Sistêmico-funcional**.

<sup>51</sup> Minha tradução de: “(…) at one end are the very general choices, multiply intersecting, which can readily be closed to form a paradigm, such as polarity: **positive/ negative, mood: indicative (declarative/ interrogative)/ imperative, transitivity: material/ mental, relational**, and these are best illuminated by being treated as grammar; while at the other end are choices which are highly specific but open-ended, with each term potentially entering into many term sets, e.g. *run* contrasting (i) with *walk*, (ii) *hop, skip*, (iii) with *jog*, etc., and these are best illuminated by being treated as lexis.” (HALLIDAY, 2005: 65)

Uma gramática sistêmica é uma gramática paradigmática, já que está organizada em torno do conceito de sistema. Este é, como exposto no capítulo anterior, baseado na teoria sistema-estrutura de Firth. Um sistema é “um conjunto de opções com uma condição de entrada, de modo que aquela exata opção deve ser feita quando a condição de entrada for satisfeita” (HALLIDAY, 2005: 93). Halliday explica que é apenas neste contexto que a preocupação com probabilidades gramaticais fazem sentido, já que incorpora-se a idéia de seleção ou escolha entre um termo e outro. Como coloca Halliday, “este conceito nos permite mostrar que, dadas determinadas condições, o falante seleciona uma alternativa, e somente uma, de um pequeno conjunto fechado de possibilidades”. (HALLIDAY, 2005: 133)

Assim, segundo Halliday, o trabalho quantitativo em gramática depende do conceito de sistema, o que permite elaborar perguntas como, por exemplo: dado um número X de ocorrências que poderiam estar na forma plural ou na singular, mas não em ambas, e têm necessariamente que estar em uma das duas formas, quantas são de fato singular e quantas são plural? Em outras palavras, “no estudo quantitativo assumimos que as categorias a serem contadas (por exemplo, classes da oração ou do grupo) formam conjuntos claramente definidos” (HALLIDAY, 2005: 95). O objetivo é, portanto, conhecer a frequência probabilística de um dado termo, claramente definido como pertencendo a uma categoria. Conhecer a frequência probabilística de um termo em um corpus de amplas dimensões significa partir de dados da instanciação para confirmar, gerar ou investigar hipóteses sobre a constituição da gramática de um sistema semiótico.

Para Halliday não basta uma representação da gramática do tipo polaridade: positiva/negativa. É necessário que a gramática seja representada em termos probabilísticos, “polaridade, positiva: negativa 0.9: 0.1”, em que se entende que, no sistema da polaridade de um dado sistema semiótico, para cada 10 orações, 9 têm polaridade positiva e 1 tem polaridade negativa. Halliday afirma que os dados por ele investigados indicam que “diferentes sistemas gramaticais variam em seus perfis probabilísticos” (HALLIDAY, 2005: 69). O autor reconhece que os meios

tecnológicos para a realização de tratamentos probabilísticos da gramática estavam longe de ser os ideais quando iniciou seu trabalho, e ainda não são, mas elabora hipóteses gerais sobre a distribuição probabilística dos sistemas de uma gramática.

Como explicitado acima, para Halliday, o perfil probabilístico de um corpus pode ser estudado a partir da observação da informação sobre suas frequências. O autor recorre, então, à investigação de Shannon e Weaver<sup>52</sup> (*apud* HALLIDAY, 2005), do campo da teoria da informação. Estes autores elaboraram uma fórmula matemática em que representam a relação entre a “informação”,  $H$ , e a “redundância”,  $R$ . É preciso ter em mente que os termos “informação” e “redundância” são conceitos puramente matemáticos e aqui não devem assumir qualquer outra conotação. A fórmula é a seguinte:

$$H = -\sum p_i \log_2 p_i$$

onde  $p_i$  é a probabilidade de cada termo no sistema tomada em separado. O valor de  $H$  (informação) varia de 1, quando todos os termos são simétricos, decaindo até um número mais baixo em que eles se tornam mais assimétricos, até alcançar 0.08, quando a razão dos dois termos é 99:1. Esta fórmula pode ser aplicada a sistemas com qualquer número de termos.  $1 - H = R$  (redundância) (HALLIDAY, 2005: 68)

A linguagem matemática expressa acima pode ser simplificada da seguinte maneira: informação e redundância são inversamente proporcionais, ou seja, quanto mais redundância há em um dado sistema, menor o nível de informação. Quanto mais informação houver, menor o nível de redundância. Agora bem, se, como propõe a fórmula, o maior valor de  $H$  (informação) é 1, deve-se esperar que, neste contexto, se manifeste o nível mais baixo de redundância possível. Este tipo de sistema é chamado “assimétrico” (como também seria assimétrico se, ao invés de  $H$ , fosse  $R$  que alcançasse seu mais alto valor). Assim,  $1 - H = R$ , ou seja, se temos o máximo valor de informação, a redundância será nula, já que, neste contexto,  $H = 1$ . Um sistema “simétrico” seria

---

<sup>52</sup> SHANNON, Claude E.; WEAVER, Warren. *A teoria matemática da comunicação*. São Paulo: DIFEL, 1975.

aquele em que o valor da informação fosse tal que permitisse um valor igual ou semelhante para a redundância.

Uma representação matemática probabilística possível para a relação entre redundância e informação é 0.9: 0.1, para sistemas semióticos assimétricos, e 0.5: 0.5, para sistemas semióticos simétricos. Estes valores são alcançados com a aplicação da fórmula apresentada acima e expressam uma razão. 0.9: 0.1 representa um sistema em que ocorre o máximo de informação possível antes que o valor da redundância seja nulo. Neste contexto, existem escolhas pouco usuais: escolhas que, dado que em termos probabilísticos ocorrem menos freqüentemente, têm sua seleção considerada marcada. 0.5: 0.5 representa um sistema semiótico em que ocorre o máximo de simetria, ou seja, neste sistema, não existem opções consideradas marcadas, já que em termos probabilísticos, cada escolha ocorrerá tão freqüentemente como qualquer outra. Sistemas destacadamente simétricos ou assimétricos são chamados “bimodais”. Obviamente, qualquer sistema pode apresentar freqüências probabilísticas que variem entre os dois extremos: total simetria ou total assimetria.

A fórmula fornecida acima pode ser aplicada a qualquer tipo de sistema. Halliday realizou sua aplicação ao sistema semiótico e ao longo de sua carreira de investigador elaborou a seguinte hipótese baseada nos dados por ele analisados:

(...) Os sistemas gramaticais podem ser classificados em dois tipos principais: (i) os simétricos, aqueles que tendem a 0.5: 0.5, e (ii) os assimétricos – e que estes últimos tendem a uma razão de uma ordem de magnitude, que poderíamos representar idealmente como 0.9: 0.1. (HALLIDAY, 2005: 69)<sup>53</sup>

Note-se que a razão de uma ordem de magnitude expressa uma razão entre termos de mesma ordem decimal. Uma dada freqüência probabilística representada como 99: 1, por exemplo, expressa uma razão de quase duas ordens de magnitude, ou seja, para cada cem ocorrências de um termo em um dado sistema, pode-se esperar que 99 pertençam à categoria X e 1 à categoria Y.

---

<sup>53</sup> Minha tradução de: “(...) grammatical systems fall into two main types: (i) the equiprobable, those tending towards 0.5: 0.5, and (ii) the skew – and these latter tended towards a ratio of one order of magnitude, which we could represent ideally as 0.9: 0.1.” (HALLIDAY, 2005: 69)

Halliday formula sua hipótese de classificação probabilística geral dos sistemas gramaticais, mas ressalta que é obviamente pouco provável que se encontrem sistemas semióticos totalmente simétricos ou assimétricos. O autor percebe então a necessidade de se estabelecer limites de variação da frequência probabilística que permitam classificar um sistema gramatical que tende à simetria ou à assimetria. Baseando-se em dados de suas próprias investigações, Halliday (2005: 70) fornece o seguinte quadro:

(i) simétricos

$p$  0.5: 0.5 ~ 0.65: 0.35

$H$  1 ~ 0.93

(ii) assimétricos

$p$  0.8: 0.2 ~ 0.89: 0.11 ~ 0.95: 0.5

$H$  0.72 ~ 0.5 ~ 0.28

Posto de outra maneira, sistemas semióticos que tendem à simetria têm o valor da redundância variando em uma faixa de 10 por cento, já que a variação do valor de  $H$ , informação, pode variar entre 1 e 0.93. Por outro lado, sistemas assimétricos têm a redundância oscilando numa faixa de 30 a 70 por cento, já o valor da informação de sistemas deste tipo varia entre 0.72 e 0.28, freqüentemente tendendo ao 50 por cento.

É essencial que se compreenda, do acima exposto, que existe uma margem de variação da frequência probabilística de termos de um sistema. Observando-se esta margem de variação, pode-se classificar um sistema como tendendo à simetria ou à assimetria, dependendo de seu nível de informatividade. Se o sistema gramatical tem um alto nível de informatividade, a redundância será baixa. A faixa de variação aceitável para classificar um sistema gramatical como simétrico seria uma em que a informação varia 10 por cento, entre 1 e 0.93. Em sistemas simétricos, não há uma alternativa marcada. Se o sistema gramatical tem, por outro lado, um baixo nível de informatividade e um alto nível de redundância, ele será classificado como

assimétrico. Isto é o mesmo que dizer que uma mesma escolha será realizada muitas vezes, causando redundância. Neste caso a faixa de variação da redundância seria de 30 por cento, já que a informação poderia variar entre 0.72 e 0.28. Sistemas assimétricos têm uma alternativa marcada: aquela que não é frequentemente selecionada.

A respeito de sua hipótese sobre a classificação dos sistemas gramaticais que tendem à simetria ou à assimetria, Halliday explica o seguinte:

Se este é de fato um padrão geral, ele sugeriria que a gramática de uma língua natural está organizada em torno de dois modos de quantificar informação: um no qual cada ato de escolha, cada ocorrência, é informativa ao máximo (poderia perfeitamente ter sido o contrário), e um no qual é altamente não-informativa (já que você poderia perfeitamente adivinhá-la). Além disso, pode ser que os dois tipos de sistemas ocorram em proporções semelhantes. (HALLIDAY, 2005: 70)<sup>54</sup>

De fato, investigações empíricas de corpus com uma perspectiva gramatical paradigmática probabilística têm confirmado o padrão descrito por Halliday. Plum e Cowling<sup>55</sup> (segundo HALLIDAY, 2005) estudam um corpus de entrevistas, buscando identificar variação probabilística no sistema de tempo e modo verbal do inglês. Cruzando as variáveis tempo verbal e classe social, os autores descobriram que a classe média (*middle class*) empregava mais frequentemente o passado em suas narrativas (0.70: 0.30), a classe trabalhadora mais baixa (*lower working class*) favorecia o emprego do presente (0.65:0.35) e a classe trabalhadora em ascensão (*upper working class*) se colocava entre as duas anteriores, mas aproximando-se mais da classe média com 60 por cento das orações no passado.

Halliday também faz referência ao trabalho de Nesbitt e Plum (1988). Os autores examinam a relação interna entre dois sistemas gramaticais: o da interdependência (parataxe: hipotaxe) e o das relações lógico-semânticas na projeção (locução: idéia), encontrando para ambos um padrão de variação probabilística tendendo à simetria (0.6: 0.4). Contudo, quando

---

<sup>54</sup> Minha tradução de: "If this is in fact a general pattern, it would suggest that the grammar of a natural language is organized around the interaction between two modes of quantizing information: one where each act of choice – each instance – is maximally informative (it might equally well have been the opposite), and where it is largely uninformative (since you could pretty well have guessed it already). Furthermore, it might be the case that these two kinds of systems occur in roughly equal proportion. (HALLIDAY, 2005: 70)

<sup>55</sup> PLUM, G.; COWLING, A. Social constraints on grammatical variables: tense choice in English. In: STEELE, R.; THREADGOALD, T. (eds), 1987. Vol. 2. 281-305.

refinam a pesquisa e cruzam seus dados, os autores encontram perfis probabilísticos que tendem à assimetria. O emprego de paratáticas em seu corpus condicionaria o uso de locuções em lugar das idéias (0.87: 0.13) enquanto que o emprego de hipotáticas condicionaria o uso de idéias ao invés das locuções (0.80: 0.20). Coerentemente, o emprego de locuções condicionaria o uso da parataxe em lugar da hipotaxe (0.86: 0.14), enquanto que o emprego de idéias favoreceria estruturas hipotáticas em lugar de paratáticas (0.81: 0.19).

Nesbitt e Plum (1988) interpretam os dados de sua pesquisa sobre o sistema da projeção como o sintoma de um processo de mudança. Sua hipótese é a de que a projeção parte de um único sistema com duas formas de contraste: a projeção direta da fala e indireta do pensamento. Posteriormente, estas formas de variação evoluíram para tornar-se independentes uma da outra, mas permaneceram associadas em termos probabilísticos. Para os autores, a evolução deste processo leva à dissociação destes sistemas, sendo que tanto a representação da fala como a do pensamento passam a sistemas que combinam suas variáveis de forma específica e independente. Como explicam os autores:

Começando com a dissociação de variáveis previamente associadas, o processo da semogenesis segue através da progressiva redução da dependência estatística completa das variáveis e do aumento da independência estatística. Na nomenclatura da teoria da informação, o sistema está perdendo entropia, ganhando potencial para carregar maiores quantidades de informação. E é desse modo que o processo semogênico efetiva um aumento no potencial de armazenamento informacional do sistema (NESBITT & PLUM, 1988: 24)<sup>56</sup>

Na hipótese dos autores, combinações que inicialmente não configuravam alternativas possíveis - a projeção indireta da fala- progressivamente tornam-se opções altamente marcadas, logo marcadas, para evoluir na direção de constituir uma alternativa independente da projeção do pensamento, ou seja, uma variável específica do sistema da projeção da fala. O que inicialmente constitui uma mudança qualitativa do sistema, que amplia possibilidades de

---

<sup>56</sup> Minha tradução de: “Beginning with the disassociation of the previously associated variables the process of semogenesis proceeds by moving away from the complete statistical dependence of the variables towards their statistical independence. In information theory terms, the system is losing entropy, gaining the potential for carrying greater amounts of information. And so it is that the process of semogenesis effects an increase in the information-carrying content potential of the system”. (PLUM & NESBITT, 1988: 24)

realização de significado, progressivamente se converte em uma mudança também quantitativa. Halliday (2005: 57) lembra que a “dissociação de variáveis associadas” é um recurso semogênico importante, mas ressalta que é um processo gradual, ou seja, “se a situação eventualmente evoluiria ou não para outra em que os dois sistemas fossem completamente independentes um do outro, não atingiria este estágio com uma mudança catastrófica” (HALLIDAY, 2005: 57). A confirmação da hipótese de Nesbitt e Plum (1988) necessitaria de um corpus diacrônico extremamente amplo. Contudo, aceitando-a como plausível, é possível refletir sobre dados extraídos de corpora, como os que esta tese investiga, e corroborar (ou não) sua hipótese.

A investigação de sistemas relacionados em termos probabilísticos se baseia no que Halliday (2005: 87) chama de “probabilidades condicionais”, ou seja, a identificação no corpus de um alto nível de associação entre sistemas simultâneos. Investigar probabilidades condicionais pode fornecer dados sobre a própria evolução do sistema lingüístico. Halliday afirma que:

Há boas razões para acreditar que um importante processo semogênico, através do qual novos significados são criados na evolução do sistema ao longo do tempo, é o da dissociação e associação de variáveis, no qual um sistema de dois termos com complexas realizações evolui para dois sistemas simultâneos (HALLIDAY, 2005: 72)<sup>57</sup>

A investigação de probabilidades condicionais em sistemas gramaticais, como o da projeção e do tempo verbal, requerem grandes quantidades de corpus. Ambos são sistemas que Halliday (2005: 91) chama “recursivos”, ou seja, sistemas que oferecem alternativas em um primeiro plano, voltando a oferecer opções em um segundo plano, entre elas, a não seleção de uma segunda escolha. O passado, por exemplo, pode ser selecionado em lugar do presente, ou do futuro, mas logo o falante poderia deixar sua seleção no passado simples ou escolher selecionar o passado imperfeito ou mais-que-perfeito. Intuitivamente, Halliday acredita que há margem para mais variação no sistema do tempo verbal que no sistema da polaridade, por exemplo, “cuja proporção positiva: negativa não varia muito de um gênero ou variedade funcional da língua para

---

<sup>57</sup> Minha tradução de: “There are good reasons for thinking that an important semogenic process, whereby new meanings are created in the evolution of the system through time, is that of the dissociation of associated variables, whereby one system of two terms with complex realizations evolves into two simultaneous systems. (HALLIDAY, 2005: 72)



outra” (HALLIDAY: 2005: 126). O autor afirma, no entanto, que mais estudos de corpus devem ser realizados para a confirmação das hipóteses levantadas.

Halliday aponta que, já na década de 50, trabalhava com corpus, quando, investigando a gramática chinesa, iniciou seus estudos do sistema da polaridade (HALLIDAY, 2005: 64). Na década de 60, especialistas como Randolph Quirk, na Inglaterra, e Freeman Twaddell, nos Estados Unidos, iniciavam o que viria a ser uma reviravolta da compreensão do funcionamento sistêmico do léxico e da gramática: “o começo da lingüística baseada em corpus” (HALLIDAY, 2005: 139). Em meados desta mesma década, era composto o *Brown Corpus* e a *Survey of English Usage*. Na década de 70, o corpus já estava bem estabelecido como recurso de pesquisa. Na década de 80, John Sinclair lançou o projeto COBUILD, na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, que, entre outros resultados, tais como gramáticas e material didático, gerou a série COBUILD de dicionários, “reconhecidos em todo o mundo por sua abordagem altamente inovadora em sua definição, classificação e contextualização de palavras no inglês” (HALLIDAY, 2005: 143). Nos anos 90, Halliday trabalhou no projeto COBUILD, colaborando com Zoe James, para a solução de problemas sobre gramática quantitativa e investigando freqüências em corpus. Os resultados geraram o artigo *A quantitative study of polarity and primary tense in the English finite clause* (HALLIDAY & JAMES, 1993)<sup>58</sup>.

Na atualidade, afirma Halliday, “já não há necessidade de defender a importância dos estudos de corpus como fonte de informação sobre a gramática de uma língua” (HALLIDAY, 2005: 63). O trabalho baseado em corpus já começou a modificar nossa compreensão do léxico e a gramática segue o mesmo rumo. Na visão de Halliday, este é um impacto que só pode trazer benefícios para a investigação teórica da língua.

Desde a década de 50, até a atualidade, a evolução tecnológica permitiu, através da progressiva capacidade de captação e armazenamento de dados e do desenvolvimento de programas de análise lingüística, avanços consideráveis para a investigação da linguagem. As

---

<sup>58</sup> O mesmo artigo, com a autorização de Zoe James, contitui o capítulo 6 da coletânea *Computational and Quantitative Studies* (HALLIDAY, 2005).

maiores dificuldades, atualmente, giram em torno do etiquetamento automático dos dados, pois apesar de já existirem programas em desenvolvimento, ainda não há programas de computador capazes de detectar especificidades sistêmicas complexas, tais como tipos de processos. Halliday nos lembra da armadilha da trivialidade: quanto mais facilmente se pode observar uma característica em um corpus, mais trivial será esta característica. Mas adverte que o problema não é que tenhamos obrigatoriamente que investigar categorias excessivamente delicadas, mas que as categorias estudadas “têm que ter poder semântico real, não distorcido para adaptar-se à capacidade de leitura de um programa de etiquetamento simplista” (HALLIDAY, 2005: 67).

A justificativa para o estudo probabilístico da gramática é complexa, mas espera-se haver oferecido, nesta seção, informação básica suficiente para a descrição do procedimento realizado na análise do corpus da presente tese. A seguir são apresentados, respectivamente, o corpus investigado e as perguntas feitas a este corpus.

## **4.2 Interrogando o corpus**

Como anunciado na Introdução desta tese, o corpus, ora investigado, integra a base de dados do CORDIALL, situando-se no subcorpus de Textos Especializados e sendo constituído por textos relacionados aos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica, procedentes de jornais e revistas. Os gêneros do corpus, selecionados para esta pesquisa, são classificados, no CORDIALL, na categoria, não ficção, e nos gêneros, artigo acadêmico e artigo jornalístico. A próxima seção se dedica à descrição do corpus e ao detalhamento de sua compilação.

### **4.2.1 O corpus usado**

Entre os objetivos, anunciados na Introdução desta tese, está o de realizar estudos quantitativos na gramática de textos em língua portuguesa. Para realizar este objetivo, esta tese recorreu a um corpus:

- composto por ocorrências espontâneas da língua;
- de disponibilidade pública e fácil acesso;
- suficientemente extenso para fornecer uma amostra do fenômeno em investigação;
- composto por textos completos vinculados aos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica;
- composto por textos publicados no escopo de uma década e meia (década de 1990 e primeiros anos da década seguinte).

Os textos que compõem o corpus da presente pesquisa foram capturados da Internet e armazenados em formato .txt, para posterior análise através do software *Wordsmith Tools*. Apesar de disponíveis *online*, todos os textos selecionados são versões virtuais das publicações impressas disponibilizadas por suas fontes editoriais, não havendo, portanto, diferenças de conteúdo entre ambas as versões. O corpus utilizado está dividido em dois subcorpora: o acadêmico, constituído por artigos acadêmicos de diversos periódicos (ver Anexo I para lista completa dos periódicos utilizados nesta pesquisa), e o midiático, composto por artigos de divulgação científica publicados em uma revista de divulgação científica, *Galileu*, uma revista de interesse geral, *IstoÉ*, e um jornal de ampla circulação, *Folha de São Paulo*. Note-se que, para fazer referência ao corpus acadêmico, a presente tese remete ao portal *on line*, que disponibiliza os periódicos; para fazer referência ao corpus midiático, são mencionadas as três fontes, já que estas não se encontram agrupadas em um mesmo endereço eletrônico.

A **TAB. 1**, que se apresenta em seguida, fornece informações sobre o corpus acadêmico, capturado a partir da SCIELO - *Scientific Eletronic Library on Line*. A SCIELO é

uma biblioteca eletrônica, que abrange uma coleção de periódicos científicos brasileiros, resultado de um projeto de pesquisa patrocinado pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - em parceria com a BIREME – Centro Latino-americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde-, que, a partir de 2002, começou também a receber o apoio do CNPq – Centro Nacional de Pesquisa. Os mais de cem periódicos disponíveis no *site* são versões virtuais dos exemplares já publicados desses mesmos periódicos, desde o final da década de 90. Foram capturados e armazenados, em formato txt, artigos provenientes de sete diferentes assuntos, como os denomina a SCIELO, publicados na década de noventa e nos anos 2001 a 2003: Agrárias (2.957.367 palavras), Biológicas (4.514.072 palavras), Engenharia (2.873.520 palavras), Letras (566.842 palavras), Humanas (13.587.211 palavras), Sociais (2.222.829 palavras) e Saúde (7.678.542 palavras)<sup>59</sup>.

TABELA 1  
Descrição do corpus acadêmico

Fonte de textos	Página Web	Nº de artigos	Nº de palavras ( <i>tokens</i> )
SCIELO -	<a href="http://www.scielo.br">www.scielo.br</a>	6.490	34.400.383

Como já foi dito, o corpus midiático é procedente de três fontes. A primeira, *Galileu*, é uma revista de divulgação científica, dedicada ao público em geral. Uma vez aberta a página *web* da revista, foi possível ter acesso ao enlace “edições anteriores”, no qual se encontram edições desde junho de 2001 a setembro de 2003. A segunda fonte, *Folha de São Paulo*, é um jornal de grande circulação no Brasil que conta com uma publicação virtual, que oferece a seus leitores o mesmo conteúdo impresso em suas edições diárias. Abrindo-se a página *web* do jornal foi possível aceder aos “arquivos da Folha” e em, seguida, à opção “Folha últimos 15 dias”.

<sup>59</sup> A compilação deste subcorpus foi realizada em sistema de colaboração entre as doutorandas Cibele Gadelha, Tatiana Macedo e a autora da presente tese, todas investigadoras associadas ao projeto CORDIAL. Consideramos a SCIELO a fonte dos textos, e não os periódicos individualmente.

Foram capturados textos, publicados na seção “Ciência”, entre os dias 07 e 22 de setembro de 2003. *IstoÉ*, terceira fonte de dados do corpus midiático, é uma revista de interesse geral também de ampla circulação no Brasil, e que conta com uma publicação virtual do mesmo conteúdo impresso em seus exemplares. Abrindo-se a página *web* da revista foi possível ter acesso ao enlace “edições anteriores”, no qual se encontravam disponíveis todas as publicações da revista desde 1996 até setembro de 2003. Foram convertidos, ao formato txt, artigos publicados, entre janeiro de 1996 e setembro de 2003, na seção “Ciência e Tecnologia” da revista. A **TAB. 2**, a seguir, apresenta informações sobre o corpus midiático.

TABELA 2  
Descrição do corpus midiático

Fontes de textos	Página Web	Nº de artigos	Nº de palavras ( <i>tokens</i> )
Galileu	<a href="http://revistagalileu.globo.com">http://revistagalileu.globo.com</a>	208	274.513
Folha de São Paulo	<a href="http://www.folha.uol.com.br">www.folha.uol.com.br</a>	534	408.495
IstoÉ	<a href="http://www.terra.com.br/istoe/">www.terra.com.br/istoe/</a>	432	210.983

No corpus acadêmico, a denominação atribuída a cada um dos subcorpora segue a nomenclatura proposta por sua fonte, a SCIELO. Note-se que, no corpus acadêmico, cada subcorpus agrupa vários artigos provenientes de diferentes periódicos. No corpus midiático, cada uma das fontes selecionadas para a pesquisa agrupa vários artigos provenientes de diversas edições. Todos os textos que constituem o corpus foram capturados integralmente.

## 4.2.2 As hipóteses de investigação

O objetivo deste estudo quantitativo é o de contabilizar ocorrências de verbos de elocução, utilizados em discurso direto, e traçar frequências probabilísticas no corpus descrito na seção anterior; adicionalmente, na consecução deste objetivo, testar algumas hipóteses sobre o funcionamento da língua portuguesa, especificamente, nos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica. Como exposto anteriormente, Halliday (2005) formula uma série de hipóteses gerais sobre o funcionamento de sistemas semióticos relevantes para esta investigação: (i) sistemas gramaticais variam em seus perfis probabilísticos (HALLIDAY, 2005: 69); (ii) registros variam em seus perfis probabilísticos (HALLIDAY, 2005: 70, 84); (iii) sistemas gramaticais tendem a ser simétricos (0.5: 0.5) ou assimétricos (0.9: 0.1) (HALLIDAY, 2005: 69); (iv) a proporção entre os tempos verbais presente e passado é mais propensa à variação que aquela do sistema da polaridade, que constitui um sistema altamente assimétrico (HALLIDAY, 2005: 126); (v) sistemas simultâneos que compartilham uma mesma condição de entrada, tais como o sistema da interdependência e o da relação lógico-semântica, são propensos à associação (HALLIDAY, 2005: 88); e, finalmente, (vi) existem razões para acreditar que um processo semogênico importante é aquele através do qual sistemas evoluem dissociando e associando variáveis, para a expressão de novos significados.

Basendo-se nas hipóteses expostas acima, elaboradas por Halliday (2005), a presente tese formula as seguintes hipóteses, dados seus objetivos de pesquisa e o corpus selecionado:

- (i) Seria possível classificar os sistemas gramaticais da projeção do discurso direto dos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica em língua portuguesa, segundo a hipótese de simetria e assimetria desenvolvida por Halliday?
- (ii) Existem evidências no corpus de que o sistema da projeção atravessa um processo semogênico através da dissociação e associação de variáveis?

- (iii) Existem, nos sistemas gramaticais dos gêneros artigo acadêmico e de divulgação científica investigados, probabilidades condicionais?

Finalmente, no que diz respeito aos verbos de elocução utilizados em discurso direto, nos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica, pretende-se verificar se seria possível confirmar a expectativa de Halliday de que o sistema presente: passado está menos propenso à assimetria extrema que o sistema da polaridade. Este ponto não constitui hipótese de pesquisa desta investigação uma vez que o sistema da polaridade não será aqui investigado. A presente tese apóia-se nos resultados relatados por Halliday, buscando encontrar indícios de que sua hipótese possa ser verdadeira.

Na seção seguinte são apresentados os sistemas gramaticais escolhidos para a investigação das hipóteses anunciadas acima.

### 4.2.3 Escolhendo os sistemas

Halliday afirma que qualquer sistema gramatical é interessante *ipso facto*, mas que, para buscar significados construídos nas dimensões experiencial e interpessoal, é necessário trabalhar com os sistemas da oração, “já que é principalmente nos sistemas da oração que tais significados são construídos” (HALLIDAY, 2005: 96). Os tipos de orações ora observadas são as orações projetantes que, através de verbos de elocução, projetam discurso representado entre aspas. O discurso projetado é apresentado como reprodução de um discurso anterior. Dessa forma, falar da frequência de ocorrência de verbos de orações projetantes no corpus equivale a falar da frequência de verbos de elocução e vice-versa. Os sistemas gramaticais escolhidos para a análise probabilística da gramática das orações, como aqui descritas, são: interdependência, tempo verbal primário e tema. Os verbos de elocução também serão considerados como escolhas lexicais,

aplicando-se para sua classificação, como antes anunciado, as categorias denotativas e avaliativas, propostas por Thompson e Yiyun (1991).

O sistema do “tempo verbal primário” é aquele em que a enunciação é temporalizada “em relação ao momento da fala” (HALLIDAY, 2005: 102). Como opções, neste sistema, estão o presente, o passado e o futuro. Seguindo o modelo de investigação do tempo verbal primário desenvolvido por Halliday (2005), nesta tese, foram desconsideradas as orações projetantes cujos verbos de elocução tinham forma não finita, como formas nominais ou infinitivas dos verbos. Também foram desconsideradas orações projetantes na forma imperativa, cujos verbos também são não finitos. Halliday (2005) elimina o futuro, para tratar seus sistemas de forma binária (o que facilita a aplicação da fórmula de Shannon e Weaver apresentada anteriormente). Nesta pesquisa, as orações projetantes com verbos no futuro foram contabilizadas, mas sua frequência, como será comprovado na apresentação dos dados, indica que o tratamento probabilístico do sistema gramatical, no corpus ora investigado, está satisfatoriamente representado na proporção binária. Em linguagem matemática, este sistema será representado como “tempo verbal primário, presente: passado”, acrescentando-se os valores de frequência de ocorrência, encontrados no corpus.

Como foi dito no capítulo anterior, o sistema temático ou Tema/ Rema organiza a oração, demonstrando seu contexto local de interpretação em relação ao contexto geral do texto. O Tema tem posição inicial na frase e tudo que o segue é chamado de Rema (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 64). Aplicando este princípio interpretativo à oração projetante, esta foi considerada em posição temática, quando iniciava o complexo, e em posição remática, quando se posicionava após o discurso, representado entre aspas. Foram detectadas e contabilizadas no corpus orações projetantes em posição intermediária, mas, como no caso do tempo verbal do futuro, acima referido, sua frequência de ocorrência no corpus demonstrou que o sistema gramatical do tema aplicado às orações projetantes está satisfatoriamente representado na proporção binária. Em linguagem matemática, este sistema será representado como “posição



temática, tema: rema”, acrescentando-se os valores de frequência de ocorrência encontrados no corpus.

São duas as dimensões de interpretação das relações entre orações. Na primeira dimensão, situa-se o sistema de interdependência oracional através do qual é possível observar o *status* dos elementos constituintes de um dado complexo, ou seja, se orações guardam uma relação de dependência entre si (hipotaxe) ou de independência (parataxe). Na segunda dimensão de interpretação das relações entre os elementos de um complexo oracional, situa-se o sistema lógico-semântico, que estabelece relações entre processos, de expansão ou projeção. Motivada pela observação, no corpus, da existência de discurso direto, projetado em hipotaxe<sup>60</sup>, nesta investigação, são observadas as relações no nível do complexo oracional, neste caso específico de relação lógico-semântica, o da projeção do discurso direto. As orações projetantes, em discurso direto, são então classificadas segundo estabeleçam uma relação paratática ou hipotática com a oração ou porção de discurso representado entre aspas. Em linguagem matemática, este sistema será representado como “discurso direto, paratática: hipotática”, acrescentando-se os valores de frequência de ocorrência encontrados no corpus. Note-se que também foram selecionadas, durante a primeira etapa do procedimento metodológico, ocorrências de discurso direto nas quais a oração projetante e a projetada não se encontram claramente separadas, desde que ocorra um verbo de elocução, representando a porção de discurso entre aspas como uma meta-representação. Este procedimento será detalhado na seção seguinte. Casos como estes foram desconsiderados em relação ao sistema da interdependência, já que não era possível separar uma oração projetante e outra projetada.

Finalmente, os verbos de elocução serão observados como itens lexicais, classificados simultaneamente segundo as categorias de potencial denotativo e avaliativo propostas por Thompson e Yiyun (1991). Como antes referido, na gramática sistêmica não existe uma dicotomia entre o léxico e a gramática, sendo estes considerados aspectos posicionados em dois pólos de um mesmo contínuo. Como Halliday (2005: 79) expõe a questão, “se interrogamos o sistema

---

<sup>60</sup> Ver seção 3.3.5 O contínuo da representação do discurso: uma abordagem empírica para a língua portuguesa.

gramaticalmente, obtemos respostas do tipo gramatical, se o interrogamos lexicalmente, obtemos respostas do tipo lexical”. Considerou-se interessante complementar a análise dos sistemas gramaticais descritos acima com uma perspectiva lexical, já que o léxico é muitas vezes caracterizado por Halliday como um nível mais “delicado” da gramática.

Seguindo a já discutida proposta de Thompson e Yiyun (1991), verbos de elocução são classificados simultaneamente segundo a atividade que denotam, ou seja, seu potencial denotativo, e em relação ao posicionamento ou interpretação que evidenciam, seu potencial avaliativo. As duas dimensões de classificação sistematizam diferentes metafunções desempenhadas pelos verbos de elocução. O potencial denotativo se relaciona a atividades: a que tipo de ação é realizada no mundo real pelo conteúdo da elocução, ou, antes, a que tipo de representação desta elocução o Escritor deseja formular. O potencial avaliativo, por sua vez, evidencia atitude e um certo posicionamento do Escritor frente aos Autores e/ ou aos discursos representados no texto.

O potencial denotativo expressa a metafunção ideacional, mais precisamente, em seu componente experiencial, ou seja, relacionado aos processos. Já o potencial avaliativo dos verbos de elocução pode ser entendido como relacionado à metafunção interpessoal, pois indica, simultaneamente, (i) a apreciação que o Escritor faz das vozes que incorpora em seu discurso e, através dessa apreciação, a orientação interpretativa que deseja que seu leitor faça de seu texto e (ii) a distância discursiva estabelecida entre o escritor do texto e os Autores por ele citados. Entende-se que o potencial denotativo e o potencial avaliativo dos verbos de elocução são dimensões em relação de complementaridade, assim como as metafunções ideacional e interpessoal, que, ainda que para fins de investigação sejam separadas, se inter-relacionam para a construção do significado na linguagem verbal.

À proposta de classificação de Thompson e Yiyun (1991) foram acrescentadas duas categorias, uma denotativa (ato do autor, atitude) e outra avaliativa (interpretação do escritor, não manifesta). Como o trabalho dos autores já foi apresentado no capítulo anterior e será retomado na

apresentação dos resultados, quando também são apresentadas e explicadas as duas categorias acrescidas à classificação, esta seção, apenas para fins metodológicos, limita-se a apresentar uma lista de todas as categorias utilizadas para a classificação dos verbos de elocução:

#### POTENCIAL DENOTATIVO

Potencial denotativo, ato do Escritor, comparação,  
 Potencial denotativo, ato do Escritor, teorização,  
 Potencial denotativo, ato do Escritor, atitude,  
 Potencial denotativo, ato do Autor, textual,  
 Potencial denotativo, ato do Autor, mental,  
 Potencial denotativo, ato do Autor, pesquisa.

#### POTENCIAL AVALIATIVO

Potencial avaliativo, posicionamento do Autor, positivo,  
 Potencial avaliativo, posicionamento do Autor, negativo,  
 Potencial avaliativo, posicionamento do Autor, neutro,  
 Potencial avaliativo, posicionamento do Escritor, fatural,  
 Potencial avaliativo, posicionamento do Escritor, contra-fatural,  
 Potencial avaliativo, posicionamento do Escritor, não fatural,  
 Potencial avaliativo, interpretação do Escritor, do discurso do Autor.  
 Potencial avaliativo, interpretação do Escritor, do comportamento do Autor.  
 Potencial avaliativo, interpretação do Escritor, do status da citação.  
 Potencial avaliativo, interpretação do Escritor, não manifesta.

## 4.3 Métodos de investigação

Nesta investigação o programa utilizado para análise dos dados foi o *Wordsmith Tools*, versão 4, de autoria de Mike Scott, que oferece ao lingüista um conjunto de ferramentas e utilitários para processamento de grandes quantidades de texto. O site do autor, <http://www.lexically.net/wordsmith/>, oferece informações completas sobre o programa, manual de instruções, uma versão demo gratuita, a possibilidade de compra da versão completa e links para sítios de interesse sobre Lingüística de Corpus, estudos quantitativos e aplicações do *Wordsmith Tools*. Sardinha (1999) oferece uma exposição didática para investigadores interessados em utilizar o programa. Para aplicações do *Wordsmith Tools* aos Estudos da Tradução, revisões teóricas da literatura sobre Lingüística de Corpus e descrição do funcionamento das ferramentas

do programa *Wordsmith Tools*, ver Mauri (2003), Mendes (2003), Cruz (2003) e Jesus (2004)<sup>61</sup>. No presente texto, a autora limitar-se-á a uma exposição simplificada das ferramentas empregadas para a análise dos dados, não descrevendo seu potencial de utilidade, mas fazendo referência especificamente a como foram utilizadas nesta pesquisa.

As ferramentas utilizadas foram *Wordlist* (instrumento de análise de lista de palavras individuais) e *Concord* (instrumento de análise de concordâncias). Basicamente, *Wordlist* organiza, em colunas verticais, todas as ocorrências de uma base de dados (textos em formato txt), escolhida pelo analista em ordem alfabética e frequência de ocorrência e fornece dados quantitativos gerais sobre a base de dados, como o número total de palavras. *Concord* realiza buscas de um item lexical ou elemento gráfico em uma dada base de dados. Através desta ferramenta, o pesquisador tem acesso a todas as ocorrências de um dado objeto de busca, seja ele um item lexical ou um sinal de aspas, por exemplo, e a sua frequência. O programa gera linhas horizontais que, além da palavra especificada para consulta, apresentam o cotexto imediatamente anterior e posterior ao nóculo (objeto da busca). Ao utilizar ambas as ferramentas, é possível apagar linhas de concordância ou palavras não desejadas, para que se possa concentrar no objeto de análise através do aplicativo *Zapping*. Outro aplicativo, útil no processo de seleção de linhas e palavras para estudo, é o *Viewer*. Através dele é possível, uma vez selecionada uma dada ocorrência na lista de palavras ou uma linha de concordância, recuperar o texto que as gerou. Assim o analista pode decidir-se sobre sua exclusão ou não da lista final.

É importante que, no painel de ajustes do programa *Wordsmith Tools*, o investigador crie um arquivo com as etiquetas que deseja que o programa mostre no horizonte do nóculo de busca. Este procedimento permite que, buscando uma etiqueta, por exemplo, que identifica verbos no presente, o investigador possa visualizar, nas linhas geradas para esta busca, etiquetas relativas a outros sistemas, como o da posição temática. Assim, salvando a lista de ocorrências de verbos no presente, o investigador pode fazer buscas posteriores para descobrir quantos verbos de

---

<sup>61</sup> Ver seção 3.3.4 O grupo de investigação CORDIAL e a representação do discurso

elocução no presente encontram-se em posição temática e quantos em posição remática. Dessa forma são obtidos dados para o cálculo de frequência de ocorrência e de probabilidades condicionais.

O conjunto dos procedimentos metodológicos foi realizado em seis etapas:

**1ª etapa: Identificação de todas as ocorrências de discurso direto no corpus acadêmico e no corpus midiático**

Nesta análise, são focalizados os verbos de elocução utilizados em citações. Verbos de elocução são empregados para atribuir o conteúdo proposicional de uma meta-representação (projeção) a um Autor. Nesta tese, tais verbos não estão limitados a processos tipicamente classificados como verbais ou mentais, sendo seu uso o que determina sua identidade ilocucionária. Assim, sempre que um processo foi encontrado em uma oração projetante, representando entre aspas, uma outra oração ou um complexo oracional, como discurso reproduzido, foi considerado um processo, desempenhando a função de um verbo de elocução<sup>62</sup>. Note-se que, diferentemente do que pode ocorrer no discurso literário, em que as falas de personagens podem ser introduzidas sem aspas como representação direta do discurso, nesta tese, parte-se do princípio de que uma citação deve ocorrer entre aspas tanto no artigo acadêmico como no artigo de divulgação científica<sup>63</sup>.

A presença das aspas, aliada à estrutura do complexo oracional foi, portanto, um elemento chave para a seleção dos verbos de elocução em discurso direto. Foi então realizada a busca \*\*"\*, através da ferramenta *Concord* no corpus acadêmico e no corpus midiático. As linhas de concordância, geradas por esta busca, foram revisadas, sendo excluídos, através de *Zapping*, os casos em que a utilização das aspas não apresentavam verbos de elocução em situação de discurso direto. Na ampla maioria das situações o emprego de aspas não sinaliza uma citação, mas, por exemplo, estrangeirismos, indicação de minutos e neologismos, como em:

---

<sup>62</sup> Ver seção 3.3 Estudos da representação do discurso.

<sup>63</sup> Ciente de que alguns Escritores do contexto acadêmico podem destacar citações, principalmente as mais longas, sem recurso a aspas, foi realizada a busca do sinal de dois pontos “ : ”. Os resultados foram descartados dado que a frequência de ocorrência desse tipo de projeção era mínima e o trabalho de seleção das ocorrências demasiado amplo para uma investigação individual.

1) Usamos aqui o neologismo "significantização" para expressarmos a idéia de um movimento do (...) [Subcorpus Ciências Humanas]

Além disso, foram identificados casos de discurso direto em que não são empregados verbos de elocução, como em:

2) "Criatividade representa a emergência de algo único e original." Anderson, 1965. [Subcorpus Engenharia].

E casos ainda, em que ocorre um verbo de elocução em discurso direto, mas não existem uma oração projetante e outra projetada claramente separadas, como em:

3) Esse movimento que **ATESTA** "... a servil confiança no ser-assim do mundo exterior ..." (Adorno, 1995, p. [Ciências Humanas]

Foram selecionadas, nesta etapa do procedimento metodológico, todas as ocorrências de verbos de elocução, projetando locuções compostas por complexos oracionais ou orações, parcial ou totalmente reproduzidos. Seguindo-se este critério, ocorrências como os exemplos 4 a 7 abaixo foram selecionadas. Os verbos de elocução encontram-se destacados:

4) Após afirmar que informação não é opinião, **ACRESCENTA**:" Informação tem características intrínsecas, como responsabilidade... [Subcorpus Ciências Sociais]

5) Simões (1989:40) **REFERIU** que "as verdadeiras e reais estimativas das taxas de mortalidade... [Subcorpus Ciências Biológicas]

6) "Nossas escolas públicas em particular", ele **APONTA**, "têm sido ótimos instrumentos de assimilação... [Subcorpus Ciências Humanas]

7) ... acabam absorvendo o carbono que foi jogado na atmosfera com a queimada", **DIZ** Volker Kirchhoff, diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. [Subcorpus IstoÉ]

Seguindo-se o mesmo critério explicitado acima, também foram selecionadas, nesta etapa do procedimento metodológico, ocorrências de discurso direto nas quais a oração projetante e a projetada não constituem duas orações distintas, desde que ocorra um verbo de elocução representando a porção de discurso entre aspas como uma meta-representação, ou seja, como a

representação lingüística de outra representação lingüística. Assim ocorrências como o exemplo 3 acima e os exemplos 8 e 9 abaixo também foram selecionadas:

8) **QUEIXA-SE** ainda de dores no pescoço "e na coluna inteira", dificuldade para andar, precisando de apoio para caminhar pequenas distâncias, insônia, depressão e irritabilidade. [Subcorpus Ciências da saúde]

9) Algo "fascinante", **COMENTA** Derrida e "insuportável", ocorre aí: (...) é exatamente... [Subcorpus Ciências Humanas]

A **TAB 3**, a seguir, apresenta o número de ocorrências de verbos de elocução em discurso direto selecionados no corpus acadêmico para a segunda etapa do procedimento metodológico, de acordo com os critérios acima descritos. Note-se que, nas **TAB 3 e 4**, a segunda coluna apresenta o número de ocorrências foco desta pesquisa, que são etiquetadas; a terceira coluna apresenta dados do subcorpus inicial de pesquisa, não etiquetado.

TABELA 3

Verbos de elocução em discurso direto selecionados no corpus acadêmico

Subcorpus	Ocorrências de verbos de elocução em discurso direto	Total de palavras ( <i>tokens</i> ) no subcorpus
Agrárias	3	2.957.367
Engenharia	3	4.514.072
Saúde	42	2.873.520
Letras	99	566.842
Biológicas	225	13.587.211
Sociais	352	2.222.829
Humanas	2288	7.678.542

A **TAB 4** apresenta o número de ocorrências de verbos de elocução em discurso direto selecionados no corpus midiático para a segunda etapa do procedimento metodológico.

TABELA 4

Verbos de elocução em discurso direto selecionados no corpus midiático

Subcorpus	Ocorrências de verbos de elocução em discurso direto	Total de palavras ( <i>tokens</i> ) no subcorpus
Galileu	379	274.503
Folha de São Paulo	564	408.498
IstoÉ	1465	210.983

### **2ª etapa: Cálculo da frequência de ocorrência de verbos de elocução em discurso direto no corpus**

Este procedimento foi realizado da seguinte maneira: multiplicou-se o número de ocorrências de verbos de elocução em discurso direto (segunda coluna das **TAB. 3 e 4**) por 10.000 e dividiu-se este resultado pelo número total de palavras do corpus observado, acadêmico ou midiático, e subcorpus, Agrárias, Engenharia, Saúde, Letras, Biológicas, Sociais, Galileu, Folha de São Paulo e IstoÉ (terceira coluna nas **TAB. 3 e 4**). Embora este possa parecer um procedimento complexo, no cotidiano o empregamos muitas vezes quando, conhecendo o tamanho de um dado conjunto, buscamos saber a percentagem que um certo número de unidades desse conjunto representa. Este cálculo é conhecido como uma “regra de três”. Através deste procedimento, foi possível conhecer a frequência probabilística de verbos de elocução em discurso direto a cada 10.000 palavras nos corpora investigados. Os resultados são apresentados na **TAB. 5 e GRAF. 1 e 2** no capítulo 5.

### **3ª etapa: Focalização das ocorrências de verbos de elocução em discurso direto**

Nesta etapa do procedimento, foram tomadas somente as ocorrências de discurso direto (segunda coluna das **TAB. 3 e 4** acima). Constituiu-se um corpus auxiliar de pesquisa acadêmico e um midiático compostos pelas linhas horizontais fornecidas pela ferramenta *Concord* do programa *Wordsmith Tools* em que apareciam de verbos de elocução em discurso direto e o cotexto imediatamente anterior e posterior às aspas.



#### **4ª etapa: Identificação e etiquetamento dos verbos de elocução nos corpora auxiliares de pesquisa**

As etiquetas atribuídas a cada verbo de elocução, presente nos corpora auxiliares de pesquisa são códigos digitados entre os sinais “<” e “>”, logo após o verbo. Seu objetivo é atribuir a diferentes verbos com as mesmas características, um mesmo código, para que a posterior busca de cada um destes códigos com o programa *Wordsmith Tools*, recupere todos os verbos que compartilham a característica pesquisada. Assim, em cada oração projetante, ocorre pelo menos um verbo de elocução. Cada um dos verbos de elocução foi etiquetado segundo:

- (i) o tempo verbal primário: presente <TP0001>, ou passado <TP0002>, ou futuro <TP0003>, e
- (ii) a posição temática da oração projetante em relação ao discurso representado: tema <PT0011>, ou rema <PT0012>, ou intermediária <PT0013>, e
- (iii) a interdependência: paratática <IT0014>, ou hipotaxe <IT0015>, e
- (iv) a categoria denotativa do verbo de elocução: ato do escritor, comparação <PD0021>, ou ato do escritor, teorização <PD0022>, ou ato do autor, textual <PD0023>, ou ato do autor, mental <PD0024>, ou ato do autor, pesquisa <PD0025>, ou ato do autor, atitude <PD0025>, e
- (v) a categoria avaliativa do verbo de elocução: posicionamento do autor, positivo <PA0031>, ou posicionamento do autor, negativo <PA0032>, ou posicionamento do autor, neutro <PA0033>, ou posicionamento do escritor, fatural <PA0034>, ou posicionamento do escritor, contra-fatural <PA0035>, ou posicionamento do escritor, não fatural <PA0035>, ou interpretação do escritor, do discurso do autor <PA0036>, ou interpretação do escritor, do comportamento do autor <PA0037>, ou interpretação do escritor, do estatus da citação <PA0038>, ou interpretação do escritor, tolhida <PA0039>.

### **5ª etapa: Cálculo dos percentuais probabilísticos**

O corpus etiquetado, conforme a etapa acima, foi examinado com a ferramenta *Concord* do programa *Wordmith Tools*. Os nódulos de busca eram as etiquetas anotadas na quarta etapa do procedimento.

Dado o número total de ocorrências de verbos de elocução no corpus etiquetado, foi gerada a frequência probabilística:

- (i) do sistema do tempo verbal primário, presente: passado;
- (ii) do sistema da posição temática da oração projetante, tema: rema;
- (iii) do sistema da interdependência, paratática: hipotática;
- (iv) do potencial denotativo dos verbos de elocução;
- (v) do potencial avaliativo dos verbos de elocução.

O procedimento acima descrito foi repetido para a determinação da frequência probabilística dos mesmos sistemas nos corpora etiquetados acadêmico e midiático.

### **6ª e última etapa: Busca de probabilidades condicionais**

Verificou-se, em ambos os corpora etiquetados, a existência de probabilidades condicionais através do cruzamento de dados de frequência probabilística entre as variáveis dos sistemas simultâneos. A ferramenta *Concord* foi amplamente utilizada nesta etapa, pois possibilita a busca da variável de um sistema (através de uma etiqueta), para que, uma vez salva esta busca como um arquivo na pasta do *Concord*, seja possível fazer buscas de variáveis de outros sistemas neste mesmo arquivo. Assim é possível saber, por exemplo, dado um conjunto X de ocorrências de verbos de elocução em discurso direto na posição temática, quantos desses verbos estão no tempo presente e quantos no passado.

Os resultados obtidos, após a realização das seis etapas metodológicas, são apresentados e discutidos no capítulo 5.

# 5 AS VOZES DA CIÊNCIA

O presente capítulo oferece uma abordagem empírica de dados lingüísticos representativos de dois espaços discursivos ocupados pelos discursos da ciência: o contexto acadêmico e o contexto da divulgação científica em meios de comunicação escrita. Como explicitado nos capítulos anteriores, na Gramática Sistêmico-funcional, entende-se a gramática e o léxico como os pólos opostos de um mesmo contínuo, sendo que, ao interrogar um dado corpus em termos gramaticais, investigando seus sistemas, são obtidas respostas gramaticais; interrogando um corpus, em termos lexicais, obtém-se respostas lexicais. Ambos os tipos de respostas têm uma mesma natureza, sistêmico paradigmática, e são diferentes níveis de “delicadeza”, ou de especificidade, na observação da gramática de uma língua. As seções seguintes apresentam as respostas quantitativas gramaticais e lexicais obtidas no corpus, sem, contudo, criar dicotomia entre elas. São também apresentados os dados obtidos através da observação de probabilidades condicionais no corpus e, finalmente, os resultados são discutidos em termos qualitativos.

## 5.1 Resultados

Como exposto anteriormente, participantes e processos formam o que, na Gramática Sistêmico-funcional, denominou-se o “centro experiencial da oração” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 176). Esta investigação concentrou seu olhar sobre os verbos de elocução, processos responsáveis por projeções, neste caso especificamente, do discurso direto. Os participantes destes processos são o que, na presente tese, se identificou como o Autor, ou seja,

quem o Escritor do artigo acadêmico ou de divulgação científica identifica como responsável pelo discurso representado na em citação. Ainda que o foco desta investigação sejam os processos, é relevante apresentar algumas constatações provenientes do corpus sobre a identidade do Autor nos gêneros investigados.

No corpus acadêmico, os Autores são representados, mais freqüentemente, por seus sobrenomes, geralmente acrescidos de referências bibliográficas entre parênteses, como se pode ver nos exemplos 1 a 6 abaixo, ou por termos designativos, tais como “autor”, “escritor”, “pesquisador”, como nos exemplos 7 a 9. Ressalte-se que nem todas as vozes representadas neste corpus são provenientes da comunidade acadêmica, fazendo-se, principalmente nos subcorpora de Ciências Humanas e Sociais, também presentes as vozes de figuras públicas, tais como políticos e altos funcionários públicos, como no exemplo 10; de sujeitos entrevistados pelos pesquisadores, tais como alunos, professores, médicos e pacientes, como no exemplo 11; de meios de comunicação escrita diversos, tais como jornais, revistas e textos publicitários em geral, como nos exemplos 12 e 13; personagens de livros, como o “espelho mágico”, no exemplo 14, e ditos populares, como no exemplo 15. No caso específico de sujeitos entrevistados cuja fala é reproduzida nos artigos, os Autores são identificados por um nome próprio sem sobrenome ou pelas iniciais de seu nome completo e, quando são figuras públicas, pelos nomes através dos quais são conhecidos pelo grande público, no caso de políticos, por exemplo.

1) ... da teoria, “como criadora em relação a uma forma futura de teoria”, como afirma **Deleuze (in Foucault 1979: 69)** [Subcorpus Lingüística]

2) **Ostrower** afirma que "pensa-se falando" dentro de um quadro de idéias de uma língua... [Subcorpus Engenharia]

3) É preciso ir ao outro, porque, como nos elucida **Vygotsky**: "Nós nos tornamos nós mesmos através dos outros..." (*apud* Pino, 2000) [Subcorpus Ciências Sociais]

4) **Kocker** em 1911 enunciou que "as lesões esplênicas exigem excisão da glândula e que a esplenectomia [Subcorpus Ciências da Saúde]

5) **Ferreira** (1923:415) afirmou: "No futuro, o treinamento dos médicos deve ser mais amplamente desenvolvido... [Subcorpus Ciências Biológicas]

6) Sobre isso, **o pesquisador Armando Sérgio SILVA** comenta que: ".. Pascoal Carlos Magno fundaria, em 1938... [Subcorpus Ciências Humanas]

- 7) Sintetiza **o autor**: "Saber quem somos é poder nos orientar no espaço moral a respeito do qual... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 8) "A palavra futuro está em decadência"- afirmou **o escritor mexicano Octavio Paz** (*Apud* Silva, 1996, p.7) [Subcorpus Ciências Humanas]
- 9) É **aquele mesmo autor** quem também assinala: "Embora com objetivos bastante diferenciados, universidades... [Subcorpus Ciências Sociais]
- 10) "Só ganhamos do Piauí", lamentava **o procurador-geral de Justiça do estado do Paraná, Olympio...** [Subcorpus Ciências Humanas]
- 11) "Eu já fui pego três vezes", diz **Antônio** que já avisou a moça: "Não adianta vir pra cima de mim de novo porque não vou entrar na kombi" [Subcorpus Ciências Humanas]
- 12) Dia 10 **o jornal O Combate** em manchete de primeira página afirmava: "A 'espanhola' em S. Paulo. Numerosos casos suspeitos" [Subcorpus Ciências Humanas]
- 13) A reportagem ainda diz que "Aos poucos, o casal passou a receber notícias dos fragmentos... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 14) **O espelho** falava: "É a bela rainha." [Subcorpus Ciências Humanas]
- 15) Porque "em guerra não se limpam armas", como diz **o ditado popular...** [Subcorpus Ciências Humanas]

Já no corpus midiático, além dos termos designativos “autor”, “escritor”, “investigador”, presentes também no corpus acadêmico, os Autores citados são também referidos como “cientistas”, como pode ser visto nos exemplos 14 a 18. Note-se que o termo “cientista” não ocorre como designativo de Autores no corpus acadêmico. Os Autores podem também ser identificados pela atividade profissional que desempenham, como nos exemplos 19 a 22 abaixo, membros de organizações de pesquisa, como no exemplo 23, ou membros de órgãos e posições governamentais, como nos exemplos 24 e 25. Como se vê nos exemplos aqui fornecidos, associado ao nome próprio dos Autores, os escritores podem acrescentar a idade deste Autor, como no exemplo 17, sua profissão, como nos exemplos 19 a 22, a instituição em que trabalha, como nos exemplos 14, 19, 20, 22 e 23, sua nacionalidade, como no exemplo 26, ou várias destas informações, que poderiam ser chamadas as “credenciais” do Autor.

- 14) ... pode oferecer o caminho para um sistema mais limpo de geração de energia", declarou Douglas Parr, **cientista-chefe do Greenpeace britânico**. [Subcorpus Galileo]
- 15) ... precisamos saber sua densidade e onde fica o centro de massa", explica **Andy Cheng, cientista do projeto**. [Subcorpus Galileo]
- 16) ... imaginar como a asa de um pássaro possa ter evoluído da pata de um dinossauro", diz categoricamente **a cientista**. [Subcorpus IstoÉ]

- 17) ... esperança agora concreta de poder fazer um trabalho digno de concorrer a um Nobel", aposta **o entusiasmado cientista carioca de 42 anos**. [Subcorpus IstoÉ]
- 18) ... além de ser bastante eficaz, é mais barato que outros catalisadores", explica **o cientista**. [Subcorpus Folha de São Paulo]
- 19) "A conjectura merece toda essa atenção porque mexe com a nossa natureza", conta **Rui Almeida, professor do Instituto de Matemática e Estatística da USP**. [Subcorpus Galileu]
- 20) "O degelo deixou mais luz solar atingir o fundo dos lagos", explica **o biólogo Wendy Quayle, da Universidade de Cambridge, na Inglaterra**. [Subcorpus Galileu]
- 21) ... se popularizou entre os dinossauros, talvez essa seja a causa de sua extinção", observa, entre gargalhadas, **o geólogo Smith**. [Subcorpus IstoÉ]
- 22) ... uma nova classificação científica das diferenças evolutivas entre os homínídeos", diz **o antropólogo Bernard Wood, da Universidade George Washington, nos EUA...** [Subcorpus IstoÉ]
- 23) ... se tornar um patógeno humano, e isso vai acelerar o conhecimento sobre a doença", prevê **Claire Fraser, presidente do Instituto de Pesquisa Genética (Tigr)**. [Subcorpus IstoÉ]
- 24) ... a situação real do mogno antes de tomar qualquer decisão técnica definitiva", sustenta **o ministro do Meio Ambiente, José Carlos Carvalho**. [Subcorpus IstoÉ]
- 25) **O presidente Vladimir Putin** disse ontem que a Rússia "muito provavelmente" irá ratificar o Protocolo de Kyoto... [Subcorpus Folha de São Paulo]
- 26) "Deixamos de aterrissar na Lua por pura indecisão dos nossos dirigentes", conta **o russo Leonov**, hoje com 66 anos e uma saúde de ferro. [Subcorpus IstoÉ]

Os dados sugerem que o que, no corpus acadêmico, legitima a existência de um texto original, tornando verossímil sua reprodução parcial através da citação, são, freqüentemente, as referências bibliográficas fornecidas entre parênteses imediatamente antes ou depois desta citação. No corpus midiático, são as “credenciais”, associadas à voz citada, que desempenham este papel legitimador. Observe-se como, nos exemplos abaixo, destacada em negrito, a informação institucional adicionada ao nome ou termo designativo do autor, concede-lhe credibilidade:

- 27) "Cada caso é um caso", explica **a secretária-executiva da comissão, Lucia Fernandes Aleixo**. [Subcorpus IstoÉ]
- 28) "O mais absurdo deles é o que diz que a Amazônia é o pulmão do mundo", conta Gylvan Meira Filho, **presidente da Agência Espacial Brasileira (AEB)** [Subcorpus IstoÉ]
- 29) ... mais do que um futuro de cooperação", diz **o pesquisador Peter Gleick, presidente do Pacific Institute, da Califórnia**. [Subcorpus Galileu]
- 30) "Isso me deixou perplexo", diz **o pesquisador, hoje na Universidade Louis Pasteur, em Estrasburgo**. [Subcorpus Folha de São Paulo]

Reiteradamente mencionado, ao longo desta tese, para efeitos de padronização, convencionaliza-se o termo Autor como uma voz chamada pelo Escritor, através de processos

intertextuais, a integrar a tessitura discursiva de um dado texto. Note-se que o Escritor pode ser um escritor, escritora ou associação de escritores, pode ser desconhecido ou não identificado/identificável. De forma análoga, a figura do Autor, como se pode perceber nos exemplos expostos acima, representa não apenas uma voz masculina, mas toda e qualquer fonte de discurso representado no texto do Escritor, tais como vozes do sexo feminino e fontes escritas ou orais de qualquer natureza.

### 5.1.1 Apresentação dos resultados: respostas gramaticais

Os dados indicam que existe uma notável diferença em relação à frequência de ocorrência dos verbos de elocução em discurso direto nos corpora aqui investigados. Tomando-se o corpus acadêmico, com um total de mais de 34 milhões de palavras, em que ocorrem 3.012 verbos de elocução em discurso direto, obtém-se uma frequência de 0,87 verbos de elocução em discurso direto a cada 10.000 palavras no corpus. Tomando-se o corpus midiático, com um total de 893.984 palavras, em que ocorrem 2.408 verbos de elocução em discurso direto, obtém-se uma frequência de 26,89 verbos de elocução em discurso direto a cada 10.000 palavras no corpus. A

**TAB. 5** resume o acima exposto:

TABELA 5

Comparação da frequência de ocorrência dos verbos de elocução em discurso direto nos corpora acadêmico e midiático

Corpus	Frequência Verbos de Elocução/ 10.000 palavras ( <i>tokens</i> )
Acadêmico	0,9
Midiático	26,9

O que os dados acima demonstram é que a ocorrência do discurso direto é aproximadamente trinta vezes mais freqüente no gênero artigo de divulgação científica que no artigo acadêmico. Posto de outra maneira, em termos probabilísticos, para que ocorram 9 verbos de elocução em discurso direto no corpus acadêmico, são necessárias 100.000 palavras. Já no corpus midiático, a cada 100.00 palavras, pode-se esperar uma freqüência de aproximadamente 269 verbos de elocução em discurso direto. Isto significa que a diferença de freqüência de ocorrência de verbos de elocução em discurso direto, nos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica, é de mais de uma ordem de magnitude.

O GRAF. 1 apresenta a distribuição da freqüência de ocorrência dos verbos de elocução em discurso direto nos subcorpora acadêmicos.

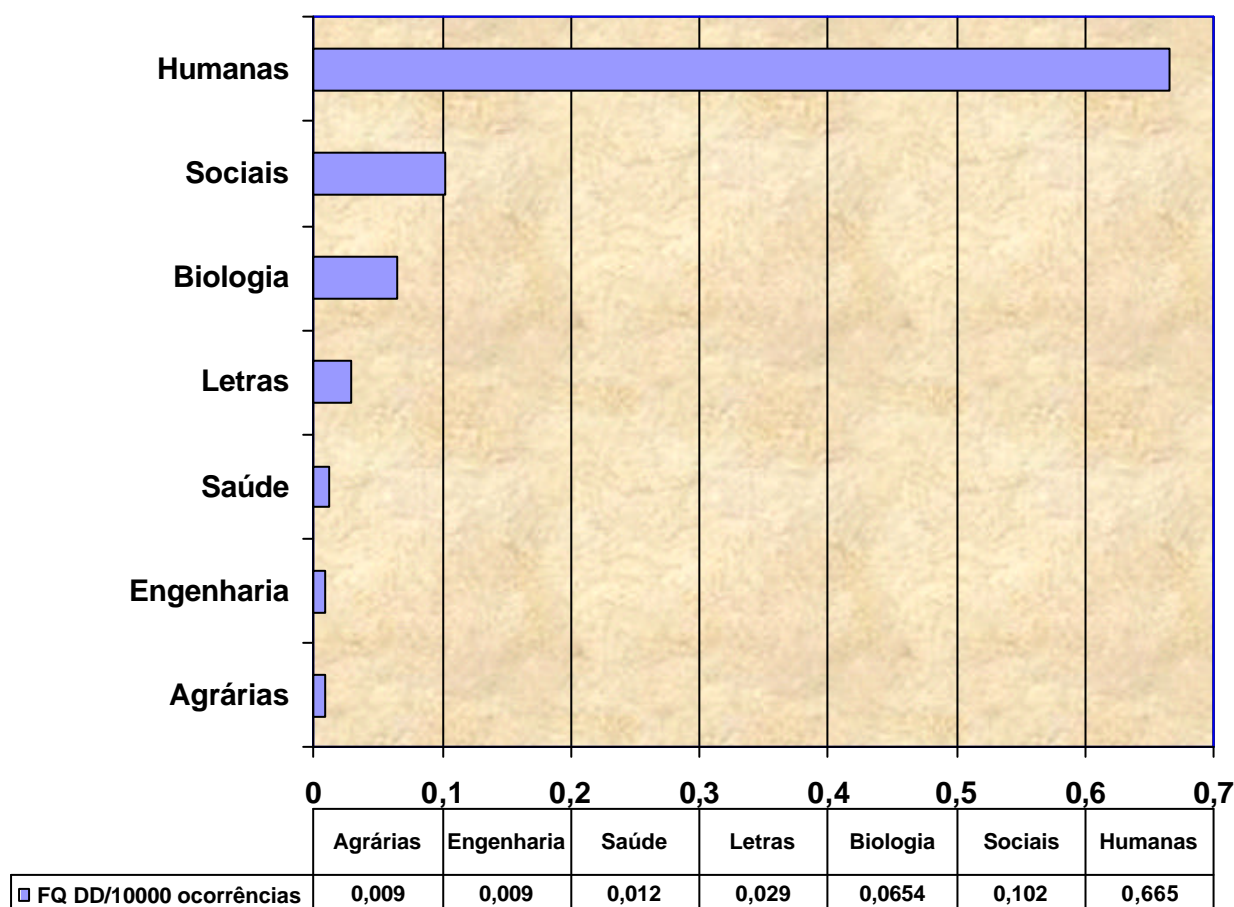


GRÁFICO 1 – Freqüência de ocorrência de verbos de elocução em discurso direto nos subcorpora acadêmico em 10 mil palavras.



Pode-se perceber que, no corpus acadêmico, a frequência de ocorrência dos verbos de elocução é destacadamente superior no subcorpus das Ciências Humanas. Os subcorpora das Ciências Sociais, Ciências Biológicas, Letras e Ciências da Saúde ocupam, respectivamente, as segunda, terceira, quarta e quinta posições. Nos subcorpora das Ciências Agrárias e Engenharia, a frequência dos verbos de elocução em discurso direto é quase nula.

Em relação ao corpus midiático, os dados indicam que o subcorpus da revista *IstoÉ* apresenta a maior frequência de ocorrência de verbos de elocução em discurso direto. Em segundo lugar, encontra-se o subcorpus do jornal *Folha de São Paulo* e, com a frequência de ocorrência de verbos de elocução mais baixa no corpus midiático, está o subcorpus da revista *Galileu*. O GRAF. 2, a seguir, apresenta a distribuição da frequência de ocorrência dos verbos de elocução em discurso direto nos subcorpora midiáticos.

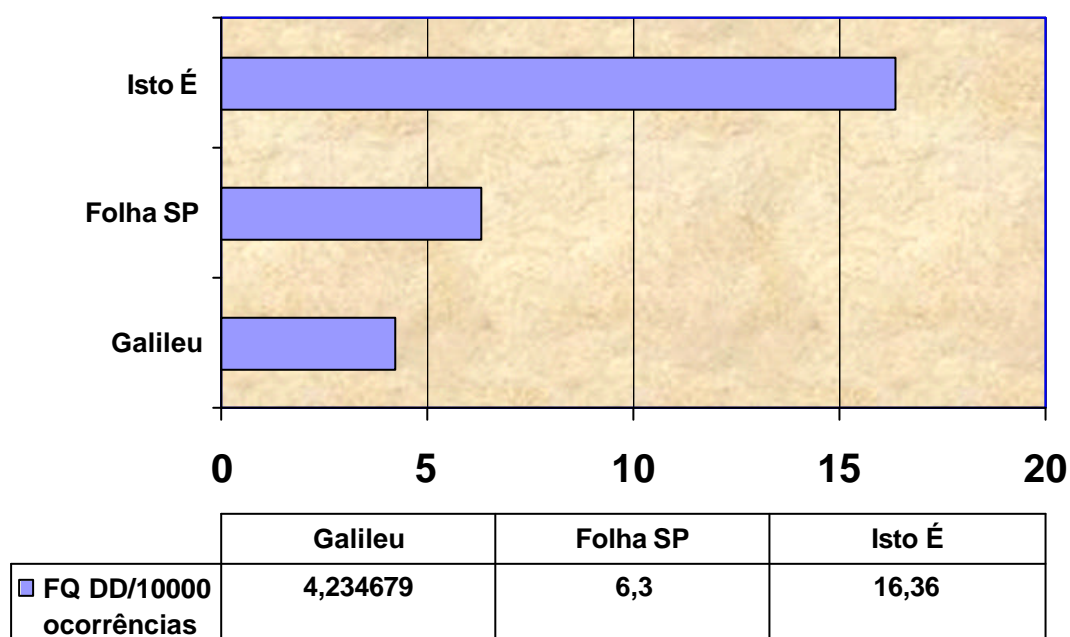


GRÁFICO 2 - Frequência de ocorrência de verbos de elocução em discurso direto nos subcorpora midiáticos em 10 mil palavras.

### 5.1.1.1 O sistema do tempo verbal primário

Nesta seção são apresentados os resultados da análise do sistema do tempo verbal primário dos verbos de elocução identificados nos corpora acadêmico e midiático. No corpus acadêmico foram analisadas 3.012 ocorrências de verbos de elocução em discurso direto e no corpus midiático, 2.408. O GRAF. 3, abaixo, expressa a frequência de ocorrência de verbos em discurso direto no presente, no passado e no futuro em ambos os corpora.

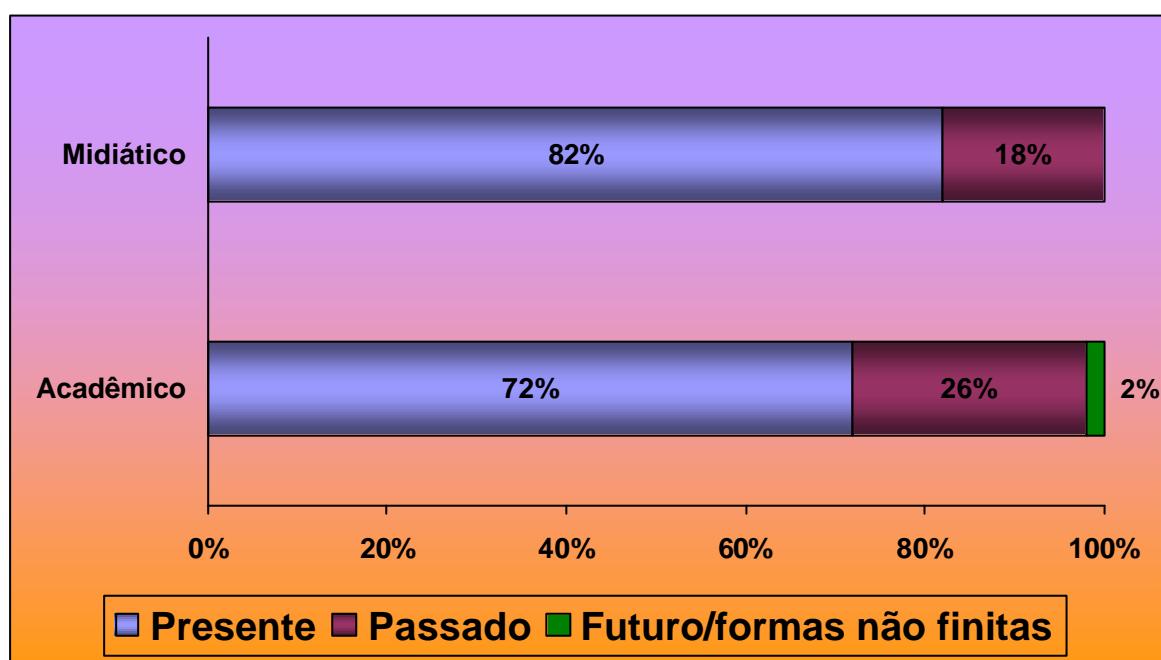


GRÁFICO 3 – Frequência de ocorrência de verbos no “presente”, “passado” e “futuro” nos corpora acadêmico e midiático.

Pode-se observar que, no gráfico acima, em ambos os corpora investigados, o tempo verbal primário presente é destacadamente mais freqüente. O corpus midiático favorece ainda mais o emprego de verbos de elocução, em discurso direto, no presente, com 82% (1975 ocorrências) dos verbos, como no exemplo 1, apresentado a seguir, contra 72% (2168 ocorrências) no corpus acadêmico, como no exemplo 2. No corpus midiático, aproximadamente 18% (430 ocorrências) dos verbos encontram-se no passado, como no exemplo 3. Já no corpus acadêmico, 26% (784 ocorrências) dos verbos estão no passado, como no exemplo 4. Além disso, leve-se em

consideração que, no corpus acadêmico, aproximadamente 2% (60 ocorrências) dos verbos de elocução em discurso direto encontra-se no futuro, como no exemplo 5, ou são formas não finitas, como a forma imperativa no exemplo 6. No corpus midiático, apenas 0,12% dos verbos são formas não finitas. Não houve no corpus midiático, como já foi dito, ocorrências no futuro.

- 1) "É bom esperar pelo menos duas horas antes de deitar", **DIZ** Jaime Eisig, gastroenterologista do Hospital das Clínicas, em São Paulo. [Subcorpus Galileu]
- 2) Boerger (1943) **RELATA** que o "rendimento" de campo (de lavoura) era o fator primordial dos trabalhos... [Subcorpus Agricultura]
- 3) ... o historiador Sérgio Buarque de Hollanda (1902-1982) **DISSE** que nós "somos uns desterrados em nossa própria terra". [Subcorpus Galileu]
- 4) Um gerente agrícola **AFIRMOU** que: "Após a queima de imediato dá para entrar... [Subcorpus Ciências Biológicas]
- 5) Os mais enérgicos **DIRÃO**: "É fácil você se encantar quando fala nos bandidinhos... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 6) **VEJA-SE**: "(...) chegamos, nesse período de sessenta anos, desde a Revolução... [Subcorpus Ciências Sociais]

Desconsiderando-se o futuro, dada sua frequência de ocorrência bastante baixa no corpus, pode-se tomar o sistema do tempo verbal nos gêneros investigados como binário e representá-lo em termos probabilísticos da seguinte maneira “tempo verbal primário, presente: passado”. A TAB. 6 esquematiza esta forma de representação dos dados acima expostos:

TABELA 6

Comparação da frequência de ocorrência do sistema do tempo verbal primário nos verbos de elocução em discurso direto dos corpora acadêmico e midiático

Corpus	Tempo verbal primário, presente: passado
Acadêmico	0.70: 0.30
Midiático	0.80: 0.20

### 5.1.1.2 O sistema temático

Como já foi dito anteriormente, aplicando o princípio interpretativo da organização temática no nível da oração ao complexo oracional, pode-se observar o posicionamento da oração projetante, na qual ocorre o verbo de elocução, em relação ao discurso representado. São três as opções de alternativas, conforme se exemplifica abaixo. Os verbos de elocução são destacados em letras maiúsculas e as orações projetantes, sublinhadas:

1) Simões (1989:40) REFERIU que "as verdadeiras e reais estimativas das taxas de mortalidade... [Subcorpus Ciências Biológicas]

2) "Nossas escolas públicas em particular", ele APONTA, "têm sido ótimos instrumentos de assimilação... [Subcorpus Ciências Humanas]

3) ... acabam absorvendo o carbono que foi jogado na atmosfera com a queimada", DIZ Volker Kirchhoff, diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. [Subcorpus IstoÉ]

No exemplo 1 acima, a oração projetante ocupa posição temática. No exemplo 2, uma posição intermediária, na qual ocorre discurso representado antes e depois da oração projetante. No terceiro exemplo, a oração projetante ocupa posição remática, situada após o discurso representado.

No que se refere à posição temática da oração projetante em relação à oração projetada, as diferenças entre os corpora acadêmico e midiático são contundentes. No corpus acadêmico, das 3.012 ocorrências de verbos de elocução em discurso direto identificadas, 375 eram casos em que o discurso do Escritor e o discurso citado não constituíam duas orações distintas. Estes casos não foram considerados durante a análise do sistema temático, já que neles não ocorre projeção. É relevante mencionar que, no corpus midiático, não houve ocorrências deste caso específico, sendo as 2.408 ocorrências de verbos de elocução em discurso direto, deste corpus, constituídas por complexos oracionais em que se pode distinguir claramente uma oração projetante de uma oração projetada. Assim, foram consideradas, para a observação do sistema temático, no corpus acadêmico, 2.637 ocorrências de verbos de elocução em discurso direto e no

corpus midiático, um total de 2.408 ocorrências de verbos de elocução em discurso direto. O GRAF. 4, abaixo, expressa a frequência de ocorrência de orações projetantes em posição temática, remática e intermediária. Note-se que, dada sua frequência de ocorrência bastante baixa, as orações projetantes em posição intermediária no corpus midiático não são representadas no gráfico que se segue.

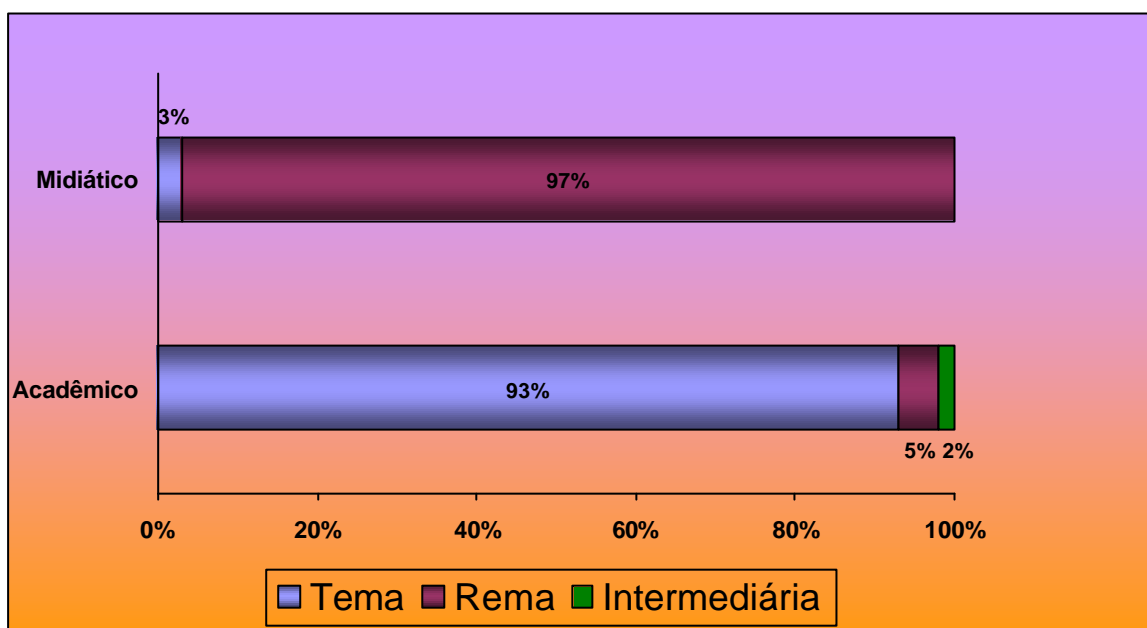


GRÁFICO 4 – Frequência de ocorrência de orações projetantes em posição de “tema”, “rema” e “intermediária” nos corpora acadêmico e midiático.

O GRAF. 4, acima, demonstra que, no corpus acadêmico, 93% (2.466 ocorrências) das orações projetantes ocupam posição de tema, como nos exemplos 4 e 5 abaixo. No corpus midiático, apenas 2,9% (63 ocorrências) das orações projetantes ocupam esta posição, como nos exemplos 6 e 7. Por outro lado, enquanto no corpus midiático 97% (2.341 ocorrências) das orações projetantes ocupam a posição de rema, como nos exemplos 8 e 9, no corpus acadêmico apenas 5% (120 ocorrências) das orações projetadas ocupam a mesma posição, como nos exemplos 10 e 11. Orações projetantes ocupando posição intermediária representam 2% (51 ocorrências) do corpus acadêmico, como nos exemplos 12 e 13, e apenas 0,1% (4 ocorrências) do corpus midiático, como nos exemplos 14 e 15.

- 4) Neste sentido, há entrevistados que **DIZEM** que a "parte ruim são as instalações". [Subcorpus Ciências Biológicas]
- 5) Thornthwaite e HOLSMAN (1941), **ATESTARAM**: "Não existe ainda técnica satisfatória para medir a ... [Subcorpus Agricultura]
- 6) Em 1925, consternado com o veredicto do caso Scopes, H.L. Mencken **ESCREVEU**: "Mesmo o homem supersticioso tem direitos inalienáveis. Ele tem o direito de def [Subcorpus IstoÉ]
- 7) ... um comerciante de produtos para animais entra no aviário e **OFERECE**: "Está querendo o 'da cara roxa'? Tenho um por R\$ 850, com registro. [Subcorpus IstoÉ]
- 8) ... explosão das companhias tipo 'ponto-com' tenha passado, há cada vez mais trabalho", **EXPLICA** Leonardo Leite, 37, coordenador da área de internet do escritório... [Subcorpus Galileu]
- 9) "Não há no país uma política de fiscalização sistemática do comércio de animais", **DIZ** um técnico que há 20 anos vive esse cotidiano e pediu para não ser identificado. [Subcorpus Galileu]
- 10) ...existem "independentemente das consciências ou das vontades individuais", **como DIZIA** Marx. [Subcorpus Ciências Sociais]
- 11) ... e passam a alimentar-se do mito criado por eles próprios", **DIZ** Maria Arminda N. Arruda.1[Subcorpus Ciências Humanas]
- 12) "Já que a ciência", **COMENTA** Ronan, "no mínimo, significava voltar às fontes gregas...[Subcorpus Ciências Humanas]
- 13) As "idéias de renovação", **ESCREVIA**, eram "mais extensas"...[Subcorpus Ciências Sociais]
- 14) "Muito bem", **DISSERAM** muitos dos colegas dele, "então prove que estamos realmente... [Subcorpus Folha de São Paulo]
- 15) Em guarani "Sou de Ponta Porã, em Mato Grosso do Sul", **ele DIZ** "e desde criança aprendi a falar em português, guarani e... [Subcorpus Folha de São Paulo]

Tomando-se o sistema temático nos gêneros investigados como binário, pode-se representá-lo em termos probabilísticos da seguinte maneira "sistema temático, tema: rema". A TAB. 7, abaixo, esquematiza esta forma de representação dos dados acima expostos:

TABELA 7

Comparação da freqüência de ocorrência do sistema temático nas orações projetantes de discurso direto dos corpora acadêmico e midiático

Corpus	Posição temática, tema: rema
Acadêmico	0.93: 0.07
Midiático	0.03: 0.97

### 5.1.1.3 O sistema da interdependência oracional

Como discutido anteriormente<sup>64</sup>, o discurso direto, representado entre aspas, pode ser textualizado em um complexo oracional no qual se estabelece uma relação sintática de parataxe entre as orações projetante e projetada, como nos exemplos 1 e 2:

1) Em 1960, Mather (8) já afirmava: "A determinação da bilirrubina é a mais irreal das dosagens bioquímicas" [Subcorpus Ciências da Saúde]

2) ... uma delas quase certamente vai suplantar a outra", resume o matemático Steven Strogatz, da Universidade Cornell... [Subcorpus Folha de São Paulo]

Ou de hipotaxe, como se vê nos exemplos a seguir:

3) Henrique Gandelman, em seu livro *De Gutenberg à Internet*, afirma que "as perguntas se sucedem e as respostas nem sempre estão conseguindo..." [Subcorpus Ciências Sociais]

4) ... o historiador Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) disse que nós "somos uns desterrados em nossa própria terra". [Subcorpus Galileu]

A observação dos corpora desta pesquisa revela padrões sintáticos distintos entre os gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica quando da textualização do discurso direto. Como no caso do sistema temático, também no sistema da interdependência, foram desconsideradas as ocorrências de discurso direto em que não há duas orações distintas. No corpus acadêmico foram tomadas 2.637 e no corpus midiático, 2.408. O GRAF. 5 expressa a frequência de ocorrência de orações projetantes que estabelecem com o discurso representado uma relação de interdependência oracional "paratática" e "hipotática" nos corpora investigados.

---

<sup>64</sup> Ver seção 3.3.5 **O contínuo da representação do discurso: uma abordagem empírica para a língua portuguesa.**

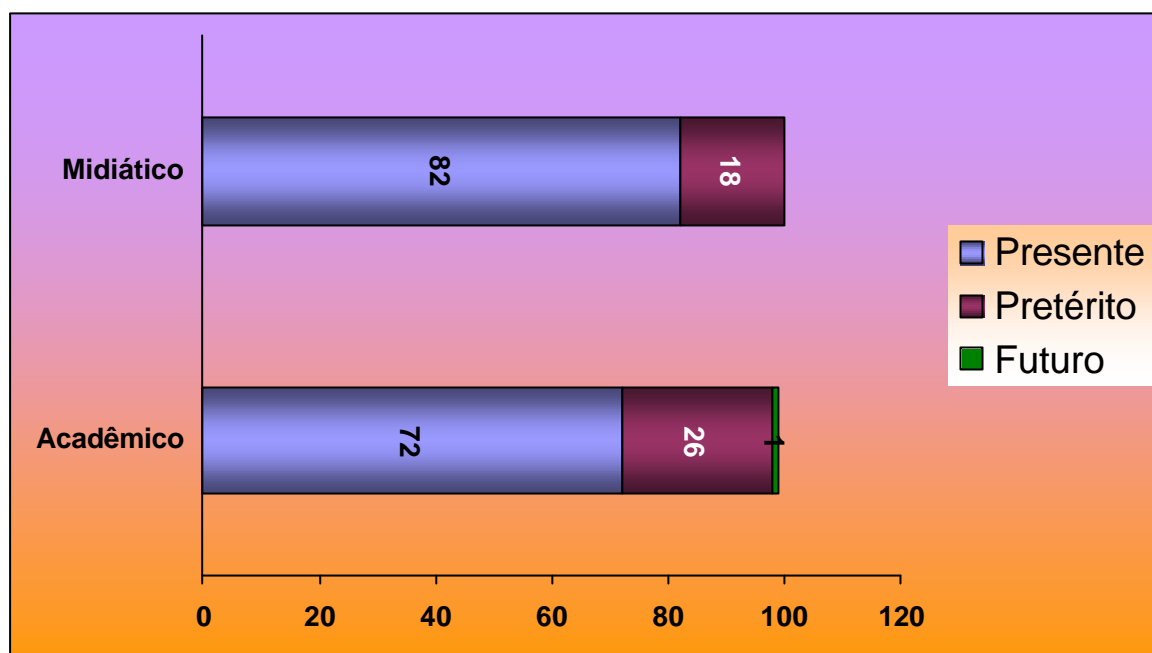


GRÁFICO 5 – Frequência de ocorrência de projeção em parataxe e hipotaxe nos corpora acadêmico e midiático.

No corpus acadêmico, em 72% (1.903 ocorrências) das projeções observadas, a relação estabelecida entre a oração projetante e o discurso representado é paratática, como nos exemplos 5 a 7. No corpus midiático, a parataxe representa 99,6% (2.399 ocorrências) da projeções, como nos exemplos 8 a 10. Em menos de 1% (9 ocorrências) das projeções de discurso direto no corpus midiático há projeção hipotática, como os exemplos 11 a 13. No corpus acadêmico, por sua vez, em 28% (734 ocorrências) das projeções de discurso direto estabelecem-se em hipotaxe, como nos exemplos 14 a 17.

5) ... os autores indagaram: "Como regra, prevalece uma boa uniformidade entre os resultados... [Subcorpus Ciências da saúde]

6) Sobre pago diz: "O latim só legou pacatum às línguas românicas, e o particípio pago... [Subcorpus Lingüística]

7) A simulação do estupro é outra fantasia masculina e diz a revista: "(...) forçar uma mulher não está relacionado à violência mas com a vontade... [Subcorpus Ciências Sociais]

8) "Hoje vivo de uma horta que cultivo", afirma o "peixeiro". [Subcorpus IstoÉ]

9) "Há quem fique irritado ao saber que seu óvni não passa de um brinquedo", conta. [Subcorpus Galileu]

10) ... porque em todo o solo nacional existe manganês, alumínio e ferro", explica Mauro Arce, secretário estadual de Energia, Recursos Hídricos e Saneamento... [Subcorpus IstoÉ]

11) ... citando a minha sábia avó, que dizia que "criar é coisa de Deus, descobrir é coisa de gente". [Subcorpus Folha de São Paulo]



- 12) O capítulo final diz que "não há fórmula global e definitiva para resolver o problema da escassez de água... [Subcorpus Galileu]
- 13) ... ele afirmou que "a perseverança é uma virtude" e que o programa vai continuar... [Subcorpus Folha de São Paulo]
- 14) Ele afirma que "a espacialidade do corpo é o desdobramento de seu ser de corpo " [Subcorpus Engenharia]
- 15) Castro afirmava em 1897 que "os médicos tinham vergonha de se ocupar com tal problema" [Subcorpus Ciências Humanas]
- 16) ... lamentam que "os velhos babás e as velhas iás não têm mais voz em nada"... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 17) Pedreira afirma que "o caráter estrutural da emigração minhota e as redes que se teciam... [Subcorpus Ciências Humanas]

O sistema de interdependência oracional do discurso direto, nos gêneros investigados, pode ser representado em termos probabilísticos da seguinte maneira "sistema interdependência discurso direto, paratática: hipotática". A TAB. 8 apresenta esta forma de representação dos dados quantitativos expostos acima:

TABELA 8

Comparação da frequência de ocorrência do sistema de interdependência do discurso direto dos corpora acadêmico e midiático

Corpus	Interdependência, parataxe: hipotaxe
Acadêmico	0.72: 0.28
Midiático	0.99: 0.01

## 5.1.2 Apresentação dos resultados: respostas lexicais

Como discutido anteriormente, o léxico de uma língua constitui uma das pontas de um contínuo. Na outra ponta, localiza-se a gramática. Esta última é estruturada em sistemas compostos por um reduzido número de alternativas que, dadas certas condições sistêmicas, cumprem a condição de entrada (HALLIDAY, 2005). Se, no caso da inderdependência oracional, por exemplo, há duas alternativas, uma que é a parataxe e outra a hipotaxe, no caso do léxico, o número de alternativas é extraordinariamente mais amplo. Nesta investigação, examinando-se 5.420 ocorrências de verbos de elocução, em discurso direto, em um corpus de mais de 35 milhões de palavras, observaram-se 206 verbos de elocução diferentes. A lista completa de ocorrências e freqüências de ocorrências, dos 206 verbos no corpus geral da pesquisa e no corpus acadêmico e midiático, pode ser encontrada no Anexo II desta tese.

Como reiterado nos capítulos anteriores, a proposta de classificação utilizada nesta tese, para uma melhor compreensão dos 206 diferentes verbos de elocução identificados, bem como sua freqüência de ocorrência, é a de Thompson e Yiyun (1991), ligeiramente adaptada aos dados desta investigação. As seções seguintes apresentam, em primeiro lugar, os resultados do processo de classificação dos verbos identificados no corpus, e, em segundo lugar, o estudo da freqüência de ocorrência das categorias decorrentes da etapa de classificação.

### 5.1.2.1 Categorização dos verbos de elocução identificados no corpus

Reiterando alguns pressupostos básicos, Thompson e Yiyun (1991) classificam os verbos de elocução, simultaneamente, segundo a atividade que denotam, ou seja, seu potencial denotativo, e em relação ao posicionamento ou interpretação que evidenciam, seu potencial avaliativo. O potencial denotativo está vinculado à metafunção ideacional, mais precisamente, em seu componente experiencial, ou seja, relacionado aos processos. Já o potencial avaliativo dos verbos de elocução está relacionado à metafunção interpessoal, pois indica a apreciação que o

escritor faz das vozes que incorpora em seu discurso e, através dessa apreciação, a orientação interpretativa que deseja que seu leitor faça de seu texto. Ressalte-se que o potencial denotativo e o potencial avaliativo dos verbos de elocução são dimensões em relação de complementariedade que, ainda que, para fins de investigação, sejam separadas, inter-relacionam-se para a realização do significado, na representação do discurso.

Apresenta-se a seguir a proposta de classificação dos verbos de elocução identificados no corpus desta pesquisa. Esta apresentação está organizada da seguinte forma: primeiro anuncia-se a categoria, retomando brevemente suas características; em seguida, são apresentados os verbos presentes tanto no corpus acadêmico como no midiático, classificados nesta categoria; em seguida, apresentam-se os verbos que apenas constam no corpus acadêmico e, finalmente, aqueles que apenas constam no corpus midiático. Na apresentação do potencial denotativo, os verbos que servem à exemplificação são apresentados em seu contexto de ocorrência. Na apresentação do potencial avaliativo, por questões de economia de espaço, a presente tese limitar-se-á a comentar as categorias e listar os verbos classificados em cada uma delas, dado que todos os verbos são classificados simultaneamente, segundo ambos os potenciais.

Com relação a seu potencial denotativo, são duas as categorias de verbos relativas a um ato do Escritor, propostas por Thompson e Yiyun (1991). Um ato do Escritor transfere, através do verbo de elocução selecionado, a responsabilidade pela informação citada para o Autor citado. Na primeira categoria de ato do Autor, classificam-se os verbos de elocução nos quais o Escritor posiciona o Autor em uma certa perspectiva, através de **comparação ou contraste**. Os verbos a seguir estão presentes, tanto no subcorpus acadêmico como no midiático:

1) ... Le Coadic **COMPARA** (1996, p. 59), "Em que um documento hipertexto difere de um documento... [Subcorpus Ciências Sociais]

2) "Para mim, o problema não está na América, mas na Ásia", **CONCORDA** Rolando González-José. [Subcorpus Folha de São Paulo]

3) O médico **REBATEU**: "Não se aflija tanto, Senhora, para que eu estou aqui?". [Subcorpus Ciências Humanas]

O seguinte verbo pertence à categoria referida acima, identificado apenas no corpus acadêmico:

4) Dona Rosalina **CONTRA-ARGUMENTA**: "Ah! Não batem não! [Subcorpus Ciências Humanas]

Ainda com potencial denotativo, representado como um ato do Escritor de comparação, o seguinte verbo foi identificado apenas no corpus midiático:

5) Já Travassos **DISCORDA**: "Na minha opinião, a terapia gênica é a medicina do futuro. [Subcorpus Folha de São Paulo]

A segunda categoria do potencial denotativo de verbos relativos a um ato do Escritor é a de **teorização**. Esta categoria abriga verbos de elocução que indicam o uso feito pelo Escritor, no desenvolvimento de seu próprio argumento, do trabalho do Autor. Além disso, como o próprio nome da categoria indica, tais verbos expressam uma certa atitude teórica, de reflexão. Os verbos a seguir foram classificados nesta categoria e estão presentes, tanto no subcorpus acadêmico como no midiático:

6) **ACONSELHA** que se analise o "discurso de", que permite a fala das crianças. [Subcorpus Ciências Humanas]

7) "A razão é simples", **ARGUMENTA** Sérgio Pena. [Subcorpus Ciências Humanas]

8) Quem clonar um primata desses será capaz de clonar um humano", **ASSEGURA**. [Subcorpus IstoÉ]

9) ... Perini **DEFENDE** uma "gramática adaptada para as necessidades de comunicação"... [Subcorpus Letras]

10) ... para compreender melhor o que fazemos na Terra", **DEFINE** o americano Stafford. [Subcorpus IstoÉ]

11) Nesse sentido, Lima e Santos (1998, p. 16) **DESTACARAM** que "[a]o longo daquela década, a política de comércio exterior... [Subcorpus Ciências Humanas]

12) ... e os maiores olhos do reino animal, do tamanho de uma cabeça humana", **DETALHA**. [Subcorpus IstoÉ]

13) Como **ENFATIZA** Bicudo-Zeferino (1992:2), "o crescimento é a expressão da interação... [Subcorpus Ciências Biológicas]

14) "Com as pipas é a mesma coisa", **ENSINA** ele. [Subcorpus Galileu]

15) ... Marilyn Strathern (1999b:172) **ESCLARECEU**: "[A] diferença que existe está no fato de que os modos pelos quais... [Subcorpus Ciências Humanas]

16) Ele **EXEMPLIFICA**: "no dia-a-dia, o especialista em direito comercial analisa... [Subcorpus Galileu]

17) Valla (1993:74), **EXPLICA**: "(...) não basta convocar a população a participar dos serviços. [Subcorpus Ciências Biológicas]

- 18) "Era sangue humano", **GARANTE** Heringer, 70 anos. [Subcorpus IstoÉ]
- 19) Entretanto, o mesmo Marc Ferro **INDAGA**: "...terão os acontecimentos históricos a mesma significação para todos? [Subcorpus Ciências Humanas]
- 20) Ao final deste ciclo de conflitos teremos paz", **POSTULA** Quiroga. [Subcorpus IstoÉ]
- 21) **QUESTIONAVAM**, indignados: "Como formar processo a um cidadão, que está no seu... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 22) ... Garcia (1988: 15) **RECOMENDA** separar por ponto-e-vírgula - "e até mesmo por ponto-período"... [Subcorpus Letras]
- 23) E **RESSALTA**: "O que interessa não é o brinquedo utilizado, mas o ato de brincar". [Subcorpus Galileu]
- 24) Como **SALIENTA** LASKIN17 (1987), "...a preparação de próteses satisfatórias começa com... [Subcorpus Ciências da Saúde]
- 25) Hoje sua ação ainda é apenas de apoio nos tratamentos", **RESSALVA** o médico Timothy Stanley, professor da Universidade da Califórnia. [Subcorpus IstoÉ]
- 26) .. recorre a Rousseau quando este **SENTENCIA** que "a educação do homem começa com o seu nascimento". [Subcorpus Ciências Humanas]
- 27) ... uma coalizão política estável, formada por quatro governantes", **SUGERE**. [Subcorpus Folha de São Paulo]
- 28) Carvalheiro (1984) **SUSTENTA** que "avaliar o processo-saúde-doença em sua dimensão coletiva não pode... [Subcorpus Ciências Biológicas]

Os seguintes verbos pertencem à categoria referida acima e foram identificados apenas no corpus acadêmico:

- 29) Byhan (1977) **ACENTUA** que "sem um diagnóstico das necessidades... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 30) Uma observadora da cena política nacional **ADUZ**: "Nunca vi na história brasileira, em períodos... [Subcorpus Ciências Sociais]
- 31) ... conforme **ASSEVERA** Koury (1998:69): "A tensão da lembrança (despertada pela foto) permite... [Subcorpus Ciências Biológicas]
- 32) ...quando posteriormente **ASSUME** em seu discurso: "é difícil me ensinar" ou "acho que não adianta mesmo... [Subcorpus Ciências Sociais]
- 33) ... (CPDC) assim **CONCEITUAVA** o DC: "instrumento de participação popular e um... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 34) Como **DISTINGUE** G. Arrighi, "os governantes territorialistas identificam o poder com a... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 35) É preciso ir ao outro, porque, como nos **ELUCIDA** Vygotsky: "Nós nos tornamos nós mesmos através dos outros..." [Subcorpus Ciências Sociais]
- 36) Também a Constituição de 1988 **ESTABELECE** (art. 207) que "as universidades (...) obedecerão ao princípio... [Subcorpus Ciências Biológica]
- 37) G. Vattimo, por exemplo, **ENTENDE** que "com o triunfo do desencanto, (...) que caracteriza a modernidade... [Subcorpus Ciências humanas]

- 38) Pacto **ESTIPULA** que o "Conselho tomará conhecimento de toda questão que entrar... [Subcorpus ciências Sociais]
- 39) ... Associação Psiquiátrica Americana (DSM III-R, 1987)<sup>11</sup> **EXPLICITA** que "algumas atividades, tais como se alimentar... [Subcorpus Ciências da saúde]
- 40) E **ILUSTRA**: "Assim observamos junto do partícipio normal entregue o concorrente... [Subcorpus Letras]
- 41) Como **OPINA** Mruck (1998), "pesquisadores, especialmente aqueles com uma perspectiva... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 42) ... **ORIENTA** que "a decisão de se realizar a microscopia do sedimento deve ser... [Subcorpus Ciências da Saúde]
- 43) Pascal **PRECISA** que "pequenas coisas como um bilhar e uma bola empurrada bastam para... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 44) Então, a partir desta situação o autor **PROPÕE** que: "Um corpo de conhecimentos é uma tecnologia se, e somente se... [Subcorpus Ciências Sociais]
- 45) Como **RELEVA** Eco (1997: 124): "(...) se tivéssemos de escutar, ler, olhar cada expressão... [Subcorpus Ciências Biológicas]
- 46) ... como **SUBLINHA** Foucault (1979:22) "(...) em sua vida e sua morte, em sua força e sua... [Subcorpus Ciências Sociais]

Ainda com potencial denotativo, representando atos do Escritor de teorização, os seguintes verbos foram identificados apenas no corpus midiático:

- 47) ... e é por isso que nossas grifes estão se dando tão bem no exterior", **FRISA** a consultora de moda Constanza Pascolato. [Subcorpus Galileu]
- 48) Capra **PONTIFICOU**: "Formular políticas para um Brasil sustentável significa introduzir... [Subcorpus Folha de São Paulo]

Na presente tese, a identificação de verbos como “alerta”, “caçoam”, confessa”, “lamenta” e “queixa-se”, por exemplo, indicou a necessidade da criação de uma terceira categoria denotativa chamada **ato do Escritor de atitude**. Esta categoria abriga verbos de elocução que, ainda que sinalizando uma expressão verbal, diferenciam-se dos verbos que denotam um ato textual do Autor. Os verbos abrigados nesta nova categoria não atribuem a responsabilidade sobre a citação ao Autor, em primeiro lugar, mas, principalmente, ao Escritor. A atitude comportamental, neles expressa, faz com que recaia principalmente sobre o Escritor, e apenas secundariamente sobre o Autor, a responsabilidade pela representação do discurso citado. Note que, no exemplo abaixo, o Escritor poderia haver empregado o verbo de elocução “diz”, através do qual não estaria expondo sua própria interpretação do comportamento do Autor.

49) ...é uma constante na vida da docente observada que **DESABAFAR**: "... eu sempre trabalhei demais. [Subcorpus Ciências Humanas]

Ao empregar o verbo “desabafa” o Escritor faz mais que representar a atividade lingüística desempenhada por sua fonte. Ele imprime sobre sua representação sua própria interpretação da atitude comportamental desta fonte. A docente, no caso do exemplo acima, poderia contradizer a representação do Escritor, modalizando-a. Ela poderia dizer: “não foi um desabafo, uma queixa... Apenas disse que sempre trabalhei muito”, ou ainda “Não me desabafei. Estou orgulhosa de ser muito trabalhadora”.

Entende-se que ao utilizar os verbos classificados na categoria “ato do escritor de atitude”, os Escritores dos textos comprometem-se mais diretamente com a informação citada, representando, através do verbo de elocução selecionado, não apenas uma expressão verbal, mas uma atitude comportamental, associada a esta expressão. Estes verbos são apresentados a seguir. Este primeiro grupo abaixo apresenta verbos encontrados tanto no corpus acadêmico como no midiático:

50) ... De Souza **ADMITE** que os "projetos não foram tão eficazes como se esperava... [Subcorpus Ciências Humanas]

51) Roger Chartier **ADVERTE**: "O pensamento de Foucault, portanto, não deve ser reduzido a fórmulas ... [Subcorpus Ciências Sociais]

52) ...Só que é um desenvolvimento unilateral, fora de época", **ALEGA**. [Subcorpus Galileu]

53) Miranda, já em 1977, **ALERTAVA** que os "custos marginais e as conseqüências políticas e/ou a dependência... [Subcorpus Ciências Sociais]

54) ... verduras, frutas frescas, proteína e pouca gordura não precisa tomar nada", **AVISA** o oncologista. [Subcorpus IstoÉ]  
... e, quase no desfecho do seu livro, **CONFESSA** que "Não há dúvida de que a Cinderela deste livro tem sido a área de pragmática... [Subcorpus Letras]

55) ... como a construção de termelétricas que queimam gás e geram mais CO<sub>2</sub>", **CRITICA** o físico Luiz Pinguelli Rosa... [Subcorpus IstoÉ]

56) ... venha a transformar-se em "problema das nossas soluções", **DENUNCIA**: "Comumente, o planejamento não consegue perceber que o social nunca é... [Subcorpus Ciências Biológicas]

57) ...é uma constante na vida da docente observada que **DESABAFAR**: "... eu sempre trabalhei demais. [Subcorpus Ciências Humanas]

58) ... vira empunhando o seu podão, risca o chão a sua frente e **DESAFIA**: "Vem, vem se for homem!" [Subcorpus Ciências Humanas]

- 59) Em seu clássico trabalho histórico, Sennett (1988) **DISPARA** "... os meios de comunicação de massa intensificam os padrões... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 60) Como **IRONIZA** Perrenoud (1993), "aparentemente quase todas as críticas do sistema... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 61) Além disso, **LAMENTAVA** "que leigos ... passaram a pontificar sobre os nossos problemas ... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 62) "Me mostre o mundo", **PEDE** em voz alta Mark Lucente (na foto) ao seu computador no Laboratório... [Subcorpus IstoÉ]
- 63) "Brasília fechou o cofre e isso está prejudicando o funcionamento do parque", **QUEIXA-SE** Niède. [Subcorpus Galileu]
- 64) ... as professoras do estado **RECLAMAM**: "O município não informa as mudanças para nós. Somos sempre os últimos a... [Subcorpus Ciências Humanas]

O grupo seguinte apresenta os verbos encontrados apenas no corpus acadêmico:

- 65) ... ele não necessariamente reage, mas **ADERE**: "O problema é que eu não enxergo... Eu não leio... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 66) ... e na eficácia da pressão internacional, **AMEAÇA**: "a Liga das Nações, aonde o nosso jornal tem entrada, dirá sua justiça... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 67) ... e sua irmã **ASSENTIU**: "eu também já ouvi falar que é isso, num tem nada". [Subcorpus Ciências Humanas]
- 68) ... vários rapazes, seus conhecidos, riem e **CAÇOAM**: "Pagé bóia-fria! pé-de-cana!" [Subcorpus Ciências Humanas]
- 69) E adiante, arrebatado, **CASTIGA** com ironia: "Feliz imperio da Santa-Cruz, como é barato o teu futuro!" (Guimarães 1860, p. 72) [Subcorpus Ciências Humanas]
- 70) E **CONFABULOU**: "...e você precisa de uma pá para limpar a sujeira que ela faz." [Subcorpus Ciências Humanas]
- 71) ... apoiada por outras que estavam a sua volta, imediatamente **DETONOU**: "(...) A mulher faz o que pra se divertir? Se ferrar! [Subcorpus Ciências Humanas]
- 72) É muito mais difícil para ele porque falta oportunidade", **DISCURSA**. [Subcorpus Ciências Sociais]
- 73) "O problema do negro", **INSISTE** o militante Clovis Moura, "faz parte, pois, do problema... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 74) "É ridículo", ele **SE IRRITA**. [Subcorpus Ciências Humanas]
- 75) ... um dos discursos **PROCLAMA**: "cada um deve considerar-se ocupante de um posto no seio da coletividade [Subcorpus Ciências Humanas]
- 76) ... os representantes do Foro **MANIFESTAVAM-SE**: "Deve-se tomar consciência... [Subcorpus Ciências Sociais]
- 77) ... após o pedido de voto, **PRECONIZA**: "Curitiba será cada vez mais exemplo de justiça social... [Subcorpus Ciências Sociais]
- 78) ... **PROPUGNAVA**, em seu relatório final, que: "... a lógica da organização... [Subcorpus Ciências Biológicas]
- 79) ... BERGER (1999, p. 66) **PROVOCA**: "Se tem qualquer dúvida de que... [Subcorpus Ciências Humanas]



- 80) ... **REDARGÜE**: "mas Chico, a lembrancinha é tão simples... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 81) Em jeito desconfortável, **RETORQUIU**: "Mas isso só revela que, apesar de terem... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 82) O padre **RETRUCAVA**: "Foi o demônio" [Subcorpus Ciências Humanas]
- 83) ...o autor **SINALIZA** que sua proposta "descrevia muito mais as idéias do Projeto Nacional... [Subcorpus Letras]
- 84) O aluno **SOLICITA** que a professora "explique" o conteúdo e a professora... [Subcorpus Ciências Humanas]

Finalmente, ainda de potencial denotativo, representando um ato do escritor de atitude, foram encontrados os seguintes verbos apenas no corpus midiático:

- 85) "São eles que desmoralizam a ufologia", **ACUSA** Rodrigues. [Subcorpus Galileu]
- 86) "Rezei muito. Sempre acreditei que Nossa Senhora me ajudaria", **ALEGRA-SE** Mônica... [Subcorpus IstoÉ]
- 87) ... existe uma blindagem para apurar seu destino", **ALFINETA** o deputado Antonio Mentor (PT-SP). [Subcorpus IstoÉ]
- 88) "Johannesburgo não é o fim de tudo, e sim o começo", **AMENIZOU** Annan... [Subcorpus IstoÉ]
- 89) Marina Silva **APLAUDIU**: "Essa rede mundial de ecologistas está aqui... [Subcorpus Folha de São Paulo]
- 90) ... poder fazer um trabalho digno de concorrer a um Nobel", **APOSTA** o entusiasmado cientista carioca de 42 anos. [Subcorpus IstoÉ]
- 91) "Espera-se que Bush recue e proponha alguma alternativa ao protocolo", **ARRISCA** Costa. [Subcorpus IstoÉ]
- 92) "Isso é crime. Ninguém tem direito de levar fósseis pra casa", **ATACA** a cientista. [Subcorpus IstoÉ]
- 93) ... para que eu possa voltar a ser útil do ponto de vista evolutivo", **BRINCA**. [Subcorpus Folha de São Paulo]
- 94) "Agora faça-a rodar", **COMANDA** o cientista. [Subcorpus IstoÉ]
- 95) ... daqui a 50 anos os níveis de ozônio podem voltar ao normal", **COMEMORA** Volker Kirchhoff... [Subcorpus Galileu]
- 96) ... que nos defenda de um grande asteróide vindo em nossa direção", **CONTESTA** Peiser. [Subcorpus Galileu]
- 97) ... Heckenberger **CONTRA-ATACA**: "Ao mesclar nosso tratamento dos sistemas indígenas de manejo... [Subcorpus Folha de São Paulo]
- 98) "É muito emocionante ter esse contato com minha neta", **DERRETE-SE** Quiroga. [Subcorpus IstoÉ]
- 99) Mas, quando pudermos, iremos", **DISSIMULA** Garvin. [Subcorpus IstoÉ]
- 100) "Ninguém volta para casa sem provar", **ELOGIA** o professor. [Subcorpus Galileu]
- 101) "Vamos juntar a tecnologia à tradição e à rica história do Recife", **EMPOLGA-SE** Marinho. [Subcorpus IstoÉ]
- 102) ... os menos agressivos, que se dispusessem a ajudar no cuidado com o prole", **ESPECULA** Lovejoy. [Subcorpus Folha de São Paulo]
- 103) ... prefere aqueles que têm apenas dois guardas e que na prática não funcionam", **ESPETA**. [Subcorpus Galileu]

- 104) Um fóssil do sistema solar, a rebarba, a escória dos planetas", **EXAGERA** o físico Marcomede. [Subcorpus IstoÉ]
- 105) "Hoje estamos aprendendo a linguagem com a qual Deus criou a vida", **EXALTOU** Clinton. [Subcorpus IstoÉ]
- 106) ... a algo como Química sem a tabela periódica ou história americana sem Lincoln", **EXASPEROU-SE** Stephen Jay Gould, professor de Geologia na Universidade de Harvard. [Subcorpus IstoÉ]
- 107) "Conseguimos sentar em igualdade de condições", **FESTEJA** Eloan. [Subcorpus IstoÉ]
- 108) ... pesquisam prótese de retina, mas nenhum conseguiu um implante funcional", **GABA-SE** o doutor Fujii. [Subcorpus IstoÉ]
- 109) Antes que os freudianos de plantão **GRITEM** "eu sabia!", registre-se que os biólogos conhecem bem esse mecanismo ... [Subcorpus Folha de são Paulo]
- 110) ... danos ambientais e econômicos causados pela queima de carvão e petróleo", **MARTELOU** o porta-voz Bill Hare. [Subcorpus IstoÉ]
- 111) ... um comerciante de produtos para animais entra no aviário e **OFERECE**: "Está querendo o 'da cara roxa'? [Subcorpus IstoÉ]
- 112) ... toco as músicas que ele gosta, trocamos carinho e ele me beija na boca", **ORGULHA-SE** Lea... [Subcorpus IstoÉ]
- 113) "Por isso mesmo não vai funcionar", **PREGA** a campanha. [Subcorpus IstoÉ]
- 114) ... do escapamento do carro movido a hidrogênio", **PROFETIZA**. [Subcorpus IstoÉ]
- 115) ... coletam os animais, através de campanhas e programas de geração de renda", **PROMETEU** o presidente do Ibama, Hamilton Casara. [Subcorpus IstoÉ]
- 116) "É mesmo? A Embrapa nunca liberou produtos modificados para uso comercial", **REAGIU** o chefe das pesquisas genéticas da Embrapa, Luiz Antonio Barreto... [Subcorpus IstoÉ]
- 117) ... mais comum é ela saber que vive numa área de risco quando ocorre um desastre", **RECONHECEM** Marijane Lisboa, secretária de qualidade ambiental do Ministério... [Subcorpus IstoÉ]
- 118) "Se houver juízo na humanidade, o quadro poderá se reverter até 2112", **VATICINA**. [Subcorpus IstoÉ]

Thompson e Yiyun (1991) apontam, ainda em relação ao potencial denotativo, três categorias que expressam atos do Autor. Verbos classificados como “atos do autor” representam os Autores das vozes citadas no texto, e não os Escritores que textualizam o discurso, como fontes principais de responsabilidade pela informação citada. A primeira categoria de potencial denotativo que expressa um ato do Autor é chamada **textual**. São classificados, nesta categoria, verbos de elocução relativos a processos que envolvem necessariamente expressão verbal. Nesta categoria, portanto, estão os processos tipicamente classificados como verbais na Gramática Sistêmico-funcional. Os verbos de elocução, identificados no corpus desta pesquisa e classificados nesta categoria, são apresentados a seguir. Este primeiro grupo abaixo apresenta verbos encontrados tanto no corpus acadêmico como no midiático:

- 119) "Em última instância," **ACRESCENTA** a autora, "a pertinência da chamada dimensão pragmática da linguagem... [Subcorpus Letras]
- 120) A pessoa não se imagina fazendo outra coisa além daquilo", **AFIRMA** o pesquisador. [Subcorpus Folha de São Paulo]
- 121) ... uma militante de movimentos negros, **ANUNCIA**, convicta: "Nosso cabelo não é ruim, é diferente". [Subcorpus Ciências Humanas]
- 122) "A Baixada é uma comporta aberta de poluição ambiental", **APONTA** o deputado estadual petista Carlos Minc... [Subcorpus IstoÉ]
- 123) O próprio autor **ASSINALA**, entretanto, que, em Habermas, "... estes mundos são formais; estão... [Subcorpus Letras]
- 124) "Ciência é muito importante. É o que este livro revela", **ATESTA** Isaac Asimov, o pai da divulgação científica. [Subcorpus IstoÉ]
- 125) Ferreira & Grattapaglia (1996) **COMENTAM** que "marcadores" morfológicos existem em menor número... [Subcorpus Agricultura]
- 126) "Trata-se de um dos gases responsáveis pelo efeito estufa", **COMPLETA**. [Subcorpus Galileu]
- 127) Por sua vez, Ackoff (1959) **COMPLEMENTA**: "Estamos participando do que é provavelmente o mais amplo esforço... [Subcorpus Ciências Sociais]
- 128) ... e aumentem o conhecimento nessa área tão carente de desenvolvimento", **CONCLUI** o cientista. [Subcorpus Folha de São Paulo]
- 129) ... esta entrevistada **CONFIRMOU** que: "De dia você está cansada, tem coisa para fazer, você nem está... [Subcorpus Ciências Biológicas]
- 130) Em dois anos teremos doutores e mestres nessas universidades", **CONTA** o ministro. [Subcorpus IstoÉ]
- 131) E **CONTINUA**: "nem a escrita, nem a impressão, por si sós, são 'agentes da mudança' ... [Subcorpus Letras]
- 132) O presidente do Banco Mundial **DECLAROU**: "O que aprecio na estratégia de FHC é que ele e o ministro Paulo Renato... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 133) ... na verdade, é um sistema muito complexo", **DIZ** o físico Luiz Davidovich, da Universidade Federal do Rio de Janeiro... [Subcorpus Folha de São Paulo]
- 134) ... quando **ESCREVE** que "...é altamente improvável que existam casos de autismo não orgânico... [Subcorpus Ciências da Saúde]
- 135) "Calma aí!" -**EXCLAMA** o leitor. [Subcorpus Folha de São Paulo]
- 136) **EXPÕE** a autora: "A crise do café e do setor externo seria equacionada... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 137) ... sobre a baixa mortalidade de varíola na Alemanha e **FINALIZA**: "Grassará também lá o alastrim?" [Subcorpus Ciências Humanas]
- 138) "As vendas ficarão suspensas até a FDA se manifestar novamente", **INFORMA** Gianni Samaja, vice-presidente da Farmasa... [Subcorpus IstoÉ]
- 139) Bruner(1983)15., parafraseando Austin (1962), **PERGUNTA-SE** "how to get things done with words?" [Subcorpus Letras]
- 140) Boerger (1943) **RELATA** que o "rendimento" de campo (de lavoura) era o fator primordial... [Subcorpus Agricultura]
- 141) "Penso, logo existo", **REPETE**. [Subcorpus IstoÉ]

142) ... **RESPONDIA** de modo reverberante: "eu estou assim porque eu não tenho roupa... [Subcorpus Ciências da saúde]

143) ... a falta de alegria podem levar as pessoas até mesmo a tirar as próprias vidas", **RESUME** Ekman. [Subcorpus Galileu]

144) Sendo assim, ele **SINTETIZA**: "O objetivo final do desenvolvimento (...) deve ser seguramente... [Subcorpus Ciências Biológicas]

O grupo seguinte apresenta os verbos encontrados apenas no corpus acadêmico:

145) Descrita sem localidade, Lacordaire (1872) **ANOTOU**: "J. Thomson n'indique pas l'habitat exact, mais qui est de toute évidence... [Subcorpus Ciências Biológicas]

146) Bustos e de Viado (1942, pp. 21-2) **ARREMATAM**: "Somente uma medicina social e dirigida pode elevar o nível... [Subcorpus Ciências Humanas]

147) Rezende (1998) **CITA**: "... o fato de que nos últimos dois anos os tribunais vêm disponibilizando... [Subcorpus Ciências Sociais]

148) Quando Matus **COLOCA** que o "plano é a mediação entre saber e ação"... [Subcorpus Ciências Biológicas]

149) ... que estabelece o ENC **DISPÕE** que "o Ministério da Educação e do Desporto fará realizar avaliações periódicas... [Subcorpus Ciências Humanas]

150) ... logico-philosophicus de Wittgenstein (1988) que se **ENUNCIA** assim: "sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar" [Subcorpus Ciências Humanas]

151) Verifica-se isso na colocação de Cunha (1999), quando **EXPRESSA** que "a biblioteca digital é também conhecida... [Subcorpus Ciências Sociais]

152) ... IstoÉ, a utilizar "estratégias de reconversão", tal como **FALA** Bourdieu (1979, p. 110).[Subcorpus Ciências Humanas]

153) O artigo **INTITULA-SE**: "O sacerdote que pinta nus" e conta a história... [Subcorpus Ciências Humanas]

154) ... na Bahia, e no qual **SE LÊ** que: "do ponto de vista funcional, a penumbra de confusão semântica em torno.. [Subcorpus Ciências Sociais]

155) ... Marcolino (1994:53) **MENCIONA**: "À primeira vista, poderíamos dizer que a mulher brasileira está muito... [Subcorpus Ciências Biológicas]

156) Assim ele pontua: "As redes são atualmente a parte mais flexível, imaterial... [Subcorpus Ciências Sociais]  
A quarta diretriz **PRESCREVE**: "IV - Em todas as escolas, deverá ser garantida a igualdade de acesso... [Subcorpus Ciências Sociais]

157) Como o SPI **PRONUNCIAVA** em 1939: "O índio, dado seu estado mental, é como uma grande criança... [Subcorpus Ciências Humanas]

158) E **PROSSEGUE** Tocqueville: "Duvido que o homem seja capaz de suportar a completa... [Subcorpus Ciências Humanas]

159) Descartes **PUBLICOU** em latim no ano de 1641: "ego sum, ego existo (sou, existo)". [Subcorpus Ciências Humanas]

160) É ainda Kant quem **REAFIRMA** que "o homem não pode se tornar homem senão pela educação". [Subcorpus Ciências Humanas]

161) ... diante de O tesouro da juventude minha avó **RECITAVA**: "De que são feitas as meninas? [Subcorpus Ciências Humanas]

- 162) ... e Lyotard (1986/1987) **REDIGIU**: "Depois de Theodor Adorno, usei o termo 'Auschwitz' para significar... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 163) A paciente **REFERE**, às vezes, estar com "moleza" ("eu não sei raciocinar") e "depressão"... [Subcorpus Ciências da Saúde]
- 164) Nesse sentido, Frenk & Mohr (1985) **REFORÇAM** que "a tecnologia disponível permite modificar parcialmente a evolução... [Subcorpus Ciências Biológicas]
- 165) Concordando com Silver (1992:208), **REITERAMOS** que "... não existe uma metodologia única para a avaliação de serviço... [Subcorpus Ciências Biológicas]
- 166) O professor **REPLICA**: "Como eu ganhei do diretor, não precisei treinar!" [Subcorpus Ciências Humanas]
- 167) ... Constituição Federal de 1988, em seu artigo n. 5, parágrafo XLII, **REZA**: "a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 168) ... Oscar Wilde **SUSSURROU**-me, na solidão das madrugadas sem dormir, que "somos responsáveis por... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 169) ... o participante **VERBALIZAVA**: "Porque 20 com mais 10 são 30 mais 5 são 35"... [Subcorpus Ciências Humanas]

Ainda com potencial denotativo, representando atos textuais do Autor, os seguintes verbos foram identificados apenas no corpus midiático:

- 170) ... em breve fabricá-los no Brasil, em sociedade com uma empresa brasileira", **ADIANTA** Lesbre. [Subcorpus IstoÉ]
- 171) ... aproximadamente 3% das águas do planeta são doces, e, destas, 75% estão na calota polar", **ENUMERA**. [Subcorpus Galileu]
- 172) "Parem este médico", **IMPRIMIU** o jornal italiano Corriere Della Sera. [Subcorpus IstoÉ]
- 173) ... transformar a atividade elétrica do cérebro em movimento mecânico", **TRADUZ** Nicoletis. [Subcorpus IstoÉ]

A segunda categoria de potencial denotativo, relacionada a um ato do Autor, é chamada **mental**. Esta categoria inclui verbos de elocução relacionados a processos psicológicos, da reflexão e da percepção e, portanto, abriga os processos tipicamente classificados como mentais na Gramática Sistemico-funcional. Os verbos, identificados no corpus desta pesquisa e classificados nesta categoria, são apresentados a seguir. Abaixo, são apresentados os verbos de elocução encontrados tanto no corpus acadêmico como no midiático:

- 174) ... Cagliari **ACREDITA** que "a idéia de ritmo se baseia mais na expectativa... [Subcorpus Letras]
- 175) ... que **ESPERA** que "o conselho seja ético e que as coisas... [Subcorpus Ciências Biológicas]
- 176) "Seis meses depois do pai, ele fez esse burrada de beber veneno", **LEMBRA** a mãe Maria de Lourdes de Souza. [Subcorpus Galileu]

177) ... perdeu um pouco sua utilidade pois os anti-retrovirais abrem o apetite", **OBSERVA** o infectologista José Valdez Madruga... [Subcorpus Galileu]

178) E **PENSAVA**: "Isto precisa acabar". [Subcorpus Ciências Humanas]

179) Searle (1975) **PONDERA** que "...elas não carregam um sentido imperativo... [Subcorpus Letras]

180) Malloy **PREVÊ**: "Na década de 90, a América Latina será o cenário da criatividade... [Subcorpus Ciências Humanas]

181) ... Foucault também **RECONHECE** que "... todo discurso manifesto repousa sobre um já dito ... [Subcorpus Ciências Sociais]

182) Como **RECORDA** Beetham, "do ponto de vista de uma avaliação crítica... [Subcorpus Ciências Humanas]

183) "As invenções científicas estão sempre ligadas a mudanças na sociedade", **REFLETE** o filósofo Renato Janine Ribeiro. [Subcorpus IstoÉ]

184) "Ficou claro que a Blue Origin era o destino do dinheiro de Bezos", **RELEMBRA** Richard Ellis, cientista do Caltech e ex-professor... [Subcorpus Folha de São Paulo]

Os verbos que se seguem constam apenas no corpus acadêmico:

185) ... **ACHAVAM** que "mulher era assim mesmo, pegava estas coisas fácil". [Subcorpus Ciências Biológicas]

186) Como **ATENTA** Guimarães: "Na área política, a estratégia é definir e negociar... [Subcorpus Ciências Humanas]

187) ... Lima (1989, 72) **CONSIDERA** que " o paradoxo da abundância de informações... [Subcorpus Ciências Sociais]

188) Se você parou no tempo e **DECIDIU**: "Esta é a verdade: Jefferson é uma pessoa admirável"... [Subcorpus Ciências Humanas]

189) ... Cuvier **NOTA**: "a enorme protuberância de suas coxas e a aparência brutal de seu rosto. [Subcorpus Ciências Humanas]

E os seguintes verbos foram identificados apenas no corpus midiático:

190) "A vida é parecida com uma viagem de balão", **FILOSOFA**. [Subcorpus Ciências Sociais]

191) ... apontassem para nosso Sol há bilhões de anos", **IMAGINA** Jane Greaves, astrônoma colega de Holland... [Subcorpus IstoÉ]

192) ... todo mundo pode ficar doente quando for brincar ali", **PREOCUPA-SE** Thiago. [Subcorpus IstoÉ]

A terceira e última categoria de potencial denotativo, que expressa um ato do Autor, é a de **pesquisa**. Nesta categoria, incluem-se os verbos vinculados ao campo da investigação e da pesquisa. A seguir, são listados os verbos identificados no corpus desta pesquisa e classificados

nesta categoria. Primeiramente, listamos os verbos de elocução encontrados tanto no corpus acadêmico como no midiático:

- 193) Pois como **ANALISA** Martins (1996:22) "fazer história não está apenas no ato intencional... [Subcorpus Ciências Biológicas]
- 194) "Os governos investem muito menos do que seria razoável", **AVALIA** Gleiser. [Subcorpus Galileu]
- 195) ... criando condições para a formação das praias da baía", **CONSTATA** Ab'Sáber. [Subcorpus IstoÉ]
- 196) ... seus registros, suas anotações, suas comunicações", **DESCREVE** Bush em 1945, ... [Subcorpus Ciências Sociais]
- 197) "A opinião pública tornou-se muito importante nas guerras", **INDICA** o historiador Allan Millett. [Subcorpus Galileu]
- 198) "Os melanomas se tornaram 50 vezes mais agressivos com essa proteína ativa", **REVELOU** o biólogo molecular Richard Hynes... [Subcorpus IstoÉ]

Os verbos que se seguem constam apenas no corpus acadêmico:

- 199) ... como **DEMONSTRA** Zalar (1994:9): "Seus heróis são outros. [Subcorpus Ciências Biológicas]
- 200) ... exames realizados pelo dr. Bodmer, que **DIAGNOSTICA**: "O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 201) ... médica pediatra, **INTERROGAVA-SE**: "...então fico pensando quando vou poder ser sanitaria (...). [Subcorpus Ciências Biológicas]
- 202) Foi preciso, **MOSTRA** ele, "que me deixasse penetrar por uma civilização diferente da minha"... [Subcorpus Ciências Humanas]
- 203) Um balão com texto **REGISTROU**: "não sobrou nada" [Subcorpus Ciências Humanas]
- 204) Abaurre & Pagotto (1996:522) **VERIFICAM**, aliás, que "a nasalização ocorre em 100% dos casos quando a consoante [Subcorpus Letras]

E, finalmente, os seguintes verbos foram identificados apenas no corpus midiático:

- 205) ... o dobro de carga útil e cortar pela metade os custos da missão", **CALCULA**. [Subcorpus Galileu]
- 206) ... movimentos de corpo e olhares e aí sei que ela está querendo puxar assunto", **INTERPRETA** Laerte. [Subcorpus IstoÉ]
- 207) "Espero diminuir a necessidade de células fetais", **PLANEJA**. [Subcorpus IstoÉ]

Terminada a exposição da classificação do potencial denotativo dos verbos identificados no corpus, passa-se a seguir à exposição da classificação do potencial avaliativo dos verbos. No potencial denotativo estão expostas as opções de representação, à disposição do

Escritor, do tipo de atividade realizada pelo Autor cuja voz é citada. Já o potencial avaliativo, como antes explicitado, indica a apreciação que o Escritor faz das vozes que incorpora em seu discurso e, através dessa apreciação, como este Escritor interage com seu leitor, orientando-o a realizar uma certa interpretação de seu texto.

Como todos os verbos têm um potencial denotativo e avaliativo, os mesmos verbos classificados acima serão agora listados segundo a classificação do potencial avaliativo. Em relação ao potencial avaliativo, Thompson & Yiyun (1991) consideram importante distinguir os dois modos de avaliação disponíveis ao Escritor quando elabora seu texto, a saber, **posicionamento** e **interpretação**. Verbos que expressam posicionamento refletem a preocupação em relação à verdade ou à correção das proposições apresentadas. Já o grupo dos verbos que expressam interpretação do Escritor não põem em questão a veracidade da informação citada, mas sim o modo como o discurso do Autor foi lido pelo Escritor.

O primeiro grupo de verbos, que expressam posicionamento, relaciona-se à avaliação realizada pelo Escritor do posicionamento do Autor sobre a informação citada. O Autor pode ser representado como um **Autor positivo**, ou seja, demonstrando um alto nível de segurança sobre seu próprio discurso. Os verbos, identificados no corpus e classificados nesta categoria avaliativa, são os seguintes: “acentua, aduz, argumenta, assegura, assevera, contra-argumenta, defende, destaca, discursa, enfatiza, frisa, garante, insiste, profetiza, releva, ressalta, salienta, sublinha, sustenta e vaticina”. O Autor pode ser representado assumindo um **posicionamento neutro**, ou seja, representado de maneira tal que nem apresente um alto nível de segurança sobre a veracidade da informação citada, nem demonstre dúvida a seu respeito. Foram classificados, nesta categoria, os seguintes verbos: “aponta, aprende, apresenta, assinala, assume, atenta, analisa, avalia, exemplifica, expõe, ilustra, interpreta, interroga-se, lembra, observa, pensa, percebe, pondera, pontua, propõe, pronuncia, nota, recorda, reflete, relembra e sinaliza”. Segundo a classificação de Thompson e Yiyun, o Autor poderia ainda ser representado como um **Autor negativo**, ou seja,



apresentando informação falsa ou incorreta, como em “desconhece” ou “ignora”, mas não foram identificados, no corpus desta tese, verbos que pudessem ser classificados nesta categoria.

O segundo grupo de verbos, que expressam posicionamento, relaciona-se à avaliação realizada pelo Escritor sobre a veracidade da informação citada. O posicionamento do Escritor do texto, sobre a informação citada, pode ser **fatual**: o Escritor representa a informação como um fato, comprometendo-se com sua veracidade. Foram classificados, nesta categoria, os seguintes verbos: “atesta, calcula, classifica, conceitua, confirma, constata, declara, define, demonstra, denomina, detalha, diagnostica, dispõe, distingue, elucida, ensina, enumera, esclarece, estabelece, estipula, explicita, identifica, indica, informa, orienta, mostra, planeja, precisa, reforça, registra, reitera, ressalva, revela e verifica”. O posicionamento do Escritor do texto, sobre a informação citada, pode ser **contra-fatual**: a informação citada é representada como incorreta ou imprecisa. O único verbo identificado em todo o corpus nesta categoria foi encontrado no subcorpus midiático da revista *IstoÉ*, o verbo “exagera”. E o posicionamento do Escritor do texto, sobre a informação citada, pode ser **não fatual**: o escritor não expressa seu posicionamento em relação à informação relatada, representando o Autor como não absolutamente seguro da informação citada. Foram classificados, nesta categoria, os verbos: “aceita, acha, acredita, aposta, arrisca, considera, discute, entende, especula, filosofa, imagina, opina, sugere e supõe”.

Como destacam Thompson e Yiyun (1991), além de posicionar-se em relação à atitude do Autor sobre a informação citada ou em relação à veracidade desta informação, o Escritor também pode optar por selecionar verbos que indiquem sua interpretação do discurso do Autor, ou seja, verbos que remetam à leitura realizada pelo Escritor do discurso do Autor. Thompson e Yiyun explicitam, que nesse sub-grupo, distinguem-se verbos que expressam uma interpretação do desenvolvimento retórico do discurso do Autor. Foram classificados, nesta categoria, os seguintes verbos: “acrescenta, adianta, arremata, cita, comenta, compara, complementa, completa, conclui, continua, enuncia, finaliza, inclui, menciona, prossegue, relata, repete, resume, reza, sintetiza e traduz”.

O Escritor pode ainda optar por selecionar verbos que focalizem o comportamento do Autor, não seu discurso. Nesta categoria foram classificados os seguintes verbos: “acusa, admite, alega, adere, adverte, alega, alerta, alegra-se, alfineta, ameaça, ameniza, aplaude, ataca, avisa, brinca, caçoam, castiga, clama, comemora, concorda, confabula, confessa, confia, contesta, contra-ataca, critica, decide, denuncia, derrete-se, detona, desabafa, desafia, dispara, dissimula, elogia, empolga-se, espeta, exalta, exaspera-se, exclama, festeja, gaba-se, grita, incita, indaga, ironiza, lamenta, manifesta-se, martela, oferece, orgulha-se, pede, persiste, prega, preocupa-se, queixa-se, propugna, provoca, queixa, questiona, reage, rebate, recita, reclama, reconhece, redargüi, ressalva, retorque, retruca, solicita e sussurra”.

Na terceira categoria de verbos que expressam a interpretação do Escritor, classificam-se verbos nos quais a interpretação se volta para o *status* da informação citada e, obviamente, para o *status* do próprio Autor citado. Nesta categoria, constam os seguintes verbos no corpus desta investigação: “aconselha, anuncia, assente, comanda, critica, decreta, determina, discorda, justifica, pede, pontifica, postula, preceitua, preconiza, prevê, prescreve, proclama, promete, recomenda e sentencia”.

Por fim, a classificação de Thompson e Yiyun (1991) prevê uma última categoria que abriga verbos que, para os autores, não realizam uma interpretação do Escritor, representando a informação citada objetivamente, como “diz” e “afirma”. Nesta tese, esta última categoria, denominada por Thompson e Yiyun “não-interpretativa”, será referida **interpretação não manifesta**. Com isto, deseja-se salientar que entre a não interpretação e sua mitigação existe uma diferença considerável. Entende-se que a escolha de qualquer verbo de elocução implica em uma avaliação, seja do *status* do Autor, de sua atitude ou de seu discurso: a avaliação ocorre sempre, mas pode, por vezes, ser atenuada, mitigada e, assim, não manifesta. É importante salientar que a não expressão da interpretação do Escritor também é um dado importante para a representação discursiva e, principalmente, diferente da não interpretação. Na categoria avaliativa de interpretação do Escritor não manifesta, foram classificados os seguintes verbos: “afirma, anota,

coloca, conta, descreve, diz, escreve, expressa, fala, imprime, indaga, intitula-se, lê-se, pergunta, publica, reafirma, redige, refere, replica, responde e verbaliza”.

A quantidade de verbos de elocução identificados, nesta tese, constitui, acredita-se, um avanço descritivo para o sistema da representação do discurso na língua portuguesa, mas também dificulta que se explore de forma mais detalhada o cruzamento dos potenciais denotativo e avaliativo destes verbos. É importante que fique claro que o potencial denotativo, o avaliativo e suas respectivas categorias, como repetidas vezes reiterado, ao longo deste texto, são dimensões complementárias de análise. Os exemplos seguintes são discutidos para demonstrar esta relação de complementaridade. No plano do potencial denotativo de representação, o verbo de elocução, destacado em negrito no exemplo 208, abaixo, classifica-se como um ato mental do Autor: nesta representação, o Escritor identifica o Autor como principal responsável pela informação citada, representando a atividade que este último realiza como uma atividade mental. Em relação ao potencial avaliativo deste verbo, o Escritor opta por posicionar-se sobre o nível de segurança demonstrado pelo Autor, representando-o de forma neutra, nem demonstrando um alto nível de segurança sobre seu próprio discurso nem de insegurança:

208) O autor **OBSERVA** que "só bem recentemente é que um número considerável de pessoas que vivem em... [Subcorpus Ciências Sociais] (potencial denotativo: ato do Autor, mental; potencial avaliativo: posicionamento do Autor, neutro)

Já no exemplo 209, abaixo, o verbo de elocução “dispara” pode ser classificado, no plano do potencial denotativo, como um ato do Escritor em que este representa a atitude comportamental do Autor. No plano avaliativo, a seleção deste verbo realiza a interpretação realizada pelo Escritor do discurso do Autor. Em outras palavras, em nível de avaliação, o escritor poderia haver selecionado verbos como “acrescenta” ou “aconselha”, com os quais estaria optando por interpretar o discurso ou o status do Autor, respectivamente. Ao empregar o verbo “dispara”, o Escritor realiza uma avaliação do comportamento do Autor como algo tão perigoso, rápido e agressivo como um disparo. Em nível denotativo, portanto, este verbo deve ser classificado como um ato do Escritor, pois é prioritariamente sobre este que recai a

responsabilidade pela citação, uma vez que representa o Autor desempenhando uma atividade comportamental, quando poderia haver realizado a representação de uma atividade textual (verbal), com o verbo “afirma”, mental com o verbo “acredita” ou de teorização, com o verbo “explica”, por exemplo.

209) Em seu clássico trabalho histórico, Sennett (1988) **DISPARA** "... os meios de comunicação de massa intensificam os padrões... [Subcorpus Ciências Humanas] (potencial denotativo: ato do Escritor, atitude; potencial avaliativo: interpretação do escritor do comportamento do autor)

Ao todo, 206 diferentes verbos de elocução foram identificados no corpus geral de investigação, dos quais 82 aparecem tanto no corpus acadêmico como no midiático, 75 aparecem exclusivamente no corpus acadêmico e 49 exclusivamente no corpus midiático. Note-se que, dos 49 verbos específicos do corpus midiático, 34 foram classificados denotando um ato do escritor de atitude lingüística e comportamental. O estudo da frequência de ocorrência de cada uma das categorias expostas acima é apresentado na seção seguinte.

### 5.1.2.2 Análise da frequência de ocorrências das categorias

Os dados apresentados a seguir exploram as características dos diferentes verbos de elocução em discurso direto, presentes nos corpora investigados, e dizem respeito à classificação exposta na seção anterior, do potencial denotativo e avaliativo destes verbos.

Em relação ao potencial denotativo, das 3.012 ocorrências de verbos de elocução em discurso direto no corpus acadêmico, 76% (2.290 ocorrências) foram classificadas ato do Autor, textual, como por exemplo, “diz” e “afirma”; 12% (361 ocorrências) foram classificadas ato do Escritor, teorização, como “argumenta” e “defende”; 7% (211 ocorrências) foram classificadas ato do Autor, mental, como “acredita” e “lembra”; 3% (90 ocorrências) foram classificadas ato do Escritor, atitude comportamental, como “denuncia” e “desabafa”; e, finalmente, 2% (60

ocorrências) foram classificadas ato do Autor, pesquisa, como “contata” e “revela”. O GRAF. 6 expõe a frequência de ocorrência de cada uma das categorias do potencial denotativo no corpus acadêmico.

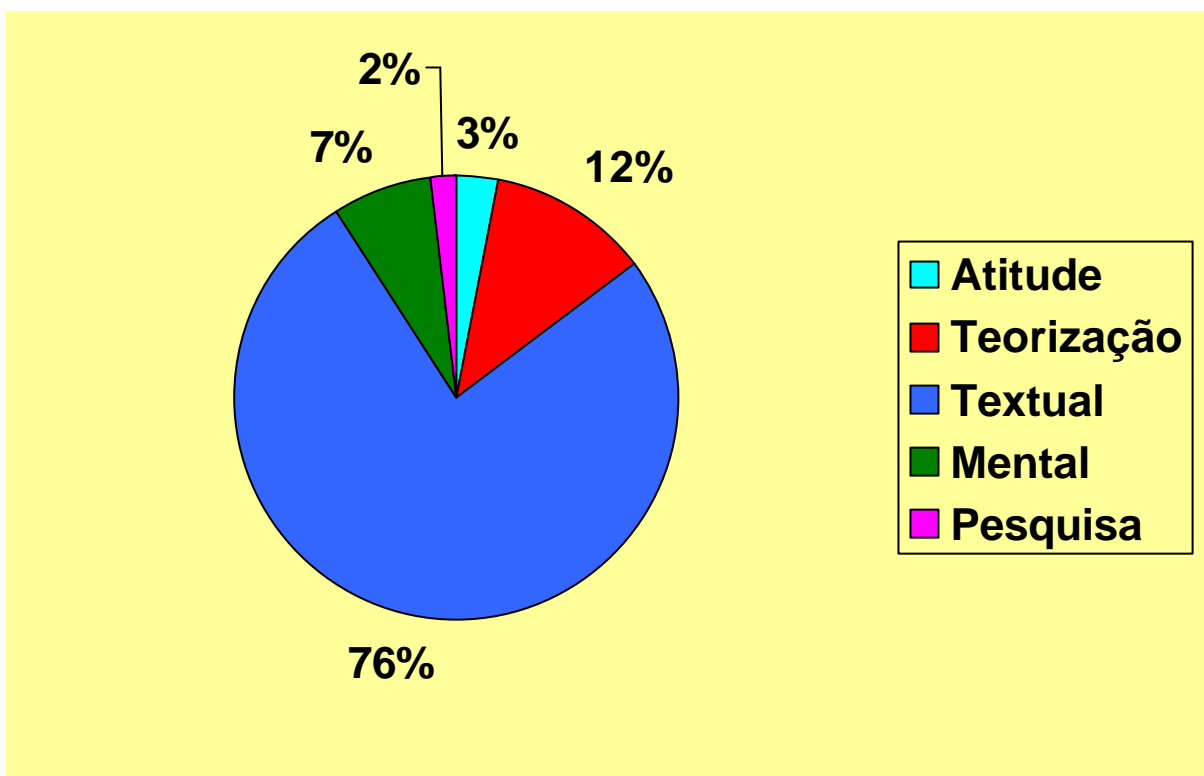


GRÁFICO 6 – Frequência de ocorrência das categorias denotativas de verbos de elocução em discurso direto no corpus acadêmico.

No corpus midiático, das 2.408 ocorrências de verbos de elocução em discurso direto, 69% (1.662 ocorrências) foram classificadas ato do Autor, textual, como por exemplo, “diz” e “afirma”; 16% (385 ocorrências) foram classificadas ato do Escritor, teorização, como “argumenta” e “defende”; 8% (193 ocorrências) foram classificadas um ato do Escritor, atitude comportamental, como “denuncia” e “desabafa”; 4% (96 ocorrências) foram classificadas um ato do Autor, mental, como “acredita” e “lembra”; e, finalmente, 3% (72 ocorrências) foram

classificadas um ato do Autor, pesquisa, como “constata” e “revela”. E o GRAF. 7 expõe a frequência de ocorrência de cada uma das categorias do potencial denotativo no corpus midiático.

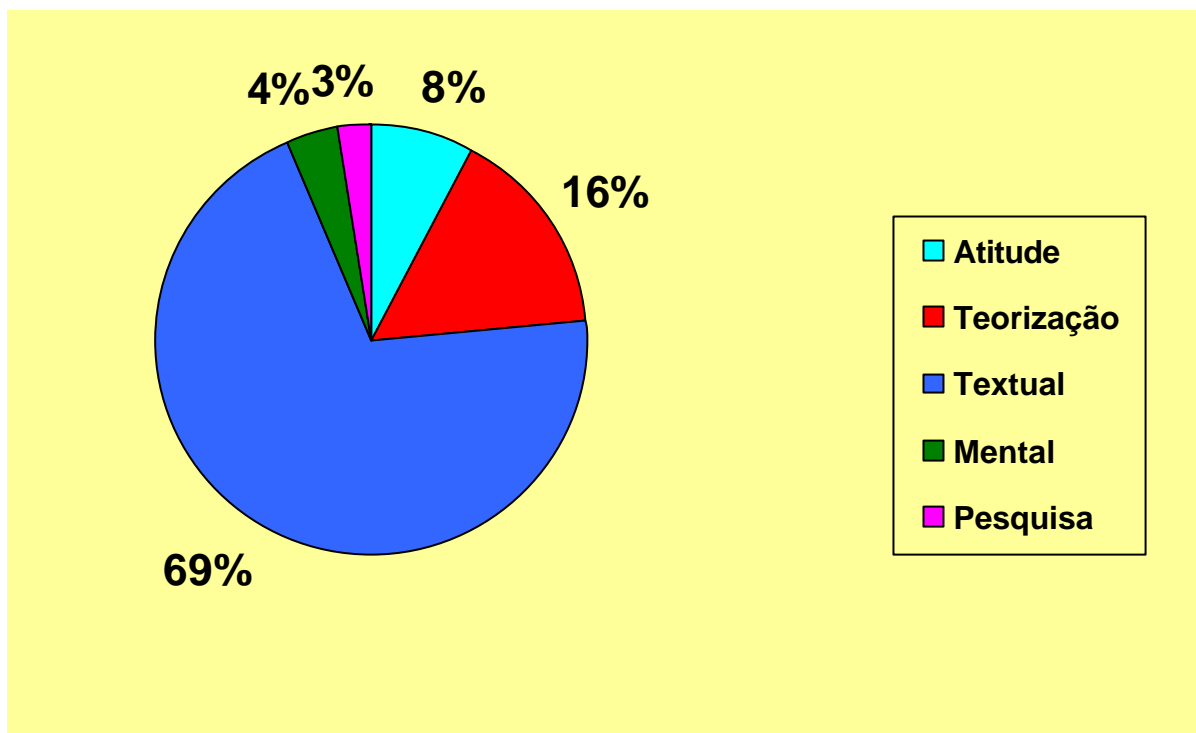


GRÁFICO 7 – Frequência de ocorrência das categorias denotativas de verbos de elocução em discurso direto no corpus midiático.

A observação dos GRAF. 6 e 7 indica que, em ambos os corpora investigados, existe uma forte tendência a representar as vozes citadas no texto, denotando um ato textual do Autor: a responsabilidade pela citação é atribuída, principalmente, ao Autor e este é representado como desempenhando uma atividade verbal. No corpus acadêmico, a frequência de ocorrência de verbos classificados nesta categoria é 7% superior que no corpus midiático. A categoria “atitude”, em que também se nota a representação de uma atividade lingüística sendo denotada, mas associada a uma atitude comportamental e atribuindo ao próprio Escritor do texto a responsabilidade pela informação citada, abriga apenas 3% dos verbos identificados no corpus acadêmico, contra 8% dos verbos de elocução do corpus midiático. Já na categoria “teorização”, segunda mais freqüente em ambos os corpora, classificam-se 16% dos verbos identificados no corpus midiático, contra 12% dos verbos do corpus acadêmico. Nesta categoria, os Escritores identificam-se a si próprios

como principal fonte de responsabilidade pela informação citada, expressando através do verbos de elocução a função que o discurso representado desempenha em seu texto. Verbos classificados como denotando uma atividade “mental” são mais freqüentes no corpus acadêmico, 7%, que no midiático, 4%, e verbos denotando atividade de “pesquisa” representam 2% do corpus acadêmico e 3% no corpus midiático.

Em relação ao potencial avaliativo, das 3.012 ocorrências de verbos de elocução em discurso direto no corpus acadêmico, 60% (1.808 ocorrências) foram classificadas interpretação do escritor, não manifesta, como, por exemplo, “diz” e “afirma”; 11% (331 ocorrências) foram classificadas interpretação do Escritor, do discurso do Autor, como “acrescenta” e “cita”; 9% (271 ocorrências) foram classificadas posicionamento do Autor, neutro, como “apresenta” e “aponta”; 7% (211 ocorrências) foram classificadas posicionamento do Escritor, fatural, como “demonstra” e “revela”; 6% (181 ocorrências) foram classificadas posicionamento do Autor, positivo, como “argumenta” e “assegura”; 4% (120 ocorrências) foram classificadas interpretação do Escritor, do comportamento do Autor, como “admite” e “alerta”; 2% (60 ocorrências) foram classificadas “posicionamento do Escritor, não fatural, como “acredita” e “arrisca”; e, finalmente, 1% (30 ocorrências) foram classificadas interpretação do Escritor, do *status* da citação, como “anuncia” e “decreta”. O GRAF. 8 apresenta a freqüência de ocorrência de cada uma das categorias do potencial avaliativo no corpus acadêmico.

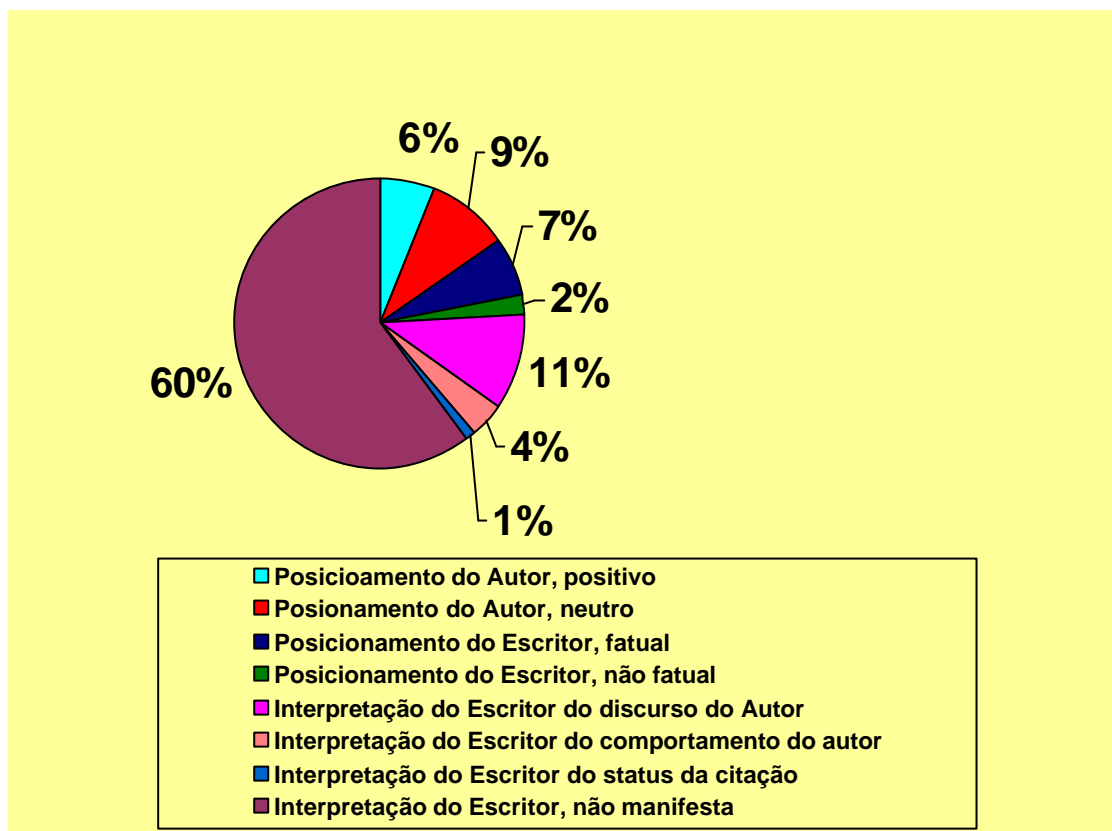


GRÁFICO 8 – Frequência de ocorrência das categorias avaliativas de verbos de elocução em discurso direto no corpus acadêmico.

No corpus midiático, das 2.408 ocorrências de verbos de elocução em discurso direto, 73% (1.758 ocorrências) foram classificadas interpretação do Escritor, não manifesta, “diz” e “afirma”; 8% (193 ocorrências) foram classificadas interpretação do Escritor, do comportamento do Autor; 6% (145 ocorrências) foram classificadas interpretação do Escritor, do discurso do Autor, como “acrescenta” e “cita”; 5% (120 ocorrências) foram classificadas posicionamento do Autor, positivo, como “argumenta” e “assegura”; 4% (96 ocorrências) foram classificadas posicionamento do Autor, neutro, como “apresenta” e “aponta”; 2% (48 ocorrências) foram classificadas posicionamento do Escritor, fatural, como “demonstra” e “revela”; 1% (24 ocorrências) foram classificadas interpretação do Escritor, do *status* da citação, como “anuncia” e “decreta”; e, finalmente, também 1% (24 ocorrências) foram classificadas posicionamento do Escritor, não fatural, como “acredita” e “arrisca”. O GRAF. 9 apresenta a frequência de ocorrência de cada uma das categorias do potencial avaliativo no corpus midiático.



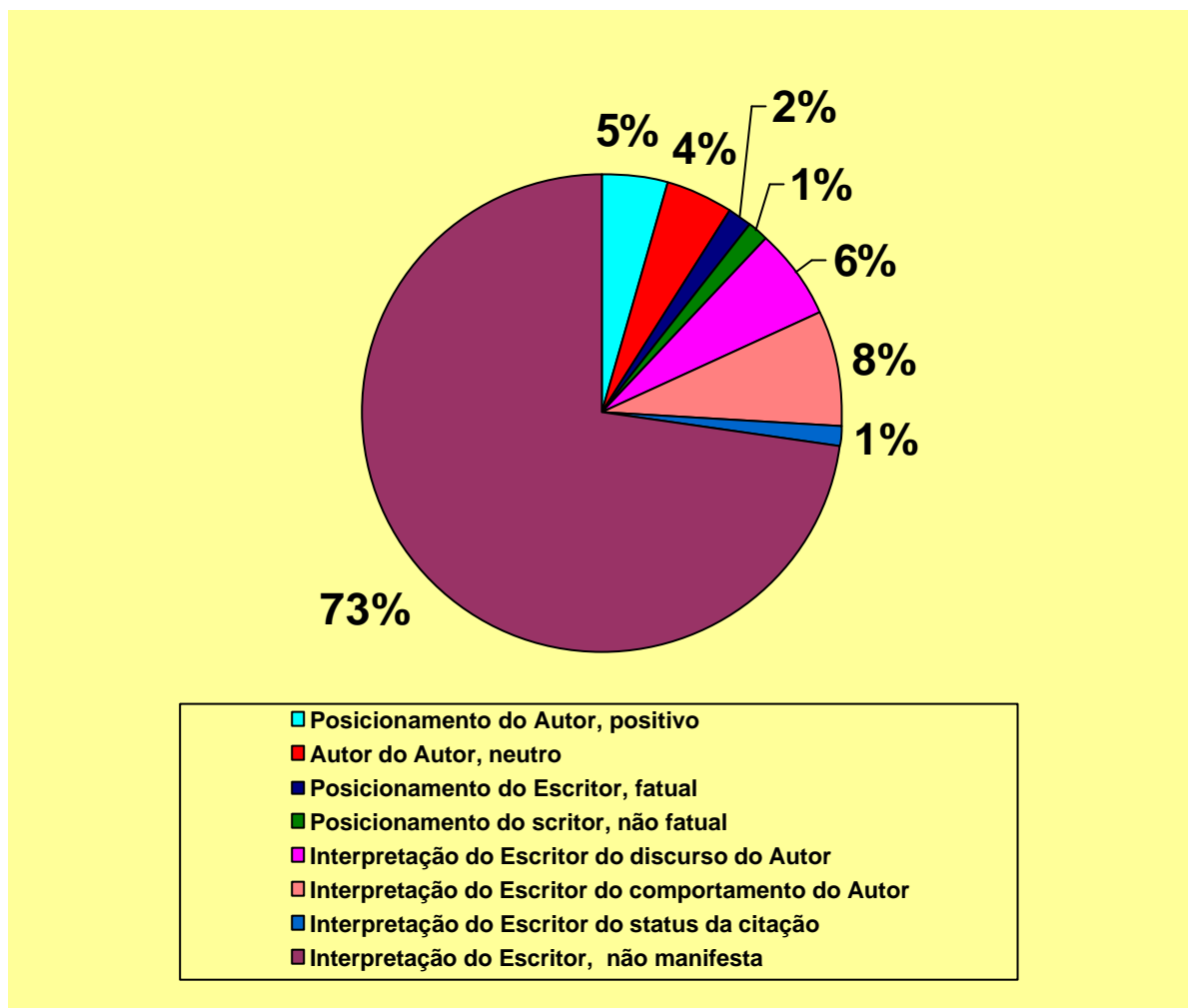


GRÁFICO 9 – Frequência de ocorrência das categorias avaliativas de verbos de elocução em discurso direto no corpus midiático.

A comparação dos GRAF. 8 e 9 indica que, assim como, em relação ao potencial denotativo, existe uma alta frequência de ocorrência, tanto no corpus acadêmico, como no corpus midiático, de verbos relacionados à atividade textual, que identificam o Autor como principal responsável pela informação citada, também, em relação ao potencial avaliativo, destaca-se a categoria “avaliação não manifesta”, na qual os Escritores escolhem não expor sua interpretação. Note-se que o corpus midiático favorece ainda mais a não explicitação da avaliação interpretativa, sendo que 73% dos verbos, identificados neste corpus, foram classificados na categoria “interpretação não manifesta”, contra 60% dos verbos no corpus acadêmico.

No corpus acadêmico, as categorias “interpretação do Escritor do discurso do Autor” e “posicionamento do Autor, neutro”, com 11% e 7% dos verbos identificados no corpus, configuram a segunda e terceira categorias mais freqüentes de avaliação. No corpus midiático, as mesmas categorias obtiveram 6% e 4% dos verbos, respectivamente, ficando atrás da segunda categoria mais freqüente, aquela em que o Escritor avalia o comportamento do Autor, com 8% dos verbos de elocução deste corpus. Destaca-se aqui a diferença da categoria “posicionamento do Escritor, fatural”, entre os corpora, pois, nessa categoria, o Escritor posiciona-se sobre a informação citada, representando-a como verdadeira. Existe, nesta categoria avaliativa, um forte comprometimento do Escritor do texto com o discurso que representa. 7% dos verbos de elocução utilizados no corpus acadêmicos, contra 2% no corpus midiático, expressam este comprometimento. Parece ser que, no corpus midiático, os Escritores não se comprometem tanto com a veracidade da informação que citam, ou seja, não formam uma aliança com os Autores, preferindo avaliar sua atitude comportamental. Já em relação à categoria “posicionamento do Autor, positivo”, na qual o Escritor avalia a atitude do Autor e o representa demonstrando um alto nível de segurança sobre o discurso citado, a diferença entre os corpora é de 1%, contando esta categoria com 5% dos verbos do corpus midiático e 6% do acadêmico.

No que diz respeito à categoria “posicionamento do Escritor, não fatural”, na qual o Autor é representado com um baixo nível de segurança sobre a informação citada, e “interpretação do Escritor do *status* da citação”, na qual o Escritor expressa sua interpretação sobre o *status* da citação e, conseqüentemente, sobre o *status* do próprio Autor, os corpora se assemelham. Em ambos os subcorpora, estas foram as categorias menos freqüentes, contando, em conjunto, com 2% dos verbos de elocução do corpus midiático e 3% do corpus acadêmico. Finalmente, destaca-se que verbos relacionados à avaliação do Escritor do comportamento do Autor são mais freqüentes no corpus midiático, 8% dos verbos, que no corpus acadêmico, em que apenas 4% são classificados nessa categoria. Como antes mencionado, entre os verbos que expõem uma interpretação avaliativa, o corpus midiático favorece a avaliação da atitude

comportamental do Autor, enquanto que o corpus acadêmico favorece o emprego de verbos nos quais o Escritor dirige sua atividade avaliativa ao discurso do Autor, não ao seu comportamento.

### 5.1.3 Probabilidades condicionais

Investigar probabilidades condicionais implica em observar o relacionamento interno entre diferentes sistemas gramaticais. O objetivo é identificar se ocorre o condicionamento mútuo de dois conjuntos de possibilidades, por exemplo, se a posição temática condiciona o uso de um verbo de elocução no presente, se um verbo no passado condiciona em termos probabilísticos uma posição remática, etc.

No caso do discurso direto, a probabilidade condicionante mais clara é a de que os sistemas da taxa e da posição temática se condicionam mutuamente, de maneira que todas as orações projetantes, em posição remática, estabelecem uma relação paratática com a oração ou discurso representado. Assim, em todas as projeções em hipotaxe, a oração projetante ocupa posição temática. A posição temática, portanto, é a que abre a possibilidade para variação do sistema de interdependência oracional no discurso direto. No caso dos corpora desta pesquisa, há dois quadros distintos. No corpus midiático, a ocorrência de orações projetantes, em posição temática, é quase nula e, conseqüentemente, não se abre neste corpus a possibilidade de variação interoracional na projeção do discurso direto. No corpus acadêmico, por outro lado, 93% das orações projetantes encontram-se em posição temática. Neste caso, existe a possibilidade de variação da projeção em parataxe e em hipotaxe.

Foi demonstrado em seção anterior que a probabilidade de ocorrência de orações paratáticas e hipotáticas, no corpus acadêmico, é de 0.70:0.30. Cruzando-se o sistema da interdependência oracional com o do tempo verbal, não é possível observar a existência de condicionamento mútuo, mas de uma tendência ao favorecimento de orações projetantes

paratáticas no tempo verbal presente. A associação entre a interdependência oracional e do tempo verbal é a seguinte:

- (i) Na parataxe, presente: passado = 0.67:0.33  
 No presente, parataxe: hipotaxe = 0.68:0.32

Não é possível falar em condicionamento entre os sistemas porque os valores acima estão muito próximos de atingir a simetria, ou seja, um caso em que não existiria uma opção marcada entre o presente e o passado. Contudo, é possível falar em uma forte tendência à ocorrência tanto de orações projetantes paratáticas como de orações projetantes no tempo presente, dado que orações projetantes em hipotaxe também favorecem o presente, e, por outro lado, orações projetantes com verbos de elocução no passado favorecem a parataxe, como se vê em seguida:

- (ii) Na hipotaxe, presente: passado = 0.81:0.19  
 No passado, parataxe: hipotaxe = 0.79:0.21

É interessante cruzar o sistema do tempo verbal com o da posição temática. Como foi demonstrada em seção anterior, no corpus acadêmico, a probabilidade de ocorrência de orações projetantes em posição temática e remática é 0.93:0.07. É natural que a probabilidade de orações projetantes, tanto no presente quanto no passado, em posição temática, seja também bastante alta, como se pode comprovar a seguir:

- (iii) No presente, Tema: Rema = 0.96:0.04  
 No passado, Tema: Rema = 0.94:0.06

Dado que a probabilidade de ocorrência de orações projetantes no presente e no passado é de 0.72:0.28, e levando-se em consideração os dados apresentados acima, pode-se esperar que a posição remática, no corpus acadêmico, apesar de favorecer o presente, é mais propícia à ocorrência do passado que a posição temática, como se pode comprovar nos dados seguintes:

(iv) No Tema, presente: passado = 0.73:0.27

No Rema, presente: passado = 0.67:0.33

No caso do corpus midiático, o condicionamento acima mencionado entre a posição temática e a relação inter-ocional não abre possibilidade de variação, como ocorre no corpus acadêmico. Já que, no corpus midiático, a quase totalidade das orações projetantes ocupam posição remática, a incidência de projeção em hipotaxe é quase nula. Além disso, a frequência de ocorrência do presente em relação ao passado é de 0.82:0.18. Neste contexto, a quase totalidade das orações projetantes no passado também é de paratáticas e ocupa posição remática.

Em outras palavras, a projeção do discurso direto, no corpus midiático, está estruturada em sistemas extremamente assimétricos, com baixíssima possibilidade de redundância e alternativas claramente marcadas para a oração projetante: no tempo verbal primário, o passado; no sistema de interdependência oracional, a hipotaxe; na posição temática, a de Tema. No corpus acadêmico, o único sistema de projeção do discurso direto, destacadamente assimétrico, é o da posição temática, sendo uma oração projetante em posição remática constitui uma opção altamente marcada. Em relação aos sistemas do tempo verbal primário e da interdependência oracional, pode-se dizer que o corpus acadêmico tende à assimetria, favorecendo o presente e a parataxe para a projeção do discurso direto.

Quando da análise do cruzamento de dados lexicais, percebeu-se que ambos os corpora favorecem a ocorrência de verbos de elocução que, por um lado, vinculando-se à metafunção ideacional, mais precisamente, em seu componente experiencial, denotam um ato

textual do Autor, e, por outro lado, vinculando-se à metafunção interpessoal, não explicitam a avaliação do Escritor nem do comportamento, nem do discurso do Autor. No corpus acadêmico, 75% dos verbos que denotam um ato textual do Autor são da categoria avaliação não manifesta; 57% dos verbos de elocução utilizados para a projeção do discurso direto no corpus acadêmico são atos textuais do Autor e não expressam a avaliação do Escritor. No corpus midiático, 90% dos verbos, que denotam um ato textual do Autor, são de avaliação não manifesta, ou seja; 62% dos verbos de elocução, utilizados para a projeção do discurso direto no corpus acadêmico, são atos textuais do Autor e não expressam a avaliação do Escritor. Destaque-se que, nas 5.420 ocorrências de verbos de elocução em discurso direto, no corpus desta pesquisa, foram identificados 206 diferentes tipos de verbos de elocução. Entre as 206 possibilidades de representar o discurso projetado, os verbos “diz” e “afirma”, em suas diferentes formas lexicais, ocorrem em 55% dos casos, com 2.007 e 972 ocorrências, respectivamente.

## **5.2 Discussão dos resultados**

### **5.2.1 Discussão dos resultados relacionados às hipóteses desta pesquisa**

No capítulo anterior, foram anunciadas três hipóteses de pesquisa, às quais se deseja voltar nesse momento, para sua apreciação, à luz dos dados apresentados na seção anterior. A primeira hipótese dizia o seguinte:

- (i) Seria possível classificar os sistemas gramaticais da projeção do discurso direto dos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica em

língua portuguesa segundo a hipótese de simetria e assimetria desenvolvida por Halliday?

A observação dos dados apresentados na seção anterior sugere que os sistemas gramaticais da projeção do discurso direto ora observados, tempo verbal primário, posição temática e interdependência oracional, nos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica, tendem à assimetria ou à assimetria extrema. No gênero artigo acadêmico, o sistema destacadamente assimétrico é o da posição temática, sendo uma oração projetante em posição remática uma opção altamente marcada. Em relação aos sistemas do tempo verbal primário e da interdependência oracional, pode-se dizer que o corpus acadêmico tende à assimetria, favorecendo o presente e a parataxe para a projeção do discurso direto. No gênero artigo de divulgação científica, a projeção do discurso direto está estruturada em sistemas extremamente assimétricos, com baixíssima possibilidade de redundância e alternativas claramente marcadas para a oração projetante: no tempo verbal primário, o passado; no sistema de interdependência oracional, a hipotáxe; na posição temática, a de tema.

É interessante notar que o que poderia ser chamado de “direção da assimetria” em sistemas extremamente assimétricos pode estar vinculado a aspectos contextuais, tais como registros característicos de determinados gêneros, já que, como afirma Halliday, “‘um registro’ é uma síndrome de possibilidades lexicogramaticais” (HALLIDAY, 2005: 84) e o registro e o gênero constituem “as duas principais dimensões de variação entre textos” (EGGINS & MARTIN, 1997: 251). Enquanto, no gênero artigo acadêmico notou-se que 97% das orações projetantes ocupam posição temática, no gênero artigo de divulgação científica, 97% das orações projetantes ocupam posição remática. No caso da interdependência oracional, no gênero artigo de divulgação científica, 99% das orações projetantes entram em relação paratática com a oração ou discurso representado. No artigo acadêmico, a relação de interdependência oracional tende à assimetria, mas localiza-se em uma zona limítrofe em que, adotada uma atitude flexível, poderia

igualmente classificar o sistema como simétrico. A observação deste dado nos leva à reflexão sobre a segunda hipótese.

- (ii) Existem evidências no corpus de que o sistema da projeção atravessa um processo semogênico através da dissociação e associação de variáveis?

Acredita-se que a observação, no caso específico do gênero artigo acadêmico, de uma frequência de ocorrência de orações projetantes paratáticas e hipotáticas de 0.70:0.30 seja um indício de que o sistema da projeção atravessa um processo semogênico através da dissociação e associação de variáveis. O GRAF. 10, que se segue, contrasta os corpora acadêmico e midiático em relação à interdependência oracional estabelecida entre as orações projetantes e o discurso representado.

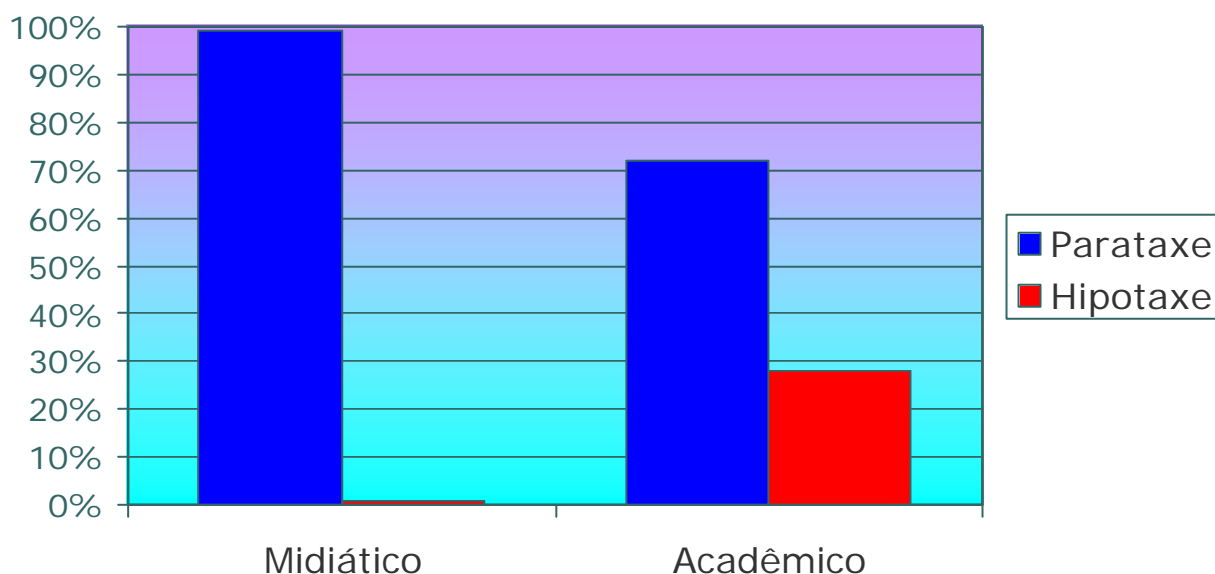


GRÁFICO 10 – Frequência de ocorrência de projeção em parataxe e hipotaxe nos corpora de pesquisa.

Nota-se que, como se pode observar no gráfico acima, a projeção em hipotaxe no corpus midiático é uma alternativa altamente marcada. Neste corpus, o sistema da interdependência oracional pode ser classificado como um sistema bimodal, extremamente assimétrico. No gênero artigo de divulgação científica, portanto, a projeção hipotática do discurso



direto, ou seja, a projeção indireta da fala, é uma alternativa qualitativa. Já no corpus acadêmico, como fica evidente na segunda parte do GRF. 10, a proporção de representação do discurso direto em hipotaxe é muito maior. Quase 30% das orações projetantes, neste corpus, estabelecem uma relação hipotática com o discurso representado. O sistema da interdependência oracional, no corpus acadêmico, é assimétrico, mas permite um nível de redundância significativamente maior que no corpus midiático. A projeção indireta da fala é, portanto, uma alternativa, além de qualitativa, também quantitativa no gênero artigo acadêmico.

Os dados desta investigação demonstram que, no caso do gênero artigo acadêmico, o discurso direto e o discurso indireto parecem estar se dissociando, num processo semogênico de formação de dois sistemas independentes, cada um dos quais desenvolve suas próprias condições para a realização e associação das variáveis do sistema da interdependência oracional. Como exposto no capítulo anterior, a hipótese de Nesbitt e Plum (1988) é a de que, inicialmente, haveria um único sistema para a projeção, que variaria segundo duas alternativas: a representação direta da fala e a indireta do pensamento. Em sua pesquisa, os autores identificaram dados que, segundo sua interpretação, eram indicativos de um processo de mudança, ou seja, de dissociação entre a projeção direta da fala e indireta do pensamento.

Os dados apresentados na seção **5.1.1.3 O sistema da interdependência oracional** corroboram a hipótese do processo semogênico da dissociação do sistema da projeção, para a geração de dois sistemas independentes: um que seria o discurso indireto e outro o discurso direto. Ambos, nesse processo gradual de mudança, desenvolvem novas formas de associação de suas variáveis, como, por exemplo, a dependência inter-oracional. A hipotaxe, que originalmente serviria para a representação indireta do pensamento, progressivamente se incorpora ao sistema da projeção direta da fala, servindo como alternativa ao modo de interdependência paratático no âmbito do discurso direto.

Além disso, no capítulo 3, procurou-se descrever o contínuo da representação do discurso. A complexidade de formas de realização do discurso direto parece também corroborar a

hipótese de que o sistema da projeção direta da fala passa por um processo de transformação, seguindo na direção da formação de um sistema independente do discurso indireto, para a manipulação específica de sistemas gramaticais tais como a taxa e a posição temática. Obviamente, como bem lembra Halliday, este processo semogênico não é de forma alguma rápido. A observação de processos semogênicos necessita de dados em diferentes gêneros, em diferentes períodos históricos, para identificar, com segurança, mudanças concretas em sistemas gramaticais. Acredita-se que os dados aqui apresentados, em relação ao gênero artigo acadêmico, são indícios do processo de mudança já identificado por Nesbitt e Plum, que contribuem para uma forma particular de construção de significado na comunidade acadêmica.

A terceira hipótese, levantada no capítulo metodológico, dizia:

- (iii) Existem, nos sistemas gramaticais investigados nos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica probabilidades condicionais?

A probabilidade condicional, mais marcante, nos sistemas gramaticais da projeção do discurso direto nos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação, é a do condicionamento mútuo entre os sistemas da taxa e da posição temática. Todas as orações projetantes, em posição temática, estabelecem uma relação paratática com a oração ou discurso representado. Em todas as projeções em hipotaxe, a oração projetante ocupa posição temática. A posição temática, portanto, é a que abre a possibilidade para variação do sistema de interdependência oracional no discurso direto. No gênero artigo de divulgação científica, a ocorrência de orações projetantes, em posição temática, é quase nula e, conseqüentemente, não se abre a possibilidade de variação interoracional na projeção do discurso direto. No gênero artigo acadêmico, por outro lado, 93% das orações projetantes encontram-se em posição temática. Neste caso, existe a possibilidade de variação da projeção em parataxe e em hipotaxe.

Cruzando-se o sistema da interdependência oracional, no gênero artigo acadêmico, com o sistema do tempo verbal, não foi possível observar a existência de condicionamento mútuo, mas de uma tendência ao favorecimento de orações projetantes paratáticas no presente. No gênero artigo de divulgação científica, por outro lado, dada a tendência à assimetria extrema em dois dos sistemas investigados, posição temática e interdependência oracional, e tendência à assimetria, acentuada no sistema verbal, não abre possibilidade de variação como ocorre no corpus acadêmico. Os três sistemas parecem condicionar-se mutuamente, levando à realização da quase totalidade das orações projetantes em posição remática, no presente, e em relação paratática com a oração ou discurso representado.

No que diz respeito ao tipo de verbo de elocução mais frequentemente empregado nos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica, ambos favorecem a ocorrência de verbos de elocução que: (i) denotam, vinculando-se à metafunção ideacional, a realização de uma atividade verbal e transferem para o Autor a responsabilidade pela informação citada; e (ii) não explicitam a avaliação do Escritor nem do comportamento, nem do discurso do Autor, vinculando-se assim à metafunção interpessoal. A este respeito, é interessante relembrar o trabalho de Fuller (1998), que ressalta a complementaridade entre as metafunções ideacional e interpessoal para a organização do que ele chama uma “semântica da fonte”<sup>65</sup>. O autor organiza os recursos da negociação discursiva, ou da “semântica da fonte”, em um contínuo, que iria desde uma forma de identificação da fonte mais interpessoal e menos ideacional, até uma forma de explicitação da fonte mais interpessoal e menos ideacional. Para Fuller, a projeção é um recurso prioritariamente ideacional e a análise do potencial avaliativo dos verbos de elocução desta pesquisa corrobora esta afirmação.

Nos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica, os verbos de elocução, selecionados no discurso direto, tratam de tornar opaca a avaliação realizada pelo Escritor do discurso representado. Pode-se dizer, portanto, que a projeção do discurso direto com verbos de elocução expressa, de forma mais contundente, o significado ideacional que o interpessoal, no que

---

<sup>65</sup> Ver seção 3.1.1.1 **Uma leitura Sistêmico-funcional das vozes da divulgação científica**.

diz respeito à avaliação. Em relação, contudo, à sinalização de uma relação entre Escritores e Autores, verbos de elocução, em discurso direto, indicam relações discursivas assimétricas de autoridade e poder. Outros estudos são necessários, portanto, para que seja possível identificar sistemas mais propensos à realização da avaliação nos sistemas gramaticais destes gêneros.

Finalmente, os dados desta pesquisa podem ser utilizados para fornecer indícios de que a expectativa de Halliday de que o sistema do tempo verbal primário seria um sistema menos propenso à assimetria que o sistema da polaridade se confirma no caso do gênero artigo acadêmico e não se confirma no caso do gênero artigo de divulgação científica. Apesar de não investigar o sistema da polaridade, os dados desta tese demonstram que a variação da frequência de ocorrência do presente e do passado nos verbos de elocução que introduzem discurso direto no gênero artigo acadêmico é de menos de 70%, ou seja, um sistema que tende à assimetria, mas que permite algum nível de redundância. Já no gênero artigo de divulgação científica, a variação da frequência de ocorrência do presente e do passado nos verbos de elocução que introduzem discurso direto é de mais de 80%, ou seja, um sistema que está na fronteira da assimetria extrema. Halliday não fornece dados precisos para a identificação da variação de frequência de um sistema de assimetria extrema. Mais estudos comparativos, portanto, são necessários para esclarecer esta questão.

## 5.2.2 Discussão dos resultados nas perspectivas dos contextos de situação e cultura

Discutidas as hipóteses que orientaram a análise quantitativa, é relevante traçar uma reflexão sobre os dados expostos neste capítulo. Conhecer a frequência de ocorrência de verbos de elocução em discurso direto, das categorias dos verbos de elocução, das variáveis dos sistemas gramaticais envolvidos no processo da projeção é importante para compreender o funcionamento

da gramática de uma língua. Agora, se como nos ensina Halliday (1998), aceitamos o fato de que a linguagem é funcional em relação à organização e percepção da experiência ecossocial, conhecer tais dados quantitativos deve levar à compreensão de como diferentes formas de conceber a realidade geram maneiras específicas de estruturá-la através das três metafunções da linguagem. Assim, o estudo da gramática pode gerar reflexões sobre as relações estabelecidas entre os atores sociais no sistema ecossocial.

Cabe refletir, portanto, sobre dados como, por exemplo, que o discurso direto, com um verbo de elocução, é aproximadamente trinta vezes mais freqüente no gênero artigo de divulgação científica que no gênero artigo acadêmico e que, no artigo acadêmico, aproximadamente 30% das orações projetantes estabelecem uma relação hipotática com a oração ou discurso representado. Tais dados sinalizam diferenças, no âmbito do contexto de situação, relacionadas à tessitura discursiva de textos científicos e textos sobre ciência. De forma complementar, estas diferenças também salientam a existência de diferentes práticas discursivas, sendo realizadas pelos gêneros investigados, no âmbito do contexto de cultura.

No capítulo 3 discutiu-se o efeito da “fusão de vozes”, como um recurso através do qual se encena uma aliança entre a voz do Escritor e a do Autor. Neste caso, *o que* a voz, incorporada ao discurso do Escritor, tem a dizer é tão importante quanto a função que essa voz desempenha. No caso da citação, objeto da investigação empírica proposta nesta tese, o efeito atingido é o da adição de vozes ao discurso, mas sem que estas se fundam, como acontece nos exemplos seguintes:

1) Como magistralmente **DENUNCIA** Elbaz (1981), "parece que os especialistas sofrem de um `ponto cego': eles se recusam a perceber o que está fora de seu poder de controle - o trabalho dos professores" [Subcorpus Ciência Humanas]

2) "Se ampliarmos," **DIZ** ele (Dascal 1982: 21), "... a noção de `contexto de enunciação' de modo a fazê-la conter também, o que parece natural, o contexto verbal (enunciados anteriores e posteriores) (...) [Subcorpus Letras]

Nesse caso, os verbos de elocução, em negrito, nos exemplos acima, alertam o leitor sobre a presença de diferentes vozes no texto, impedindo a fusão entre elas. Em outras palavras,

ao empregar um verbo de elocução, ou não, o Escritor de um dado texto sinaliza, para seu leitor, a distância discursiva existente entre a voz que pertence a este Escritor e aquelas que ele incorpora em seu discurso. A distância discursiva que separa as vozes presentes em um texto pode variar, desde uma distância mínima, na qual elas parecem fundir-se, até uma distância acentuada, em que sua separação é evidenciada pela presença do verbo de elocução, pela taxa estabelecida entre a oração projetante e o discurso projetado e pela posição temática ocupada pela oração projetante. Através do verbo de elocução, o Escritor evidencia uma representação do discurso do Autor como uma atividade no mundo real (potencial denotativo), desenvolve uma apreciação da atitude do Autor, de seu discurso, ou se abstém de fazê-lo (potencial avaliativo) e, por fim, localiza o discurso citado, que leu ou escutou, numa perspectiva temporal em relação ao momento de sua realização.

Foi interessante observar que, como já indicava a bibliografia consultada, para descobrir se um verbo desempenha ou não uma função ilocucionária, o contexto faz-se essencial. Só o contexto de uso pode determinar se um verbo é ou não um verbo de elocução. Uma vez determinado seu potencial ilocucionário, foi possível focalizar a realização lexical para proceder a sua classificação. Isto deve ao fato de que as citações estudadas apresentam um ato ilocucionário, entre aspas, e um verbo de elocução em uma oração projetante que simultaneamente denota a atividade realizada e sinaliza o posicionamento (ou o não posicionamento) do Escritor do texto sobre o ato ilocucionário. O que está entre aspas, em princípio, poderia expressar qualquer conteúdo. É o verbo de elocução escolhido pelo Escritor que orienta como esse conteúdo deve ser interpretado. Os exemplos 3 e 4 demonstram este ponto:

3) Eles **ACREDITAM** que "a administração pública é garantidora das obrigações assumidas no pacto constitucional e que seu superior tem o dever de prestar contas da sua conduta [Subcorpus Biológicas]

4) (...) historiografia, que Huizinga (1980:92) **DEFINIU** assim: "Se a História, como atividade do espírito, consiste em dar forma ao passado, podemos dizer que como produto é forma. [Subcorpus Ciências Humanas]

Não seria surpreendente fazer a seguinte manipulação dos dois exemplos anteriores:

5) "Huizinga (1980:92) **acredita** que: "Se a História, como atividade do espírito, consiste em dar forma ao passado, podemos dizer que como produto é forma. [Exemplo Fictício]

A questão está justamente na orientação de interpretação que o Escritor deseja dar à voz que ele claramente evidencia como não sendo sua, ou seja, como pertencendo a outra fonte, no caso do exemplo acima, a voz de Huizinga. A voz de Huizinga no exemplo 4 poderia ter sido representada como uma crença, uma especulação ou como uma evidência. O fato de que tenha sido representada como uma definição, no entanto, está prioritariamente relacionada à função que esta voz desempenha no discurso do Escritor que a cita e, apenas secundariamente, relacionado ao *que* esta voz tem a dizer. Isto equivale a dizer que *o que* essa voz tem a dizer, ou seja, o conteúdo da citação, mantém uma relação de dependência semântica em relação ao verbo que a projeta.

Verbos de elocução, portanto, possuem um papel didático, pois orientam a interpretação que o Escritor do texto deseja que seu leitor faça do discurso citado. A presença dos verbos de elocução instaura distância discursiva, que abre espaço avaliativo ao identificar a voz citada como diferente daquela que a incorpora a seu texto, e sinaliza uma relação hierárquica assimétrica entre elas. Como demonstrado por Hyland (1999), o relato (*report*), a generalização e o resumo são as formas de referência mais comuns em artigos acadêmicos. Nesse gênero, tanto nos dados apresentados pelo Autor como naqueles em que se apóia a presente investigação, a citação, em que um verbo de elocução projeta o discurso citado entre aspas, tem uma frequência de ocorrência mínima em relação à frequência e diversidade de outras estratégias para a incorporação da voz de Autores ao discurso dos Escritores dos textos. Já no contexto da divulgação científica nos meios de comunicação escrita, esta forma específica de citação tem uma relevância substancialmente maior, demonstrando-se uma estratégia retórica chave para a sinalização da presença de diferentes vozes e autoridades no texto.

Acredita-se que tanto a baixa frequência de verbos de elocução em discurso direto em artigos acadêmicos como sua notável presença nos artigos de divulgação científica podem ser interpretadas pelo mesmo princípio, que, neta tese, decidiu-se chamar o “princípio da assimetria”: quanto mais acentuada a distância discursiva entre o Escritor de um texto e os Autores por ele citados, mais recorrente será o discurso direto. Quanto menos assimétricas as relações de

autoridade e distância discursiva entre as vozes presentes no texto, menos freqüente será o discurso direto. O princípio da assimetria está relacionado à necessidade de explicitação por parte do Escritor da incorporação de outras vozes ao seu discurso. Uma alta freqüência de ocorrência do discurso direto pode indicar que o Escritor demarca claramente as vozes que chama de forma intertextual a participar de seu discurso como vozes *aliens*, vozes outras, que não a sua própria. De forma análoga, uma baixa freqüência de ocorrência do discurso direto pode indicar que o Escritor sente-se mais confortável para fundir sua voz às vozes dos Autores citados, diminuindo a distância discursiva entre as vozes presentes no discurso, ao invés de ressaltá-las.

Dito de outra maneira, além das já discutidas funções atribuídas ao discurso direto pela bibliografia – da legitimação e dramatização do discurso do Escritor pela incorporação de outras vozes - a análise qualitativa da presente investigação sugere que, tanto no discurso acadêmico como no discurso midiático, o discurso direto, no qual ocorre um verbo de elocução, deve ser interpretado em, ao menos, duas dimensões. Numa primeira dimensão, ele sinaliza, através do componente experiencial da metafunção ideacional, a necessidade de destacar a voz incorporada ao texto do Escritor como alheia, revelando relações assimétricas de autoridade evidenciadas na dificuldade para a fusão destas vozes. Em um segundo plano, o discurso direto, vinculando-se à metafunção interpressual, posiciona o Escritor e seus leitores em situação de interação, abre espaço de avaliação sobre o que a voz citada tem a dizer e orienta sua interpretação. Destaque-se, contudo, que o fato de que o emprego do verbo de elocução abra espaço avaliativo, não implica, necessariamente, que este será ocupado de forma explícita ou confortável pelo escritor.

A maneira como os Escritores sinalizam a distância discursiva entre suas próprias vozes e aquelas dos Autores, por eles citados, e como ocupam o espaço avaliativo, propiciado pelo verbo de elocução, pode servir tanto à manutenção como à subversão de diferenças hierárquicas social e discursivamente construídas. A análise qualitativa dos dados apresentados nas seções anteriores sugere que, tanto no corpus acadêmico, como no corpus midiático, os



Escritores se posicionam em uma escala hierárquica de autoridade inferior aos Autores por eles citados. Em primeiro lugar, em relação às categorias denotativas e avaliativas dos verbos de elocução, é notável a necessidade de transferência da responsabilidade, pela informação citada, para o Autor, através da representação de atos textuais do autor. Associada à avaliação não manifesta como modo de apreciação mais freqüente, tal forma de representação indica o desconforto com que o Escritor vive discursivamente a distância produzida pela necessidade de se evidenciar a diferença hierárquica entre sua própria voz e as dos Autores citados. Em outras palavras, a não avaliação explícita e a representação através de atos do Autor posicionam o Escritor do texto em um papel hierarquicamente inferior ao das vozes com as quais dialoga, através do discurso direto, em seu texto. É provável que Escritores de artigos acadêmicos e de divulgação científica recorram a outros recursos gramaticais, que não o verbo de elocução, para a realização da avaliação.

Em segundo lugar, em ambos os corpora, Escritores, através da freqüente seleção do tempo verbal presente para os verbos de elocução, tornam opaca a perspectiva temporal de atos discursivos elaborados em um dado momento. Textos são publicados em um ano específico, declarações orais fornecidas por um entrevistado têm uma data bastante precisa. Ao representar o discurso dos Autores através de verbos de elocução no presente, os Escritores parecem remover do tempo estes atos discursivos, concedendo-lhes o *status* de fato e verdade não perecíveis. Confirma-se, desta forma, o *status* e autoridade com que Autores são representados nos textos dos Escritores.

Em terceiro lugar, a observação da relação de interdependência oracional estabelecida entre a oração projetante e o discurso projetado confirma o acima exposto. A relação sintática, mais freqüentemente estabelecida, entre a oração projetante, na qual se localiza o verbo de elocução, e as orações projetadas é, em ambos os corpora acadêmico e midiático, a parataxe. No contínuo, antes demonstrado, que vai desde o discurso indireto até o direto, esta relação sintática é

a que expressa o mais alto índice de separação entre as vozes do Autor e do Escritor, ou seja, a que mais claramente evidencia a distância discursiva existente entre as vozes presentes no texto.

Agora, se em todos os aspectos tratados acima os corpora, aqui estudados, se assemelham, pois o recurso a verbos de elocução em discurso direto sinaliza em ambos a manutenção das diferenças hierárquicas social e discursivamente construídas entre Autores e Escritores, faz-se necessário salientar que, no corpus acadêmico, nota-se que a distância discursiva entre as vozes presentes nos textos é menor que no corpus midiático. No corpus acadêmico, aproximadamente 30% das citações são projetadas hipotaticamente, reduzindo-se a distância entre Escritores e Autores citados. Em outras palavras, se é possível considerar esta frequência de ocorrência como um indício de um processo semogênico através do qual o discurso direto manipula as relações de interdependência oracional de forma específica e independente do discurso indireto, pode-se dizer que este processo serve à realização de significado interpessoal no âmbito da comunidade acadêmica. Ainda que em ambos os corpora acadêmico e midiático Escritores posicionem-se como hierarquicamente inferiores aos Autores, por eles citados, no primeiro corpus, a distância hierárquica entre as vozes presentes no texto é menos acentuada.

A observação da posição temática da oração projetante, em relação ao discurso projetado, no corpus desta pesquisa, confirma a análise exposta acima. Entende-se aqui que uma oração projetante, em posição de Tema, dá ênfase à representação que o Escritor realiza do discurso citado, ou seja, a *como* o Autor é representado pelo Escritor através do verbo de elocução. O posicionamento da oração projetante, em posição de Rema, por outro lado, ressalta o *status* da voz incorporada ao texto do escritor e *o que* esta voz tem a dizer. No corpus acadêmico, como antes exposto, 93% das orações projetantes encontram-se em posição temática, enquanto que 97% das orações projetantes, no corpus midiático, ocupam a posição de rema. Se, no corpus acadêmico, as diferenças hierárquicas entre Autores e Escritores são marcadas pela seleção de verbos de elocução, que transferem para a voz representada a responsabilidade pela citação e que não explicitam a avaliação que este Escritor realiza do discurso citado, no corpus midiático, tais

diferenças hierárquicas são acentuadas por, além da seleção de verbos de elocução semelhante à do corpus acadêmico, uma configuração sintática que ressalta a distância discursiva.

Se aceitamos o princípio através do qual o verbo de elocução em discurso direto é aqui interpretado, simultaneamente sinalizando relações assimétricas de autoridade e servindo como estratégia retórica para a orientação interpretativa desejada pelo Escritor, pode-se dizer que sua frequência de ocorrência no corpus midiático, aproximadamente 30 vezes superior à do corpus acadêmico, é um indicativo de que as vozes citadas por jornalistas, ao elaborar textos de divulgação científica, posicionam-se em uma relação discursiva hierarquicamente superior a sua própria. De forma análoga, a frequência do discurso direto, no corpus acadêmico, sinaliza diferenças hierárquicas menos acentuadas entre Escritores e Autores na comunidade discursiva acadêmica. Em relação aos contextos de situação de ambos os tipos de textos analisados, existe a tendência de representação das vozes incorporadas ao discurso com mais *status* e poder que a voz dos Escritores. Em relação ao contexto de cultura, contudo, nota-se que textos vinculados ao gênero artigo acadêmico atenuam a distância discursiva entre os Escritores e os Autores citados.

Partindo-se da compreensão de que, no gênero artigo acadêmico, a distância discursiva entre Escritores e Autores é menor que aquela presente entre as vozes que textualizam a divulgação científica, por exemplo, pode-se esperar que, em artigos acadêmicos, exista maior liberdade para a apropriação que Escritores realizam das vozes que incorporam a seu texto. O termo apropriação é aqui utilizado em seus dois sentidos: Escritores do contexto acadêmico simultaneamente gozam de maior autoridade para apropriar-se, ou apoderar-se, de outras vozes, como também desfrutam de maior flexibilidade para apropriar, ou adaptar, *o que* esta voz tem a dizer ao seu discurso. Esta relativa liberdade ou comodidade na textualização de diferentes vozes em seu discurso pode estar relacionada à discussão realizada anteriormente sobre a comunidade acadêmica, cujos Escritores redigem para um público leitor específico, composto por seus próprios pares. O discurso científico, como antes discutido, está circunscrito em um domínio sócio-cultural composto por instituições e indivíduos autorizados ao seu consumo e avaliação. Este

conjunto de circunstâncias poderia explicar por que verbos de elocução, em discurso direto, são quase trinta vezes menos freqüentes no corpus acadêmico que no corpus midiático.

Seguindo a mesma linha lógica, interpreta-se a notável presença do discurso direto em gêneros de divulgação científica na mídia como sinalizadora da tensão amplamente tratada pela bibliografia entre membros da comunidade acadêmica e jornalistas<sup>66</sup>. Tal tensão tem três dimensões complementares no corpus investigado. Em primeiro lugar, revela a superioridade hierárquica discursiva dos Autores, entendidos como aqueles que produzem o conhecimento, em relação aos Escritores, aqueles que o divulgam. Em segundo lugar, restringe a possibilidade de apropriação, por parte do Escritor, da voz incorporada ao texto, tanto no sentido de possessão, quanto no de adaptação a seu discurso. Em terceiro lugar, dificulta a subversão de diferenças social e discursivamente construídas, pois tolhe a ocupação do espaço avaliativo instaurado pelo distanciamento entre a voz que cita e a voz citada. Acredita-se que, por um lado, a diferença hierárquica entre Escritores de textos de divulgação científica e os Autores por ele citados impede que os Escritores ocupem este espaço avaliativo de maneira mais contundente. Por outro lado, contudo, a autoridade social e historicamente atribuída ao contexto acadêmico pressiona Escritores de textos divulgativos a utilizar a linguagem de maneira aproximada àquela utilizada no contexto da produção do conhecimento.

## 5.3 Arremate

Os gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica apresentam perfis gramaticais probabilísticos semelhantes em alguns aspectos e diferentes em outros, já que os sistemas gramaticais, empregados para a textualização das vozes incorporadas a ambos os gêneros, realizam diferentes níveis de distância discursiva e autoridade.

---

<sup>66</sup> Ver seção 2.4 O espaço dos discursos da ciência: conflito, negociação e construção.

Pode-se dizer que, tanto no gênero artigo acadêmico como no gênero artigo de divulgação científica, os Escritores posicionam-se em uma escala hierárquica inferior aos Autores por eles citados. As semelhanças entre os gêneros podem ser resumidas da seguinte maneira: (i) os verbos de elocução selecionados sinalizam a necessidade de transferência da responsabilidade pela informação citada para o Autor e a incomodidade em demonstrar explicitamente uma perspectiva avaliativa; (ii) Escritores, através da freqüente seleção do presente para os verbos de elocução, tornam opaca a perspectiva temporal de atos discursivos, elaborados em um dado momento. Tal forma de representar o discurso parece remover do tempo estes atos discursivos, concedendo-lhes o *status* de fato e verdade não perecíveis; (iii) a relação sintática mais freqüentemente estabelecida entre a oração projetante, na qual se localiza o verbo de elocução, e as orações projetadas é a parataxe. No contínuo da representação do discurso, esta relação sintática é a que expressa o mais alto índice de separação entre as vozes do Autor e do Escritor, ou seja, a que mais claramente evidencia a distância discursiva existente entre as vozes presentes no texto.

Em relação às diferenças entre os gêneros artigo acadêmico e de divulgação científica identificadas nesta investigação, destaca-se que (i) a freqüência de ocorrência de citações com um verbo de elocução é mais de uma ordem de magnitude superior no artigo de divulgação que no gênero artigo acadêmico; (ii) o gênero artigo acadêmico dispõe de um espectro destacadamente mais amplo de possibilidades de representação do discurso direto que o artigo de divulgação científica, que segue padrões gramaticais menos flexíveis; (iii) aproximadamente 30% das citações no artigo acadêmico são projetadas hipotaticamente, reduzindo-se a distância entre escritores e autores citados. A freqüência de ocorrência desta relação de interdependência oracional entre a oração projetada e projetante é quase nula no gênero artigo de divulgação científica; e, finalmente, (iv) no gênero artigo acadêmico, mais de 90% das orações projetantes encontram-se em posição temática, enquanto que a quase totalidade das orações projetantes no gênero artigo de divulgação científica ocupam a posição de Rema.

Uma diferença, entre as acima citadas, deve ser salientada. No gênero artigo acadêmico, aproximadamente 30% das citações são projetadas hipotaticamente, reduzindo-se a distância entre escritores e autores citados. Tal perfil probabilístico pode ser entendido como um indício de um processo semogênico através do qual o discurso direto manipula as relações de interdependência oracional de forma específica e independente do discurso indireto, servindo, assim, à realização de significado interpessoal no âmbito da comunidade acadêmica. Ainda que, em ambos os corpora acadêmico e midiático, Escritores posicionem-se como hierarquicamente inferiores aos Autores por eles citados, no primeiro corpus, a distância hierárquica entre as vozes presentes no texto é menos acentuada.

O verbo de elocução, em discurso direto, pode ser interpretado como um indicador de relações assimétricas de autoridade e poder ao abrir espaço avaliativo e aumentar a distância discursiva entre os Escritores dos textos e os Autores por eles citados. A subversão das relações assimétricas de autoridade, discursiva e socialmente construídas, depende de como este espaço avaliativo é ocupado. Este aspecto pode ser observado através da classificação dos verbos de elocução utilizados pelos Escritores para orientar a leitura da informação que citam, pela flexão em tempo e modo dos verbos, pela posição temática que ocupa a oração projetante em relação à projetada e pela taxa estabelecida entre estas orações.

Os gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica participam de um mesmo sistema semiótico mais amplo e estão interrelacionados em complexas redes intertextuais potenciais. Não obstante, constituem dois gêneros distintos, não diretamente relacionados. É possível dizer que as semelhanças entre seus perfis gramaticais probabilísticos sejam indicativas deste potencial intertextual em comum, enquanto que as especificidades gramaticais probabilísticas discutidas acima se relacionam a modos específicos de realização do significado em diferentes gêneros discursivos.

## 6 CONCLUSÃO

*Forse altro canterà com miglior plectro.  
Miguel de Cervantes - Don Quijote de la Mancha*

Esta tese se propôs a refletir sobre a construção discursiva da autoridade do conhecimento científico, através da observação de textos vinculados aos contextos de produção e de divulgação deste conhecimento. Cada vez mais importante na estruturação da vida econômica, política e cultural da sociedade contemporânea, o conhecimento científico e suas formas de socialização encenam processos de negociação de significados e poder. Tais formas de encenação não são socialmente neutras, influenciando e sendo influenciadas pelas relações estabelecidas entre os vários grupos de atores sociais, envolvidos de diferentes maneiras na constituição da sociedade. O conhecimento científico e suas representações, em diferentes âmbitos da vida social, estão, portanto, inevitavelmente, associados a interesses políticos e econômicos, contextos sociais e culturais e a circunstâncias institucionais.

Apesar de que, na sociedade ocidental, exista a tendência a considerar-se a linguagem da ciência e seus discursos uma ferramenta para a representação objetiva da realidade, um instrumento para a expressão de fatos sobre a natureza, diferentes campos de investigação, tais como a Sociologia, a Retórica, a Psicologia, a História, a Epistemologia ou Filosofia da Ciência, e também a Linguística Aplicada têm demonstrado que o espaço discursivo instaurado pelos aspectos técnico-científicos está tão sujeito à construção de relações assimétricas de autoridade e poder como qualquer outro. Nenhuma forma de utilização da linguagem é neutra e a linguagem da ciência tampoco o é. Utilizar a linguagem, seja para a textualização de conhecimento científico, seja para sua recontextualização, implica em manipular o sistema semiótico mais amplo, realizando escolhas motivadas por demandas contextuais específicas, relacionadas a propósitos sociais. Utilizar a linguagem, neste sentido, significa selecionar opções lingüísticas que mais

provavelmente satisfaçam as demandas específicas do contexto de situação por constituírem formas legitimadas no contexto de cultura.

A linguagem da ciência e seus discursos, portanto, são dependentes do seu contexto de situação e cultura. De forma paradoxal, também os contextos de situação e cultura da linguagem da ciência e seus discursos dependem da forma como se realiza, em textos, o potencial de significação da linguagem. O contexto de situação formula e é reformulado por expectativas específicas que fazem com que algumas formas de estruturação da linguagem, bem como alguns significados, sejam mais prováveis que outros. O contexto de cultura legitima os significados e formas mais prováveis, já que estes, no âmbito da realidade ecossocial, realizam propósitos sociais. Assim, pode-se dizer que os contextos de situação e cultura e a linguagem da ciência e seus discursos se atualizam mutuamente, sendo, inevitavelmente, influenciados por questões políticas, econômicas, sociais, culturais e históricas.

A textualização do conhecimento científico, seja ela direcionada ao público não especializado em ciência, seja à comunidade acadêmica, constitui uma rede de práticas discursivas, e portanto sociais, que situam diferentes gêneros em relações de interconexão, estabelecendo um potencial intertextual. Sobre este potencial atuam a comunidade acadêmica, através de artigos acadêmicos, e os responsáveis pela popularização da ciência na mídia, através dos artigos de divulgação científica, instituindo diferentes circuitos para o saber, estipulando trajetórias na convivência social com a ciência. Os gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica constituem gêneros discursivos distintos, o que pode ser comprovado em seus diferentes perfis gramaticais probabilísticos, ou seja, seus diferentes registros. Longe de ser uma versão simplificada do artigo acadêmico, o artigo de divulgação científica encontra-se vinculado ao artigo acadêmico em uma complexa rede de relações intertextuais potenciais: este potencial pode ser realizado através da intertextualidade manifesta e/ ou interdiscursiva.

Apesar de não estarem diretamente relacionados, ou seja, de não necessariamente participar de uma mesma cadeia intertextual, os gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação



científica compartilham um potencial intertextual e se relacionam de forma complementar em termos da prática discursiva que realizam. Em outras palavras, gêneros acadêmicos, ao constituir formas de agir e interagir discursivamente no contexto acadêmico, necessitam de outros gêneros, do discurso jornalístico, por exemplo, para alcançar a sociedade. Normalmente se aceita que a divulgação se situe em relação de interconexão com a produção científica, mas o contrário não parece sempre tão óbvio. No entanto, ainda que seja textualizado para satisfazer demandas informacionais específicas e para apropriar-se a uma comunidade acadêmica, é desejável que o conhecimento científico alcance a comunidade não acadêmica mais ampla. Conhecimento científico é conhecimento público, teoriza o mundo social e material compartilhado por ambas as comunidades acadêmica e não acadêmica. Neste sentido, é que considera-se o potencial intertextual, que relaciona os gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica, o mecanismo de circulação social do saber.

Nesta tese, a forma de aproximação selecionada, para a análise do mecanismo referido acima, foi a observação de aspectos da gramática da negociação da presença de diferentes vozes na tessitura discursiva de textos vinculados aos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica, textos estes compilados em um corpus eletrônico. Buscou-se trabalhar na interface entre as duas principais dimensões de variação textual: a dimensão do gênero e a do registro. Tal abordagem permitiu a elaboração de reflexões sobre como demandas, formuladas em contextos de situação específicos, relacionam-se a diferentes práticas sociais no contexto de cultura.

O trabalho na interface entre os contextos de situação e o contexto de cultura se especificou, nesta tese, na demonstração de que há formas de estruturação da linguagem mais prováveis e frequentes em diferentes gêneros do discurso. Assim, o gênero artigo acadêmico e o gênero artigo de divulgação científica, ao realizar diferentes propósito sociais no âmbito da realidade ecossocial, privilegiam diferentes formas de textualização de significado. Os propósitos sociais realizados pelos gêneros estão relacionados às expectativas do conjunto de leitores de cada

um destes gêneros. O gênero artigo acadêmico insere o pesquisador numa comunidade acadêmica, tornando sua investigação pública nessa comunidade e constituindo parte do processo de produção do conhecimento. O gênero artigo de divulgação científica amplia os contextos sociais de circulação do conhecimento, adaptando sua forma particular de estruturação a um coletivo de leitores, composto pelo público leigo em ciência, jornalistas e cientistas.

O comportamento citacional, na academia e na mídia, está relacionado à legitimação da própria voz do Escritor que elabora o discurso. Fazer citações fornece fiabilidade e legitimidade ao texto. Há, contudo, diferenças entre a função da citação na academia e na mídia. Quando um Escritor elabora um artigo acadêmico, está, na realidade, escrevendo para seus próprios pares, já que os leitores de artigos acadêmicos são quase sempre os membros da comunidade científica. As diferenças de autoridade e poder, na academia, estão mais fortemente relacionadas à experiência do pesquisador que a questões sociais de outra natureza. Além disso, citar, neste contexto, implica em realizar “alianças”, demarcando um espaço acadêmico para diálogo. Já no contexto midiático, um Escritor, que elabora um artigo de divulgação científica, pode ser lido pelo público leigo em ciência de forma geral, por jornalistas e até mesmo por outros cientistas. O Escritor, neste caso, não fala apenas para seus pares, mas para grupos de leitores que têm expectativas distintas sobre os textos. A citação, no contexto midiático, também legitima o texto do Escritor, mas, principalmente, transfere a responsabilidade pelo discurso representado para a voz citada, já que, dada a heterogeneidade da comunidade de leitores, o artigo de divulgação científica está mais propenso ao conflito e a situações de tensão. As relações de autoridade entre os Escritores dos textos e os Autores citados são mais claramente assimétricas na mídia que na academia.

Investigar a textualização de diferentes vozes em um texto significa observar o comportamento citacional do Escritor, ou seja, como este representa em seu texto o discurso dos Autores por ele citados. A representação do discurso é um recurso discursivo localizado na esfera

da intertextualidade manifesta, que se realiza através de processos de projeção. Uma projeção é uma representação discursiva de outra representação mental ou lingüística, ou seja, uma meta-representação. A presente tese se ocupou especificamente do discurso direto, tomando-o, não exclusivamente como a reprodução literal e fiel de um discurso original, conforme visão reiterada pela literatura, mas também como uma estratégia retórica através da qual se produz o efeito da fidelidade e a possibilidade de sua verificação.

A observação dos dados utilizados nesta investigação revelou uma variedade de estratégias retóricas bastante ampla para a representação do discurso direto no gênero artigo acadêmico, enquanto que, no gênero artigo de divulgação científica, a representação do discurso direto segue um perfil gramatical bastante marcado. No artigo acadêmico, entre o que, tipicamente, chama-se discurso direto e discurso indireto, ocorre um amplo espectro de possibilidades de representação, formando o que poder-se-ia chamar o contínuo da representação do discurso. O discurso direto e o indireto podem ser tomados como pólos de referência deste contínuo, entre os quais se localizam infinitas possibilidades de representação do discurso. Cada uma destas possibilidades evidencia um diferente nível ou camada de fusão entre a voz do Escritor e as vozes dos Autores representados. Uma das possibilidades, neste contínuo, é a que aqui denominou-se “fusão de vozes”, um recurso retórico através do qual o Escritor manipula, simultaneamente, a sintaxe de seu próprio discurso, para a recepção do trecho que deseja incorporar como discurso direto, e a porção do discurso representado, que lhe interessa identificar como idêntico ao texto original. As diferentes formas de representação que constituem o contínuo da representação do discurso podem ocorrer, e geralmente ocorrem, em associação, encadeando várias camadas de fusão.

A literatura dedicada à representação do discurso identificou inúmeras categorias intermediárias entre o discurso direto e o indireto, podendo-se encontrar autores que deixam a descrição do fenômeno da representação restrita a estes dois pólos e aqueles que, sensíveis à complexidade lingüística intermediária, salientam mais pontos do contínuo. Em ambos os casos,

as investigações apresentam-se como descrições satisfatórias do fenômeno da representação. Os dados analisados, nesta pesquisa, e aqueles fornecidos pela literatura, ora consultada, contudo, sugerem que para cada língua, para cada gênero discursivo, para o modo ficcional e para o modo não ficcional, haverá, no eixo paradigmático da gramática, uma infinidade de camadas de fusão potenciais entre a voz do Escritor do texto e as vozes dos Autores por ele citados. Que camadas efetivamente se realizarão em um dado texto, redigido em uma dada língua, vinculado a um gênero do discurso, elaborado segundo o modo ficcional, ou não, são questões relativas às relações estabelecidas entre os atores sociais implicados no processo de representação no sistema ecossocial deste dado texto, ou seja, seu contexto de cultura. Diante do quadro, ora exposto, tanto a adoção do discurso direto e indireto como categorias pouco problemáticas, como a proliferação de mais e mais categorias do contínuo, parecem ser insuficientes.

A descrição do fenômeno da representação do discurso em duas categorias, o discurso direto e o indireto, é uma simplificação que ignora uma multiplicidade de formas de realização do significado. É necessário reconhecer que, por mais categorias que sejam identificadas no contínuo da representação do discurso, tal categorização, apesar de necessária, em princípio, será sempre parcial e incompleta. Uma postura teórica alternativa, que espera-se haver realizado com êxito, nesta tese, é a seleção de uma dada camada (ou área) do contínuo da representação do discurso, no eixo sintagmático, para refletir sobre que tipo de significado ideacional, interpessoal e textual esta forma particular de sinalização de diferentes vozes, em um texto, realiza.

No caso da citação, objeto da investigação empírica empreendida nesta tese, a representação, construída pelo Escritor, ao incorporar outras vozes que não a sua própria a seu texto, adiciona vozes ao discurso, mas sem que estas pareçam fundir-se, ou seja, acentua-se a distância discursiva entre o Escritor e os Autores citados. Neste tipo de representação, verbos de elocução desempenham um papel fundamentalmente didático, pois orientam a interpretação que o Escritor do texto deseja que seu leitor faça do discurso citado. Verbos de elocução atribuem o

conteúdo proposicional de uma meta-representação a uma fonte, podendo ser esta mais ou menos específica, e não estão limitados a processos tipicamente classificados como verbais ou mentais, sendo seu uso o que determina sua identidade ilocucionária.

Verbos de elocução podem ocorrer em contextos outros que o do discurso direto. Também o discurso direto pode prescindir de verbos de elocução. A interpretação qualitativa dos dados probabilísticos, analisados nesta tese, sugere que a ocorrência de verbos de elocução, em discurso direto, é um indicador de relações assimétricas de autoridade. A ocorrência de tais verbos abre espaço avaliativo e aumenta a distância discursiva entre os Escritores dos textos e os Autores. A subversão das relações assimétricas de autoridade, discursiva e socialmente construídas, depende de como este espaço avaliativo é ocupado. A ocupação deste espaço avaliativo pode ser observada através da análise dos sistemas léxico-gramaticais que a realizam. Note-se que a existência do espaço avaliativo, aberto pela ocorrência de um verbo de elocução, não garante que o Escritor o ocupará confortavelmente.

Nesta tese, entre os sistemas léxico-gramaticais disponíveis para investigação, optou-se por observar os tipos de verbos de elocução utilizados pelos Escritores, para orientar a leitura da informação que citam, o tempo verbal em que escolhem representá-los, a posição temática em que ocorre o verbo de elocução em relação à oração ou porção de discurso projetada, e a taxa estabelecida entre a oração projetante e o discurso projetado. É importante ressaltar que estes sistemas léxicogramaticais realizam significado (i) ideacional, já que constituem em diferentes gêneros, diferentes formas de perceber e textualizar a realidade; (ii) interpessoal, já que negociam uma relação discursiva entre, por um lado, Escritores e Autores, e, por outro lado, Escritores e leitores, (iii) e textual, pois organizam no nível do discurso, tanto representações da realidade como relações sociais.

Os gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica apresentam perfis gramaticais probabilísticos semelhantes em alguns aspectos e diferentes em outros. O fato de que existem tanto diferenças como semelhanças entre os perfis gramaticais dos gêneros artigo

acadêmico e artigo de divulgação científica indica que, apesar de constituir gêneros discursivos distintos, não diretamente relacionados, ambos participam em um potencial intertextual mais amplo e, em última instância, em um sistema semiótico comum.

No que diz respeito especificamente à textualização de diferentes vozes nos textos vinculados aos gêneros artigo acadêmico e de divulgação científica, pode-se dizer que as semelhanças que relacionam os ditos gêneros, em um potencial intertextual mais amplo, posicionam os Escritores em uma escala hierárquica inferior aos Autores. Os indicativos léxico-gramaticais desta afirmativa são os seguintes: (i) os verbos de elocução, selecionados em ambos os gêneros, sinalizam a necessidade de transferência da responsabilidade pela informação citada para o Autor e a incomodidade em demonstrar explicitamente uma perspectiva avaliativa; (ii) Escritores, através da freqüente seleção do presente para os verbos de elocução, tornam opaca a perspectiva temporal de atos discursivos elaborados em um dado momento. Tal forma de representar o discurso parece remover do tempo estes atos discursivos, concedendo-lhes o *status* de fato e verdade não perecíveis; e, finalmente, (iii) a relação sintática, mais freqüentemente estabelecida, entre a oração projetante, na qual se localiza o verbo de elocução, e as orações projetadas é a parataxe. Na área do contínuo da representação do discurso que se aproxima do pólo de referência do discurso direto, esta relação sintática é a que expressa o mais alto índice de separação entre as vozes do Autor e do Escritor, ou seja, a que mais claramente evidencia a distância discursiva existente entre as vozes presentes no texto.

Os perfis probabilísticos da gramática da textualização das vozes de Autores nos gêneros artigo acadêmico e de divulgação científica também marcam diferenças em nível interpessoal, ideacional e textual, que permitem reconhecê-los como gêneros distintos, não diretamente relacionados. A observação dos sistemas léxicogramaticais selecionados para análise nesta tese permite afirmar que: (i) no gênero artigo de divulgação científica, a freqüência de ocorrência de citações com verbos de elocução é mais de uma ordem de magnitude superior que no gênero artigo acadêmico; (ii) o gênero artigo acadêmico dispõe de um espectro destacadamente

mais amplo de possibilidades de representação do discurso direto que o artigo de divulgação científica, que segue padrões gramaticais menos flexíveis; (iii) aproximadamente 30% das citações no artigo acadêmico são projetadas hipotaticamente, reduzindo-se a distância entre Escritores e Autores citados. A frequência de ocorrência desta relação de interdependência oracional entre a oração projetada e projetante é quase nula no gênero artigo de divulgação científica; e, finalmente, (iv) no gênero artigo acadêmico, mais de 90% das orações projetantes encontram-se em posição temática, enquanto que a quase totalidade das orações projetantes, no gênero artigo de divulgação científica, ocupa a posição de rema.

Em outras palavras, a projeção do discurso direto, no gênero artigo de divulgação científica, está estruturada em sistemas extremamente assimétricos e alternativas claramente marcadas para a oração projetante: no tempo verbal primário, o passado; no sistema de interdependência oracional, a hipotáxe; na posição temática, a de Tema. No gênero artigo acadêmico, o único sistema de projeção do discurso direto destacadamente assimétrico é o da posição temática, sendo uma oração projetante em posição remática uma opção altamente marcada. Em relação aos sistemas do tempo verbal primário e da interdependência oracional, o artigo acadêmico tende à assimetria, favorecendo o presente e a parataxe para a projeção do discurso direto.

Ambos os gêneros favorecem a ocorrência de verbos de elocução que, vinculando-se à metafunção ideacional, mais precisamente, em seu componente experiencial, denotam um ato textual do Autor, e, vinculando-se à metafunção interpessoal, não explicitam a avaliação do Escritor nem do comportamento, nem do discurso do Autor. Note-se que, nas 5.420 ocorrências de verbos de elocução em discurso direto, no corpus total desta pesquisa, foram identificados 206 diferentes tipos de verbos de elocução. Entre as 206 possibilidades de representar o discurso projetado, os verbos “diz” e “afirma”, em suas diferentes formas lexicais, contam com 55% dos casos, com 2.007 e 972 ocorrências respectivamente.

Tomados em conjunto, os dados acima sugerem que, quanto mais acentuada a diferença hierárquica entre o Escritor de um texto e os Autores por ele citados, mais recorrente será o discurso direto, e vice versa. Em outras palavras, além das funções normalmente atribuídas ao discurso direto pela bibliografia – legitimação e dramatização do discurso do Escritor pela incorporação de outras vozes- a presente investigação sugere que, tanto no discurso acadêmico como no discurso midiático, o discurso direto no qual ocorre um verbo de elocução deve ser interpretado em, ao menos, duas dimensões. Em primeiro lugar, ele sinaliza, através do componente experiencial da metafunção ideacional, a necessidade de destacar a voz incorporada ao texto do Escritor como alheia, revelando relações assimétricas de autoridade evidenciadas na dificuldade para a fusão destas vozes. Em segundo lugar, o discurso direto, vinculando-se à metafunção interpressual, posiciona o Escritor e seus leitores em situação de interação, abre espaço de avaliação sobre o que a voz citada tem a dizer e orienta sua interpretação. Destaque-se, contudo, que o fato de que o emprego do verbo de elocução abra espaço avaliativo, não implica, necessariamente, que este será ocupado de forma explícita pelo Escritor. No caso dos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica, os tipos de verbos selecionados realizam a dificuldade vivida pelos Escritores em avaliar o discurso que representam em seus textos.

Deseja-se destacar que o amplo espectro de possibilidades de representação do discurso direto e a frequência de ocorrência de orações projetantes, em hipotaxe, no gênero artigo acadêmico, podem ser indícios do processo semogênico que atravessa o sistema da projeção, no qual o discurso direto se dissocia do discurso indireto, desenvolvendo formas específicas de associação inter-oracional. Tomando-se os gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica de forma comparativa, pode-se dizer que o processo semogênico, que atravessa a projeção no artigo acadêmico, serve à realização de significado interpressual no âmbito da comunidade acadêmica. Ainda que, em ambos os gêneros, Escritores posicionem-se hierarquicamente inferiores aos Autores citados, no artigo acadêmico, a distância hierárquica, entre as vozes presentes no texto, é menos acentuada. Assim, pensando no contínuo da



representação do discurso, o artigo acadêmico, não apenas seleciona a forma de representação do discurso que mais fortemente acentua a distância discursiva entre Autores e Escritores (quase 30 vezes menos freqüentemente que o gênero artigo de divulgação científica), mas, quando o faz, em aproximadamente 30% das ocorrências, reorganiza a gramática de sua realização, para diminuir a distância discursiva entre os Escritores e os Autores citados.

Deve ser lembrado que, além da função geral da citação, de conferir legitimidade e fiabilidade ao discurso, a citação no contexto acadêmico serve ao estabelecimento de “alianças”, à indicação de um marco teórico de referência, diálogo e debate para o discurso do Escritor. Entende-se, portanto, que enquanto, na mídia, estabelecem-se relações discursivas que acentuam a distância discursiva, na academia, progressivamente, sejam realizadas escolhas léxico-gramaticais que minimizem a distância entre Escritores e Autores citados. As relações interpessoais estabelecidas no âmbito da comunidade acadêmica, menos propensas ao conflito e tensão que as relações estabelecidas entre Autores e Escritores no contexto midiático, estariam expandindo o potencial de significação do código lingüístico e transformando a seleção da representação indireta da fala em uma alternativa, além de qualitativa, também quantitativa em termos probabilísticos.

A presente tese retoma brevemente investigações amplamente discutidas no decorrer deste texto e cujos dados podem, finalmente, ser comparados àqueles apresentados nesta investigação. Thompson e Yiyun (1991) identificaram em sua investigação em artigos acadêmicos em língua inglesa aproximadamente quatrocentos verbos de elocução e ressaltaram que o *status* de um verbo de elocução não é algo impresso em sua “identidade”, mas proveniente de seu contexto de uso. O corpus da presente pesquisa permitiu a identificação de 206 verbos, desempenhando função ilocucionária, entre os quais processos tipicamente classificados como materiais e comportamentais em outros contextos, como, por exemplo, “alfinetar”, “aplaudir”, “arrematar”, “brincar”, “derreter-se”, “detonar”, “disparar”, “espetar” e “martelar”.

Thompson e Yiyun (1991) também afirmam que os verbos de elocução são um dos mais claros sinais da presença de avaliação em um texto e que, por isso, devem ser explorados. Os dados da presente pesquisa indicam que, dada a variedade de verbos que podem desempenhar função ilocucionária, em termos paradigmáticos, seu potencial avaliativo é bastante amplo. A realização sintagmática da avaliação, contudo, é discutível, já que, nos corpora ora investigados, mais de 55% dos verbos empregados eram uma das diferentes formas lexicais dos verbos “diz” e “afirma”, considerados neutros em categorizações como a da *Collins Cobuild English Grammar* (1990), Caldas-Coulthard (1994) e Neves (1999), não-avaliativos na de Thompson e Yiyun (1991) e de avaliação não manifesta, nesta tese. O que estes dados revelam é que, no caso específico de citação com verbo de elocução aqui investigado, no que diz respeito à avaliação, nota-se o predomínio da metafunção ideacional. Assim, corrobora-se a afirmativa de Fuller (1998), de que existe uma relação de complementaridade entre as metafunções ideacional e interpessoal, para a organização do que ele chama uma “semântica da fonte”: o recurso à projeção é essencialmente ideacional. Outros estudos são necessários para a identificação de sistemas gramaticais mais propensos à expressão da avaliação, nos quais predomine a metafunção interpessoal.

Em pesquisa já relatada no capítulo 3 desta tese, Mauri (2003), investigando corpora ficcionais paralelos em português e italiano, identifica em sua investigação aproximadamente 20% de ocorrência de verbos de elocução que indicam processos mentais. A autora julga tal frequência relativamente baixa, se comparada às outras categorias de sua pesquisa, já que, dada a maneira como Clarice Lispector, autora do romance analisado, engendra suas personagens femininas revelando seus sentimentos, sensações e pensamentos através da introspecção, Mauri esperava encontrar uma ocorrência maior de processos mentais. Obviamente, deve-se levar em consideração que os corpora ora investigados não são ficcionais, mas, acredita-se que a frequência de ocorrência de verbos de elocução na categoria mentais, identificada por Mauri (2003), pode ser considerada alta, levando-se em consideração que, nos gêneros artigo acadêmico e de divulgação científica, sua frequência de ocorrência foi de 7% e 4%, respectivamente. Longe de diminuir o

crédito da investigação de Mauri, que conseguiu demonstrar como muitos verbos de elocução que não indicam processos mentais acabam assumindo esta função, através das redes coesivas que estabelecem, o que se deseja destacar é que mais estudos probabilísticos da gramática são necessários para que seja possível afirmar se uma frequência de ocorrência é alta ou baixa em um dado gênero ou registro.

Os dados de Hyland (1999) levaram-no a afirmar que, entre as diversas áreas por ele investigadas, a referência explícita a pesquisas anteriores tem um papel mais significativo nas Ciências Sociais e Humanas e que, nestas áreas, o recurso à prática da citação é mais freqüente. A presente investigação corrobora estes dados em artigos acadêmicos em língua portuguesa, apenas destacando que, no corpus acadêmico aqui investigado, foram as Ciências Humanas as que apresentaram a maior frequência de ocorrência de verbos de elocução em discurso direto, seguida pelas Ciências Sociais. Também apresentando dados empíricos, recordamos Biber *et al.* (1999), que identificou em seu corpus de investigação composto por textos jornalísticos uma frequência de ocorrência de 2.000 orações de relato (discurso direto) por milhão de palavras. Além disso, seus dados indicam que a posição final da oração de relato é mais freqüente e que a posição intermediária é raramente empregada. Nesta tese, utilizando a mesma base de cálculo de Biber *et al.*, foi identificada uma frequência de 2.694 orações projetantes por milhão de palavras no corpus midiático, a posição final é amplamente favorecida neste corpus e a intermediária, poucas vezes empregada. Podemos afirmar que, apesar das limitações desta pesquisa, em relação ao etiquetamento do corpus, realizado de forma individual e manual, os dados, ora apresentados, são plausíveis e coerentes com investigações relevantes na área.

Fairclough (1992: 128) afirma que “gêneros em particular são associados a ‘modos específicos de intertextualidade (manifesta)’”. Sem apresentar dados empíricos, o autor afirma que a frequência, modo e função da representação do discurso são bastante diferentes em artigos acadêmicos e artigos jornalísticos. Os dados apresentados nesta tese corroboram a afirmativa de Fairclough, o que vem, em última instância, a estar relacionado ao que diz Myers (1990), sobre a

existência de uma narrativa da ciência e uma narrativa da natureza, sendo que cada uma delas apresenta visões diferentes das ações do cientista, mas que ambas operam para a criação de uma autoridade cultural para a ciência.

Os dados aqui apresentados confirmam a reflexão elaborada por Halliday (1998) sobre a especificidade da linguagem da ciência: uma gramática particular caracteriza uma forma específica de conceber a realidade. Analisando metáforas gramaticais, Halliday afirma que “uma teoria científica (...) é um subsistema semiótico delicado e parcialmente configurado que reconstrói certos aspectos ou componentes da experiência humana de forma diferente no processo de sua abertura à observação, investigação e explicação” (HALLIDAY, 1998: 194). Os dados desta pesquisa corroboram esta afirmativa, de forma ampla, demonstrando que os gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica possuem perfis gramaticais probabilísticos distintos, e, de forma específica, levantando indícios do processo semogênico que atravessa o sistema da projeção. Nesta investigação, percebeu-se que Escritores da comunidade acadêmica reconstroem “certos aspectos ou componentes da experiência humana” de forma diferente dos Escritores do gênero artigo de divulgação científica. Assim, os cientistas e pesquisadores, Escritores da comunidade acadêmica, manipulam o sistema semiótico geral, ampliando seu poder referencial e expandindo seu potencial lógico-semântico.

Os perfis gramaticais, aqui apresentados, dos gêneros artigo acadêmico e artigo de divulgação científica, podem contribuir para o aperfeiçoamento de programas de etiquetamento automático de corpus, principalmente os dados relativos ao gênero midiático, no qual a projeção do discurso encontra-se estruturada em sistemas extremamente assimétricos, com baixíssima possibilidade de redundância e alternativas claramente marcadas para a oração projetante. Nas últimas décadas, a capacidade tecnológica para captação e armazenamento de dados representou uma mudança profunda na investigação da linguagem, possibilitando a observação de regularidades léxico-gramaticais em corpus orais e escritos. O avanço destas investigações, nas décadas futuras, parece estar vinculado à possibilidade de etiquetamento automático de grandes

quantidades de corpus, o que, sem dúvida, provocará novas transformações na investigação da linguagem.

Espera-se, com este texto, haver contribuído para a compreensão do comportamento citacional em língua portuguesa nos gêneros artigo acadêmico e de divulgação científica, fornecendo uma discussão sobre as relações de autoridade e distância discursiva entre Escritores e Autores. Espera-se também que esta investigação fortaleça os estudos probabilísticos da gramática como fonte de dados, para a reflexão sobre a relação entre práticas discursivas e sociais. Finalmente, a presente tese gostaria de colaborar com a busca de leitores da comunidade acadêmica e animá-los à investigação dos discursos da ciência e sua linguagem.

# REFERÊNCIAS

ALVES, Fabio *et al.* Towards the construction of a multilingual, multifunctional corpus: factors in the design and application of CORDIAL. *TradTerm: Revista do Centro Interdepartamental de tradução e terminologia*. São Paulo, 10, 163-178, 2004.

BAZERMAN, Charles. Emerging perspectives on the many dimensions of scientific discourse. In: MARTIN, J. R.; VEEL, Robert (Eds). *Reading Science: critical and functional perspectives on discourses of science*. London/New York: Routledge, 1998. 15-28

BIBER, Dat *et al.* *Longman Grammar of Spoken and Written English*. London: Longman, 1999.

BULLON, Steeve *et al.* *Collins Cobuild English Grammar: developing learners with real English*. London: HaperCollins, 1990.

CALDAS-COULTHARD, Carmem Rosa. Reporting Speech in Narrative Discourse. In: MEURER, José Luiz (Ed.). *Text Analysis/Análise de texto*. Santa Catarina: Editora da UFSC, 1992.

\_\_\_\_\_. On reporting reporting: the representation of speech in factual and factional narratives. In: COULTHARD, Malcon (Ed.). *Advances in written text analysis*. London: Routledge, 1994. 295-320

CALSAMIGLIA, Helena *et al.* Análisis discursivo de la divulgación científica. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE ANÁLISIS DEL DISCURSO, I, 2001, Madrid. *Lengua, discurso, texto: I simposio internacional de análisis del discurso*. Madrid: Visor Libros, 2001. V2. 2639-2646

CALSAMIGLIA, Helena. Popularization discourse. *Discourse Studies*. Vol. 5(2). Sage Publications, 139-146, 2003.

CALSAMIGLIA, Helena; FERRERO, Carmen López. Polifonía en textos periodísticos con información científica. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE ANÁLISIS DEL DISCURSO, I, 2001, Madrid. *Lengua, discurso, texto: I simposio internacional de análisis del discurso*. Madrid: Visor Libros, 2001. V2. 2647-2663

\_\_\_\_\_. Role and position of scientific voices: reported speech in the media. *Discourse Studies*. Vol. 5(2). Sage Publications, 147-173, 2003.

CASSANY, Daniel; MARTÍ, Jaume. Estrategias de divulgación de un concepto científico: el prión. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE ANÁLISIS DEL DISCURSO, I, 2001, Madrid. *Lengua, discurso, texto: I simposio internacional de análisis del discurso*. Madrid: Visor Libros, 2001. V2. 2665-2679

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: editora Nacional, 1994.

COUTINHO, Francisco Ângelo. Conhecimento. In MARTINS, Rogério Parentoni; MARI, Hugo (Ed.). *Universos do Conhecimento*. Belo Horizonte: Faculdade de letras da UFMG, 2002. 17-40.

CRANNY-FRANCIS, Anne. The 'science' of science fiction: a socialcultural analysis. In: MARTIN, J. R.; VEEL, Robert (Eds). *Reading science: critical and functional perspectives on discourses of science*. London/New York: Routledge, 1998. 63-80

CRUZ, Olsilene Maria de Sá e Silva da. *Harry Potter and the chamber of secrets e sua tradução para o português do Brasil: uma análise dos verbos de elocução com base na lingüística sistêmica e nos estudos de corpora*. 2003. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

CUNHA, Celso. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2001.

DUTRA, Rosália. *O falante gramático*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

DORNAN, C. Some problems in conceptualizing the issue of 'science' in the media. In SCANLON, Eileen; WHITEGG, Elizabeth; YATES, Simeon (Eds). *Communicating science: contexts and channels*. London/ New York: Routledge, 1999. 252-269.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

EGGINS, Suzanne; MARTIN, J.R. Genres and Registers of Discourse. In: Van DIJK, Teun (Ed). *Discourse as structure and process*. London: Sage Publications, 1997. 230-256.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analyzing discourse: textual analysis for social research*. London/New York: Routledge, 2003a.

\_\_\_\_\_. El análisis crítico del discurso como método para la investigación en las ciencias sociales. WODAK, Ruth; MEYER, Michael (Eds). In: *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003b. 179-201.

\_\_\_\_\_. A Análise Crítica do Discurso e a Mercantilização do Discurso Público: as Universidades. Trad. Célia Magalhães. In MAGALHÃES, Célia Maria (Org.). *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. 31-82

\_\_\_\_\_. *Critical Discourse Analysis: the critical study of language*. London; New york: Longman, 1995.

\_\_\_\_\_. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

\_\_\_\_\_. Discourse representation in media discourse. *Sociolinguistics*, n. 17, 125-139, 1988.

FRANÇA, Junia Lessa; VASCONCELOS, Ana Cristina de. *Manual para normalizações técnico-científicas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

FULLER, Gillian. Cultivating Science: Negotiating discourse in the popular texts of Stephen Jay Gould. In: MARTIN, J. R.; VEEL, Robert (Eds). *Reading science: critical and functional perspectives on discourses of science*. London/New York: Routledge, 1998. 35-62

HALL, S. *et al. Policing the crisis*. Macmillan: London, 1978 *apud* FAIRCLOUGH, Norman. Discourse representation in media discourse. *Sociolinguistics*, n. 17, 125-139, 1988.

HALLIDAY, Michael A. K.; MARTIN, J. R. (Ed) *Writing Science: Literacy and Discursive Power*. London/Washington: The Falmer Press, 1993. 2-50

HALLIDAY, M. A. K. On the Language of Physical Science. In: HALLIDAY, Michael A. K.; MARTIN, J. R. (Eds) *Writing science: literacy and discursive power*. London/Washington: The Falmer Press, 1993. 54-68

HALLIDAY, M. A. K. *Language as Social Semiotic: The Social Interpretation of Language and Meaning*, Baltimore: University Park Press, 1978

\_\_\_\_\_. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Arnold, 1994.

\_\_\_\_\_. *Computational and Quantitative Studies*. Continuum: London, 2005. Vol. 6 Collected Works of M. A. K. Halliday.

HALLIDAY, M. A. K. Things and Relations: Regrammaticising experience as technical knowledge. In: MARTIN, J. R.; VEEL, Robert (Eds). *Reading science: critical and functional perspectives on discourses of science*. London/New York: Routledge, 1998. 185-235

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Arnold, 2004.

HARVEY, David. *The condition of post modernity: an inquiry into the origins of cultural change*. Cambridge/Oxford: Blackwell, 1995.

HESS, David J. *Science and technology in a multicultural world: the cultural politics of facts and artifacts*. New York: Columbia University Press, 1995.

HYLAND, Ken. Construction of Disciplinary Knowledge. *Applied Linguistics*, Vol. 20. N.3. Oxford University Press, 341-367, 1999.

HYLAND, Ken; TSE, Polly. Metadiscourse in Academic Writing: A Reappraisal. *Applied Linguistics*, Vol. 25. N.2. Oxford University Press, 156-177, 2004.

LEECH, G. N; SHORT, M. H. *Style in Fiction*. London: Longman, 1981.

KUHN, Thomas S. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press, 1970. International Encyclopedia of Unified Science, volume 2, number 2.

\_\_\_\_\_. What are scientific revolutions? In: CONANT, James; HAUGELAND (Eds). *The road since structure: philosophical essays 1970-1993, with an autobiographical interview*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2000.

JESUS, Silvana Maria. *Representação do discurso e tradução: padrões de textualização em corpora paralelo e comparável*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

LYOTARD, Jean-François. *La condición posmoderna: informe sobre el saber*. Madrid: Cátedra, 1998.



MAGALHÃES, Célia Maria. A Análise Crítica do Discurso enquanto teoria e método de estudo. In: MAGALHÃES, Célia Maria (Org.). *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. 15-30.

MARTIN, J. R. Discourses of science: recontextualization, genesis, intertextuality and hegemony. In: MARTIN, J. R.; VEEL, Robert (Eds) . *Reading science: critical and functional perspectives on discourses of science*. London/New York: Routledge, 1998. 3-14

\_\_\_\_\_. Appraisal systems in English. In: HUNSTON, Susan; THOMPSON, Geoff. *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000. 142-175.

\_\_\_\_\_. Analyzing genre: functional parameters. In: CHRISTIE, Frances; MARTIN, J. R. (Eds) *Genre and institutions: social process in the workplace and school*. London. Continuum: 1997.

MARTIN, J. R.; ROSE, David. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. London: Continuum: 2003.

MAURI, Cristina. *Um estudo da tradução italiana de Laços de família, de Clarice Lispector, a partir da abordagem em corpora: a construção da introspecção feminina através dos verbos de elocução*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MENDES, Isabela dos Santos Martins. *Um caso de polícia: a representação dos discursos no noticiário policial de dois jornais impressos brasileiros abordada à luz da lingüística de corpus e da análise crítica do discurso*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

McENERY, Tony; WILSON, Andrew. *Corpus Linguistics*. Ediburgh : Edinburgh University Press, 1996.

MEY, Jacob L.; AGUIAR, Ana Cristina de; VERAS, Viviane. *As vozes da sociedade: seminários de pragmática*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MEYER, Michael. Entre la teoría, el método y la política: la ubicación de los enfoques relacionados con el ACD. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (Eds.). *Métodos de Análisis Crítico del Discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003. 35-59.

MYERS, Greg. *Writing biology: texts in the social construction of scientific knowledge*. London: University of Wisconsin Press, 1990.

\_\_\_\_\_. Discourse studies of scientific popularization: questioning the boundaries. *Discourse Studies*. Vol. 5(2). Sage Publications, 265-279, 2003.

NESBITT, Christopher; PLUM, Guenter. Probabilities in a systemic functional grammar: the clause complex in English. In: FAWCETT, Robin; YOUNG, David J. (Eds). *New developments in systemic linguistics*. London: Printer Publishers, 1988. 6-38.

NEVES, Moura H. M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP, 1999.

OLIVEIRA, Janaina Minelli. A representação da ciência no jornal televisivo brasileiro: ações sociais da divulgação científica. In: SEMINÁRIO APEC, IX, 2004, Barcelona. *Pluriculturalismo*

y *globalización*: producción del conocimiento para la construcción de la ciudadanía en latinoamérica. Barcelona: APEC, 2004. 71-78

\_\_\_\_\_. Ações sociais do gênero informação científica transmitida através do jornal televisivo brasileiro: uma abordagem interdisciplinar. In: SILVA, Denize Helena Garcia da (Org.). *Nas Instâncias do Discurso: uma permeabilidade de fronteiras*. Brasília: Oficina do Instituto de Letras da UnB, 2003.

\_\_\_\_\_. Informação Científica e sobrevivência discursiva: aspectos da produção, socialização e consumo do jornal televisivo brasileiro. In: MAGALHÃES, Célia Maria (Org.). *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001b. 163-183

\_\_\_\_\_. *O gênero informação científica transmitida através do jornal televisivo brasileiro*. 2001a. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001a.

PÉREZ, Glória Peña. El discurso científico en la prensa diaria: análisis de algunos casos. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE ANÁLISIS DEL DISCURSO, I, 2001, Madrid. *Lengua, discurso, texto: I simposio internacional de análisis del discurso*. Madrid: Visor Libros, 2001. V2 2699-2712

PETERS, H. Peter. The interaction of journalists and scientific experts: cooperation and conflict between two professional cultures. In: SCANLON, Eileen; WHITEGG, Elizabeth; YATES, Simeon (Eds.). *Communicating science: contexts and channels*. London/ New York: Routledge, 1999. 252-269.

PLUM, G.; COWLING, A. Social constraints on grammatical variables: tense choice in English. In: STEELE, R.; THREADGOALD, T. (Eds), 1987. Vol. 2. 281-305 *apud* HALLIDAY, M. A. K. *Computational and Quantitative Studies*. Continuum: London, 2005. Vol. 6 Collected Works of M. A. K. Halliday.

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 1999.

SAKITA, Tomoko I. *Reporting Discourse, Tense and Cognition*. London/New York: 2002.

SEMINO, E. And Short, M. *Corpus Stylistics: speech, writing and thought representation in a corpus of English writing*. London: Routledge, 2004.

SHANONN, Claude E.; WEAVER, Warren. *A teoria matemática da comunicação*. São Paulo: DIFEL, 1975 *apud* HALLIDAY, M. A. K. *Computational and Quantitative Studies*. Continuum: London, 2005. Vol. 6 Collected Works of M. A. K. Halliday.

SHAW, Philip. Reasons for the correlation of voice, tense and sentence functions in reporting verbs. *Applied Linguistics*. V. 13, N 3. Orford University Press, 302-319, 1992.

SHORT, Mick. Speech presentation: the novel and the press. *Lancaster Paper in Linguistics*. V. 30, 1-26, 1984.

SNOW, C. Percy. *The two cultures*. Cambridge : University Press, 1993.

STUBBS, Michael. *Texts and corpus analysis: computer-assisted studies of language and culture*. Blackwell Publishers: Oxford/Cambridge, 1996.

SWALES, John Malcolm. *Genre analysis*; English in academic and research settings. 3<sup>rd</sup> printing. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. 3-67; 93-201 p.

\_\_\_\_\_. Citation Analysis and Discourse Analysis. *Applied Linguistics*, Oxford, Vol. 7, N. 1, 39-56, 1985.

THOMPSON, Geoff. *English Guides 5: Reporting*. Helping learners with real English. London: HarperCollins Publishers, 1996a. The Cobuild series from the Bank of English.

THOMPSON, Geoff. Voices in the text: discourse perspectives on language reports. *Applied Linguistics*, Oxford, Vol. 17, N.4, 501-530, 1996b.

THOMPSON, Geoff & YIYUN, Ye. Evaluation in the reporting verbs used in academic papers. *Applied Linguistics*, Oxford, Vol. 12, N. 4, 365-382, 1991.

TOGNINI-BONELLI, Elena. *Corpus Linguistics at work*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/ Philadelphia, 2001.

VOLOSINOV, V. N. Reported Speech. In: MATEJKA, L; POMORSKA, K. (Eds) *Readings in Russian Poetics: formalist and structuralist views*. Ann Arbor: Michigan, 149-175, 1978.

ZAMBONI, LÍlian Márcia Simões. *Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: heterogeneidade no discurso da divulgação científica*. São Paulo: Editores Associados/FAPESP: 2001.

WYNNE, Brian. Misunderstood misunderstandings: social identities and public uptake of science. In: IRWIN, Alan; WYNNE, Brian (Ed) *Misunderstanding Science?: reconstruction of science and technology*. Cambridge: University press, 1998. p.19-46.

# ANEXO I

Lista dos periódicos utilizados nesta pesquisa para composição do corpus acadêmico

## **Ciências Agrárias**

Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia  
Bragantia  
Ciência Rural  
Horticultura Brasileira  
Revista Brasileira de Ciência do Solo

## **Ciências Biológicas**

Acta Botânica Brasílica  
Anais Brasileiros de Dermatologia  
Brazilian Archives of Biology and Technology  
Cadernos de Saúde Pública  
Iheringia. Série Zoologia  
Neotropical Entomology  
Revista Brasileira de Biologia  
Anais Brasileiros de Dermatologia  
Revista Brasileira de Botânica

## **Ciências Humanas**

Cadernos CEDES  
Cadernos de Pesquisa  
Dados  
Educação e Pesquisa  
Educação & Sociedade  
Estudos Afro-Asiáticos  
Estudos de Psicologia (Natal)  
História, Ciências, Saúde  
Mana – Estudos de Antropologia Social  
Psicologia: Reflexão e Crítica  
Psicologia: Teoria e Pesquisa  
Psicologia USP  
Revista Brasileira de História  
Revista Brasileira de Ciências Sociais  
Revista de Antropologia  
Revista de Sociologia e Política  
Revista Estudos Feministas

## **Linguística, Letras e Artes**

DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada

## **Ciências da Saúde**

Acta Cirúrgica Brasileira

Arquivos Brasileiros de Cardiologia  
Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia  
Arquivos Brasileiros de Oftalmologia  
Arquivos de Gastroenterologia  
Arquivos de Neuro-Psiquiatria  
Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial  
Jornal de Pediatria  
Jornal de Pneumologia  
Pesquisa Odontológica Brasileira  
Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular  
Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia  
Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical  
Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia  
Revista de Nutrição

### **Ciências Sociais e Aplicadas**

Ciência da Informação  
Opinião Pública  
Revista Brasileira de Economia  
São Paulo em Perspectiva  
Sociologias

### **Engenharias**

Cerâmica  
Gestão & Produção  
Pesquisa Operacional  
Rem- Revista Escola de Minas

## ANEXO II

Lista de ocorrência e frequência de ocorrência dos verbos de elocução em discurso direto no corpus geral da pesquisa, no corpus acadêmico e no corpus midiático

<b>VE em DD<sup>67</sup></b>	<b>Ocorr/35 milhoes</b>	<b>Frq/5708 ocr v.e. d.d</b>	<b>Ocorr. ve. dd. AC</b>	<b>Frq/3090 ocr. v.e. d.d. AC</b>	<b>Ocorr. v.e d.d MD</b>	<b>Frq/2618 ocr. V.e. D.d. MD</b>
DIZ	2007	37,030	850	28,220	1157	48,048
AFIRMA	972	17,934	598	19,854	374	15,532
EXPLICA	258	4,760	91	3,021	167	6,935
ESCREVE	128	2,362	115	3,818	13	0,540
CONTA	91	1,679	12	0,398	79	3,281
OBSERVA	83	1,531	75	2,490	8	0,332
CONCLUI	74	1,365	68	2,258	6	0,249
RESPONDE	65	1,199	59	1,959	6	0,249
COMENTA	61	1,125	54	1,793	7	0,291
DECLARA	60	1,107	41	1,361	19	0,789
ACRESCENTA	59	1,089	51	1,693	8	0,332
PERGUNTA	58	1,070	53	1,760	5	0,208
ASSINALA	57	1,052	54	1,793	3	0,125
ARGUMENTA	57	1,052	54	1,793	3	0,125
LEMBRA	56	1,033	47	1,560	9	0,374
FALA	38	0,701	37	1,228	1	0,042
COMPLETA	39	0,720	12	0,398	27	1,121
RESSALTA	33	0,609	27	0,896	6	0,249
SUGERE	31	0,572	24	0,797	7	0,291
APONTA	32	0,590	25	0,830	7	0,291
RELATA	31	0,572	23	0,764	8	0,332
CONTINUA	30	0,554	27	0,896	3	0,125
COLOCA	27	0,498	27	0,896	-	-
ALERTA	27	0,498	11	0,365	16	0,664
CONSIDERA	26	0,480	26	0,863	0	0,000
RESUME	26	0,480	10	0,332	16	0,664
AVALIA	25	0,461	5	0,166	20	0,831
REVELA	25	0,461	5	0,166	20	0,831
DEFENDE	24	0,443	11	0,365	13	0,540
REVELA	24	0,443	3	0,100	21	0,872
PONDERA	23	0,424	6	0,199	17	0,706

<sup>67</sup> **VE em DD:** Verbos de elocução em discurso direto. **Ocorr/35 milhões:** Ocorrências de verbos de elocução em discurso direto identificados no corpus da pesquisa. **Frq/5708 ocr v.e. d.d** Frequência de ocorrência do verbo X entre os 5708 verbos de elocução em discurso direto identificados no corpus da pesquisa. **Ocorr. ve. dd. AC:** Ocorrências de verbos de elocução em discurso direto identificados no corpus acadêmico. **Frq/3090 ocr. v.e. d.d. AC:** Frequência de ocorrência do verbo X entre os 3090 verbos de elocução em discurso direto identificados no corpus acadêmico. **Ocorr. v.e d.d MD:** Ocorrências de verbos de elocução em discurso direto identificados no corpus midiático. **Frq/2618 ocr. v.e. D.d. MD:** Frequência de ocorrência do verbo X entre os 2618 verbos de elocução em discurso direto identificados no corpus midiático.

VE em DD	Ocorr/35 milhoes	Frq/5708 ocr. v.e. d.d	Ocorr. ve. dd. AC	Frq/3090 ocr. v.e. d.d. AC	Ocorr. v.e d.d MD	Frq/2618 ocr. V.e. D.d. MD
DESTACA	22	0,406	17	0,564	5	0,208
RECLAMA	22	0,406	15	0,498	7	0,291
SALIENTA	22	0,406	18	0,598	4	0,166
ADVERTE	20	0,369	14	0,465	6	0,249
ENSINA	20	0,369	2	0,066	18	0,748
PREVÊ	20	0,369	3	0,100	17	0,706
GARANTE	19	0,351	1	0,033	18	0,748
ENFATIZA	18	0,332	15	0,498	3	0,125
SUSTENTA	18	0,332	15	0,498	3	0,125
ACREDITA	15	0,277	8	0,266	7	0,291
BRINCA	15	0,277	-	-	15	0,623
ADMITE	14	0,258	10	0,332	4	0,166
LAMENTA	14	0,258	4	0,133	10	0,415
PENSA	14	0,258	12	0,398	2	0,083
DEFINE	13	0,240	10	0,332	3	0,125
INDAGA	13	0,240	12	0,398	1	0,042
PROSSEGUE	13	0,240	13	0,432	-	-
COMPARA	12	0,221	-	-	12	0,498
CONSTATA	12	0,221	11	0,365	1	0,042
ESCLARECE	12	0,221	10	0,332	2	0,083
QUESTIONA	12	0,221	4	0,133	8	0,332
REGISTRA	12	0,221	12	0,398	-	-
AVISA	11	0,203	3	0,100	8	0,332
INDICA	11	0,203	9	0,299	2	0,083
COMPLEMENTA	10	0,185	7	0,232	3	0,125
COMEMORA	10	0,185	-	-	10	0,415
DENUNCIA	10	0,185	9	0,299	1	0,042
DESCREVE	10	0,185	9	0,299	1	0,042
INSISTE	10	0,185	10	0,332	-	-
LÊ-SE	10	0,185	10	0,332	-	-
RECONHECE	10	0,185	2	0,066	8	0,332
RECORDA	10	0,185	2	0,066	8	0,332
REFERE	10	0,185	10	0,332	-	-
ACENTUA	9	0,166	9	0,299	-	-
ANUNCIA	9	0,166	7	0,232	2	0,083
APOSTA	9	0,166	-	-	9	0,374
CONFESSA	9	0,166	4	0,133	5	0,208
EXEMPLIFICA	9	0,166	3	0,100	6	0,249
RECONHECE	9	0,166	-	-	9	0,374
SUBLINHA	9	0,166	9	0,299	-	-
ASSEGURA	8	0,148	-	-	8	0,332
ASSEVERA	8	0,148	8	0,266	-	-
CALCULA	8	0,148	-	-	8	0,332
CONFIRMA	8	0,148	4	0,133	4	0,166
INFORMA	8	0,148	3	0,100	5	0,208
ALEGA	7	0,129	3	0,100	4	0,166
DESABAFA	7	0,129	3	0,100	4	0,166
ESTABELECE	7	0,129	7	0,232	-	-
CRITICA	6	0,111	2	0,066	4	0,166

VE em DD	Ocorr/35 milhoes	Frq/5708 ocr. v.e. d.d	Ocorr. ve. dd. AC	Frq/3090 ocr. v.e. d.d. AC	Ocorr. v.e d.d MD	Frq/2618 ocr. V.e. D.d. MD
MENCIONA	6	0,111	6	0,199	-	-
REBATEU	6	0,111	2	0,066	4	0,166
IRONIZA	6	0,111	2	0,066	4	0,166
EXCLAMA	6	0,111	3	0,100	3	0,125
GRITA	6	0,111	-	-	6	0,249
PEDE	6	0,111	5	0,166	1	0,042
RECOMENDA	6	0,111	4	0,133	2	0,083
SINTETIZA	6	0,111	5	0,166	1	0,042
ACUSA	5	0,092	-	-	5	0,208
ATESTA	5	0,092	2	0,066	3	0,125
CITA	5	0,092	5	0,166	-	-
CONCORDA	5	0,092	3	0,100	2	0,083
EXPLICITA	5	0,092	5	0,166	-	-
FILOSOFA	5	0,092	-	-	5	0,208
REFLETE	5	0,092	3	0,100	2	0,083
SENTENCIA	5	0,092	4	0,133	1	0,042
DISPARA	4	0,074	1	0,033	3	0,125
EXPOE	4	0,074	4	0,133	-	-
EXPRESSA	4	0,074	4	0,133	-	-
FESTEJA	4	0,074	-	-	4	0,166
FINALIZA	4	0,074	2	0,066	2	0,083
MOSTRA	4	0,074	4	0,133	-	-
PROPOE	4	0,074	4	0,133	-	-
REAFIRMA	4	0,074	4	0,133	-	-
REPLICA	4	0,074	4	0,133	-	-
VERIFICA	4	0,074	4	0,133	-	-
ARREMATA	3	0,055	3	0,100	-	-
ATACA	3	0,055	-	-	3	0,125
DEMONSTRA	3	0,055	3	0,100	-	-
ELOGIA	3	0,055	-	-	3	0,125
ENUNCIA	3	0,055	3	0,100	-	-
POSTULA	3	0,055	2	0,066	1	0,042
PRECISA	3	0,055	3	0,100	-	-
PRESCREVE	3	0,055	3	0,100	-	-
PROMETE	3	0,055	-	-	3	0,125
QUEIXA-SE	3	0,055	2	0,066	1	0,042
RELEMBRA	3	0,055	1	0,033	2	0,083
REITERA	3	0,055	3	0,100	-	-
REPETE	3	0,055	2	0,066	1	0,042
RETRUCA	3	0,055	3	0,100	-	-
ACONSELHA	2	0,037	1	0,033	1	0,042
ADUZ	2	0,037	2	0,066	-	-
ALFINETA	2	0,037	-	-	2	0,083
AMEAÇA	2	0,037	2	0,066	-	-
ANOTA	2	0,037	2	0,066	-	-
DETALHA	2	0,037	1	0,033	1	0,042
DESAFIA	2	0,037	1	0,033	1	0,042
DISCORDA	2	0,037	-	-	2	0,083
DISCURSA	2	0,037	2	0,066	-	-



VE em DD	Ocorr/35 milhoes	Frq/5708 ocr. v.e. d.d	Ocorr. ve. dd. AC	Frq/3090 ocr. v.e. d.d. AC	Ocorr. v.e d.d MD	Frq/2618 ocr. V.e. D.d. MD
DISPOE	2	0,037	2	0,066	-	-
EMPOLGA-SE	2	0,037	-	-	2	0,083
ESPERA	2	0,037	2	0,066	-	-
FRISA	2	0,037	-	-	2	0,083
GABA-SE	2	0,037	-	-	2	0,083
ILUSTRA	2	0,037	2	0,066	-	-
NOTA	2	0,037	2	0,066	-	-
PREGA	2	0,037	-	-	2	0,083
PROCLAMA	2	0,037	2	0,066	-	-
PRONUNCIA	2	0,037	2	0,066	-	-
PUBLICA	2	0,037	2	0,066	-	-
REFORÇA	2	0,037	1	0,033	1	0,042
RESSALVA	2	0,037	1	0,033	1	0,042
REZA	2	0,037	2	0,066	-	-
ACHA	1	0,018	1	0,033	-	-
ADERE	1	0,018	1	0,033	-	-
ASSENTIU	1	0,018	1	0,033	-	-
ASSUME	1	0,018	1	0,033	-	-
ATENTA	1	0,018	1	0,033	-	-
CAÇOA	1	0,018	1	0,033	-	-
CONFABULA	1	0,018	1	0,033	-	-
CASTIGA	1	0,018	1	0,033	-	-
CONCEITUA	1	0,018	1	0,033	-	-
CONTRA- ARGUMENTA	1	0,018	1	0,033	-	-
DECIDE	1	0,018	1	0,033	-	-
DETONA	1	0,018	1	0,033	-	-
DIAGNOSTICA	1	0,018	1	0,033	-	-
DISTINGUE	1	0,018	1	0,033	-	-
ELUCIDA	1	0,018	1	0,033	-	-
ENTENDE	1	0,018	1	0,033	-	-
ESTIPULA	1	0,018	1	0,033	-	-
IRRITA-SE	1	0,018	1	0,033	-	-
INTERROGA-SE	1	0,018	1	0,033	-	-
INTITULA-SE	1	0,018	1	0,033	-	-
OPINA	1	0,018	1	0,033	-	-
ORIENTA	1	0,018	1	0,033	-	-
MANIFESTA-SE	1	0,018	1	0,033	-	-
PRECONIZA	1	0,018	1	0,033	-	-
PROPUGNA	1	0,018	1	0,033	-	-
RECITA	1	0,018	1	0,033	-	-
REDARGÜI	1	0,018	1	0,033	-	-
DEDIGE	1	0,018	1	0,033	-	-
RETORQUIU	1	0,018	1	0,033	-	-
PROVOCA	1	0,018	1	0,033	-	-
VERBALIZA	1	0,018	1	0,033	-	-
SINALIZA	1	0,018	1	0,033	-	-
SOLICITA	1	0,018	1	0,033	-	-
SUSSURA	1	0,018	1	0,033	-	-

<b>VE em DD</b>	<b>Ocorr/35 milhoes</b>	<b>Frq/5708 ocr v.e. d.d</b>	<b>Ocorr. ve. dd. AC</b>	<b>Frq/3090 ocr. v.e. d.d. AC</b>	<b>Ocorr. v.e d.d MD</b>	<b>Frq/2618 ocr. V.e. D.d. MD</b>
ADIANTA	1	0,018	1	0,033	-	-
ALEGRA-SE	1	0,018	-	-	1	0,042
AMENIZA	1	0,018	-	-	1	0,042
APLAUDE	1	0,018	-	-	1	0,042
ARRISCA	1	0,018	-	-	1	0,042
COMANDA	1	0,018	-	-	1	0,042
CONTESTA	1	0,018	-	-	1	0,042
CONTRA-ATACA	1	0,018	-	-	1	0,042
DERRETE-SE	1	0,018	-	-	1	0,042
DISSITMULA	1	0,018	-	-	1	0,042
ENUMERA	1	0,018	-	-	1	0,042
ESPECULA	1	0,018	-	-	1	0,042
ESPETA	1	0,018	-	-	1	0,042
EXAGERA	1	0,018	-	-	1	0,042
EXALTA	1	0,018	-	-	1	0,042
EXASPERA-SE	1	0,018	-	-	1	0,042
IMAGINA	1	0,018	-	-	1	0,042
IMPRIME	1	0,018	-	-	1	0,042
INTERPRETA	1	0,018	-	-	1	0,042
MARTELA	1	0,018	-	-	1	0,042
OFERECE	1	0,018	-	-	1	0,042
ORGULHA-SE	1	0,018	-	-	1	0,042
PLANEJA	1	0,018	-	-	1	0,042
PONTIFICA	1	0,018	-	-	1	0,042
PREOCUPA-SE	1	0,018	-	-	1	0,042
PROFETIZA	1	0,018	-	-	1	0,042
REAGE	1	0,018	-	-	1	0,042
TRADUZ	1	0,018	-	-	1	0,042
VATICINA	1	0,018	-	-	1	0,042
	5420	100	3012	100	2408	100